

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MÔNICA CONTE CAMPELLO

IGREJA DO NAZARENO E SEU DISCURSO RELIGIOSO SOBRE A
HOMOSSEXUALIDADE

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 11/03/2019.

VITÓRIA
2019

MÔNICA CONTE CAMPELLO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 11/03/2019.



IGREJA DO NAZARENO E SEU DISCURSO RELIGIOSO SOBRE A
HOMOSSEXUALIDADE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Kenner Roger Cazotto Terra

Vitória - ES
2019

Campello, Mônica Conte

Igreja do nazareno e seu discurso religioso sobre a homossexualidade /
Mônica Conte Campello. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,
2019.

vii, 127 f. ; 31 cm.

Orientador: Kenner Roger Cazotto Terra

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,
2019.

Referências bibliográficas: f. 127-140

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Igreja do
Nazareno. 4. Homossexualidade. 5. Sexualidade. 6. Religiosidade.
7. Sociedade. - Tese. I. Mônica Conte Campello. II. Faculdade Unida de
Vitória, 2019. III. Título.

MÔNICA CONTE CAMPELLO

IGREJA DO NAZARENO E SEU DISCURSO RELIGIOSO SOBRE A
HOMOSSEXUALIDADE


Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA (presidente)



Doutora Claudete Beise Ulrich – UNIDA



Doutor Gedeon Freire de Alencar – ICEC

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a investigar os rumos da Igreja do Nazareno especificamente no tocante à questão da homossexualidade em seu seio com base em seu estatuto e documentos próprios equivalentes a doutrinas, dogmas, assim como todo o material pertinente que possa fundamentar e corresponder satisfatoriamente à frase-título: Igreja do Nazareno e seu discurso religioso sobre a homossexualidade. Ademais, há igualmente a necessidade de se buscar um entendimento maior sobre a questão da homossexualidade como uma orientação sexual aceita cujos sujeitos desejam participar ativamente como membros ou ministros nesta igreja, livres de quaisquer preconceitos. Para isso, no tocante à questão da homossexualidade, buscar-se-á compreender como a Igreja do Nazareno a interpreta; como lhe corresponde em sua legislação interna; como concebe o tema sob a ótica científica. A primeira parte apresentará a Igreja do Nazareno desde sua fundação, sua história, sua organização com respectivos ministérios e sua regulamentação; por fim, abordará as bases teológico-doutrinárias institucionais que ainda a conduzem à negação da homossexualidade em certos aspectos, levando em consideração alguns movimentos internos que se manifestam em prol da modificação dessa postura. A segunda parte apresentará o tema Homossexualidade em sua evolução histórica até os dias atuais – considerando os períodos Pré-histórico, a Antiguidade clássica, a Idade Média, a Idade Moderna e a Idade Pós-moderna –, e suas vertentes com suas respectivas características em suas diversas conceituações e definições como Sexo biológico (Intersexualidade), Identidade de gênero e Orientação sexual, levando em consideração posições científicas e teológicas voltadas ao tema. A terceira apresentará o *modus operandi* da Igreja do Nazareno com relação à homossexualidade, ou seja, descreverá como os nazarenos pensam sobre a questão e avaliará se sua postura em seus documentos dialoga com as perspectivas científicas e teológicas da homossexualidade; como a Igreja do Nazareno trata a questão na prática; mediante quais argumentos ela defende seus pontos de vista; qual a sua posição de fato acerca da homossexualidade; se pode se tornar uma igreja afirmativa (igreja de afirmação gay [ou *queer* ou inclusiva]).

Palavras-chave: Igreja do Nazareno. Homossexualidade. Sexualidade. Religiosidade. Sociedade.

ABSTRACT

This research proposes to investigate the directions of the Church of the Nazarene specifically regarding the issue of homosexuality within it based on its constitution and proper documents equivalent to doctrines, dogmas, as well as all pertinent material that can substantiate and soundly correspond to the phrase-title. In addition, there is also a need to seek a greater understanding on a homosexuality issue as an affirming sexual orientation whose subjects wish to actively participate as members or church ministers in this church, free from prejudices. To this end, concerning to the issue of homosexuality, it will be questioned on how the Church of the Nazarene interprets it; how the church applies its by-laws towards the theme; how it conceives the theme from the scientific perspective. The first section will present the Church of the Nazarene since its foundation, its history, its organization with the respective ministries, and its regulations; finally, it will address the institutional theological-doctrinal bases that still lead to the denial of homosexuality in certain aspects taking account of some internal religious movements which are on behalf of the change of this position. The second section will present the theme Homosexuality within its historical evolution up to the present day – regarding the periods of prehistory, ancient classics, middle ages, modern age, and post-modern age –, and its aspects within the respective characteristics approaching several conceptions and definitions like Biological gender (Intersexuality), Gender identity and Sexual orientation considering scientific and theological positions on the subjects. The third section will present the *modus operandi* of the Church of the Nazarene regarding homosexuality, that is, it will describe how the Nazarenes think about the subject and evaluate whether their position in their documents dialogues with the scientific and theological perspectives of homosexuality; how the Church of the Nazarene deals with the question in practice; by means of which arguments it sticks up for its points of view; in fact, which position it takes on homosexuality; whether it can become an affirming church (a gay church [or a queer or an inclusive one]).

Keywords: Church of the Nazarene. Homosexuality. Sexuality. Religiosity. Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A IGREJA DO NAZARENO: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO.....	16
1.1 História, Fundação e Organização da Igreja do Nazareno no mundo	17
1.2 História, Fundação e Organização da Igreja do Nazareno no Brasil.....	22
1.3 Doutrinas, Regulamentação e Ministérios da Igreja do Nazareno	25
1.3.1 Doutrinas da Igreja do Nazareno	26
1.3.2 Governo e Regulamentação da Igreja do Nazareno	28
1.3.3 Ministérios da Igreja do Nazareno.....	30
1.3.3.1 Restrições aos ministérios	31
1.4 Resumo do primeiro capítulo	32
2 HOMOSSEXUALIDADE: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO.....	34
2.1 Sexualidade entre pessoas do mesmo sexo desde os seus primórdios	34
2.1.1 Sexualidade entre pessoas do mesmo sexo na Pré-história.....	39
2.1.2 Sexualidade entre pessoas do mesmo sexo na Idade Antiga: Egito, Grécia, Roma.....	41
2.1.2.1 Antigo Egito	42
2.1.2.2 Antiga Grécia.....	44
2.1.2.3 Antiga Roma.....	46
2.1.3 Sexualidade entre pessoas do mesmo sexo na Idade Média.....	49
2.1.4 Homossexualidade na Idade Moderna.....	50
2.1.5 Homossexualidade na Pós-modernidade (a partir de 1950).....	59
2.2 As diversas nuances da sexualidade humana	62
2.2.1 Sexo (biológico)	65
2.2.1.1 Intersexualidade.....	69
2.2.2 Identidade de gênero.....	71
2.2.3 Orientação sexual	76
2.3 Resumo do segundo capítulo.....	79

3	POSICIONAMENTO DA IGREJA DO NAZARENO QUANTO À HOMOSSEXUALIDADE EM SEU MEIO.....	81
3.1	A homossexualidade sob a ótica nazarena	81
3.1.1	Estatuto da Igreja do Nazareno.....	82
3.1.2	Bases teológicas a priori da Igreja do Nazareno em relação ao tema “homossexualidade”	86
3.2	A Homossexualidade sob a ótica progressista da afirmação.....	98
3.2.1	Bases teológicas com enfoque <i>queer</i>	100
3.3	Contradições nazarenas quanto a temas envolvendo a homossexualidade	107
3.4	Resumo do terceiro capítulo	115
	CONCLUSÃO.....	118
	REFERÊNCIAS	121
	GLOSSÁRIO.....	135
	ANEXO	141

INTRODUÇÃO

O presente trabalho “Igreja do Nazareno e seu Discurso Religioso Sobre a Homossexualidade” é um convite à reflexão sobre a visão dessa instituição religiosa cristã no tocante à sexualidade humana, abrangendo especificamente a esfera da homossexualidade. Segundo os estudos apresentados sequencialmente, vão-se conhecendo os aspectos pertinentes a cada uma das frações dos objetos da pesquisa.

Inicialmente, tratando-se de uma igreja, surge a questão sobre o seu posicionamento quanto à homossexualidade em seu meio – como a julga, como a considera, como a recebe, como a trata, se a tolera ou apoia ou rejeita; enfim, busca-se saber como essa igreja interpreta o referido fenômeno em face de um conjunto de elementos essenciais que lhe dão a base necessária para se assumir como igreja não-afirmativa ou como igreja afirmativa numa perspectiva progressista e assumir o encargo de tal resolução.

Para tanto, faz-se mister, primeiramente, conhecer a história, o estatuto, as doutrinas e o *modus operandi* da referida igreja. Nesse sentido, seu modo de atuação se baseia em alguns documentos como o Manual da Igreja do Nazareno que é reformulado quadrienalmente por meio de Assembleias Gerais onde seus superintendentes Gerais resolvem o que será mantido ou modificado para os fins de cada atualização. Nesse concernimento, entram questões hodiernas como considerações às tendências socioculturais que venham a mexer com o *modus vivendi* da congregação local concernente à convivência entre membros, considerando os *dos and don'ts* de acordo com a regulamentação da igreja. Estes não são seus únicos objetos de preocupação e cuidado, mas igualmente o novo que traz consigo novos comportamentos que tendem a criar novas ações e acepções.

Outro documento que foi especialmente elaborado para fins de tratamento da questão sobre a inserção da homossexualidade em suas regulamentações chama-se “Perspectiva Pastoral dos Vossos Superintendentes Gerais Acerca do Homossexualismo” (diga-se *en passant* que este último foi o termo empregado quando da confecção desse documento). Nele se abordam diversas questões sobre o tema da homossexualidade, por exemplo: a posição da igreja, a visão bíblica sobre o tema, as colocações da sua tradição, as possíveis causas para o surgimento da homossexualidade, como considerar um crente homossexual praticante – se ele tem um chamado divino ou não, a tolerância a esse comportamento, a importância da igreja para lidar com a questão, o entendimento sobre o comportamento sexual, o poder de Deus para uma metanoia em direção a uma reorientação; em suma, todos esses tópicos levam em

consideração textos escriturísticos relacionados à homossexualidade. Neste documento, a Junta de Superintendentes Gerais declara oficialmente que:

A Igreja do Nazareno crê que cada homem e mulher deve ser tratado com dignidade, graça e amor santo, seja qual for a sua tendência sexual. no entanto, continuamos a manter firme a nossa posição de que a prática do homossexualismo é pecado e é contrária aos ensinamentos bíblicos.¹

Sites nazarenos também foram visitados para obtenção de maiores informações sobre a Igreja do Nazareno – com relação a doutrinas, movimentos, etc. – cujo acesso às fontes são online. Por este meio, portanto, observou-se que, contrariamente à declaração acima, Jobbins² destaca uma dentre várias contradições nazarenas, por exemplo:

‘A orientação sexual não é geralmente uma escolha voluntária ... É amoral, nem moral nem imoral. Escritura claramente ... não aborda a orientação homossexual ... o Manual da Igreja do Nazareno e a declaração oficial da Junta de Superintendentes Gerais fazem uma distinção clara entre o comportamento e orientação. Um deles é pecaminoso, o outro não é’. Esta é uma renúncia absolutamente surpreendente da doutrina Wesleyan-armênio!³ (*sic*⁴).

Destarte, percebe-se que há contradições na postura nazarena com relação à homossexualidade visto que ora diz uma coisa, ora diz outra – comportamento homossexual (prática do ato homossexual) é pecado, mas a orientação sexual, referindo-se à pessoa homossexual, não é pecado? Então, para não estar em pecado, o indivíduo homossexual não deve praticar relações sexuais dentro da sua orientação? Isso sugere um imbróglio pelo que os nazarenos não assumem uma posição firme e definitiva sobre essa questão. Ademais, com referência a este documento, Jobbins concentra-se em determinadas declarações que mostram que os nazarenos já não detêm as doutrinas da salvação e da santificação total, e aponta trechos que provam suas colocações por meio de questionamentos que ele responde refutavelmente com base nas Escrituras, como se vê a seguir:

¹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS. *Perspectiva Pastoral dos Vossos Superintendentes Gerais: Acerca do Homossexualismo*. 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/331438789/Acerca-Do-Homossexualismo-Junta-de-Superintendentes-Gerais>>. Acesso em: 04 fev. 2019. p. 4.

² ANEXO L – E-mail de Mike Jobbins (ex-nazareno) com biografia resumida.

³ JOBBINS, Mike. Não é mais uma Igreja Completa de Salvação e Santidade: Apostasia da Igreja do Nazareno. *Os nazarenos preocupados*. 2012. Disponível em: <<https://nazarenoportugues.wordpress.com/2012/03/22/nao-e-mais-uma-igreja-completa-de-salvacao-e-de-santidade-apostasia-da-igreja-do-nazareno/>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Nova Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1582. “sic” [Lat., “assim”.] Palavra que se pospõe a uma citação, ou que nesta se intercala, entre parênteses ou entre colchetes, para indicar que o texto original é bem assim, por errado ou estranho que pareça. (Nota explicativa – o termo foi empregado para esclarecer que a expressão “Wesleyan-armênio” citada pelo autor se refere a um erro de tradução de sua parte; a expressão correta seria “armínio-wesleyana”.)

‘A chamada para o homossexual cristão...’

Esta é uma contradição direta e herética das Escrituras. O que é um ‘homossexual’ cristão? O termo é um oxímoro! É uma combinação ilógica, incongruente e contraditória de termos. (...) A Igreja do Nazareno tem caído! A Igreja do Nazareno já não ensina e prega a salvação completa e inteira santificação da mente, espírito e corpo, e santidade tangível em pensamento, palavra e ação. Repito: a Igreja do Nazareno não é mais uma salvação completa, e Igreja de Santidade! Apostasia detém as rédeas e se senta no assento de autoridade.⁵

Além disso, Manny Silva⁶, um nazareno convicto, declara sua tristeza com relação à Igreja do Nazareno. Ele pontua sua preocupação com a ideologia emergente que vem sendo promovida no seio da igreja, crendo que isso pode ocasionar distorções nas Escrituras Sagradas e até mesmo passar à pregação de um “outro Jesus”. Em seu ponto de vista, isso se trata de uma perversão da palavra de Deus e da doutrina da Igreja do Nazareno⁷. Essa declaração de Silva vai de encontro à declaração Nazarena conforme consta no Manual da Igreja do Nazareno onde se lê: “Com a Bíblia como o nosso Guia supremo, iluminada pelo Espírito Santo, e o Manual como a nossa declaração de fé, prática e política, acordadas como oficiais, olhamos com expectativa para o novo quadriênio com alegria e fé inabalável em Jesus Cristo”.⁸ Esta, por sua vez, não se coaduna com a própria declaração feita no documento Perspectiva Pastoral dos Superintendentes Gerais sobre o comportamento homossexual ser pecaminoso, mas não a orientação sexual, como destacado acima por Jobbins.

A Bíblia Sagrada é o livro-base da Igreja do Nazareno – como dizem os nazarenos, “nosso Guia supremo, iluminada pelo Espírito Santo”⁹. Vale ressaltar que todas as igrejas nazarenas o fazem igualmente. Pautam-se nos textos sagrados para formularem suas teses pró e contra atos que venham a ocorrer no ambiente eclesiástico: “A nossa denominação zela pela chamada bíblica para uma vida santa e de inteira devoção a Deus”¹⁰. Apesar disso, o tratado “Perspectiva Pastoral Acerca do Homossexualismo” declara que “a tendência homossexual é um desejo e o comportamento sexual é uma ação”¹¹. As Escrituras falam claramente sobre o comportamento homossexual, mas não falam da tendência homossexual. Os superintendentes

⁵ JOBBINS, 2012.

⁶ ANEXO K – E-mails de Manny Silva com dados biográficos e breve informação sobre seu desligamento da Igreja do Nazareno.

⁷ SILVA, Manny. Porque (sic) é que nós estamos tão Preocupados?. *Os Nazarenos Preocupados*. 2010. Disponível em: <<https://nazarenoportugues.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

⁸ IGREJA DO NAZARENO. *Manual 2017-2021: História, Constituição, Governo, Ritual*. São Paulo: Nazalivros Publicações, 2017. p. 6.

⁹ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 6.

¹⁰ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 8.

¹¹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 12.

gerais fazem a seguinte distinção: comportamento é pecado, mas tendência, não.¹² Contra este argumento, levanta-se Silva ao afirmar que a Sagrada Escritura discorda deles e da posição oficial da Igreja do Nazareno.¹³

Há posicionamentos divergentes de determinadas unidades eclesiais nazarenas referentes ao tema em voga, por exemplo, desde que umas são favoráveis à ideologia emergente ou progressista em direção à afirmação da homossexualidade – “Na 28ª Assembleia Geral, vamos votar para nos tornarmos uma igreja afirmativa LGBT”¹⁴, e outras permanecem fiéis à sua concepção de encarar o fenómeno como pecado, como acentuava a penúltima edição do manual:¹⁵

A homossexualidade é uma das formas pelas quais se perverte a sexualidade humana. Reconhecemos a profundidade da perversão que leva a actos de homossexualidade, mas afirmamos a posição bíblica de que tais actos são pecaminosos e sujeitos à ira de Deus. (*sic*)

Entretanto, a última edição do manual alterou o teor do texto acima, excluindo o termo “perversão” e derivados, assim como excluiu a frase “Consideramos todas as formas de intimidade sexual que ocorram fora do pacto do casamento heterossexual como distorção pecaminosa”¹⁶, acrescentando:

Porquanto a atração homossexual ou bissexual de uma pessoa possa ter origens complexas e diferentes, e a implicação do apelo à pureza sexual ser de alto custo, acreditamos que a graça de Deus é suficiente para tal apelo.¹⁷

O tratado sobre a perspectiva pastoral nazarena, datado de 20/09/2011, fala sobre a atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo, assim como fala sobre casamento de um modo reticente:

Como líderes pastorais temos de estender o convite da graça à pessoa com a tendência (inclinação, orientação) homossexual sem aprovar/aceitar seu comportamento homossexual. Ao mesmo tempo, as Escrituras e a tradição cristã expressam maravilhosamente como Deus nos criou com a capacidade de termos relacionamentos baseados em amor e fidelidade. O casamento é a epítome de tal relacionamento. Pregamos e ensinamos que a união sexual é um presente de Deus para o casamento

¹² JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 10.

¹³ JOBBINS, 2012.

¹⁴ NAZARENE ALLY. *Church of the Nazarene: Be a LGBT-affirming Church*. “At the 28th General Assembly, let us vote to become an LGBT-affirming church”. Disponível em: <<https://www.change.org/p/church-of-the-nazarene-be-a-lgbt-affirming-church>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

¹⁵ IGREJA DO NAZARENO. *Manual 2013-2017: História, Constituição, Governo, Ritual*. Lisboa: Literatura Nazarena Portuguesa, 2013. p. 53.

¹⁶ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 53.

¹⁷ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 40.

(...) União sexual não é por acaso, nem é casual, mas uma expressão de união de vidas.¹⁸

Em se tratando de Brasil (considerando que a Igreja do Nazareno é de origem norte-americana e cujas resoluções partem de lá), a decisão do STF de reconhecer a união entre pessoas do mesmo sexo, que reflete a resolução sobre casamento civil entre elas,¹⁹ ocorreu em 2011, coincidindo com o mesmo ano de publicação do tratado nazareno que é válido para todas as igrejas nazarenas pelo mundo. A referida resolução do STF e o tratado da Igreja do Nazareno têm grande importância para o posicionamento nazareno brasileiro. Considere-se, ainda, que a partir de 2004 a maior parte dos estados americanos²⁰ já aprovava o casamento homossexual. Em todo o país, no entanto, a Suprema Corte dos Estados Unidos aprovou o casamento gay em 26/06/2015.²¹

O STF, por unanimidade de votos, julgou procedentes a ADPF nº 132 (...) e a ADIN nº 4.277, (...) para dar ao art. 1.723 do CC interpretação conforme à CF para dele excluir qualquer significado que impeça o reconhecimento da união contínua, pública e duradoura entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar (DOU de 13-5-2011).²²

As contradições e eventos nazarenos geram dúvidas quanto ao seu posicionamento com relação à homossexualidade, se uma expressão normal da sexualidade humana ou não. A análise desta ideia central quanto à Igreja do Nazareno é incrementada pelo estudo sobre seu desenvolvimento histórico, suas doutrinas, regulamentações, e campos de atuação onde, em algum ponto, surgem restrições a ações por parte de pessoas homossexuais.

Saindo do âmbito da Igreja do Nazareno e entrando no âmbito da homossexualidade, igualmente importante são as considerações e ponderações sobre a temática da homossexualidade em sentido amplo – i.e., sem se ater a características masculinas ou femininas –, atentando para o fenômeno em si. Abre-se, aqui, um leque de teorias provenientes

¹⁸ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS. *Uma Perspectiva Pastoral sobre o Homossexualismo: Caridade no Contexto de Convicção*. 2011. Disponível em: <http://nazarene.org/files/docs/Pastoral%20Perspectiv0e%20on%20Homosexuality%209_2011-Portuguese.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019. p. 6.

¹⁹ SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *Resolução sobre casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é aprovada pelo Conselho Nacional de Justiça*. 2013. Disponível em: <<http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaques&idConteudo=238515>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

²⁰ ENTENDA as diferenças entre o casamento gay dos EUA e do Brasil. *Uol Notícias*. São Paulo. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/06/26/entenda-as-diferencas-entre-o-casamento-gay-dos-eua-e-do-brasil.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

²¹ FERREIRA, Lucas Bulgarelli. *Trajetos e trajetórias do casamento homoafetivo nos EUA*. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/42398/trajetos-e-trajetorias-do-casamento-homoafetivo-nos-eua>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

²² VADE MECUM ACADÊMICO DE DIREITO RIDEEL / Anne Joyce Angher, organização. 19. ed. São Paulo: Rideel, 2014. p. 214.

de especialistas nesta área do conhecimento que se dedicam a estudar e esclarecer científica e racionalmente a multiplicidade de fatos e circunstâncias que originam e/ou propiciam a manifestação desse aspecto da sexualidade humana.

A homossexualidade só tem de novo o termo hodierno que a caracteriza, sendo, portanto, uma forma mui antiga de expressão da sexualidade que pode ser explorada desde, pelo menos, o período pré-histórico, estendendo-se, logicamente até os dias atuais. A priori, na antiguidade, não era reconhecida nos moldes como hoje se apresenta, mas se tratava de um comportamento sociopedagógico²³ de suma importância para um perfeito amadurecimento e valorização dos jovens no que tangia às suas necessidades futuras como profissionais e chefes de família. Até, pelo menos, o final do séc. XIX era conhecida como Inversão²⁴ e, mais tarde, foi denominada de homossexualismo, termo este que adquiriu um significado pejorativo por sugerir a manifestação de uma doença mental que requeria tratamento para obtenção de cura. Restou provado no meio científico que a homossexualidade não era uma doença, e, portanto, não carecia de uma despatologização; assim, em 17 de maio de 1990 a OMS retirou a homossexualidade da lista internacional de doenças, e também substituiu o sufixo -ismo pelo sufixo -dade a fim de desvincular a orientação sexual do sentido de enfermidade.²⁵

Correspondentemente a este caráter terminológico, Musskopf explica que o termo “*queer*” é mais abrangente como categoria inclusiva de todas as sexualidades não-heterossexuais que articula com práticas e construções identitárias distintas.²⁶

Em consonância com a noção dessas construções, Butler esclarece que há uma fluidez de identidades que promove uma abertura à re-significação e à recontextualização em que a identidade original sobre a qual o gênero é moldado é uma imitação sem origem, ou seja, uma produção que se coloca como imitação. Segundo ela,

a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de

²³ VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. *Manual da Homoafetividade: Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos*. 2ª. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2012. p. 57.

²⁴ FARO, Julio Pinheiro. Uma nota sobre a homossexualidade na história: Relatos sobre práticas homossexuais. *Revista Subjetividades*. Versão On-line. Rev. Subj. Vol. 15 nº1 Fortaleza. Abr. 2015. Artigo Original. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100014>. Acesso em: 06 dez. 2018.

²⁵ CARRANO, Paulo. *Há 23 anos a homossexualidade deixava de ser considerada pela OMS uma doença mental!*. 2013. Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/content/ha-23-anos-homossexualidade-deixava-de-ser-considerada-pela-oms-uma-doenca-mental>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

²⁶ MUSSKOPF, André Sidnei. *Viadagens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Leopoldo: EST/PPG, 2008. p. 145.

gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção.²⁷

Seguindo o campo das identidades, Foucault assevera que o ato sexual inquieta porque perturba a relação do indivíduo consigo mesmo, ameaçando sua identidade como sujeito moral, acarretando-lhe o desencadeamento de forças involuntárias que enfraquecem sua energia.²⁸ Ele critica a pastoral cristã por ter apresentado o sexo como enigma inquietante, o que levou as sociedades modernas a falar dele como se fosse um segredo condenado a permanecer na obscuridade, algo abusivamente reduzido ao mutismo.²⁹ Posicionamentos como esses elucidam as diversas hipóteses e questionamentos que se levantam na esfera da homossexualidade com sua pluralidade de nuances; o porquê de muitos homossexuais se encontrarem dentro do armário em vez de sair dele ao assumir-se como homossexual que rompe com os modelos produzidos pela sociedade e, assim, inicia a construção de um novo eu.³⁰

Em suma, este trabalho pretende conhecer a visão de fato da Igreja do Nazareno com relação à homossexualidade e aos aspectos a ela relacionados. Desde que há muitos homossexuais que acreditam em Deus e desejam participar ativamente como membro cristão de uma igreja, inclusive atuar em algum ministério eclesiástico pelo qual sinta possuir um talento para desenvolvê-lo, a especificidade quanto à posição da Igreja do Nazareno, em meio a tantas outras igrejas, deu-se porque ela demonstra, por meio de seus próprios documentos, a necessidade de acolhimento daqueles indivíduos, como segue:

O homossexual necessita de uma comunidade de graça que é possível através (*sic*) da tua igreja. Se por acaso a comunidade homossexual oferecer melhor acolhimento do que o povo de Deus, uma pessoa em conflito consigo mesma irá procurar tal conforto e ajuda naquela comunidade. Se nós como igreja tomarmos tempo para conhecer essa pessoa e compartilhar o amor de Deus, podemos então demonstrar que ele ou ela é importante para Deus.³¹

O questionamento acerca de seu posicionamento em face da homossexualidade surge porque, em sua perspectiva pastoral, os superintendentes gerais lançam as seguintes perguntas:

²⁷ BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 197.

²⁸ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª ed. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p. 124.

²⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 35-36.

³⁰ MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU Ideias – Instituto Humanitas Unisinos*. Ano 3 – nº 32 – 2005 – 1679-0316. p. 16. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/032cadernosihuideias.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

³¹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 9.

“Como demonstrar a graça de Deus aos homossexuais e ao mesmo tempo não tolerar o seu comportamento?”; “Por que é errado o comportamento homossexual?” “Pode um homossexual voltar a ser heterossexual?”³² Tais indagações, juntamente com a declaração de acolhimento, e ainda levando em consideração o movimento pró-afirmação LGBT³³ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e homens e mulheres Transexuais) no seio da igreja, sugerem uma perspectiva nazarena ambígua porquanto há levantes pró e contra a homossexualidade, mas não, necessariamente, contra os homossexuais, apesar de entenderem que devem ser recebidos pela graça com a esperança da libertação de seus desejos homossexuais ou da capacidade para viverem uma vida celibatária.³⁴ Ou seja, há, pelo menos, duas vertentes nazarenas para discursar sobre como lidar com a homossexualidade em seu âmbito eclesiástico.



³² JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS. *Perspectiva Pastoral dos Vossos Superintendentes Gerais: Acerca do Homossexualismo*. 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/331438789/Acerca-Do-Homossexualismo-Junta-de-Superintendentes-Gerais>>. Acesso em: 05 fev. 2019. p. 13.

³³ ARAGUSUKU, Henrique Araújo, LOPES, Moisés. Preconceito, Discriminação e Cidadania LGBT: Políticas Públicas em Mato Grosso e no Brasil. *Aceno: Revista de Antropologia do Centro-oeste*, vol. 3, n. 5. p. 242-258. Jan. a Jul. de 2016. p. 244.

³⁴ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/331438789/Acerca-Do-Homossexualismo-Junta-de-Superintendentes-Gerais>>. Acesso em: 05 fev. 2019. p. 14.

1 A IGREJA DO NAZARENO: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

Este capítulo dedica-se à apresentação do desenvolvimento histórico da Igreja do Nazareno desde a sua fundação até os dias atuais assim como de sua constituição organizacional no Brasil e em outros países onde ela se encontra estabelecida. Como a pesquisa enfoca esta denominação evangélica específica, considera-se relevante apresentar também seu *modus operandi* que abrange suas doutrinas, ministérios eclesiásticos e sua regulamentação, os quais são abordados em sua literatura própria e respectivos sites. Dados acerca de movimentos religiosos e personagens proeminentes – nazarenos ou de origem externa – encontram-se detalhadamente descritos no Glossário.

A iniciar o desenvolvimento textual-elucidativo acerca da Igreja do Nazareno em sua evolução histórica, doutrinária e organizacional, saliente-se o que foi dito por Chapman como nota de esclarecimento no tocante à personalidade da Igreja do Nazareno:

Importa recordar que a Igreja do Nazareno não é um culto, é uma seita que se tornou Igreja. Como diz William Warren Sweet: ‘Várias composições religiosas norte-americanas acham-se agora no estado de transição de seita para Igreja. A Igreja do Nazareno nos fornece um exemplo’ (seita aqui no sentido de ramificação protestante que se organizou como nova denominação dentro do Protestantismo). O Dr. Sweet diz mais: ‘Uma diferença básica entre seita e culto está em que a seita prossegue interiormente na tradição cristã, e o culto, em grande parte, prossegue no exterior dessa estrutura ou tradição’. (culto traz componentes exteriores ao cristianismo e aqui, nesse sentido, seita não, pois é interior ao cristianismo)³⁵.

Neste sentido, a Igreja do Nazareno é composta por pessoas que voluntariamente aceitam suas doutrinas e forma de governo, buscando estar em comunhão com os demais membros da congregação cristã, a conversão de pecadores, a inteira santificação como crente, a edificação em santidade, a simplicidade e o poder espiritual conforme as manifestações neotestamentárias concomitantemente à pregação do evangelho a toda a humanidade.³⁶ Dentro da assunção desses termos, a Igreja do Nazareno entende que para uma pessoa ter o privilégio e o direito de ser membro de uma igreja ela precisa ser regenerada e manifestar sua fé intrínseca à experiência cristã. Destarte, basta crer em oito princípios elencados em sua declaração de fé convencional³⁷.

³⁵ CHAPMAN, J. B. *O que é a Igreja do Nazareno?*. 2015. Disponível em: <<http://www.nazarenocentral.com.br/noticias/o-que-e-a-igreja-do-nazareno/>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

³⁶ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 25.

³⁷ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 26.

1.1 História, Fundação e Organização da Igreja do Nazareno no mundo

Como parte da igreja cristã, protestante e de linhagem Wesleyana, a Igreja do Nazareno abraçou os princípios da Reforma Protestante (séc. XVI) por meio dos quais forjou o seu caráter e resgatou vários pontos doutrinários a fim de promover a restauração da Igreja Cristã. No século XVIII, John e Charles Wesley impulsionaram o avivamento, de posterior abrangência mundial, que fomentou uma renovação espiritual a partir da Inglaterra onde John Wesley organizou grupos de comunhão fundamentados na busca pela santidade que deram origem à Igreja Metodista após seu desenvolvimento institucional.

A linhagem nazarena é formada através da Reforma Inglesa, da disseminação internacional do Metodismo e do movimento de santidade Wesleyana na América. A Igreja do Nazareno surgiu como uma união de várias denominações wesleyanas de santidade e em 1915 adotou sete organizações norte-americanas e britânicas previamente separadas.³⁸

Foi em meio a focos de avivamento nos Estados Unidos (séc. XIX) que a Igreja do Nazareno cresceu e se tornou uma Igreja de “Santidade”. Esse aspecto da igreja estimulava os crentes a um despertamento que os impulsionava a fazerem retiros em áreas rurais, incluindo trabalhos missionários, propiciando a transposição de fronteiras denominacionais resultando na formação de igrejas independentes cujos membros eram dissidentes de grupos metodistas, batistas, presbiterianos, entre outros. Em 1908, após a união desses grupos a partir de 1890, a Igreja do Nazareno assentou seu fundamento que culminou na sua fundação oficial.³⁹

A Igreja do Nazareno assume sua data de aniversário para 1908. Como uma expressão do movimento de santidade e sua ênfase na vida santificada, nossos fundadores se uniram para formar um povo. Utilizando evangelismo, ministérios de compaixão e educação, sua igreja saiu para se tornar um povo de muitas culturas e línguas.⁴⁰

³⁸ INGERSOL, Stan. *Wesleyan Tradition: A Church in the Wesleyan Tradition*. 2001. Trad.: Mônica Conte Campello. Disponível em: <<http://nazarene.org/organization/general-secretary/wesleyan-tradition>>. Acesso em: 24 mai. 2018. “The Nazarene lineage runs through the English Reformation, the international spread of Methodism, and the Wesleyan-holiness movement in America. The Church of the Nazarene emerged as a union of various Wesleyan-holiness denominations and by 1915 embraced seven previously separate North American and British bodies”.

³⁹ WARRICK, J. K. *Origem da Igreja do Nazareno: Genealogia Nazarena. Cristianismo Histórico e Herança Wesleyana de santidade*. Disponível em: <<https://www.nazarenoh.com.br/blank-f8d01>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

⁴⁰ CHURCH OF THE NAZARENE. *History: Who We Are*. 2018. Trad.: Mônica Conte Campello. Disponível em: <<http://www.nazarene.org/history>>. Acesso em: 24 mai. 2018. “The Church of the Nazarene traces its anniversary date to 1908. (...) As an expression of the holiness movement and its emphasis on the sanctified life, our founders came together to form one people. Utilizing evangelism, compassionate ministries, and education, their church went forth to become a people of many cultures and tongues”.

No século XVIII ocorreu o reavivamento wesleyano⁴¹. A partir de 1730 deu-se o Reavivamento Evangélico com maior amplidão na Grã-Bretanha pela liderança de João Wesley, seu irmão Carlos e por Jorge Whitefield, que eram clérigos da Igreja da Inglaterra, e disseminado pelos discípulos que eram conhecidos como “sociedades”, “classes” ou “bandos” que ministravam a palavra bíblica, davam testemunhos e exercitavam a disciplina. Seus antecedentes incluíram o Pietismo protestante organizado pelo alemão Philip Jacob Spener, o Puritanismo Inglês do século XVII, e o despertar espiritual na Nova Inglaterra descrito pelo pastor-teólogo Jonathan Edwards. Em 1784, a Igreja Metodista Episcopal foi organizada na América do Norte com o objetivo de reformar o Continente e lá espalhar a santidade escriturística, tomando como base as contribuições de John Wesley no tocante às questões teológicas que culminam na inteira santificação, propósito final de sua doutrina.

No século XIX⁴², no Leste dos Estados Unidos e se espalhando pela nação, teve início o reavivamento de santidade entre cujos líderes se encontrava Timothy Merritt, clérigo metodista e editor-fundador do Guia da Perfeição Cristã. A novaiorquina Phoebe Palmer, personagem principal do movimento, promoveu a fase metodista do movimento de santidade como editora do Guia para a santidade. Por aproximadamente quarenta anos, Palmer atuou como palestrante, escritora e editora do Guia para a Santidade promovendo a fase metodista do movimento de santidade. O reavivamento de santidade não estacionou no Metodismo visto que líderes como Charles G. Finney renovaram a ênfase à santidade nos círculos presbiterianos e congregacionalistas assim na denominação batista. Em 1867, em Vineland, Nova Jersey, ministros metodistas como John Inskip começaram a dar início a reuniões nacionais de avivamento. Também organizaram nessa altura a Associação Nacional de Encontros de Avivamento para a Promoção de Santidade conhecida como Associação Nacional (atual Associação de Santidade Cristã) e até o início do século XX esta organização patrocinou reuniões de santidade através dos Estados Unidos. Surgiram ainda associações locais e regionais de santidade e uma imprensa de santidade publicou muitos periódicos e livros. O testemunho prestado à santidade cristã contribuiu bastante para a fundação da Igreja Metodista Wesleyana (1843), da Igreja Metodista Livre (1860) e do Exército da Salvação (1865). Nos anos 1880 surgiram novas igrejas de santidade como a Igreja de Deus (Anderson, Indiana) e a Igreja de Deus (Santidade). Nos anos 1890 surgiram novos grupos de santidade

⁴¹ BUSIC, David. Cristianismo histórico e Herança Wesleyana de Santidade: O Avivamento Wesleyano. *Igreja do Nazareno*. 2017. Disponível em: <<http://www.nazarenocentral.com.br/noticias/cristianismo-historico-e-heranca-wesleyana-de-santidade/>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

⁴² BUSIC, 2017.

independentes que incluíam igrejas independentes, missões urbanas, casas de socorro a necessitados e associações missionárias e evangelísticas, e buscavam uma união que formasse uma igreja nacional de santidade.

Em 1892, a Associação Central Evangélica de Santidade ⁴³ ordenou Anna S. Hanscombe – esta foi a primeira mulher ordenada na linhagem nazarena⁴⁴ – para o ministério cristão: após estabelecerem a Associação Central Evangélica de Santidade como uma organização oriunda da união de outras igrejas como a Igreja Evangélica do Povo, em Providence, Rhode Island (21/07/1887) e a Igreja Missão, em Lynn, Massachusetts (1888). Em Outubro de 1895⁴⁵, Phineas F. Bresee, doutor em divindade, com cerca de cem outras pessoas organizaram a Igreja do Nazareno, em Los Angeles, que se confirmava como a concretização do chamado para o trabalho de evangelização com base na doutrina da inteira santificação pela fé, livre de adornos desnecessários que refletiam o espírito do mundo, e não o de Cristo. Destarte,

adotaram regras gerais, uma declaração de fé, uma estrutura baseada numa superintendência limitada, princípios para a consagração de diaconisas e a ordenação de presbíteros, bem como um ritual. Todos estes foram publicados como um Manual, começando em 1898. Publicaram um jornal intitulado *The Nazarene* (O Nazareno) e, depois, *The Nazarene Messenger* (O Mensageiro Nazareno). A Igreja do Nazareno expandiu-se principalmente ao longo da Costa Ocidental, tendo congregações espalhadas a leste das Montanhas Rochosas, até Illinois.

Entre os ministros que se agregaram à nova igreja, C. W. Ruth⁴⁶ ganhou a confiança de Bresee e a lealdade da congregação a qual pastoreava juntamente com Bresee todos os domingos à noite de modo que aceitou a proposta de se tornar pastor associado e superintendente geral assistente, destacando-se como um dos evangelistas Nazarenos mais amados e celebrados do início do século XX. Nos anos 1907-1908⁴⁷, como superintendente geral assistente da Igreja do Nazareno, Ruth intermediou uma associação mútua entre a Associação de Igrejas Pentecostais da América, a Igreja do Nazareno e a Igreja de Cristo de Santidade. De 10 a 17 de outubro de 1907, na Assembleia Geral em Chicago, os Delegados da Associação de Igrejas Pentecostais da América e da Igreja do Nazareno foram unânimes acerca

⁴³ BUSIC, 2017.

⁴⁴ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 9.

⁴⁵ BUSIC, 2017.

⁴⁶ HOLINESS TODAY. C. W. *Ruth: The Apostle of Organized Holiness*. 2017. Disponível em: <<http://www.holinesstoday.org/node/628>>. Acesso em: 28 mai. 2018. “C. W. Ruth was one of the most beloved and celebrated Nazarene evangelists of the early 20th century. (...) He won Bresee's confidence and the congregation's allegiance. He agreed to their proposal to become associate pastor and assistant general superintendent. For 18 months he preached each Sunday evening and helped Bresee to shepherd the congregation”.

⁴⁷ BUSIC, 2017.

do tipo de governo que a igreja resultante da unificação dessas organizações, Igreja Pentecostal do Nazareno, deveria adotar – uma superintendência com congregações locais independentes – e à qual elegeu como superintendentes gerais Phineas F. Bresee e Hiram F. Reynolds. Em 1908, respectivamente nos meses de abril e setembro, houve dois adições à Igreja Pentecostal do Nazareno: quando Bresee a organizou em Peniel, no Texas, adicionando membros da Associação de Santidade do Texas, e quando a Conferência de Santidade da Igreja Cristã de Pensilvânia se dissolveu e se uniu à Igreja Pentecostal do Nazareno. No dia 13/10/1908, em Pilot Point, Texas, a Igreja de Cristo de Santidade se uniu à Igreja Pentecostal do Nazareno mediante a proposta de união realizada na segunda Assembleia Geral da Igreja Pentecostal do Nazareno, que ocorreu no período de 8 a 14 de outubro de 1908, em sessão conjunta com o Conselho Geral da Igreja de Cristo de Santidade.

Assembleia Geral de 1919⁴⁸ mudou o nome da organização para Igreja do Nazareno devido ao novo sentido que o termo “Pentecostal” adquirira. Após o ano 1908⁴⁹, houve diversas fusões com a Igreja do Nazareno: a) Em novembro de 1915, a Missão Pentecostal uniu-se à Igreja Pentecostal do Nazareno; b) Em novembro de 1915, a Igreja Pentecostal da Escócia uniu-se à Igreja Pentecostal do Nazareno; c) Em 1922, a Associação de Leigos de Santidade uniu-se à Igreja do Nazareno; d) Em 29 de outubro de 1952, a Missão Internacional de Santidade uniu-se à Igreja do Nazareno; e) Em 1950, aproximadamente, a Associação de Fé Missionária Hephzibah, juntamente com a missão Sul Africana e outras partes da organização se uniram à Igreja do Nazareno; f) Em 11 de junho de 1955, a Igreja de Santidade do Calvário uniu-se à Igreja do Nazareno; g) Em 07 de setembro de 1958, a Igreja de Obreiros do Evangelho do Canadá uniu-se à Igreja do Nazareno; h) Em 03 de Abril de 1988, a Igreja do Nazareno Nigéria uniu-se à Igreja do Nazareno.

Devido à dimensão internacional caracterizada em seu histórico desde seus primórdios, a Igreja do Nazareno rumou em direção a uma Igreja Global⁵⁰ devido ao movimento missionário desenvolvido no século XIX através das organizações que culminaram na formação da atual Igreja do Nazareno que ministra em mais de cento e cinquenta diferentes países, tendo seu próprio “ramo” na grande “árvore genealógica” da Igreja Cristã.

A expansão rumo a novas áreas do mundo começou na Ásia, em 1898, pela Associação de Igrejas Pentecostais da América. A Missão Pentecostal esteve ativa na América Central por cerca de 1900, nas Caraíbas em 1902 e na América do Sul, em 1909. Na África, os missionários que ali se encontravam ativos em 1907 foram mais

⁴⁸ BUSIC, 2017.

⁴⁹ BUSIC, 2017.

⁵⁰ IGREJA DO NAZARENO CENTRAL DE CAMPINAS. *Nossa história: Genealogia Nazarena*. 2018. Disponível em: <<https://www.nazareno.com.br/nossa-historia>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

tarde reconhecidos como missionários da denominação. Subsequente extensão na área Austrália-Pacífico Sul começou em 1945 e se alargou à Europa continental em 1948. Nessas ocasiões, a Igreja do Nazareno entrou em tais áreas de trabalho identificando-se com ministros locais que já pregavam e ensinavam a mensagem wesleyana de santidade: A. A. E. Berg, da Austrália, e Alfredo del Rosso, da Itália.⁵¹

Para este desenvolvimento global⁵², a Igreja do Nazareno depende de obreiros nacionais que compartilhem com missionários os ministérios de pregação, compaixão e educação por meio do ensino da palavra da graça. Em 2001, a Igreja do Nazareno atingiu o total de 138 áreas mundiais contando com milhares de ministros e de obreiros leigos que contribuem, nas respectivas culturas, para o entrosamento das identidades nacionais com as internacionais formando a almejada comunhão que perpetuam o caráter inicial de avivamento e evangelismo. Harmon F. Schmellzenbach, entre outros, impulsionou esses movimentos que representam o ministério internacional da Igreja do Nazareno que inclui o ministério nazareno de compaixão internacional, apoiando a campanha contra a fome e pró trabalho. O ministério na Índia em favor dos órfãos foi amparado pela União Nazarena Missionária Médica que fora organizada no início da década de 1920 para construir o Hospital Memorial Bresee, em Tamingfu, China. Na Suazilândia, desenvolveu-se um extensivo trabalho médico, considerando-se, ainda, diversos outros ministérios de compaixão desenvolvidos mundialmente. No tocante à esfera educacional, os nazarenos vêm estabelecendo escolas para educação primária e treinamento ministerial como seminários ao nível de graduação nas Filipinas e nos Estados Unidos; instituições de artes liberais em África, Coreia e nos Estados Unidos; uma escola de ensino médio no Japão, duas escolas de enfermagem na Índia e em Papua Nova Guiné; e mais de quarenta instituições de ensino bíblico-teológico ao redor do mundo. Em 1906, a Igreja do Nazareno adotou a Escola Esperança para Moças, em Calcutá. Esses aspectos missionários contribuíram para a prosperidade da Igreja do Nazareno que em 2001 possuía uma membresia internacional de 1.390.306, distribuídos em mais de 12.600 congregações. Devido a esse desenvolvimento histórico, a Igreja do Nazareno tende a se tornar uma “comunidade internacional” de fé. Destarte, a Assembleia Geral de 1976 autorizou uma Comissão de Internacionalização que apresentou um relatório à Assembleia Geral de 1980 que deu origem a um sistema de áreas mundiais cujo número e as fronteiras dessas regiões originais vêm sendo modificados desde então. As correntes são: a Região da África, a Região de Ásia-Pacífico, a Região do Canadá, a Região das Caraíbas, a Região da Euro-Ásia, a Região do México e América Central, a Região da América do Sul, e oito regiões nos Estados Unidos.

⁵¹ BUSIC, 2017.

⁵² BUSIC, 2017.

1.2 História, Fundação e Organização da Igreja do Nazareno no Brasil

O Rev. José Zito de Oliveira (Ribeira Grande, Ilha de Santo Antão, Cabo Verde – 16/12/1922) converteu-se em janeiro 1951 após passar a frequentar a Igreja do Nazareno⁵³. Em 11/07/1956, ele desembarcou no porto de Santos, São Paulo. Nessa época, ainda não existia a Igreja do Nazareno no Brasil. Antes de ele chegar ao Brasil, vários nazarenos já tinham passado pelo país, mas ele foi o primeiro a vir com o propósito de se comprometer com a obra. Para isso, esperou a chegada do primeiro casal missionário que oficializaria a chegada da Igreja do Nazareno. Ervin Stegemoeller e sua esposa, Sra. Marjorie, já instalados no Brasil, enviaram uma carta à Sede da Igreja do Nazareno (EUA) solicitando missionários para instalarem a Igreja do Nazareno no Brasil, e foi indicado o Rev. Earl Elwood Mosteller, amigo de Zito, para iniciar este trabalho, tornando-se o primeiro missionário nazareno no Brasil aonde chegaria juntamente com sua família em meados de 1958. Mosteller convidou Zito a se engajar no projeto de implantação da denominação no Brasil através do ministério pastoral. Algumas semanas depois, chegaram o Rev. Charles Wise e sua esposa D. Roma Joanne Gates – a segunda família missionária oficial da denominação. As duas famílias se estabeleceram em Campinas sob os cuidados do casal Ervin e Marjorie Stegemoller.⁵⁴

Em 1959, aproximadamente seis meses após a chegada dos primeiros missionários, o Rev. José Zito se mudou para Campinas onde recomeçou seus estudos acadêmicos sob a supervisão do Rev. Mosteller que lhe deu um curso intensivo de formação pastoral. Ele se tornou o primeiro nazareno a iniciar a sua preparação ministerial no Brasil, sendo o único aluno do que viria a ser o Seminário e Instituto Bíblico da Igreja do Nazareno (SIBIN) inaugurado em 1962. Assim, o primeiro pregador nazareno em treinamento no Brasil seria um cabo-verdiano. Buscando um engajamento mais sólido no trabalho da denominação, Zito se mudou de Santo André para Campinas. Assim, ele trabalhou não apenas para o início da primeira igreja em Campinas⁵⁵, mas também ajudou a estabelecer outras congregações e templos. Inicialmente, as reuniões aconteciam na casa de Ervin Stegemoeller, que na época era diretor da empresa Tratores do Brasil. Essas reuniões deram início à Igreja do Nazareno no Brasil, de forma não oficial, na Avenida Benjamim Constant, bairro de Cambuí, Campinas, interior de São Paulo, sendo registrada algum tempo depois em um salão alugado na Avenida Francisco Glicério onde

⁵³ VALVASSOURA, Lázaro Aguiar. *Origem da Igreja do Nazareno no Brasil*: E assim começa essa história. 2015. Disponível em: <<https://www.nazarenoh.com.br/blank-f8d0l>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

⁵⁴ VALVASSOURA, 2015.

⁵⁵ VALVASSOURA, 2015.

começou oficialmente no Brasil. Em 1959, o Rev. William Ronald Denton, D. Sarah Ellen Byrd Denton, e os seus filhos chegaram ao Brasil como missionários, tendo anteriormente já atuado em missões na Bolívia, na Argentina e no Uruguai. Eles foram para Belo Horizonte. Em 1960 mais dois casais missionários chegaram ao Brasil com suas famílias: o Rev. Joaquim Antônio e Guilhermina Lima, da Igreja do Nazareno da Argentina, e o Rev. James Eldon e Carol Jeanne Kratz. Em 1962, chegaram o Rev. Robert Thomas e Frances Darlene Collins. Em 1964, chegaram o Rev. Roger Michael e Mary Ann Maze. Por fim, em 1968, chegaram o Rev. Larry Coleman e Dolores Darlene Clark.

O Rev. Earl Elwood Mosteller inaugurou a primeira Igreja do Nazareno no Brasil em Campinas⁵⁶, São Paulo, atual Igreja do Nazareno Central de Campinas. Por sua vez, o Rev. Willian Ronald Denton inaugurou a segunda Igreja do Nazareno em Belo Horizonte, MG, Igreja do Nazareno em Barroca, assim como a terceira em Sobradinho, Distrito Federal, cujo templo foi o primeiro construído pela Igreja do Nazareno no Brasil; as outras duas funcionavam em locais alugados. No dia 12/10/1958, aconteceu o primeiro culto Nazareno⁵⁷ no Brasil, em Campinas, em uma residência de leigos, contando com a presença do casal Stegemoller e seus três filhos, o casal Mosteller com suas três filhas, e o casal Gates. Em 1965, a denominação já possuía onze igrejas: duas em campinas, três em Belo Horizonte, uma em Brasília, uma em Americana, uma em Cosmópolis, uma em Osasco, uma em Santo André e uma em São Paulo. Em 1962, o Rev. Denton⁵⁸ e sua família assumiram o pastorado da Igreja Central de Campinas. Em 1963, o Rev. Lázaro Aguiar Valvassoura chegou à Igreja do Nazareno. Em junho de 1964, o Rev. Denton retornava aos Estados Unidos, e o Rev. Jaime Kratz passou a pastoreá-la. Retornaram também aos Estados Unidos o casal Mosteller a fim de reassumir a liderança do campo missionário. Em 1966, o casal Gates assumiu o pastorado da Igreja Central. Atualmente⁵⁹, a Igreja do Nazareno conta com uma membresia de número superior a 150.000.

A Igreja do Nazareno (*The Church of the Nazarene*) como igreja cristã protestante de orientação evangélica metodista adota a corrente teológica armínio-wesleyana.

João Wesley encontrou os escritos de Armínio e ficou sumamente impressionado pela sua leitura. Wesley, entretanto, levou um passo mais adiante a posição teológica de Armínio. Este último susteve uma visão elevada da santificação; porém não viu, como Wesley chegou a fazê-lo, que essa obra se recebe pela fé e é administrada pelo Espírito Santo. O wesleyanismo é o arminianismo ortodoxo inspirado pelo poder e favor do Espírito Santo. Armínio somente viu obscuramente o que Wesley vislumbrou com clareza. Ambos era homens da Bíblia e estavam dominados por ela. O arminianismo

⁵⁶ VALVASSOURA, 2015.

⁵⁷ VALVASSOURA, 2015.

⁵⁸ VALVASSOURA, 2015.

⁵⁹ VALVASSOURA, 2015.

wesleyano se opõe ao liberalismo pelagiano e ao antinomianismo do ultracalvinismo.⁶⁰

Surgindo nos Estados Unidos em 13 de outubro de 1908 em Pilot Point e tendo como fundador Phineas F. Bresee e se uniu às Igrejas do Movimento de Santidade do séc. XIX⁶¹. Adotou o modo de governo representativo quanto à distribuição de poderes, em que leigos e ministros compartilham sua autoridade eclesiástica⁶².

A Igreja do Nazareno compõe-se daqueles que voluntariamente se associam segundo as doutrinas e forma de governo da dita igreja e procuram a santa comunhão cristã, a conversão de pecadores, a inteira santificação dos crentes, a sua edificação em santidade e a simplicidade e o poder espiritual manifestos na Igreja Neo-Testamentária, juntamente com a pregação do Evangelho a toda a criatura.⁶³

Assim, a Igreja do Nazareno se organiza a partir de três entidades legislativas em sua estrutura: local, distrital e geral; as regiões, por sua vez, funcionam como entidades administrativas no campo missionário e implementação. Cada congregação é autônoma e independente no campo missionário assim como em sua visão no tocante às reflexões teológicas, podendo funcionar por igreja ou missão.⁶⁴ O Distrito agrupa as congregações nazarenas, sendo considerado como uma entidade formada por igrejas locais interdependentes a fim de simplificar sua missão, dando-lhes apoio financeiro entre outros.⁶⁵ Cada Igreja Local compõe uma delegação no período que abrange a Assembleia Distrital a fim de eleger o Superintendente Distrital que atuará como líder do Distrito.⁶⁶ A Região é composta pelos distritos da Igreja do Nazareno⁶⁷ e é administrada pela Missão Nazarena Internacional (MNI) que intercambia recursos a fim de fornecer os subsídios necessários para grupos pastorais nazarenos em abrangência internacional.⁶⁸

A suprema autoridade constituinte, legislativa e eleitoral da Igreja do Nazareno é a Assembleia Geral⁶⁹ que é sujeita à constituição da igreja, sendo composta por representantes eleitos pelos distritos nazarenos em todo o mundo. Houve duas Assembleias Gerais que

⁶⁰ WYNKOOP, Mildred Bangs. *Fundamentos da Teologia Arminio Wesleyana*. Campinas: Casa Nazarena de Publicações, 2004. p. 75-76.

⁶¹ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 12; 14; 16.

⁶² IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 58.

⁶³ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 32.

⁶⁴ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 36.

⁶⁵ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 101.

⁶⁶ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 104.

⁶⁷ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 29.

⁶⁸ MANUAL DE MISSÕES NAZARENAS INTERNACIONAIS. Edição Global: *Missões Nazarenas Internacionais*: Propósito. 2012. p. 1.

⁶⁹ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 115.

contribuíram para a formação da Igreja do Nazareno: a primeira, entre 10 e 17 de outubro de 1907, formada pelas congregações do Leste e do Oeste americano – esta fundada pelo presbítero metodista Phineas Bresee, e pelo médico e dirigente da University of Southern California Joseph Widney, em 1895 em Los Angeles; aquela, associada às Igrejas Pentecostais. Como resultado desta assembleia, a igreja passou a ser chamada de Igreja Pentecostal do Nazareno e seus primeiros superintendentes gerais foram Phineas Bresee e Hiram F. Reynolds; a segunda, em 13 de outubro de 1908, aconteceu em Pilot Point, no Texas, mediante a fusão das igrejas *Holiness Church of Christ* e a Igreja Pentecostal do Nazareno que resultou na atual Igreja do Nazareno⁷⁰, que, atualmente, conta com aproximadamente 2.5 milhões de membros em mais de 29.000 congregações locais em 162 áreas mundiais⁷¹.

1.3 Doutrinas, Regulamentação e Ministérios da Igreja do Nazareno

Esta seção trata das questões concernentes ao *modus operandi* da Igreja do Nazareno que envolve suas doutrinas, regulamentos e ministérios vocacionais. Destarte, em sentido doutrinário, “pretende transmitir à sociedade contemporânea princípios bíblicos atemporais de modo que as doutrinas e pactos da igreja sejam conhecidas e compreendidas em muitas terras e numa variedade de culturas⁷²”. No tocante à regulamentação, a Assembleia Geral funciona como “o corpo supremo de formulação da doutrina e legislação da Igreja do Nazareno cujo Manual inclui as decisões e juízos de delegados ministeriais e leigos, mediante sua política representativa em que tanto o laicato como os ministros têm igual autoridade⁷³”. Quanto aos ministérios, estes funcionam como organizações auxiliares cuja missão “consiste em cumprir a Grande Comissão entre crianças, jovens e adultos, preparando-os para uma vida de fazer discípulos à semelhança de Cristo nas nações⁷⁴”.

⁷⁰ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 14.

⁷¹ CROSSPOINT NAZARENE CHURCH. *What We Believe*. 2018. “The Church of the Nazarene is a Protestant Christian church in the Wesleyan-Holiness tradition. Organized in 1908, the denomination is now home to about 2.5 million members worshipping in more than 29,000 local congregations in 162 world areas”. Disponível em: <<https://crosspointnaz.org/our-beliefs/>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

⁷² IGREJA DO NAZARENO. *Manual 2005-2009: História, Constituição, Governo, Ritual*. São Paulo: Casa Nazarena de Publicações, 2005. p. 16.

⁷³ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 5-6.

⁷⁴ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 339.

1.3.1 Doutrinas da Igreja do Nazareno

Confessa que acredita ser a Bíblia a apresentação da história da autorrevelação de Deus através de Jesus Cristo que expiou os pecados da humanidade por meio de seu sacrifício vicário. Confessa, ainda, que acredita na graça preveniente – explicada mais adiante –, na graça justificadora de Deus que perdoa pecados assumidos pelos crentes, restaurando a comunhão com Ele, na graça santificadora que transforma o crente pelo poder do Espírito Santo desde a sua conversão até o momento da sua salvação que, por fim, revela-se como a graça transformadora de Deus⁷⁵.

Ademais, a Igreja do Nazareno confessa a si mesma como um ramo da igreja “única, santa, universal e apostólica”⁷⁶ assim como se entende como parte integrante da história do povo de Deus conforme os registros no Antigo e no Novo Testamentos, considerando, ainda, a história da época dos apóstolos até os dias atuais. Como expressão da própria fé, aceita os credos ecumênicos dos cinco primeiros séculos cristãos. Entende que possui um chamado divino para proclamar a doutrina e a experiência da inteira santificação diligentemente retendo e fomentando a identificação com a igreja histórica ao pregar a Palavra, ao administrar os sacramentos, ao promover e manter o ministério apostólico na fé e na prática, e ao admoestar acerca de uma vida semelhante à de Cristo bem como no servir a outros⁷⁷.

A Igreja do Nazareno considera a Bíblia seu Guia supremo⁷⁸, seu instrumento único de autoridade doutrinal e sua interpretação deve ser feita em conformidade com regras históricas e linguísticas, tendo o cuidado de observar seu significado no âmbito de seu contexto histórico. Destarte, assumem que a palavra de Deus ouvida deve ser obedecida para que a Igreja cristã manifeste sua existência. Entretanto, embora concorde que haja interpretação privada dos textos bíblicos⁷⁹, a qual dá origem ao princípio da liberdade religiosa, considera que apenas as Escrituras são inerrantes⁸⁰ no tocante à compreensão do sentido real das palavras bíblicas haja vista os nazarenos a terem por suprema autoridade quanto à revelação acerca de Deus, e que devem ser interpretadas por meio da fé, da razão, da tradição e da experiência pessoal, mas enfatiza que a livre interpretação dos respectivos textos não exclui a graça de Deus que, segundo

⁷⁵ CHURCH OF THE NAZARENE. *Sobre os Nazarenos*: Teologia. 2018. Disponível em: <<http://nazarene.org/pt/sobre-os-nazarenos>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

⁷⁶ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 8.

⁷⁷ IGREJA DO NAZARENO UNIÃO. *Nossa história*. Conheça a história da igreja do Nazareno desde o princípio. 2018. Disponível em: <http://nazarenouniao.com.br/site/?page_id=115>. Acesso em: 24 mai. 2018.

⁷⁸ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 6.

⁷⁹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2010.

⁸⁰ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 19.

seus documentos e manuais, salva o homem do pecado, livrando-o da morte espiritual e levando-o à vida espiritual, somente pela fé em Cristo que é adquirida através da pregação do evangelho.

Em consonância com a posição da Igreja do Nazareno quanto às interpretações bíblicas, Nuñez⁸¹ declara que os reformadores advogaram o livre exame das Escrituras e não a livre interpretação visto que o sacerdócio universal dos crentes não autoriza ninguém a torcer e retorcer o texto bíblico. Também, em concordância com a posição nazarena, Scholz entende que essas interpretações não passam de hipóteses pessoais sobre o sentido do discurso:

Embora se possa afirmar, com ênfase até, que todo autor tem uma intenção ao escrever um texto, também é verdade que ninguém pode afirmar que tem acesso à mente do autor à parte do texto. Nenhum leitor moderno dos textos bíblicos tem acesso ao emissor original ou aos receptores originais. Tudo que se tem é o texto. O intérprete pode até argumentar que seu metatexto, seja um comentário ou uma tradução, reproduz o que o autor quis dizer, mas isto não altera o fato de se tratar apenas de sua leitura do texto.⁸²

De acordo com sua orientação metodista⁸³, a Igreja do Nazareno entende que uma pessoa pode desenvolver com Deus uma relação de intimidade⁸⁴, começando por sua conversão e prosseguindo sua vida com base na ética e na moral cristã que se caracterizam por virtudes essenciais como paz, humildade, fraternidade, caridade, que podem levá-la à plena santificação e à perfeição cristã – amor a Deus e ao próximo – em obediência ao propósito inicial que Deus tinha traçado para a humanidade. Todavia, ela enfatiza o princípio do livre-arbítrio mediante a doutrina arminiana da graça preveniente que propicia o desejo de agradar a Deus, de entender sua vontade e reconhecer os próprios pecados diante dele, além de permitir ao homem aceitar ou rejeitar a oferta salvífica de Jesus a qual providencia a libertação dos efeitos corruptíveis do pecado.

⁸¹ NUÑEZ, Emilio Antonio. A soteriologia dos reformadores: Só a Escritura. *Revista Ultimato*. 1998. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/255/a-soteriologia-dos-reformadores>>. Acesso em: 21 set. 2018.

⁸² SCHOLZ, Vilson. *Princípios de Interpretação Bíblica: Introdução à Hermenêutica com ênfase em Gêneros Literários*. Canoas: Ed. Ulbra, 2006. p. 52.

⁸³ INGERSOL, Stan. *Church of the Nazarene*. The Encyclopedia of Arkansas History and Culture. 2010. Disponível em: <<http://www.encyclopediaofarkansas.net/encyclopedia/entry-detail.aspx?entryID=4330>>. Acesso em: 29 dez. 2018. “Os nazarenos são metodistas evangélicos que enfatizam a pregação central de John Wesley, incluindo a conversão dos pecadores, a santificação dos crentes e o testemunho do Espírito Santo às experiências destes cristãos. Os nazarenos nasceram do movimento de santidade do século XIX no Metodismo Americano”. (Nazarenes are evangelical Methodists who emphasize John Wesley’s core preaching, including the conversion of sinners, the sanctification of believers, and the witness of the Holy Spirit to these Christians’ experiences. The Nazarenes grew from the nineteenth-century holiness movement in American Methodism).

⁸⁴ IGREJA DO NAZARENO. *Mídia Editorial: Deus trabalha*. 2009. Disponível em: <<https://www.nazareno.com.br/igreja/midia/editorial/375/2009/05/deus-trabalha>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

VII. Graça Preveniente

Cremos que a criação da raça humana à imagem de Deus inclui a capacidade de escolher entre o bem e o mal e que, assim, seres humanos foram feitos moralmente responsáveis; que pela queda de Adão se tornaram depravados, de maneira que agora não podem voltar-se nem se reabilitar pelas suas próprias forças e obras à fé e à invocação de Deus. Mas também cremos que a graça de Deus mediante Jesus Cristo é dada gratuitamente a todos os seres humanos, capacitando todos os que queiram converter-se do pecado para a rectidão (*sic*), a crer em Jesus Cristo para perdão e purificação do pecado, e a praticar boas obras agradáveis e aceitáveis à Sua vista. Cremos que todas as pessoas, ainda que possuam a experiência de regeneração e inteira santificação, podem cair da graça, apostatar e ficar eternamente perdidas e sem esperança, a menos que se arrependam do seu pecado⁸⁵.

Seus membros, ao redor do mundo, são conhecidos como Nazarenos, e sua principal missão é a pregação do Evangelho por meio de missionários espalhados mundialmente. Eles respondem à Grande Comissão, conforme consta nas Escrituras, que corresponde à instrução de Jesus aos seus discípulos para preservar e propagar a santidade cristã após sua ressurreição a fim de que levassem seus ensinamentos a todas as nações através do evangelismo e da educação cristã.⁸⁶

O objetivo primário da Igreja do Nazareno é avançar o Reino de Deus através da preservação e propagação da santidade cristã, como explícitas nas Escrituras. Os objetivos críticos da Igreja do Nazareno são a santa comunhão cristã, a conversão de pecadores, a inteira santificação dos crentes, a sua edificação em santidade e a simplicidade e o poder espirituais manifestos na primitiva Igreja do Novo Testamento, juntamente com a pregação do Evangelho a toda a Criatura.⁸⁷

Além da Bíblia Sagrada, a Igreja do Nazareno pauta-se principalmente nas doutrinas de John Wesley e Jacó Armínio. Essas doutrinas abrangem dezesseis Artigos de Fé⁸⁸ como direcionamento cristão conforme elencados nos artigos I a XVI. Esses artigos são sustentados por referências bíblicas e inseridos no manual da igreja por ação da Assembleia Geral, mas não devem ser considerados como parte do texto da Constituição.⁸⁹

1.3.2 Governo e Regulamentação da Igreja do Nazareno

A Assembleia Geral da Igreja do Nazareno, sua maior entidade, ocorre uma vez a cada quatro anos e funciona como a suprema autoridade que formula sua doutrina, suas leis e

⁸⁵ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 25.

⁸⁶ CHURCH OF THE NAZARENE. Sobre os Nazarenos. 2018. Disponível em: <<http://nazarene.org/pt/sobre-os-nazarenos>>. Acesso em: 24 set. 2018.

⁸⁷ IGREJA DO NAZARENO RIO DAS OSTRAS. *Quem somos*: Nossa Visão e Missão. 2018. Disponível em: <<http://easites.net/nazareno/quem-somos/>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

⁸⁸ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 22-31.

⁸⁹ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 22.

eleições, sujeitando-a às disposições de sua respectiva constituição⁹⁰.

A edição de 2013-2017 do Manual inclui uma breve declaração histórica da igreja; a constituição da igreja, que define nossos Artigos de Fé, nosso entendimento da igreja, O Pacto de Conduta Cristã para um viver santo, e princípios de organização e governo; O Pacto de Conduta Cristã, que trata de assuntos prementes da sociedade contemporânea; e regras respeitantes ao governo da igreja, abordando sua organização a nível local, distrital e geral.⁹¹

O governo local é formado pela igreja local que pode ser organizada pelo superintendente distrital ou pelo geral com jurisdição ou por um presbítero autorizado por um dos dois.⁹² A membresia da igreja local é composta por todo aquele que tenha sido publicamente recebido pelo pastor, superintendente distrital ou geral.⁹³ Cada igreja local possui uma junta da igreja composta por membros eleitos anualmente na reunião da igreja cujo número de membros não pode exceder 25.⁹⁴

O governo distrital é formado por igrejas locais interdependentes a fim de facilitar a missão de cada igreja local em meio à reciprocidade de apoio tanto para recursos quanto para colaboração.⁹⁵ Os distritos devem ter centros populacionais que justifiquem sua criação ou rearranjo.⁹⁶ Quanto à membresia, a Assembleia Distrital é composta de todos os membros designados⁹⁷ como presbíteros, diáconos, ministros licenciados, ministros aposentados, secretário, tesoureiro, entre outros conforme elencados no artigo 201.⁹⁸

O governo geral funciona através da Assembleia Geral da Igreja do Nazareno, sua maior entidade, que ocorre uma vez a cada quatro anos⁹⁹ e funciona como a suprema autoridade que formula sua doutrina, suas leis e eleições, sujeitando-a às disposições de sua respectiva constituição¹⁰⁰. A Assembleia Geral é composta de delegados ministeriais, sendo o superintendente distrital um dos delegados, e leigos em igual número de cada distrito, entre

⁹⁰ CHURCH OF THE NAZARENE, 2018.

⁹¹ CHURCH OF THE NAZARENE, 2018.

⁹² IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 59.

⁹³ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 64.

⁹⁴ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 79.

⁹⁵ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 101.

⁹⁶ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 104.

⁹⁷ IGREJA DO NAZARENO, 2013. *Governo Distrital: Membresia e Data da Assembleia Distrital*. p. 33-34. (Nota explicativa: “Membros designados” refere-se a homens e mulheres, dado que ambos podem receber cargos na igreja. Trata-se de emprego do masculino como universal para referência geral indicando neutralidade que incorre em negação da feminização da língua, fato que não se coaduna com a linguagem inclusiva de gênero. No entanto, as notas de rodapé 2 e 3 das referidas páginas declaram que a Assembleia Geral de 2013 adotou mudanças visando o emprego de linguagem inclusiva de gênero, as quais se encontravam em processo de ratificação pelas assembleias distritais à data da publicação.)

⁹⁸ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 106.

⁹⁹ CHURCH OF THE NAZARENE, 2018.

¹⁰⁰ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 138.

outros conforme elencado no artigo 301.¹⁰¹ A Assembleia Geral tem o poder de legislar para a Igreja do Nazareno e de estabelecer regras e regulamentos para todos os departamentos que com ela se relacionem ou se associem, livres de conflitos com sua Constituição.¹⁰²

1.3.3 *Ministérios da Igreja do Nazareno*

Como uma igreja de missão global, a Igreja do Nazareno possui o Centro Global de Ministérios da Igreja do Nazareno (Lenexa, Kansas City) o qual é considerado como o “pivô administrativo da igreja” através do qual os nazarenos alcançam além dos limites e fronteiras ao colaborar com inúmeros esforços pelo mundo, contando com o apoio de pastores e leigos em igrejas locais, hospitais, estabelecimentos educacionais, programas de treinamento e socorro humanitário pós-desastres¹⁰³: guerras, fome, furacões, enchentes, e outros desastres naturais ou humanos.

Nazarenos providenciam dinheiro, comida, suprimentos médicos, roupas e outros itens para pessoas em diversos países onde há necessidades urgentes. Além disso, a infraestrutura missionária da denominação é frequentemente usada pela *World Relief* e outras agências semelhantes quando estes precisam de assistência ao enviar mantimentos para pessoas em regiões remotas ou problemáticas. Nazarenos também oferecem seu tempo e serviço em trabalhos voluntários com Grupos de Trabalho & Testemunho e *Mission Corps* para construir igrejas, escolas e clínicas, além de compartilhar as Boas Novas de Jesus Cristo. A Igreja do Nazareno alcança pessoas ao redor do mundo através do poder da tecnologia.¹⁰⁴

Atualmente, a Igreja do Nazareno conta com 700 missionários e voluntários espalhados pelo mundo, realizando cultos em mais de 212 idiomas ou línguas tribais, possuindo uma literatura em 90 idiomas. A igreja na condição de família nazarena global administra 33 clínicas médicas e hospitais em todo o mundo, assim como continua no engajamento de novas implantações de igrejas e congregações por meio de oração, doação e suporte aos missionários em nível mundial¹⁰⁵.

Os ministérios nazarenos centram-se historicamente nas áreas de evangelismo, ministérios sociais e educação, por meio de cooperação mútua de missionários transculturais e milhares de pastores e obreiros leigos que seguem os princípios wesleyanos em suas respectivas culturas. Hiram F. Reynolds criou estrategicamente esses ministérios no sentido da

¹⁰¹ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 138.

¹⁰² IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 38.

¹⁰³ CHURCH OF THE NAZARENE, 2018.

¹⁰⁴ CHURCH OF THE NAZARENE, 2018.

¹⁰⁵ CHURCH OF THE NAZARENE, 2018.

evangelização mundial¹⁰⁶. Os nazarenos acreditam que têm um chamado de Deus¹⁰⁷ para uma vida de santidade que só é possível mediante seu ato purificador de modo que correspondam à sua vontade em que sirvam a ele e aos outros cristãos através de vários ministérios classificados como departamentais, missionais, musicais, institucionais, congregação, acampamentos.

1.3.3.1 Restrições aos ministérios

A Igreja do Nazareno não deixa de elucidar questões concernentes à esfera da sexualidade, e isso se aplica àquelas relacionadas aos seus ministérios eclesiásticos. Quanto à ordenação de ministros, em vista de tantos ministérios conforme apresentação detalhada acima, a Igreja do Nazareno acentua um impedimento para a sua execução:

Acerca da ordenação

Embora não exista uma política declarada, a ordenação exige que o candidato demonstre ‘pureza’. Como o sexo fora de um casamento heterossexual é considerado ‘impuro’, parece que os candidatos LGBTQ¹⁰⁸ teriam a ordenação negada, embora o celibato possa alterar essa decisão.¹⁰⁹

Ademais, ainda no mesmo texto “Posturas de fé sobre as questões LGBT”, a Igreja do Nazareno destaca também uma colocação que vai além do sentido ministerial eclesiástico porquanto agora voltada para a ótica profissional, porém em meio às instituições nazarenas como fontes empregatícias:

¹⁰⁶ JUNTA DE SUPERINTENDENTE GERAIS – IGREJA DO NAZARENO. *Fundamentos Nazarenos*. 2015. Disponível em: <<http://www.nazarene.org/sites/default/files/essentials/docs/FundamentosNazarenosPT-BR.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

¹⁰⁷ JUNTA DE SUPERINTENDENTE GERAIS. Church of the Nazarene. *Quem somos*. 2018. Disponível em: <<http://www.nazareno.com.br/igreja/quem-somos/nossa-historia/>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

¹⁰⁸ KWCS – Programa OK2BME. *What Does LGBTQ+ mean?* 2019. “LGBTQ+” is an initialism that means: Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer or Questioning. People often use LGBTQ+ to mean all of the communities included in the “LGBTQQIAA”: Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Transexual, 2/Two-Spirit, Queer, Questioning, Intersex, Asexual, Ally, + Pansexual, +Agender, +Gender Queer, +Bigender, +Gender Variant, +Pangender. Trad. Mônica Conte Campello: “LGBTQ+” é uma sigla que significa: Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Queer ou Gênero em dúvida/Questionando. As pessoas frequentemente usam LGBTQ+ para se referir a todas as comunidades incluídas no “LGBTQQIAA”: Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Transexual, Duplo-espírito, Queer, Gênero em dúvida/Questionando, Intersexo, Assexual, Aliado, +Pansexual, +Agênero, +Gênero-queer, +Bigênero ou gênero duplo, +Gênero variante (gênero diverso ou não-conformista), +Pangênero. Disponível em: <<https://ok2bme.ca/resources/kids-teens/what-does-lgbtq-mean/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

¹⁰⁹ CHURCH OF THE NAZARENE. Global Ministry Center. *Stances of Faiths on LGBTQ Issues*: Church of the Nazarene. On Ordination. 2018. Disponível em: <<https://www.hrc.org/resources/stances-of-faiths-on-lgbt-issues-church-of-the-nazarene>>. Acesso em: 26 jul. 2018. “On Ordination. While there is no stated policy, ordination requires that the candidate demonstrate ‘purity’. Since sex outside of a heterosexual marriage is considered ‘impure’, it appears that openly LGBTQ candidates would be denied ordination, though celibacy might alter that decision. Women have been ordained in the church since its earliest days”.

A Igreja do Nazareno não tem uma política oficial de proteção contra a discriminação de pessoas LGBTQ. Em 2014, David Wilson, Secretário Geral da Igreja do Nazareno, enviou uma carta ao Presidente Obama pedindo que ele removesse de sua próxima ordem executiva uma isenção religiosa que proíbe a discriminação na contratação com base na orientação sexual e identidade de gênero entre os contratantes federais. Suas próprias diretrizes de emprego observam que ‘Somos uma organização baseada na fé. A aceitação do nosso Código de Conduta Cristão é necessária e a respectiva adesão na Igreja do Nazareno é necessária para determinadas posições’. De acordo com esta norma, algumas instituições nazarenas, incluindo universidades, poderiam impedir o emprego de pessoas LGBTQ.¹¹⁰

Previamente, neste referido teor textual, detecta-se a ênfase nazarena sobre o fundamento teológico da “inteira santificação” que opera a purificação do crente com vistas à renúncia às tentações, ou pecados. Neste sentido, a Igreja do Nazareno enfatiza sua crença de que todo homem ou mulher deve ser tratado com dignidade independentemente de sua orientação sexual. Todavia, ressalta que o atual Manual da Igreja do Nazareno (2017-2021) acentua a suficiência da graça divina para sustentar a árdua luta em prol da pureza sexual a fim de se estar apto para corresponder à vontade de Deus para a sexualidade humana que é contrária à “prática da intimidade sexual entre pessoas do mesmo sexo” visto que o estilo de vida homossexual é pecaminoso e não corresponde ao amor sagrado, pois destoaria da crença de que o conceito bíblico de casamento se coaduna com a ideia de um casal formado por um homem e uma mulher cujo dom da intimidade sexual seja adequadamente expresso.¹¹¹

1.4 Resumo do primeiro capítulo

Este primeiro capítulo trata dos assuntos correspondentes à Igreja do Nazareno em seu desenvolvimento histórico até os dias atuais, abrangendo os dados de sua fundação, organização, doutrinas, regulamentação e ministérios, numa perspectiva global até sua

¹¹⁰ CHURCH OF THE NAZARENE, 2018. “On Non-discrimination. The Church of the Nazarene does not have an official policy on non-discrimination protections for LGBTQ people. In 2014, David Wilson, General Secretary of the Church of the Nazarene, sent a letter to President Obama asking that he remove a religious exemption from his upcoming executive order banning hiring discrimination on the basis of sexual orientation and gender identity among federal contractors. Its own employment guidelines note that, ‘We are a faith-based organization. Acceptance of our Christian Code of Conduct is required and membership in the Church of the Nazarene is required for certain positions’. Under this standard, some Nazarene institutions, including universities, could bar LGBTQ people from employment”.

¹¹¹ BOARD OF GENERAL SUPERINTENDENTS. *Human sexuality*. 2018. Disponível em: <<http://nazarene.org/organization/general-secretary/human-sexuality>>. Acesso em: 26 jul. 2018. “(...) the homosexual lifestyle is sinful and is contrary to the Scriptures. We further wish to reemphasize our call to Nazarenes around the globe to recommit themselves to a life of holiness, characterized by holy love and expressed through the most rigorous and consistent lifestyle of sexual purity. We stand firmly on the belief that the biblical concept of marriage, always between one man and one woman in a committed, lifelong relationship, is the only relationship within which the gift of sexual intimacy is properly expressed”.

delimitação voltada para a esfera da homossexualidade sob a ótica nazarena acerca do modo como esta igreja especificamente aqui tratada considera esta questão.

A Igreja do Nazareno dedica um espaço especial para o tema da sexualidade humana, parecendo aquiescer à questão da homossexualidade de maneira reticente, i.e., não fica muito clara a sua posição nesse sentido quando da comparação com outros documentos além do seu manual e de movimentos em favor da homossexualidade em algumas igrejas pelo mundo. Contudo, não descarta o princípio da desobediência humana na queda pelo que resultam comportamentos que obscurecem o caminho do desejo humano.¹¹² Com isso concorda Foucault ao citar que um dos principais estigmas da queda, que revela a revolta do homem sublevado contra Deus, recai sobre a força irreprímível do desejo e do ato sexual.¹¹³

Considerando a relevância da Igreja do Nazareno concernente à homossexualidade como uma das formas de expressão da sexualidade humana, o próximo capítulo tratará do tema “Homossexualidade” abrangendo seu desenvolvimento histórico até os dias atuais, os diversos aspectos da sexualidade humana na qual se insere o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual, entremeados com abordagens científicas.

É mister conhecer as características da homossexualidade para poder comunicar com a referida instituição eclesiástica tudo o que deve ser avaliado a fim de lhe proporcionar um melhor entendimento acerca da problemática levantada.

¹¹² IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 40.

¹¹³ FOUCAULT, 1984. p. 125.

2 HOMOSSEXUALIDADE: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

Neste capítulo será apresentada uma sequência de períodos na história da sexualidade humana especificamente entre pessoas do mesmo sexo desde a antiguidade até os dias atuais. É importante salientar que, apesar de constar o termo “homossexualidade” no título do capítulo, o mesmo era desconhecido até fins do Séc. XIX, o que antes era conhecido pelo nome de “inversão”.

O termo *homossexual* era desconhecido até fins do século XIX, tendo sido substituído o nome *inversão* por *homossexualidade* na segunda metade do século XIX. (...) Cumpre considerar que, mesmo havendo outros termos para esse tipo de conduta (por exemplo, *inversão*), ainda depois do surgimento da sexologia, a homossexualidade era vista como conduta desviante (perversão sexual), não como identidade sexual. Tanto que o termo *homossexualidade* foi cunhado ‘não como uma forma de classificar ou de estigmatizar uma pessoa por suas atividades, e sim como uma ‘orientação sexual’, uma parte essencial da personalidade e do caráter de alguém’, mas, além disso, pelo fato de uma ‘orientação sexual ‘normal’ ser heterossexual, sentir-se atraído fisicamente por pessoas do mesmo sexo tornou-se não apenas uma orientação homossexual, como também um ‘desvio’ sexual, uma doença’.¹¹⁴

No entanto, o uso do referido termo ali faz alusão à acepção de seu significado abrangente e final, e também à fidelidade às citações conforme os seus originais.

O capítulo também apresentará as diversas formas de manifestação da sexualidade humana em suas particularidades abrangendo as questões sobre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.

2.1 Sexualidade entre pessoas do mesmo sexo desde os seus primórdios

A frase de Faro¹¹⁵ “a homossexualidade ou ainda, como têm preferido alguns especialistas, a homoafetividade” sugere que os referidos termos sejam sinônimos apesar de haver alguma diferenciação entre eles. Segundo Vecchiatti¹¹⁶, a homossexualidade representa o sentimento de amor romântico por uma pessoa do mesmo sexo – esse amor romântico não constitui redundância, mas uma diferenciação quanto ao amor fraterno, aquele que existe nas uniões amorosas e sexuais entre duas pessoas que não se limita a paixão ou desejo carnal, mas no desejo de construção de uma vida em comum. Esse amor romântico refere-se à atração erótico-afetiva – sendo o homossexual a pessoa que ama romanticamente outra do mesmo sexo:

¹¹⁴ FARO, 2015.

¹¹⁵ FARO, 2015.

¹¹⁶ VECCHIATTI, 2012. p. 114.

se alguém amar outra pessoa do mesmo sexo, será homossexual; se amar alguém do sexo oposto, será heterossexual; se amar pessoas de ambos os sexos, será bissexual. A isso se chama orientação sexual, conforme definido pelos Princípios de Yogyakarta, que não apenas conceituam, mas consideram a questão da atração não somente física, mas também emocional:

A orientação sexual e a identidade de gênero são essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa e não devem ser motivo de discriminação ou abuso. A capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas.¹¹⁷

Segundo Dieter, na antiguidade, a homossexualidade além de ser encarada com normalidade, era vista como uma evolução da sexualidade¹¹⁸, estando presente na Grécia e no Império Romano, por exemplo. Contudo, gradativamente ela foi se tornando algo condenável devido às interferências religiosas que passaram a assolar a mentalidade social naquela direção como ainda se vê sob a égide hodierna da homofobia, a qual sujeitou (e sujeita) os homossexuais à clandestinidade¹¹⁹ por causa do preconceito exacerbado desenvolvido contra eles ao longo do tempo quando, na realidade, ela sempre existiu livre de criminações e discriminações naquele remoto passado.

Ao longo de séculos e em meio a culturas diversas, a homossexualidade “foi”, diz Molina¹²⁰, motivo de vergonha, punição, segregação e violência, contra quaisquer que ultrapassassem os limites da heteronormatividade, o que ela explica como sendo uma obsessão com a sexualidade normatizante heterossexual considerada como normal e natural, descrevendo a situação homossexual como desviante e imoral que, por conseguinte, sofreu uma desconstrução ontológica que a destitui de necessárias políticas identitárias.

Esse discurso de Molina oportuniza o esclarecimento sobre o que vem a ser “heteronormatividade”. Nessa esfera específica concernente à sexualidade humana, há o empenho de regular e normatizar as manifestações quanto ao ser e às experiências corporais no tocante à sexualidade segundo o que está socialmente estabelecido para as pessoas dentro da perspectiva biologicista e determinista em que há somente duas possibilidades referentes à

¹¹⁷ GRINSPAN, Mauro Cabral, *et al.* Membros da Comissão de Redação. *Princípios de Yogyakarta: Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de Direitos Humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero.* 2007. p. 6.

¹¹⁸ DIETER, Cristina Ternes. *As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional.* 2012. p. 1.

¹¹⁹ DIETER, 2012. p. 5.

¹²⁰ MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011. p. 950.

anatomia sexual humana – feminino/fêmea ou masculino/macho.¹²¹ Para uma melhor compreensão sobre a implicação do termo, Petry e Meyer sugerem que se proceda ao seu desmembramento. Trata-se, segundo elas, de uma palavra híbrida formada pelos vocábulos hetero (que significa “outro”) e norma (algo que regula, ou algo associado ao “normal”), considerando o primeiro em termos de sexualidade. Destarte, nesse raciocínio vocabular incide a palavra homossexual que se refere à atração de uma pessoa por outra de sexo diferente do seu, e se chega à compreensão de que o termo heteronormatividade é tido como parâmetro de normalidade respeitante à sexualidade, designando como norma e como normal a atração sexual entre pessoas de sexos diferentes.

Em relação ao modo como a heterossexualidade – e a heteronormatividade – está naturalizada na cultura, é preciso considerar que isto tem uma história, relacionada com articulações específicas de poder-saber que, em um determinado tempo e lugar, legitimaram o comportamento homossexual como ‘normal’. Nesta direção, e desde o século XIX, o discurso médico tem se ocupado de formalizar a heteronormatividade e o binarismo dela decorrentes ‘normalizando as condutas sexuais e as expressões da masculinidade e da feminilidade em parâmetros de saúde/normalidade ou doença/anormalidade’. O sexo e o gênero são materializados nos corpos por normas regulatórias que são constantemente reiteradas, repetidas e ratificadas e que assumem o caráter de substância e de normalidade em um processo que visa disciplinar formas de masculinidades e de feminilidades possíveis e diferentes entre si. Entretanto, há corpos que não se submetem e não aderem à essa norma, reinventando-se continuamente.¹²²

No entendimento de Colin Spencer¹²³, a antiguidade parecia aceitar a sexualidade de forma natural, diferentemente da maneira como posteriormente passou a ser encarada. Os homens eram favorecidos pela legislação devido às suas posses sem qualquer constrangimento no tocante à sua sexualidade que não era considerada natural tampouco antinatural; não havia uma crença ética que favorecesse ou selecionasse uma expressão acerca da sexualidade que desmerecesse outra. Todavia, a partir de 600 a.C., as coisas mudaram nesse sentido.

Antes do surgimento da lei mosaica, pessoas do mesmo sexo mantinham relações sexuais livremente porquanto consideradas como uma atividade sexual normal e funcionava como parte integrante das culturas primevas das quais não sofriam repressão alguma e cujos fiéis religiosos praticavam atos sexuais como defloramentos rituais e prostituição masculina e feminina no interior dos templos e com a anuência e participação de seus sacerdotes, o que se entendia por prostituição sagrada, da qual os próprios deuses que adoravam eram o seu primeiro

¹²¹ PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Daagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011 p. 195.

¹²² PETRY; MEYER, 2011. p. 196.

¹²³ SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999, p. 39.

exemplo, além de não fazer diferença o sexo do parceiro conquanto o penetrador (ativo) era prestigiado e o sacana (passivo) era depreciado.¹²⁴ Na verdade, a homossexualidade é tida, preconceituosamente, pela tradição ocidental judaico-cristã como um pecado abominável sob o status de imoralidade equiparada a um ato criminoso que fomenta um ódio doentio contra pessoas que transgridem o que chamam de ditadura heterossexista, ou, de acordo com a nomenclatura dada pela Psicologia, “homofobia internalizada” que acaba lhes causando problemas diversos de ordem físico-emocional¹²⁵. Na antiguidade romana, todavia, o único preconceito com relação à homossexualidade tocava à figura da parte passiva no ato sexual porque representante de sua impotência política e, portanto, considerado inferior haja vista o papel da passividade ser desempenhado especificamente por mulheres, escravos ou imberbes, desde que a sexualidade era relacionada ao poder de dominação; na Idade Média, segundo Dieter, o preconceito se dava por meio das “religiões”, que se baseavam no entendimento de que a atividade sexual deveria ocorrer apenas sob o propósito da procriação, não sendo tolerada como fonte de prazer, caracterizando-se a homossexualidade, portanto, como uma transgressão à ordem natural¹²⁶.

É indiscutível que a Igreja tenha sido a mais severa perseguidora dos homossexuais durante a Inquisição. Entretanto, era justamente nos mosteiros e nas sedes militares que se encontravam muitos homossexuais. Naquela época, durante o século XII e XIII, não se falava em homossexualismo, apenas em sodomia, cuja prática era considerada um crime, maior do que o incesto. Sendo que a homossexualidade masculina era mais discriminada do que a feminina, uma vez que havia perda de sêmen. A homossexualidade feminina era considerada mais branda, pois além de não haver perda de sêmen as mulheres não eram muito valorizadas, isto é, não tinham importância. Por essa razão, a homossexualidade feminina era considerada um mero comportamento desregrado em relação aos prazeres do sexo¹²⁷.

Atkinson, até certo ponto, concorda com Spencer ao dizer que, no tocante à humanidade, a natureza nunca deixa de ser tocada pela história, ou seja, a vida do ser humano sempre está à mercê das mudanças socioculturais e sua sexualidade ultrapassa os aspectos biológicos haja vista ela se estender à identidade de gênero que dificulta uma descrição precisa sobre a distinção entre masculino e feminino, e acrescenta:

Para a teologia cristã, que pensa nos seres humanos não apenas como espíritos livres, mas como criaturas corporificadas, a identidade de gênero deve ser fundamentada na sexualidade biológica sem ser reduzida a ela. Distinções rígidas de papéis entre homens e mulheres reduziriam gênero a sexo, interpretando a natureza humana como

¹²⁴ NETO, Arthur Virmond de Lacerda. *História da homossexualidade – parte 1*. 2007. Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2007/10/artigos/historia-homossexualidade-parte-i/>> Acesso em: 07 jun. 2018.

¹²⁵ MOLINA, 2011. p. 950.

¹²⁶ DIETER, 2012. p. 3.

¹²⁷ DIETER, 2012. p. 4.

toda a finitude e sem liberdade. Uma negação de que quaisquer distinções de gênero podem ter uma base inata em nossa sexualidade perderia a base da cultura em biologia, interpretando a natureza humana como toda liberdade e nenhuma finitude. A importância da ‘encarnação’ humana para a reflexão teológica cristã ‘milita contra qualquer’ dualismo novo no qual as formas físicas e as diferenças não têm correspondência com características cognitivas ou afetivas. Argumentos de que os sexos devem, em princípio, ser idênticos em todas as características e capacidades, parecem pressupor que a diferenciação sexual seja meramente acidental em relação a alguma essência humana abstraída das formas físicas nas quais ela invariavelmente deve ser realizada. Resumindo, para homens e mulheres serem iguais, eles não precisam ser idênticos¹²⁸.

Se para Atkinson a sexualidade ultrapassa os aspectos biológicos, para Beauvoir¹²⁹ os dados da biologia, a qual considera ciência abstrata, só podem ser esclarecidos mediante um contexto ontológico, econômico, social e psicológico visto que ela não é suficiente para fornecer respostas sobre a natureza humana, pois essa obedece à segunda natureza chamada costume social em que nem a biologia nem a fisiologia podem criar valores, esclarecendo que o indivíduo neles se pauta e através deles toma consciência de si mesmo e assim ele se valoriza, submetendo-se a tabus e a leis consuetudinárias.

Equivalente à inteligibilidade do posicionamento de Beauvoir, Arana¹³⁰ pontua que para se caracterizar o sexo de uma pessoa há quatro elementos imprescindíveis: o sexo biológico, a identidade biológica, o papel social e a preferência afetiva. O primeiro, evidencia a diferenciação biológica unicamente através da tipificação macho ou fêmea, com exceção dos casos de intersexos; no segundo, a pessoa se afirma como homem ou mulher, independentemente de seu sexo biológico; no terceiro, o papel social do indivíduo está interligado ao modo como foi socializado no período da infância de modo que a educação recebida poderá leva-lo a desempenhar um papel contrário ao seu sexo biológico; e, por fim, o

¹²⁸ ATKINSON, David J., *et al.* New Dictionary of Christian Ethics & Pastoral Theology: *Eleven: Sexuality*. 1995. p. 77. Disponível em: <encurtador.com.br/diqzB>. Acesso em: 13 jun. 2018.

“In human beings, however, nature is never untouched by history, and the sexual differentiation is more than biological. It extends also to gender identity, where the distinction of masculine and feminine may be far more difficult to describe. For Christian theology, which thinks of human beings not simply as free spirits but as embodied creatures, gender identity must be grounded in biological sexuality without being reduced to it. Rigid role distinctions between men and women would reduce gender to sex, construing human nature as all finitude and no freedom. A denial that any gender distinctions may have an innate basis in our sexuality would lose the grounding of culture in biology, construing human nature as all freedom and no finitude. The importance of human ‘embodiedness’ for Christian theological reflection ‘militates against any ‘new dualismo’ in which physical forms and differences have no correspondence with cognitive or affective characteristics. Arguments that the sexes must in principle be identical in all characteristics and capacities seem to presuppose that sexual differentiation is merely accidental in relation to some human essence abstracted from the physical forms in which it invariably must be realized. In short, for men and women to be equal they need not to be identical”.

¹²⁹ BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. 4ª. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1970. p. 55-57.

¹³⁰ ARANA, Julia Borges. Homossexualismo: a identidade psicológica sexual. *Pedagogia ao Pé da Letra*, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/homossexualismo-a-identidade-psicologica-sexual/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

quarto elemento que está relacionado à vida afetiva da pessoa no que tange à sua preferência por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos ou de sexo algum.

2.1.1 *Sexualidade entre pessoas do mesmo sexo na Pré-história*

A homossexualidade era praticada nos rituais tribais pelos primeiros colonizadores da Melanésia aproximadamente dez mil anos atrás. Nesses rituais, os meninos deveriam passar pelo processo iniciático que se configurava pelo contato sexual com homens mais velhos (parte ativa da relação) por meio de inseminação de esperma ou de felação (sexo oral) visto que o sêmen era considerado um líquido sagrado com o potencial de os fortalecer e os levar ao alcance do conhecimento sagrado¹³¹.

A Sociedade Arqueológica Tcheca encontrou em um sítio arqueológico neolítico em Praga o que acredita ser um homossexual datado de aproximadamente 5000 anos atrás haja vista seus restos corresponderem aos de um membro integrante norte-europeu da cultura da cerâmica cordada. Os pesquisadores da referida entidade constataram que o enterro do indivíduo seguia normas que mesclavam tradições masculinas e femininas, pois havia uma tradição nessa cultura em que normalmente os homens eram enterrados sobre o seu lado direito com a cabeça voltada para o lado oeste, juntamente com suas armas, ferramentas, comidas e bebidas; por outro lado, as mulheres normalmente eram enterradas sobre o seu lado esquerdo voltadas para o lado leste, rodeadas de joias e objetos domésticos. Contraditoriamente, o esqueleto foi encontrado sobre o seu lado esquerdo com a cabeça voltada para o lado oeste – traços característicos para os homens e para as mulheres, simultaneamente –, e cercado de vasos – traços característicos para as mulheres. Além disso, os restos mortais indicativos eram de sexo masculino e os objetos escavados na tumba eram atípicos de enterros masculinos:

A arqueóloga Katerina Semradova disse à BBC Brasil que o enterro ‘atípico’ indica que o indivíduo encontrado fazia parte do ‘terceiro sexo’, provavelmente homossexual ou transexual. ‘Trabalhamos com duas hipóteses: a de que o indivíduo poderia ter sido um xamã ou alguém do terceiro ‘terceiro sexo’. Como o conjunto de objetos encontrados enterrados ao redor do esqueleto não corroboravam a hipótese de que fosse um xamã, é mais provável que a segunda explicação seja a correta’, disse Semradova. ‘A partir de conhecimentos históricos e etnológicos, sabemos que os povos neste período levavam muito a sério os rituais funerários, portanto é improvável que esta posição fosse um erro’, disse a coordenadora da pesquisa, Kamila Remisova Vesinova. ‘É mais provável que ele tenha tido uma orientação sexual diferente, provavelmente homossexual ou transexual’.¹³²

¹³¹ SPENCER, 1999, p. 19.

¹³² CIENTISTAS encontram esqueleto do que seria um homossexual de 5 mil anos atrás. *BBC News Brasil*. 2011.

Cappellano recorre à Pré-história e à Teoria da evolução para dar início à sua explicação sobre a origem da homossexualidade. Para ele, se a homossexualidade é hereditária, ou seja, se decorre de fatores genéticos, isso significa que ela é inata à humanidade; assim, sempre existiu, não somente na natureza humana, mas também na natureza animal, como um fator genético inibidor da proliferação dos seres. Destarte, à época todos eram igualmente regidos pelo mecanismo de evolução das espécies conhecido como seleção natural, mas com o advento das primeiras vilas neolíticas, ocorreu uma separação entre homens e mulheres proveniente das novas responsabilidades, respectivamente a caça e a agricultura, que ocasionou uma maior incidência de relacionamentos homossexuais devido aos longos períodos de isolamento entre homens e mulheres, o que também contribuía para que o homem primitivo (designação geral) supervalorizasse seus instintos e, portanto, não se importasse com o que poderia lhe prover a respectiva saciação sexual já que machos e fêmeas eram bissexuais visto que não havia diferenças anatômicas em relação aos sexos. Ademais, não havia penalidade ou discriminação quanto às modalidades sexuais existentes; não havia, igualmente, relações heterossexuais nem monogâmicas o que desvinculava o sexo do compromisso com a reprodução cuja realização se daria através do macho. Aproximadamente em 5.000 a.C., no Oriente Médio, o homem desenvolve a escrita e, com ela, as leis e os códigos de conduta (inclusive sexual).¹³³

Concernente às relações monogâmicas e os tipos de sexualidades abordados por Cappellano, entra em acordo a opinião de Ryan¹³⁴: De fato, onde há um debate sobre a natureza da sexualidade humana inata, as duas únicas alternativas aceitáveis parece ser a de que os humanos evoluíram para serem monogâmicos (M-F) ou políginos (M-FFF+) – com a conclusão de que as mulheres geralmente preferem a antiga configuração enquanto a maioria dos homens optaria pela mais recente. Mas o que acontece com o acasalamento múltiplo, em que a maioria dos machos e fêmeas tem mais de um relacionamento sexual concorrente?

¹³³ CAPPELLANO, Luiz Carlos. *Breve Histórico da Homossexualidade*. 2004. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/lucappellano/breve-historico-da-homossexualidade-humana>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

¹³⁴ RYAN, Christopher, JETHÁ, Cacilda. *Sex at Dawn: How we mate, why we stray, and what it means for modern relationships*. Harper Perennial, 2012. p. 12. “Indeed, where there is debate about the nature of innate human sexuality, the only two acceptable options appear to be that humans evolved to be either monogamous (M–F) or polygynous (M–FFF+) — with the conclusion normally being that women generally prefer the former configuration while most men would opt for the latter. But what about multiple mating, where most males and females have more than one concurrent sexual relationship?”.

2.1.2 *Sexualidade entre pessoas do mesmo sexo na Idade Antiga: Egito, Grécia, Roma*

No mundo antigo, o relacionamento amoroso entre homens era normalmente aceito e reconhecido oficialmente na cultura, ocorrendo entre um adulto e um adolescente em que ambos exerciam respectivamente os papéis de ativo e passivo nas relações sexuais. Culturalmente, as sociedades do referido período entendiam que esse tipo de relacionamento serviria para o jovem alcançar a masculinidade e se adaptar aos costumes correspondentes, acreditando que essas práticas de iniciação ritualística levariam o imberbe à obtenção da fertilidade necessária para fins de procriação. No entanto, muitos desses jovens eram de fato homossexuais apesar de manterem relações sexuais com mulheres a fim de cumprirem com a obrigação da reprodução¹³⁵.

Os babilônicos, por sua vez, não se importavam com a questão da sexualidade em si – se homossexual, heterossexual ou bissexual –, mas com o status social daqueles com quem o cidadão se relacionava e com sua condição de ativo ou passivo (o ativo adquiria proeminência entre os outros de seu meio quando penetrava analmente um indivíduo de status superior ao dele ou do mesmo nível; porém, seduzir um escravo, por exemplo, significava infortúnio visto que um homem adulto submeter-se à relação anal refletia a perda de sua masculinidade¹³⁶). Nesse tipo de relacionamento, o que se valorizava na verdade era o polo ativo da relação sexual porque simbolizava a masculinidade em detrimento da feminilidade que era considerada inferior por se assemelhar à passividade e, por isso, tornar-se socialmente desprezível no que tangia à classe dominante dos machistas. A única exceção a essa discriminação era com relação aos jovens em fase de maturação em direção à masculinidade. Portanto, era de suma importância o papel que o homem desempenhava nessas relações, mas a identidade homossexual como se vê hodiernamente difere daquela que existia nas referidas épocas aqui ressaltadas haja vista o fato de que tudo participava do mesmo nível de sexualidade.¹³⁷

Aqui há uma diferença fundamental entre gregos e romanos: os homens gregos cortejavam os rapazes de seu interesse, com agrados que visavam persuadi-los a reconhecer sua honra e suas boas intenções; entre os romanos o amor por rapazes livres era proibido, uma vez que a sexualidade desse povo estava intimamente ligada à dominação. Assim, era-lhes permitido apenas o amor por rapazes escravos. Essa visão foi bem representada pela frase de Sêneca, o Velho, segundo a qual 'serviços sexuais constituem um crime para os nascidos livres, uma necessidade para os escravos e um dever para os libertos'.¹³⁸

¹³⁵ VECCHIATTI, 2012. p. 74.

¹³⁶ VECCHIATTI, 2012. p. 56.

¹³⁷ VECCHIATTI, 2012. p. 56.

¹³⁸ VECCHIATTI, 2012. p. 58.

No Império Romano, todavia, essa visão de passividade era relativa quando o homem em questão desenvolvia atividades masculinas de prestígio, como a arte da guerra, que compensava sua passividade – i.e., o fato de ele ser passivo era compensado pela sua condição de prestígio visto que a passividade se assemelhava à feminilidade que era considerada inferior. Igualmente, a Grécia Clássica valorizava a sexualidade masculina relacionada ao parceiro sexual ativo, enquanto a conduta do passivo era renegada por se assemelhar à conduta feminina, cuja portadora era considerada legalmente como “cidadã de segunda classe”, e não por menosprezar o amor homoafetivo.¹³⁹ Conclui-se, portanto, que o machismo originou a homofobia que alimenta o preconceito e a discriminação contra homossexuais. No entanto, homens como Júlio César eram respeitados por suas atitudes; por exemplo, as manifestas em campos de batalha que levavam pessoas a não cogitarem sobre sua sexualidade¹⁴⁰.

2.1.2.1 Antigo Egito

No Egito antigo, a relação entre dois homens não era reconhecida formal e institucionalmente devido ao fator inconveniente da esterilidade de modo que a constituição de uma família era uma exigência social primordial e se impunha à vontade do indivíduo. Havia, portanto, uma valorização quanto à interação entre um homem e uma mulher pelo fato de estabelecer a força regeneradora do universo, em contraste com a homossexualidade que negava o potencial de gerar vida, sendo tida por insatisfatória pelo desperdício de sêmen e incapacidade de gerar descendência¹⁴¹. Parece não haver muito consenso deste parecer com o de Vecchiatti que declara comum a homoafetividade no Egito antigo independentemente de a sociedade ser favorável ou não às relações amorosas entre homens que muitas vezes se manifestava de maneira pseudobissexual, o que era costumeiro naquela época¹⁴². A afetividade entre pessoas do mesmo gênero é mais antiga que a Bíblia¹⁴³, e os egípcios tinham por norma o entendimento de que tudo o que não era proibido era permitido o que lhes conferia autoridade para atuarem eroticamente, incluindo a manipulação do pênis por outras pessoas de ambos os sexos, sem

¹³⁹ VECCHIATTI, 2012. p. 58.

¹⁴⁰ VECCHIATTI, 2012. p. 58-59.

¹⁴¹ BRANCAGLION JR., Antonio. Homossexualidade no Egito Antigo. *Métis: história&Cultura*. v. 10, n. 20, jul./dez.2011. p. 69-79. p. 76.

¹⁴² VECCHIATTI, p. 76.

¹⁴³ CÉSAR, Marília de Camargo. *Entre a cruz e o arco-íris: a completa relação dos cristãos com a homoafetividade*. Belo Horizonte: Editora Gutenberg. 2013. p. 32.

quaisquer condenações ou restrições, diferentemente do que prescrevia a regra judaica nesta acepção. A prostituição sagrada era uma questão de fé e orgulho, não havendo preocupação moral contra ela, sendo muitos de seus atores prostitutos masculinos, homossexuais e travestis:

A Prostituição de Culto, envolvendo atos heterossexuais e homossexuais, foi encontrada ao longo de toda a antiga história do Oriente Próximo. William Naphy observa como prostitutos masculinos e prostitutas femininas tiveram relações sexuais com adoradores masculinos em santuários e templos na antiga *Mesopotâmia* (...) Norman Sussman explica que prostitutos masculinos e femininas, servindo temporariamente ou permanentemente e realizando atividades sexuais heterossexuais, homossexuais, orais genitais, bestiais e outras, dispensavam seus favores [sexuais] em favor do templo. A prostituta e o cliente agiam como suplentes para as divindades, representando tanto a fertilidade quanto a sexualidade em um sentido erótico.¹⁴⁴

Brancaglioni aponta as dificuldades encontradas concernentes às pesquisas envolvendo o tema da homossexualidade referente ao Egito antigo: somente há evidências materiais e textuais sobre homossexualidade envolvendo pessoas de status elevado; há uma contaminação interpretativa que contempla mais uma aproximação dos egípcios com a cultura greco-romana do que com o mundo oriental e africano; o próprio termo “homossexualidade” (ou homoerostismo) que não era vigente naquela época e seu emprego hodierno provoca interferência de valores atuais conjuntamente com interpretações conflitantes. A fim de facilitar a desconstrução do conflito interpretacional, apresenta três tipos de fontes para esclarecer a homossexualidade¹⁴⁵: a) divinas (mitos e mundo dos mortos) – onde os prazeres da vida terrena se perpetuam, referenciando a prática homossexual ou uma demonstração de poder por imposição de sodomia¹⁴⁶; b) reais – cuja expressão mais absoluta se manifestou na figura do faraó como realeza divina, apesar de não ser considerado infalível, mas humano em sua essência, mas são poucos os exemplos de relações íntimas do rei como ativo nas relações sexuais¹⁴⁷; c) não reais – não fazem referência a deuses nem a reis, mas apresenta máximas interessantes como “Não tenha relações sexuais com um efebo”, podendo significar uma menina, um menino efeminado ou mesmo um travesti. Na realidade, alguns egiptólogos não citam essa passagem em suas traduções como forma de renegar não a homossexualidade em si, mas um comportamento antissocial que seria visto nesse tipo de relação equivalente ao adultério¹⁴⁸. No tocante à esfera da homossexualidade feminina, ela é quase inexistente,

¹⁴⁴ ITTIBEL, Adon. A Homossexualidade no Antigo Oriente Médio e Próximo. *Politerrâneo: O Politeísmo do Mediterrâneo Antigo*: Trad. Bruce L. Gerig. 2017. Disponível em <<http://politerraneo.blogspot.com.br/2017/05/a-homossexualidade-no-antigo-orient.html>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

¹⁴⁵ BRANCAGLIONI JR., 2011. p. 70.

¹⁴⁶ BRANCAGLIONI JR., 2011. p. 71.

¹⁴⁷ BRANCAGLIONI JR., 2011. p. 72-73.

¹⁴⁸ BRANCAGLIONI JR., 2011. p. 69-79.

podendo ser encontrada uma fonte mais confiável no Manual de interpretação de sonhos, escrito em demótico, datado da baixa época. Nele está escrito: “Quando sonhar com sua mulher fazendo sexo com outra mulher é um mau presságio”¹⁴⁹.

2.1.2.2 Antiga Grécia

Na Grécia antiga¹⁵⁰, a pederastia era institucionalizada como em outras culturas, mas, singularmente, enfatizava a transmissão de conhecimento proveniente do relacionamento sexual entre um homem mais velho e outro mais novo a exemplo de seus próprios deuses mitológicos. Como os atenienses eram considerados um povo altamente desenvolvido em termos culturais, era comum que os efebos (adolescentes-aprendizes) servissem sexualmente seus preceptores ou tutores em busca de sabedoria e conhecimento. Diferentemente, em Esparta – onde a homossexualidade caracterizava a supervalorização do universo masculino e era prescrita pelo governo cujas leis a regulavam a ponto de punir o jovem que não tivesse amante ou multá-lo se preferisse um rico a um pobre¹⁵¹ – a ênfase recaía sobre o desenvolvimento militar em detrimento do cultural de modo que as relações sexuais entre homens eram estimuladas dentro do exército espartano a fim de torná-lo mais eficaz. Considerava-se que os relacionamentos homoafetivos no ambiente militar aumentaria o nível de dedicação e empenho dos combatentes em defesa de seus amados em meio às guerras – uma forma de garantir vitórias.

Considere-se o emprego de terminologias diferentes pelos autores citados, por exemplo “efebos” referindo-se a “erômenos”.

O éfebo na posição de erômenos era cortejado pelo erastés e introduzido em práticas eróticas que estavam vinculadas a outras práticas juvenis, tais como a ginástica, a caça, equitação, bem como a prática reflexiva e filosófica. O erastés tinha, portanto, um papel fundamental na formação do jovem, sendo o responsável pela iniciação do jovem no mundo adulto, o que denota a cultura hierárquica grega, bem como o princípio da ancianidade em oposição à juvenilidade (...) Ao jovem na posição de erômenos cabia se submeter a essa relação desigual, porém de modo comedido e com temperança, que eram condições necessárias para a conquista da honra necessária ao status social almejado. O éfebo experimentava um conflito e um incômodo diante dessa experiência que o colocava em uma posição contraditória de ser admirado como objeto passivo a fim de se tornar um sujeito ativo. A posição passiva era própria às mulheres e escravos e era aceitável para o erômenos, mas não para um homem que não aceitasse assumir-se como objeto numa relação de dominação a condição de éfebo na Grécia Antiga, fazia parte de uma ordem social que o punha radicalmente os jovens

¹⁴⁹ BRANCAGLION JR., 2011. p. 75.

¹⁵⁰ VECCHIATTI, 2012, p. 57.

¹⁵¹ VECCHIATTI, 2012, p. 57.

e os velhos, bem como sustentava um universo cultural cujas várias dimensões (sexualidade, organização política e familiar) eram interdependentes entre si.¹⁵²(sic)

Os gregos importavam-se com a pessoa e não com a sua prática sexual desde que essa não se desenvolvesse em forma de prostituição. Os relacionamentos sexuais afetivos deveriam ocorrer entre um homem mais velho (erastes) e um mancebo ou escravos de qualquer idade (erômenos) o que lhes conferia notoriedade e status¹⁵³. Ademais, à homossexualidade masculina foram atribuídas as regras características de rito de passagem, de condição *sine qua non* para a expressão do amor e do prazer – relegando as relações heterossexuais apenas para procriação, e de oportunização para ligações afetivas nos exércitos de modo a incentivar o companheirismo¹⁵⁴.

Em semelhança às circunstâncias ritualísticas na antiga Melanésia, Spencer¹⁵⁵ explana que os meninos de famílias nobres, ao entrarem na adolescência, eram encaminhados aos cuidados de homens mais velhos que eram tidos por sábios e guerreiros e que passariam conhecimento àqueles jovens que passavam a ser conhecidos como “efebos”. Nesse sentido, era-lhes uma honra serem escolhidos por seus “preceptores” que assumiam o papel de mestres porque os preparava para a vida pública. Nesta acepção, os adolescentes eram passivos sexuais de seus educadores. Nota-se, aqui, uma relação sociocomportamental entre os melanésios da pré-história com os gregos no tocante à prática da pederastia que acabava por irromper em relações de homossexualidade.

Neto¹⁵⁶, igualmente, cita esses laços de pederastia (relações sexuais entre um rapaz e um homem mais velho) em Creta antiga como solução para inibir um maior aumento populacional que sobrelevasse o vigente à época, instituindo, portanto, as relações sexuais entre homens o que ocasionou sua difusão pelas demais ilhas gregas, promovendo tendências politicamente libertárias, motivo pelo qual os tiranos se empenharam por sua erradicação. Diferentemente da cultura egípcia, a grega valorizava mais o amor entre homens do que os laços conjugais além de corresponder a uma virtude militar. Em Atenas, o relacionamento pederástico também foi institucionalizado para fins educacionais em que o rapaz (erômenos) era instruído

¹⁵² GOMES, Vinícius Romagnolli Rodrigues. *Adolescentes na contemporaneidade*. Desamparo e laços em meio aos ideais da sociedade de consumo. 1. ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2018. p. 28-29.

¹⁵³ SOUSA, Luana Neres de. *A pederastia em Atenas no período clássico: relendo as obras de Platão e Aristóteles*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás. 2008. 113f. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SOUSA_Luana_Neres_de.pdf>. Acesso em 14 mai. 2018. p. 38.

¹⁵⁴ CAPPELLANO, Luiz Carlos. *A História da Homossexualidade*. Disponível em: <<https://homofobiabasta.wordpress.com/a-historia-da-homossexualidade/>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

¹⁵⁵ SPENCER, 1999. p. 20.

¹⁵⁶ NETO, Arthur Virmond de Lacerda. *História da homossexualidade – parte 2*. 2007. Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2007/10/noticias/historia-homossexualidade-parte-2/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

pelo homem mais velho (erastes) sob aprovação da família do adolescente, sendo a sexualidade um elemento pedagógico acessório. A literatura grega, com mais de um milênio de existência, que focava esses relacionamentos entre homens foi eliminada a partir da cristianização forçada do Império Romano.

Brisolara¹⁵⁷, assim como Neto, cita a implantação da pederastia antiga Creta, por volta de 630 a. C., como recurso para o controle da natalidade de modo que a idade para laços matrimoniais passaria a vigorar para após os trinta anos de idade. Enquanto esse tempo não chegava, a pederastia seguia acontecendo em meio a hábitos diversos como os costumes da nudez atlética nos ginásios, em posterior associação aos banhos termais romanos que também se praticavam por nudação e estimulavam os relacionamentos homossexuais. Ele acrescenta, ainda, outras duas teorias que possam ter cooperado para o surgimento da pederastia: a possibilidade de ter evoluído dos ritos de iniciação à idade adulta dos indo-europeus provenientes das tradições xamanísticas neolíticas; a ótica machista da desvalorização da mulher como ser inferior incapaz de desenvolver uma relação verdadeiramente amorosa com um homem porquanto somente possível se ocorresse entre iguais. Para ele, essas três teorias propostas para explicar o surgimento da pederastia servem igualmente para explicar a origem da homossexualidade masculina, destacando toponimicamente as formas diversas para sua prática: na Beócia, a união entre eles era formal como a vida conjugal; em Atenas, a relação entre eles mantida por meio de presentes; na Jônia, esse tipo de relacionamento era proibido; em Esparta, ocorria todo o processo como acontece convencionalmente em relacionamentos que se iniciam no namoro e chegam ao casamento. Sócrates, Platão e Xenofonte são mencionados como exemplos do poder inspirador do amor entre homens.

2.1.2.3 Antiga Roma

O Império Romano conquistou a Grécia Antiga, mas a cultura desta, por sua vez, influenciou-o poderosamente a ponto de passar a aceitar, sem necessariamente legalizar, o amor entre homens. Contudo, como na Grécia Clássica, era mantido o estatuto de que o homem adulto não atuasse como passivo em uma relação sexual com outro homem; ou seja, o amor entre homens não era condenado, mas tão somente a sexualidade passiva pelo fato de ser considerada como conduta feminina que afastava do homem de sua masculinidade e o equiparava a um

¹⁵⁷ BRISOLARA, Oscar. *Homossexualidade: Relações homoafetivas masculinas na Antiga Grécia – One older man's relationship with a younger man*. 2014. Disponível em: <<http://oscarbrisolara.blogspot.com/2014/01/relacoes-homoafetivas-masculinas-na.html>>. Acesso em 27 jun. 2018.

cidadão de segunda categoria. Não importava com quem os relacionamentos se davam, mas o que se fazia sexualmente¹⁵⁸.

Assim como os gregos influenciaram os romanos, as diversas culturas parecem ter o mesmo potencial influenciador umas sobre as outras de modo que delas se acercam e se tornam aceitáveis certos costumes, como destacam Moreira e Madrid acerca da Índia e da China, por exemplo, cujos respectivos deuses e imperadores exerceram forte influência sobre o seu povo no tocante à homossexualidade:

Não só nestas duas grandes civilizações, Grécia Antiga e Roma, que se verificavam as relações homossexuais de forma natural, o mesmo também ocorria no Oriente. Na Índia, que em razão dos deuses serem afetiva e sexualmente bissexuais, já que existiam deuses hermafroditas, travestidas e outras que mudavam de sexo, que acabou por influenciar a população no mesmo sentido. Para os indianos, o sexo não era visto somente para procriação, mas para a obtenção de prazer e poder, de tal forma que a relação entre semelhantes era natural, pois nesta relação eles estavam em busca do prazer, sendo que este prazer estava mais ligado ao misticismo, pois com o orgasmos seria possível compreender os enigmas de seus deus (sic). (...) Na China também se verifica que as relações homossexuais eram tratadas de forma natural. A homossexualidade era influenciada por seus imperadores, sendo que cada imperador tinha inúmeros 'favoritos', sendo que havia uma grande disputa na corte para se tornar um favorito, já que em consequência da relação do imperador com o seu favorito, este era favorecido com riqueza e prestígio. O mesmo ocorria no Japão, que não tem uma visão pecaminosa das relações homossexuais.¹⁵⁹

Os romanos supervalorizavam a virilidade masculina e entendiam que ser viril era o mesmo que ser um dominador agressivo capaz de dar prazer àqueles que se lhes submetiam sexualmente como súcubos.¹⁶⁰

Em Roma, admitia-se a penetração do cidadão romano em um adolescente, um escravo ou um prostituto, porém não a posição de súcubo do primeiro após cerca de 19 anos, até que a influência grega liberalizou os costumes romanos. Suetônio, na sua biografia dois imperadores romanos, a ponta aliás as atividades sexuais, que esse dia um às conjugais e que é permitir a conclusão de que, entre os romanos, admitia-se o papel ativo e censurava-se o passivo. Havia em Roma várias designações pejorativas do passivo, sendo mais usuais as de cinedus e de catamito. Do cristianismo provem uma alteração das mentalidades e os critérios intelectuais da condenação, crescente da homossexualidade e de qualquer atividade sexual estéril. Ele formulou quatro opiniões: 1ª. – a de que a homossexualidade se ligava ao comportamento de certos animais, reputados como impuros, a saber, a lebre, a hiena, a doninha; 2ª. –a de que a homossexualidade se relacionava com o politeísmo, com o qual o cristianismo antagonizava; 3ª. –a de que a sexualidade natural corresponde a destinada a reprodução e de que a homossexualidade era anormal no sentido de infrequente; 4ª. – a de que o papel de súcubo era vergonhoso.¹⁶¹

¹⁵⁸ VECCHIATTI, 2012. p. 58.

¹⁵⁹ MOREIRA FILHO, Francisco Carlos. MADRID, Daniela Martins. A Homossexualidade e a sua história. *Revistas Científicas Eletrônicas da Toledo Presidente Prudente Centro Universitário*. ETIC – Encontro de Iniciação Científica, vol. 4, n. 4, 2009. p. 6.

¹⁶⁰ VECCHIATTI, 2012. p. 57.

¹⁶¹ NETO, 2007.

Os romanos da antiguidade tinham por característica no ato homossexual o ter prazer de modo viril ou dar prazer de modo servil¹⁶², ou seja, respectivamente, um ativo e um passivo na relação homossexual; o passivo, no entanto, normalmente o escravo ou o imberbe, era considerado inviril, o que não correspondia ao caráter de um cidadão romano. Ser ativo ou passivo, sem ser invertido, nas relações homossexuais não era desvio ou erro, mas motivo de vanglórias – respectivamente, a satisfação da virilidade e a satisfação pela sujeição. Tudo isso se insere em estatutos e regras sociomorais, princípios éticos e morais, que deveriam ser seguidas cabalmente a fim de que qualquer ato de desobediência não levasse o infrator a penas até mesmo fatais. No tocante à esfera religiosa, não se condenavam aqueles que se relacionavam sexualmente com pessoas do mesmo sexo contanto que sendo cidadão romano mantivesse sua virilidade e dominação¹⁶³ correspondente sobre o passivo da relação. Diferentemente da sociedade grega¹⁶⁴, a romana valorizou a mulher independentemente de sua posição ou condição devido à mitologicidade que pairava em Roma. Isto com base nos dados da Antiguidade sobre a loba que amamentou Romulo e Remo, mas na verdade, não era uma loba, e sim uma mulher chamada Lupa (loba) que se prostituía com os pastores, e recebeu este apelido porque as características do animal como odor, obscenidade e rapacidade se assemelhavam às prostitutas. A mulher chegou mesmo a receber status de cidadã romana gozando plenamente dos respectivos direitos.

Em épocas remotas, a homossexualidade tinha caráter pedagógico¹⁶⁵ no sentido do estreitamento das relações afetivas e intelectuais entre os filósofos e seus aprendizes com o consentimento dos pais. Havia, portanto, o pederasta (tutor) e seu pupilo de modo que o primeiro não poderia assumir uma postura de passividade, atuando apenas como o ativo da relação sexual que, além disso, não se pautava em afeições, mas tão somente era movido pelo instinto do prazer, o que não configurava infâmia respeitante às sacralidades tampouco à sociedade.

¹⁶² CHAVES, Helton Gomes. *O amor entre homens no Império Romano e suas representações de poder*. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(22\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(22).pdf)>. Acesso em: 14 mai. 2018.

¹⁶³ BETING, Graziella. *História Viva: Antiguidade de A a Z*. vol. 1. Rio de Janeiro: Duetto, 2009. p. 22.

¹⁶⁴ CAPPELLANO, Luiz Carlos. *A História da Homossexualidade*. Disponível em: <<https://homofobiabasta.wordpress.com/a-historia-da-homossexualidade/>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

¹⁶⁵ CORINO, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia Antiga – Homossexualidade e Bissexualidade, Mitos e Verdades. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*. Rio Grande, 19: 19-24, 2006. p. 19.

Cecarello¹⁶⁶, no entanto, objeta contra esse entendimento que se tem acerca do relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, em épocas remotas da antiguidade, principalmente entre um homem mais idoso e um jovem, no sentido pedagógico:

A homossexualidade existe desde os primórdios da história da humanidade, ainda que em nenhuma época, sociedade ou cultura tenha sido prática sexual predominante. Entre os romanos, era costume efetivo. Entre os gregos, entretanto, é controversa a tese de que eles incentivassem a relação dos homens mais velhos (e sábios) com os jovens, para lhes transmitir ensinamentos de toda sorte. A tendência também parece ter influenciado os persas, mas se contrapôs à cultura judaica, que valorizava a heterossexualidade em nome da procriação. Os costumes judaicos se transmitiram aos cristãos, que, por sua vez, passaram a incentivar, acima de qualquer prática sexual, a castidade.

Ribeiro, por sua vez, concorda com Cecarello quanto ao costume romano, acrescentando que,

Em Roma, aceitava-se naturalmente que um cidadão tivesse relações sexuais com um escravo. Entretanto, não poderia quebrar a hierarquia e o papel ativo, que o cidadão deveria ter sempre. Não se admitia que ele tivesse um papel passivo, não estava de acordo com as regras sociais. Era uma postura alterada e artificial. E esse escravo não poderia ter pelos no corpo, ou seja, deveria estar ainda na puberdade. O crescimento dos pelos dava a ele um status de homem o que o desclassificava como amante do senhor. Em uma sociedade escravagista, o amo exercia seu direito de ser o dono e senhor do escravo, que por sua vez se submetia diante dos desejos dele¹⁶⁷.

2.1.3 *Sexualidade entre pessoas do mesmo sexo na Idade Média*

Na Idade Média, a Igreja Católica Apostólica Romana só via o ato sexual como moralmente aceitável quando realizado dentro do casamento, além de servir unicamente para procriação. Assim, condenava todo e qualquer ato sexual que não se conformasse com seus dogmas arbitrários e preconceituosos.¹⁶⁸ Neste sentido, reprovava a homossexualidade, e tal reprovação se intensificou no século XII, quando, pelo Concílio de Latrão (1179 d.C.), padres homossexuais perderiam a sua condição clerical, sendo confinados em mosteiros pelo resto da vida, e os leigos seriam excomungados. Essa legislação religiosa se secularizou de modo que os sodomitas passaram a ser punidos com a morte, em Siena, por exemplo, além de lhes ser atribuída a culpa pela epidemia conhecida como Peste Negra, que assolou a Europa em 1350,

¹⁶⁶ CECARELLO, Carla. *Sexualmente*: Nós queremos discutir a relação. 1ª ed. São Paulo: Biblioteca 24horas. 2011. p. 81.

¹⁶⁷ RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A sexualidade também tem história: comportamento e atitudes sexuais através dos tempos. In.: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; MAIA, Ari Fernando (Org). *Sexualidade e infância*. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005. p. 17-32.

¹⁶⁸ VECCHIATTI, 2012. p. 73-74.

sendo considerada uma punição divina devido à imoralidade sexual manifestada por prostitutas e homossexuais que eram tomados como bodes expiatórios. No século XV, a homossexualidade foi considerada como prática estéril tanto clericalmente quanto na sociedade europeia.¹⁶⁹

2.1.4 *Homossexualidade na Idade Moderna*

O período iluminista, “século da filosofia”¹⁷⁰ ou “século das luzes” (séc. XVIII), traz consigo o poder da razão¹⁷¹ e cujas ideias sobrepujaram o poderio da Igreja e dos governos, acarretando mudanças políticas como a expansão de direitos civis que contribuíram para o surgimento de ideias liberais como a liberdade religiosa, liberdade de expressão, igualdade de gênero, liberdade de comportamento (sexual), estado laico, etc., que abrigavam a tolerância como princípio básico, dando início à valorização da ciência e sua linguagem em detrimento do discurso religioso de modo que o homossexual deixava de ser pecador para ser doente mental¹⁷² que necessitava de tratamento – um novo modelo de perseguição ao homossexualismo, termo¹⁷³ este que em 1974 foi substituído pelo termo homossexualidade a fim de descaracterizá-lo como uma patologia haja vista a homossexualidade ser considerada uma variação natural da expressão sexual normal do ser humano e não possuir aspectos psicopatológicos.¹⁷⁴

No século XIX, a partir da laicidade do Estado, a homossexualidade sofre a transição de pecado para doença visto que se consideravam homossexuais propensos à depressão, o que se explicava pela maneira homofóbica como a sociedade os tratava, apesar de as regras estipuladas pela Igreja terem começado a sucumbir. O afeto passou a ser valorizado em detrimento de conceitos sobre carnalidades e a orientação sexual deixou de ser vista como crime, passando a ser um direito.¹⁷⁵ No período chamado de pós-modernidade que se iniciou a partir da segunda metade do séc. XX, surge uma visão humanista que concentra o respeito às diferenças, às diversas modalidades de composição de famílias, mas trazendo algumas

¹⁶⁹ NETO, Arthur Virmond de Lacerda. *História da homossexualidade*. Parte 3. 2007. Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2007/11/para-pensar/historia-homossexualidade-parte-3/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

¹⁷⁰ LIMA, Flávio Campos de. *A Falência da Razão*. Dissertação para Mestrado em Filosofia/PUC-SP. São Paulo: 2015. p. 14.

¹⁷¹ LIMA, 2015. p. 13.

¹⁷² CAPPELLANO, 2004.

¹⁷³ DIETER, 2012. p. 6.

¹⁷⁴ BARBERO, Graciela Haydée. A despatologização da orientação sexual: o papel da resolução 01/99 e o enfrentamento da homofobia. *Conselho Regional de Psicologia SP*. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_despatologizacao.aspx>. Acesso em: 17 mai. 2018.

¹⁷⁵ DIETER, 2012. p. 6.

conotações de negatividade com relação às questões envolvendo a homossexualidade como inúmeros casos de agressão física, falta de respeito, preconceitos, etc., que refletem ações inaceitáveis no tocante ao senso de humanidade. Por isso, movimentos de liberação sexual começaram a alçar a sua voz, trazendo à tona o emprego de palavras e frases inglesas como “gay” e “to get out of the closet” que, respectivamente significam identificação de “homossexual masculino ou feminino” e “sair do armário”.¹⁷⁶ Destarte, os homossexuais partiram para uma batalha incessante em busca do reconhecimento de seus direitos assim como o respeito que exigem para com seus sentimentos e valorização identitária¹⁷⁷. Um homossexual identitário é alguém que considera que o fato de ter desejo e/ou manter relações sexuais e/ou amorosas com pessoas do mesmo sexo define em maior ou menor grau a sua própria identidade. Esse reconhecimento é, em princípio, perante si mesmo e pode ser assumido publicamente ou não e em níveis diferentes¹⁷⁸.

Contrariamente a “sair do armário”, Pecheny¹⁷⁹ usa a expressão “por dentro do armário” para classificar as pessoas homossexuais como “discretas” conforme as hipóteses de a homossexualidade constituir um segredo fundamental da identidade e das relações pessoais dos indivíduos homossexuais, e, dado este segredo, os laços de sociabilidade se estruturarem segundo três mundos definidos em função do conhecimento do segredo – daqueles que não sabem de nada, daqueles que estão atualizados e dos pares do mundo homossexual. Em geral, a homossexualidade não é evidente aos olhos dos outros já que pode se ocultar com relativa facilidade além de, a princípio, não ser compartilhada pelo núcleo de socialização primária como família, amigos, etc.; no caso da não-evidência, os indivíduos manipulam a informação

¹⁷⁶ DIETER, 2012. p. 5-6.

¹⁷⁷ DIETER, 2012. p. 5-6.

¹⁷⁸ RIOS, Luís Felipe, *et al. Homossexualidade: Produção Cultural, Cidadania e Saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 17. “Un individuo homosexual ‘identitario’ es alguien que considera que el hecho de tener deseo y/o mantener relaciones sexuales y/o amorosas con personas del mismo sexo define en mayor o menor medida su propia identidad. Este reconocimiento es en principio ante sí mismo y puede ser asumido públicamente o no, y en distintos niveles”.

¹⁷⁹ PECHENY, Mario. Por dentro do armário: *Identidades Discretas*. In: Homossexualidade: Produção Cultural, Cidadania e Saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 16; 18. “Las personas homosexuales, cuyas identidades – insinuamos aquí – pueden ser calificadas de ‘discretas’ 1) La homosexualidad constituye un secreto fundante de la identidad y las relaciones personales de los individuos homosexuales. 2) Dado este secreto, los lazos de sociabilidad se estructuran según tres mundos definidos em función del conocimiento del secreto: el de aquellos que no saben nada, el de aquellos que están al corriente y el de los pares del mundo homosexual. (...) En general, la homosexualidad no es evidente ante los ojos de los demás, ya que se puede ocultar con relativa facilidad; por el otro, en principio no es compartida por el núcleo de socialización primaria, formado por la familia, amigos de la infancia etc. la no-evidencia, permite a los individuos manejar la información acerca de su sexualidad. (...) En un contexto de discriminación de la homosexualidad, la capacidad de simular constituye un recurso de protección. La no-comunidad de destino con su núcleo primero de socialización, plantea un problema particular a dos individuos homosexuales. (...) vive esta situación con angustia o temor, no solo es raro que encuentre apoyo en su núcleo familiar y amistoso, sino que la angustia o el temor residen justamente en el eventual rechazo que pudiere surgir de ese entorno primario de otros significativos”.

acerca de sua sexualidade, simulando-a, o que concorre para se tornar um recurso de proteção, enquanto no caso da não-comunidade de destino com o núcleo de socialização ocorre um problema particular para os homossexuais haja vista nem sempre poderem contar com o apoio de familiares ou amigos de modo que passa a viver sob medo e tensão em face de possíveis discriminações e preconceitos.

Para quem se encontra dentro do “armário da sexualidade”, além de escolher permanecer dentro dele ou sair dele, existe, ainda, outra possibilidade: encontrar uma brecha nele – sob a ótica de Musskopf, cuja obra ele intitula “Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay” –, por meio da qual se está construindo¹⁸⁰ uma teologia própria com um “olhar teológico gay” que possibilite a aquisição de uma cidadania teológica e religiosa que pode romper com as portas que trancafiam homens e mulheres marginalizados, excluídos e oprimidos, por não se identificarem com o padrão heterossexual, e relegam a sua homossexualidade ao território do não-dito, pertinente à política *don't ask, don't tell*¹⁸¹, onde ela não é vista, e à inacessibilidade de informações que auxiliariam no processo de construção da identidade. Nesse entendimento, Musskopf conjectura sobre a possibilidade de se inverter uma pergunta frequente, qual seja “O que a Bíblia diz sobre homossexualidade?” por “O que homossexuais têm a dizer sobre a Bíblia?”, assumindo, dessa forma, a realidade vivida por homossexuais como ponto de partida¹⁸².

O Pai da Sexologia, da revolução sexual dos anos 60, Alfred Charles Kinsey, ao classificar a sexualidade humana, retirou o rótulo tradicional do machismo que imperava nas sociedades com base no argumento de que a sexualidade não é estática ou imutável, e, portanto, não é uma regra. Destarte, sua pesquisa bastante exaustiva sobre o tema o levou ao entendimento acerca dos padrões sexuais:

heterossexual exclusivo; heterossexual ocasionalmente homossexual; heterossexual mais do que ocasionalmente homossexual; igualmente heterossexual e homossexual (bissexual); homossexual mais do que ocasionalmente heterossexual; homossexual ocasionalmente heterossexual; homossexual exclusivo; indiferente sexualmente.

Seus relatórios serviram como embasamento científico para a retirada da homossexualidade da lista de desordens mentais da Associação Americana de Psiquiatria em

¹⁸⁰ MUSSKOPF, 2005. p. 13; 17-8.

¹⁸¹ MUSSKOPF, 2005. p. 14.

¹⁸² MUSSKOPF, André Sidnei. “Uma brecha no armário” para entender a diversidade. São Leopoldo-RS, 2016. *Entrevista concedida ao CEBI* (Centro de Estudos Bíblicos).

1973 e do Código Internacional de Doenças, CID, da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1986.¹⁸³

Em concordância com a proposição de Kinsey acerca da não-estaticidade ou mutabilidade da sexualidade, Musskopf pontua o final do século XVIII e o século XIX como o período na história da sexualidade humana que rompeu com a ideia de que

a sexualidade humana é algo fixo e homogêneo, revelando a inexistência de um padrão de vivência sexual que pudesse ser identificado transversalmente na história e, assim, definido como melhor, superior ou ideal. (...) A teoria *queer* teve sua gênese no final dos anos 80 e inícios dos anos 90 de maneira precursora na academia norte-americana. Teóricos/as da sexualidade passaram a apropriar-se da reflexão de filósofos pós-estruturalistas, inaugurando esta nova teoria. Assim, os estudos *queer*, à semelhança dos estudos gays e lésbicos, têm sua origem nos movimentos de libertação e lutas por direitos humanos para pessoas marginalizadas por causa de sua experiência sexual fora dos parâmetros heteronormativos. Grupos como ACT UP e *Queer Nation* foram o contexto onde brotaram as reivindicações daqueles e daquelas que não se enquadravam nas recém-criadas categorias 'gay' e 'lésbica'.¹⁸⁴

Em matéria de terminologia, Musskopf entende que termos como “homossexual”, “gay” e “lésbica” são por demais limitadas para descreverem a diversidade de identidades sexuais existentes. Na verdade, ele julga que é num contexto heterocêntrico que se percebe erroneamente uma identidade sexual, ou seja, para conceber a noção de homossexualidade é mister que ela esteja inserida num contexto onde haja heterossexualidade como padrão de vivência da sexualidade humana, o que implica sua falta de originalidade nessa área. A fim de solucionar essa questão, ele sugere a Teoria *Queer* cuja proposta é justamente romper com a oposição dualística homossexualidade vs. heterossexualidade de modo a desestabilizar estruturas sociais heterocêntricas construídas a partir de padrões heterossexuais.¹⁸⁵

O exemplo de construção de sexo, gênero e sexualidade descrito no início deste texto apresenta uma pessoa que nasceu com características físico-biológicas femininas, fez cirurgia de adaptação de sexo e se identifica como um homem gay. Dentro de uma perspectiva heterocêntrica poder-se-ia inferir que, se esta pessoa sentia atração erótico-sexual por outros homens, melhor se permanecesse com uma construção físico-biológica feminina. Isto também evidencia o fato de que até a linguagem, por heterocêntrica, é limitada para expressar esta realidade. Neste caso, no entanto, sexo, gênero e sexualidade se misturam de uma maneira surpreendente para quem está acostumado a um padrão único de relação entre estes aspectos da vida humana e exigem novas formulações. Pois, quando sexo, gênero e sexualidade se encontram, as possibilidades são múltiplas.¹⁸⁶

¹⁸³ REDAÇÃO LADO A. O Relatório Kinsey. *Revista Lado A*. 2006. Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2006/08/comportamento/relatorio-kinsey/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

¹⁸⁴ MUSSKOPF, 2005. p. 20.

¹⁸⁵ MUSSKOPF, André Sidnei. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram. Gênero: Da Desigualdade à Emancipação? Ano 3 - Nº 8. Abril de 2008. *Publicação Virtual de Koinonia*. p. 2.

¹⁸⁶ MUSSKOPF, 2008. p. 3-4.

Ele salienta, ainda, que o médico húngaro Karl Maria Kertbeny cunhou o termo “homossexualismo” para tratar de uma inversão sexual, uma doença que poderia ser curada, tendo sido adotado pela medicina higienista brasileira no século XX. Ademais, a questão da homossexualidade enfrentava um ambiente hostil de rígida moralidade sexual e era colocada à margem de determinados textos bíblicos aistoricamente ligados ao tema.¹⁸⁷

Em conformidade com Musskopf, Butler diz que a força do termo *queer* deriva justamente da repetida invocação a partir do laço social heterossexualizado que o submeteu à acusação, patologização e insulto, provenientes de comunidades homofóbicas. Ele defende a presunção de que o ato pelo qual um termo autoriza ou desautoriza um conjunto de relações sociais ou sexuais é, inevitavelmente, uma repetição. Todavia, para que um termo ou afirmação funcione de modo performativo é necessário que haja uma historicidade de força cumulativa e abrangência de significados.¹⁸⁸

Segundo Vecchiatti, tão somente o que pode ser criticado no Relatório Kinsey¹⁸⁹ é o método que ele empregou para classificar as pessoas como homo, hétero ou bissexuais, visto que se baseou no ato sexual, e não no desejo sexual. Ele entende que para além do mero ato sexual reside uma genuína atração amorosa e sexual entre as pessoas do mesmo sexo de modo que uma única relação sexual com alguém do mesmo sexo já é fator indicativo de pessoa “incidentalmente homossexual”, i. e., bissexual:

O grande marco deste século foi, certamente, o famoso Relatório Kinsey, de 1945. Nele, Alfred Kinsey, em uma pesquisa inédita, estudou o comportamento sexual do macho humano (em seguida, fez um estudo similar voltado às mulheres), onde classificou o homem como ‘heterossexual exclusivo’, ‘incidentalmente homossexual’, ‘mais do que incidentalmente homossexual’, ‘igualmente hétero ou homossexual’, ‘mais do que incidentalmente heterossexual’,

¹⁸⁷ MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU em Formação. Teologia Pública*. Ano 2. Nº 8. 2006. p. 117.

¹⁸⁸ BUTLER, Judith. *Bodies that matter: Queer trouble*. New York: Routledge, 1993. “Queer” derives its force precisely through the repeated invocation by which it has become linked to accusation, pathologization, insult. This is an invocation by which a social bond among homophobic communities is formed through time (...) the heterosexualization of the social bond. (...) “And the ‘act’ by which a name authorizes or deauthorizes a set of social or sexual relations is, of necessity, a repetition. In this sense, no term or statement can function performatively without the accumulating and dissimulating historicity of force”. p. 226-227.

¹⁸⁹ SENA, Tito. *Os Relatórios Kinsey: práticas sexuais, estatísticas e processos de normali(ti)zação*. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010. “O biólogo Alfred Charles Kinsey (1894-1956) elaborou um estudo entre 1938 e 1953, envolvendo a significativa participação de 11.240 indivíduos (5.300 homens e 5.940 mulheres) resultando na publicação de dois livros: *Sexual Behavior in the Human Male* (Philadelphia, PA: W.B. Saunders) em 1948 nos Estados Unidos e Inglaterra; e *Sexual Behavior in the Human Female* (Philadelphia, PA: W.B Saunders) em 1953. A principal característica dos relatórios Kinsey foi a obtenção de informações trabalhadas estatisticamente. De acordo com dados no site do Instituto Kinsey (www.kinseyinstitute.org), entre 1938 e 1963, ano de encerramento do projeto original, haviam sido registradas 18.216 entrevistas. O método de coleta de dados de Kinsey foi entrevista pessoal, presencial, realizada frente a frente, sendo os dados registrados mantidos confidenciais através de codificação. Os interrogatórios duravam entre uma hora e duas horas, dependendo da disposição do informante e do número de questões, que não eram fixas, variando entre o mínimo de 300 até 500 ou mais perguntas”.

‘incidentalmente heterossexual’ e ‘homossexual exclusivo’ (além de ‘indiferente sexualmente’).¹⁹⁰

Hauser em sua tese, tratando sobre sexualidade, neurastenia e a lei – uma biografia do psiquiatra germânico-austríaco Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) – relata que Krafft-Ebing foi tocado pelas histórias que leu e de 1890 em diante passou a falar sobre os homossexuais como “companheiros altamente infelizes, os verdadeiros enteados da natureza” chamando isso de seu “objetivo para melhorar o destino deles”¹⁹¹, o que certamente o fez pioneiro na classificação das desordens sexuais em sua obra *Psychopathia Sexualis – Psicopatia do Sexo* – (1886)¹⁹².

As próximas páginas são direcionadas a pesquisadores sérios no campo das ciências naturais e da jurisprudência. A fim de que amadores não se tornassem leitores, o autor se viu obrigado a escolher um título que pudesse ser compreendido apenas por especialistas, e também, sempre que possível, expressar-se por meio de termos técnicos rebuscados do Latim.¹⁹³

Psychopathia Sexualis é um livro de referência forense para psiquiatras, médicos e juízes. Foi um dos primeiros livros sobre práticas sexuais a estudar homossexualidade/bissexualidade. Apresentou a importância do estado mental de criminosos sexuais em decisões judiciais acerca de seus crimes. Em sua época, tornou-se a principal autoridade textual médico-legal em patologia sexual. Sua primeira edição apresentou quatro categorias daquilo que Krafft-Ebing chamou de “neuroses cerebrais” – paradoxia, anestesia, hyperesthesia, paraesthesia, que, respectivamente, significam: desejo sexual em um período errado na vida; desejo sexual insuficiente; desejo sexual excessivo; desejo sexual mal direcionado (por exemplo, homossexualidade/bissexualidade, fetichismo sexual, sadismo, masoquismo e pedofilia).¹⁹⁴

¹⁹⁰ VECCHIATTI, 2012. p. 81.

¹⁹¹ HAUSER, Renate Irene. *Sexuality, neurasthenia and the law: Richard von Krafft-Ebing (1840 - 1902)*. Thesis submitted for the degree of PhD at University College, University of London. 1992. Tese. p. 225.

¹⁹² HAUSER, 1992. p. 10.

¹⁹³ KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis. Preface to the First Edition*. Publicação original: Philadelphia, The F. A. Davis Company, Publishers. London: F. J. Rebman. 1894. Forgotten Books, 2012. “The following pages are addressed to earnest investigators in the domain of natural science and jurisprudence. In order that unqualified persons should not become readers, the author saw himself compelled to choose a title understood only by the learned, and also, where possible, to express himself in *terminis technicis*. It seemed necessary also to give certain particularly revolting portions in Latin”.

¹⁹⁴ KRAFFT-EBING, 2012. “*Psychopathia Sexualis* is a forensic reference book for psychiatrists, physicians, and judges. *Psychopathia Sexualis* was one of the first books about sexual practices that studied homosexuality/bisexuality. It proposed consideration of the mental state of sex criminals in legal judgements of their crimes. During its time, it became the leading medico-legal textual authority on sexual pathology. The first edition of *Psychopathia Sexualis* (1886) presented four categories of what Krafft-Ebing called ‘cerebral neuroses’: paradoxia - sexual desire at the wrong time of life anesthesia — insufficient sexual desire hyperesthesia – excessive sexual desire paraesthesia – misdirected sexual desire (e.g., homosexuality/bisexuality, sexual fetishism, sadism,

Krafft-Ebing¹⁹⁵ diz que o estudo do sentimento sexual contrário aponta diretamente para anomalias da organização cerebral dos indivíduos afetados. E pontua a teoria de que, os indivíduos têm cérebro feminino e glândulas sexuais masculinas; e, ainda, que as condições patológicas do cérebro determinam a vida sexual, enquanto normalmente os órgãos sexuais determinam as funções sexuais do cérebro.

Hauser, por sua vez, explica que o primeiro passo para definir certos tipos de comportamento sexual como enfermidades

consistiu em estabelecer quatro categorias principais: falta de desejo sexual, desejo sexual patologicamente aumentado, desejo sexual que ocorre fora do período de vida esperado (em crianças ou idosos), e, por fim, uma perversão do impulso sexual, ou seja: a) um tipo pervertido de satisfação sexual ou b) sentimento sexual contrário (isto é, o objeto era perverso). Dentro da categoria de sentimentos sexuais contrários, dois grupos foram distinguidos: aqueles que adquiriram a condição e aqueles em quem ela era inata; o posterior foi mais importante e representou 213 de todos os pacientes.¹⁹⁶

Em contrapartida, o pioneiro sexólogo Havelock Ellis, ao publicar seu marco “Sexual Inversion” em 1897, definiu a inversão sexual congênita como “instinto sexual transformado por anormalidade constitucional congênita em relação a pessoas do mesmo sexo”. Todavia, em 1905, Freud pressupôs em seus Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade que a bissexualidade era inata de todos os seres humanos, teorizando a sexualidade mais como impulso indisciplinado necessitando de canalização do que uma essência ou natureza; o gênero era submisso ao desejo sexual, privilegiando a sexualidade em detrimento do gênero que eventualmente os separaria quase totalmente e levaria os ativistas homossexuais e lésbicas de meados do século a apelar pelo fim dos estereótipos de homens gays como efeminados e lésbicas como masculinas.¹⁹⁷

masochism, and pedophilia)”. 2013. Disponível em: <<https://archive.org/details/PsychopathiaSexualis1000006945/page/n21>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

¹⁹⁵ KRAFFT-EBING, 2012. p. 226. “The study of contrary sexual feeling points directly to anomalies of the cerebral organization of the affected individuals. The individuals have a female brain and male sexual glands; and, further, that pathological brain conditions determine the sexual life, while normally the sexual organs determine the sexual functions of the brain”.

¹⁹⁶ HAUSER, 1992. p. 220 “The creation of disease categories The first step towards defining certain kinds of sexual behavior as illnesses consisted in establishing four major categories: lack of sexual drive, pathologically increased sexual drive, sexual drive occurring outside of the expected life period (in children or old people) and, lastly, a perversion of the sexual drive i.e. either a) a perverted kind of sexual satisfaction or b) contrary sexual feeling (that is the object was perverse). Within the category of contrary sexual feelings two groups were distinguished: those who had acquired the condition and those in whom it was inborn; the later was more important and accounted for 213 of all patients”.

¹⁹⁷ GALE, Thomson. The Encyclopedia of Sex and Gender: Culture Society History. *Sexual Inversion*. 2007. Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/social-sciences/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/sexual-inversion>>. Acesso em: 06 jun. 2018. “When sex pioneer Havelock Ellis published his landmark *Sexual Inversion* in 1897, he defined congenital sexual inversion on the very first page of his book as “sexual instinct turned by inborn constitutional abnormality towards persons of the same sex”. By 1905, however, Sigmund Freud’s *Three Essays on the Theory of Sexuality* posited the innate bissexuality of all human beings and began to

A inversão sexual congênita - isto é, o instinto sexual transformado pela anormalidade constitucional congênita em relação às pessoas do mesmo sexo - é um fenômeno comparativamente raro, na medida em que nosso conhecimento atual se estende. A atração sexual entre pessoas do mesmo sexo, aparentemente devido à ausência accidental dos objetos naturais de atração sexual, é, por outro lado, de ampla ocorrência entre todas as raças humanas e entre a maioria dos animais superiores. É somente durante os últimos anos que a inversão sexual foi reconhecida; anteriormente, não se distinguia do amor homossexual em geral ('homossexual' é uma palavra barbaramente híbrida; é, no entanto, conveniente e agora amplamente usado. 'Homogêneo' foi sugerido como substituto). - como é conveniente chamar fenômenos coletivos de atração sexual dentro do círculo de um único sexo - e a homossexualidade era vista como um costume nacional, como um vício individual, ou como um episódio sem importância em formas graves de insanidade.¹⁹⁸

A medicina despatologizou o homossexualismo, atribuindo-lhe a qualidade de estado mental que descaracteriza qualquer semelhança com doença, desvio de comportamento ou perversão. Em dezembro de 1973, a APA (Associação Psiquiátrica Americana) propôs e aprovou a retirada da homossexualidade da lista de transtornos mentais. Em 1985, o Conselho Federal de Medicina do Brasil (CFM) retirou a homossexualidade da condição de desvio sexual. Na década de 1990, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), onde são identificados por códigos todos os distúrbios mentais, servindo de orientador para a classe médica, principalmente para os psiquiatras, também retirou a homossexualidade da condição de distúrbio mental. Em 1993, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou o termo "homossexualismo" e passou a adotar o termo homossexualidade. Já em 1995, na última versão da Classificação Internacional das Doenças (CID), o termo homossexualismo deixou de constar nos diagnósticos.¹⁹⁹

Em decorrência dos movimentos libertários sociais que foram surgindo – um exemplo são as paradas que ocorrem em quase todo o mundo – passou haver uma certa aceitação por parte da sociedade. Esses movimentos servem também para buscar o

theorize sexuality more as an unruly drive in need of channeling than an essence or nature. Although Freud put gender almost entirely in the service of sexual desire, his work began the privileging of sexuality over gender that would eventually uncouple one from the other almost entirely, and lead to the call by midcentury homosexual and lesbian activists to end the stereotyping of gay men as effeminate and lesbians as masculine.

¹⁹⁸ ELLIS, Havelock. *Sexual inversion*. Philadelphia: F. A. Davis Company, Publishers. 1901. p. 1. Disponível em: <<https://archive.org/details/sexualinversion00elligoog>>. Acesso em: 06 jun. 2018. "Congenital sexual inversion – that is to say, sexual instinct turned by inborn constitutional abnormality toward persons of the same sex – is a comparatively rare phenomenon, so far as our knowledge at present extends. Sexual attraction between persons of the same sex, seemingly due to the accidental absence of the natural objects of sexual attraction, is, on the other hand, of wide occurrence among all human races and among most of the higher animals. It is only during recent years that sexual inversion has been recognized; previously it was not distinguished from homosexual love generally ('Homosexual' is a barbarously hybrid word; it is, however, convenient, and now widely used. 'Homogenic' has been suggested as a substitute.) – as it is convenient to call the collective phenomena of sexual attraction within the circle of a single sex, – and homosexuality was regarded as a national custom, as an individual vice, or as an unimportant episode in grave forms of insanity".

¹⁹⁹ TAVARES, Fernando Horta *et al.* Apontamentos para o reconhecimento das uniões homossexuais face ao paradigma do estado democrático de direito. *Revista Direito GV*, São Paulo 6 (2), p. 443-468. jul-dez 2010. p. 444.

reconhecimento dos homossexuais como pessoas que simplesmente são como são, mas que por ser assim não são doentes. Em outras palavras, busca-se a despatologização da homossexualidade. Como se sabe, fala-se em despatologização, porque até o ano de 1974, a homossexualidade era considerada uma doença, somente nesse ano que o homossexualismo, como era chamado, deixou a lista de doenças mentais (pela Associação Americana de Psiquiatria), recebendo nova nomenclatura, homossexualidade. Entretanto, apenas em 1993 é que o homossexualismo deixou de integrar a Classificação Internacional de Doenças n.10, sendo que a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a considerar a homossexualidade algo inerente à sexualidade humana, bem como a heterossexualidade.²⁰⁰

Destarte, a homossexualidade, anteriormente denominada de homossexualismo, sofreu essa alteração em sua nomenclatura em razão de o termo antecedente lhe atribuir um sentido patológico devido ao sufixo -ismo²⁰¹, empregando-se o termo homossexualidade ou homoafetividade em vez de homossexualismo.

O sufixo -ismo apareceu pela primeira vez na gramática de língua portuguesa de Júlio Ribeiro, editada em 1881.²⁰² O sufixo 'ismo', que significa doença, foi retirado e substituído pelo sufixo 'dade', que designa modo de ser. Os cientistas concluíram que o 'homossexualismo' não podia ser sustentado enquanto diagnóstico médico. Isto porque fora observado que os transtornos dos homossexuais realmente decorrem muito mais de sua discriminação e repressão social derivados do preconceito do seu desvio sexual. Desde 1991, a Anistia Internacional considera violação aos direitos humanos a proibição da homossexualidade.²⁰³

E de acordo com os Princípios de Yogyakarta, Princípio 18 – Proteção contra abusos médicos,

Nenhuma pessoa deve ser forçada a submeter-se a qualquer forma de tratamento, procedimento ou teste, físico ou psicológico, ou ser confinada em instalações médicas com base na sua orientação sexual ou identidade de gênero. A despeito de quaisquer classificações contrárias, a orientação sexual e identidade de gênero de uma pessoa não são, em si próprias, doenças médicas a serem tratadas, curadas ou eliminadas²⁰⁴.

²⁰⁰ DIETER, 2012. p. 6.

²⁰¹ HOUAISS. *-ismo, sufixo*. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#3>>. Acesso em: 04 jun. 2018. *-ismo, sufixo*. “o suf. -ismo foi, primeiro, us. em medicina, para designar uma intoxicação de um agente obviamente tóxico: absintismo, alcoolismo, ergotismo, eterismo, hidrargirismo, iodismo; no curso, ainda, do sXIX e no sXX, seu uso se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e através dos nomes próprios representativos ou de nomes locativos de origem, e se chegou ao fato concreto de que potencialmente há para cada nome próprio um seu der. em -ismo”.

²⁰² GIANASTACIO, Vanderlei. *O sufixo -ismo na história das gramáticas da língua portuguesa e sua produtividade a partir do Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss*. p. 7. Disponível em: <<http://www.usp.br/gmhp/publ/GiaA1.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2008.

²⁰³ TAVARES, *et al*, 2010 p. 444.

²⁰⁴ GRINSPAN, *et al*, 2007.

2.1.5 *Homossexualidade na Pós-Modernidade*

Contraditoriamente à época do antigo Egito, lá atualmente “o homossexualismo (termo usado no texto original) é muito repudiado pela sociedade e, embora não seja expressamente proibido, é perseguido e os homossexuais costumam ser acusados de ‘conduta depravada’”²⁰⁵. Pelo teor da notícia, depreende-se que há uma indignação por parte dos egípcios em geral e do arqueólogo Ahsraf Mohiedin responsável pelo conjunto de Saqqara que abriga um mausoléu com uma tumba de dois cabeleireiros do tempo faraônico tidos por homossexuais por estarem uma ao lado do outro e se beijando nas gravuras esculpidas no interior da cripta. O arqueólogo defende que essa ideia “errada” – como ele enfatiza – de considerar como homossexuais os funcionários do faraó que eram heterossexuais seja um atrativo turístico para o público gay.

Ullmann²⁰⁶ descreve a homossexualidade como a disposição de buscar prazer sensorial, mediante contato corporal, com pessoas do mesmo sexo. Em seu entendimento, a homossexualidade, como concebida na antiguidade, não representava desvio comportamental, mas atuava como parte integrante da sexualidade, principalmente entre os homens visto que entre mulheres era considerada obscena. No entanto, ele esclarece que os termos homossexualidade e heterossexualidade são pertinentes à atualidade de modo que naquela época eram conhecidos os termos “erômenos” para a atitude passiva e “erastês” para a atitude ativa nas relações sexuais entre homens sem quaisquer conotações pejorativas como se vê hodiernamente ou como o sentido de ofensa a Deus, como pecado.

Estudiosos e pesquisadores proeminentes como Freud, Darwin, Kaplan, Masters e Johnson²⁰⁷, esclarecem como a sexualidade humana se manifesta e se desenvolve, salientando pontos em comum como a psicologia e a fisiologia da resposta sexual²⁰⁸. Freud, no entanto, se preocupa ainda mais além: ele prossegue ao campo da pluralidade nominativa a fim de esclarecer o que ele chama de “inversão” referente a “sexo contrário”²⁰⁹. Ele busca explicar a

²⁰⁵ JARA, Antonio. Dois cabeleireiros de faraós estão entre os primeiros ícones gays da história. *G1 | Mundo*. 2007. Da EFE. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL204939-5602,00-DOIS+CABELEI REIROS+DE+FARAOS+ESTAO+ENTRE+OS+PRIMEIROS+ICONES+GAYS+DA+HISTOR.html>. Acesso em: 08 jun. 2018.

²⁰⁶ ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Amor e Sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. (Coleção Filosofia; 194) p. 19.

²⁰⁷ PARISOTTO, Luciana. *O Estudo da Sexualidade Humana*. Artigo 302. Disponível em: <https://www.abcdasaude.com.br/sexologia/o-estudo-da-sexualidade-humana>. Acesso em: 10 mai. 2018.

²⁰⁸ VIEIRA, Thiago. *O Modelo Terapêutico de Helen Kaplan: uma revisão de Masters e Johnson*. Publicado em Espelho Psicanalítico. 2016. Disponível em: <https://espelhopsicanalitico.wordpress.com/2016/07/27/o-modelo-terapeutico-de-helen-kaplan-uma-revisao-de-masters-e-johnson/>. Acesso em: 08 jan. 2019.

²⁰⁹ FREUD, Sigmund, 1856-1939. *Obras completas, volume 6*: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

diversidade comportamental de pessoas inseridas nessa classificação através de designações variadas como “invertidos absolutos”, “invertidos anígenos”, “invertidos ocasionais”, entre outras variações. E, concernente a esta ótica freudiana, a comunidade LGBTQIAP+ demonstra dar extensa continuidade à busca por terminologias correspondentes às diversas formas de manifestação da sexualidade humana²¹⁰, que, por se multiplicarem cotidianamente, consideram seu trabalho ainda inacabado, considerando a necessidade de explicá-las quanto à sua origem, influência, força midiática, etc., que possam esclarecer cada manifestação sexual em suas respectivas singularidades.

Para Moreira e Madrid, o cristianismo foi o responsável pela mudança acerca da concepção respeitante à homossexualidade visto que passou a condená-la como atividade sexual estéril porque não servia para o propósito da procriação, sendo uma transgressão à ordem natural como anteriormente citado por Dieter, e, ainda, comparando-a com o comportamento animalesco. Destarte, seus praticantes eram punidos de formas cruéis, inclusive com a morte, independentemente das classes sociais em que se manifestava, das mais baixas até a nobreza.²¹¹ Todavia, hodiernamente, apesar de ainda ser vista como inversão da ordem social revestida de subversão moral, a homossexualidade se manifesta como um estilo de vida destrancado de suas cavernas primitivas. É livre para se posicionar diante da sociedade sem a ameaça de ser punida por ela ou por suas leis; pode ser assumida abertamente por todo aquele que se crê nesta condição sexual. Ativos e passivos têm os mesmos direitos nas suas relações que são baseadas em afeição, e não apenas em circunstâncias ritualísticas, profissionais, pedagógicas, consuetudinárias, etc. Todavia, apesar de na antiguidade a homossexualidade ter sido considerada como algo normal e na pós-modernidade experienciar toda esta liberalidade, ela ainda se depara com preconceitos, controvérsias, polêmicas, que a hostilizam socio-cultural-religiosamente.

Se, a partir do século XIX até meados do século XX, o discurso científico, e o jurídico, passaram a normatizar o corpo e a sexualidade dentro de padrões específicos, definindo padrões restritos de conduta saudável e/ou natural (...) com o advento da mídia em massa, sobretudo através da publicidade massiva, esse veículo passa ditar os padrões de comportamento e a estética referente ao corpo e ao sexo (...) na contemporaneidade, a estética, a busca pela satisfação sexual e a normatização seguem as prerrogativas da ordem econômica estabelecida (...) Assim, o mesmo autor escreve acerca da relação entre a mudança do paradigma econômico e a desordem moral na cultura contemporânea.²¹²

²¹⁰ ASTER. Um espaço de aprendizagem. *Lista de identidades não-binárias*. il. color. Visualização no Anexo A. Disponível em: <<http://orientando.org/listas/lista-de-generos>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

²¹¹ MOREIRA FILHO; MADRID, 2009. p. 6-8.

²¹² CORRÊA, Gustavo Figueiredo Pires. Corpo e Sexualidade na Contemporaneidade. *Anais do Simpósio Internacional de Educação Sexual*. Maringá-PR, 2013. p. 19.

Comparando com as normatizações da antiguidade clássica, observa-se que permanece em voga o mesmo tipo de normatização no que tange à questão da sexualidade, ou seja, há padrões específicos que definem o que seja saudável ou não, permitido ou não, neste sentido.

Para o autor, a sexualidade do caráter atingido pela *peste emocional* – isto é, quando impulsionada por impulsos secundários, que desviam o foco original e natural da libido – é normalmente sádica e pornográfica, coexistindo com a lascívia sexual e o moralismo sádico, sendo esta ambivalência o núcleo de sua estrutura de caráter. A partir disso pode-se supor que uma sociedade onde a sexualidade é vivida como natural, sem maiores repressões, por consequência com indivíduos saudáveis, não teria o problema da peste emocional. A questão que se levanta, então, é: a maneira que vivemos nossa sexualidade na contemporaneidade é livre de neurose? (...) Todavia, o que é notório é que a sexualidade, e a vivência do prazer, assumem um caráter compulsivo. O indivíduo se mantém em *estase*²¹³ e isso o impulsiona a buscar de maneira compulsiva a descarga libidinal, seja na obsessão pelo sexo e pelo prazer (...) O sexo e o corpo de um significado libertário e subversivo passam a uma condição de conformidade, ao passo que a liberdade sexual de nosso tempo, é tão neurótica quanto à rigidez moral e repressiva de outrora.²¹⁴

Por “peste emocional” o autor declara que, na primeira metade do século XX, Wilhelm Reich conceituou a expressão como “um comportamento humano que, com base numa estrutura de caráter biopática, age de maneira organizada ou típica em relações interpessoais, isto é, sociais, e em instituições”. Ele explica que esse problema está relacionado ao caráter neurótico alimentado por pulsões secundárias oriundas da repressão e/ou supressão da capacidade natural de amar e de expressar a sexualidade, sendo racionalizado e não alheio ao ego. Através de mecanismos defensivos como a racionalização e a negação, o indivíduo estabelece um modo de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o viver, algo comum ligado ao fanatismo religioso e ideológico. Declara, ainda, que a “peste emocional” é um problema crescente em meio a ditaduras fascistas e repressão sexual com base na moralidade, em que indivíduos são constrangidos a omitirem sua sexualidade, o que os torna neuróticos, rígidos e subservientes.²¹⁵

Hodiernamente, a homossexualidade enfrenta campos de batalhas a fim de conquistar seu espaço livre de discriminações e da conceituação como doença²¹⁶, conforme atribuído por algumas vertentes científicas. Uma realidade muito discutida nesses aspectos é que, independente dos conceitos e preconceitos, as pessoas inseridas na esfera da homossexualidade

²¹³ CORRÊA, 2013. p. 25. Nota de rodapé 13: Estase é o represamento da energia sexual, que não é totalmente descarregada. Reich demonstrou como a estase sexual era responsável pela manutenção da neurose, só eliminada pelo estabelecimento da capacidade orgástica, ao passo que, quando em estase a libido só pode ser reprimida, nunca sublimada.

²¹⁴ CORRÊA, 2013. p. 24-25.

²¹⁵ CORRÊA, 2013. p. 24.

²¹⁶ LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. *Revista de Saúde Pública*. Rev. Saúde Pública vol.18 no.5 São Paulo Oct. 1984.

reclamam que, em muitos casos, há uma disparidade quanto à noção de respeito – princípio elementar nesta questão social – que é caracterizada pela ausência deste. Isto porque há uma grande dificuldade para que uma sociedade lide com as diferenças quaisquer que sejam. Pelos movimentos de resistência ou protestos que vindicam direitos e reconhecimento social, percebe-se uma indicação de que o princípio da diversidade étnico-cultural-racial-genérico-religiosa sendo afetado exclui o senso de alteridade quanto àqueles envolvidos com cada uma daquelas esferas, e, aqui, especificamente, quanto à questão da homossexualidade que costuma ser vista com julgamentos mais do que com a respeitabilidade devida – respeitar implica atitudes de tolerância por meio das quais se suportam as diferenças, sabendo lidar com cada uma, acolhendo as pessoas como elas são e não pelo que se crê que deveriam ser.²¹⁷

2.2 As diversas nuances da sexualidade humana

Sob a ótica científica, logo no início do séc. XX, Krafft-Ebing²¹⁸ classificou a homossexualidade como sendo adquirida e a dividiu em quatro estágios: 1. Simple perversão do instinto sexual, quando pessoas do mesmo sexo têm um efeito afrodisíaco, e o indivíduo tem um desejo sexual por elas. 2. Eviration e Defimination, em que não havendo restauração quanto ao instinto sexual contrário, transformações da personalidade psíquica podem ocorrer em relação a sentimentos e inclinações de característica feminina. 3. Transição para a metamorfose sexualis paranóica, em que a sensação corporal também é transformada no sentido de transmutação sexual. 4. Metamorfose sexualis paranóica, em que existe a ilusão de uma mudança de sexo, resultando em uma doença mental – paranoia. Ele também apresentou quatro estágios de desenvolvimento da homossexualidade congênita: 1. O hermafroditismo psicosexual – traços de heterossexualidade com predominância de instinto homossexual. 2.

²¹⁷ SOARES, Danielle. *Projeto Redação: Homossexualidade e o respeito*. 2015. Disponível em: <<https://projeto-redacao.com.br/temas-de-redacao/a-homossexualidade-nos-dias-atuais-direitos-civis-versus-preconceitos-da-sociedade/homossexualidade-e-o-respeito/3056>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

²¹⁸ KRAFFT-EBING, 2012. p. 191; 197; 202; 216; 222-223. “I. Degree: Simple Reversal of Sexual Feeling – This degree is attained when persons of the same sex have an aphrodisiac effect and the individual has a sexual feeling for them. II. Degree: Eviration and Defemination – In cases of contrary sexual instinct thus developed, no restoration occurs, transformations of the psychical personality may occur. The patient undergoes a deep change of character, particularly in his feelings and inclinations, which become those of a female. III. Degree: Stage of Transition to Metamorphosis Sexualis Paranoica – Bodily sensation is also transformed in the sense of a transmutation sexus. IV. Degree: Metamorphosis Sexualis paranoica – The delusion of a transformation of sex., resulting in a mental disease, paranoia. 1. Traces of hetero-sexual, with predominating homo-sexual, instinct (psycho-sexual hermaphroditism). 2. There exists inclination only toward the same sex (homo-sexuality). 3. The entire mental existence is altered to correspond with the abnormal sexual instinct (effemination and viraginity). 4. The form of the body approaches that which corresponds to the abnormal sexual instinct”. [sic]. Disponível em: <<https://archive.org/details/PsychopathiaSexualis1000006945/page/n243>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

Homossexualidade – há inclinação apenas para o mesmo sexo. 3. Effemination e Viraginity – e toda a disposição psíquica é alterada a fim de corresponder ao instinto sexual anormal. 4. Androginia e Ginandria – a forma do corpo se aproxima daquela que corresponde ao instinto sexual anormal.

Sexualidade não é uma escolha e sim uma descoberta, sob a ótica de Vecchiatti²¹⁹. Um dos argumentos que ele usa para fundamentar essa ideia é que se as pessoas tivessem de escolher uma orientação sexual com certeza elas tenderiam para a menos problemática em termos de sociabilidade, por exemplo a heterossexualidade que não ocasionaria preconceito social. Destarte, resta provado em sua tese que as pessoas não escolhem ser homo, hétero ou bissexual, mas elas simplesmente se descobrem de uma forma ou de outra.

Para Feitosa, as motivações sexuais humanas concernentes à feminilidade e à masculinidade não são instintivas tampouco naturais porquanto não estigmatizadas pelo sexo biológico nem condicionadas por ele de modo que não podem evidenciar um caráter permanente no que tange às concepções e aos valores morais arraigados no senso comum, tanto no presente quanto no passado, acerca da manifestação da sexualidade;²²⁰ é o caso da antiguidade romana, por exemplo, onde pairava um estigma de pornografia sobre a questão da sexualidade cujos textos documentais de representações eróticas e respectivas imagens pareciam destinados a estimular a libido ou denotavam sinal de devassidão.²²¹ Contudo, ela defende que a sexualidade evidencia o modo como as pessoas lidam com o próprio corpo em consonância ou dissonância com os valores culturais da sociedade em que vivem:

A expressão sexualidade é empregada somente a partir do século XIX, portanto, sem valor epistemológico para sociedades anteriores; contudo, a sua aplicação é apropriada por considerar como os valores culturais interferem na maneira como as pessoas se relacionam com o próprio corpo, com os seus desejos e sentimentos. A análise da sexualidade integra a historicidade do corpo, do que pode ser definido por erógeno, das prescrições estabelecidas à prática sexual e de suas emoções, evidenciando variados sentidos de acordo com os valores socialmente constituídos em grupos, tempos e espaços históricos estabelecidos.²²²

Para além da sexualidade em seu sentido denotativo referente a uma conexão sexo-afetiva entre o feminino e o masculino – não baseada nos parâmetros de dominação e controle, visto que, nesse caso, é a relação sexual que se revela como um potencial ambivalente, e não

²¹⁹ VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. *Manual da Homoafetividade*: Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivo. 1ª. ed. São Paulo: Método, 2008. p. 106.

²²⁰ FEITOSA, Lourdes Conde. Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49. p. 119-135, 2008. Editora UFPR. p. 124; 128.

²²¹ SANFELICE, Pérola de Paula. *Sexualidade, Amor e Erotismo na Roma Antiga*: As representações de Vênus nas paredes de Pompeia. *OPISIS*, Catalão, v. 10, n. 2, p. 167-190 - jul-dez 2010. p. 181.

²²² FEITOSA, 2008. p. 128.

apenas a ação fálica atributiva de representação do “ativo” –, Feitosa julga inadequada a transposição simplista dos conceitos de homossexual e heterossexual para analisar a experiência sexual no mundo antigo:

Nesse universo, o fato de um ‘homem’ fazer sexo com outro ‘homem’ ou ‘mulher’ não era suficiente para identificar a sua categoria sexual, como ainda é pressuposto em dias atuais. Longe de fundar uma espécie – o ‘homossexual’ – a relação sexual entre dois homens era considerada uma prática erótica compatível com o casamento com o sexo oposto, não excludente, pois, da relação com as mulheres.²²³

No decurso de estudos científicos abrangendo aspectos biofisiomorfológicos, sexo biológico é o sexo genital ou cromossomático do qual se presumem capacidades reprodutivas.

Sexo biológico – assume-se frequentemente que é o sexo cromossomático ou o sexo genital, que pressupõe capacidades reprodutivas. Existem vários fatores que contribuem para o sexo biológico: cromossomas (XY, XX, ou outras combinações), genitais (estruturas reprodutivas externas), gónadas (presença de testículos ou ovários), hormonas (testosterona, estrogénios), etc. Uma pessoa intersexo tem órgãos genitais/reprodutores (internos e/ou externos) masculinos e femininos, em simultâneo, ou cromossomas que não são nem XX nem XY.²²⁴

A diversidade sexual possui inúmeras nuances e cada uma recebe uma classificação específica. Isto abrange a noção de “complexidade e singularidade na formação de cada ser humano” de modo que se passa a entender que há uma diferenciação concernente aos termos – que, além de não serem sinônimos, acabam refletindo uma identidade cultural e uma condição humana.

Os homossexuais são diferentes dos heterossexuais apenas na preferência afetiva. Isso independe do modo como expressam sua homossexualidade, seja pederastia (relação sexual entre um homem e um menino), sodomia (homossexualismo masculino ativo), androginia (homossexualismo masculino passivo), lesbianismo (homossexualismo feminino), bissexualismo, e outras maneiras.²²⁵ Entretanto, do ponto de vista científico, cientistas como Ivanka Savic e Per Lindstrom, do Instituto Karolinska da Suécia, buscaram respostas sobre se havia ou não diferenças entre o cérebro de homossexuais e heterossexuais que influenciassem na preferência sexual de uma pessoa. No início do séc. XXI, eles conquistaram ferramentas valiosas como fMRI (ressonância magnética funcional) e PET (tomografia de emissão positrônica) – que fornecem uma visualização nítida das estruturas cerebrais, medição do volume, e análise ao vivo e a cores sobre seu funcionamento – através das quais submeteram

²²³ FEITOSA, 2008. p. 132.

²²⁴ APF. *Sexualidade: Identidade e orientação sexual*. Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

²²⁵ ARANA, 2013.

90 indivíduos, distribuídos entre homens e mulheres (25 homens heterossexuais, 20 homens homossexuais, 25 mulheres heterossexuais e 20 mulheres homossexuais), a uma série de análises cujos resultados identificaram diferenças fisiológicas entre o cérebro de homossexuais e heterossexuais do mesmo sexo que podem ser fruto de alterações genéticas ou provenientes de fatores que agem na vida intrauterina onde uma maior ou menor exposição do feto aos hormônios sexuais circulantes no sangue pode ser responsável por essas mudanças. Trata-se, portanto, de uma característica biológica que, associada ao meio, pode contribuir para a opção sexual²²⁶ (definição empregada por eles). Em contrapartida, o pesquisador Paul Vasey, da Universidade de Lethbridge no Canadá, indaga que se a homossexualidade masculina, por exemplo, é um traço genético, como teria perdurado ao longo do tempo se os indivíduos que carregam “esses genes” não se reproduzem? Conclui, no entanto, que se trata de um paradoxo do ponto de vista evolucionário.²²⁷

2.2.1 *Sexo (biológico)*

A única coisa que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas, sendo as pequenas relativas aos espermatozoides e, portanto, respectivas ao macho, e as grandes relativas aos óvulos e, portanto, respectivas à fêmea. A cultura, conforme a sua diversidade, é o que define o comportamento masculino ou feminino das pessoas, e não a ciência biológica, pois ser homem ou mulher, masculino ou feminino é uma questão de gênero – sexo é biológico; gênero é social.²²⁸

Beauvoir assevera que nunca na natureza as coisas sejam inteiramente claras²²⁹, mas, com certeza, há dois modos de reprodução coexistentes na natureza em que ambos realizam a perpetuação das espécies²³⁰, pelo que macho e fêmea são dois tipos de sujeitos que manifestam uma dependência mútua e se diferenciam em vista da reprodução, mas adverte que o seccionamento das espécies em dois sexos não é muito claro²³¹.

O modelo científico dominante no século XVIII era o do sexo único e, desta forma, a medicina ocidental da época não podia representar a sexualidade humana como

²²⁶ O HOMOSSEXUALISMO sob a lupa da ciência. *Folha da Região*. Araçatuba, SP. 2008. Coluna Ciência. Um espaço para a cultura científica: domingo, 26 de fevereiro de 2012.

²²⁷ KREMER, William. O quebra-cabeça evolutivo da homossexualidade. *BBC News Brasil*. 2014. Serviço Mundial da BBC.

²²⁸ JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012. p. 6.

²²⁹ BEAUVOIR, 1970. p. 45.

²³⁰ BEAUVOIR, 1970. p. 27.

²³¹ BEAUVOIR, 1970. p. 26.

dividida entre masculina e feminina. A mulher era um homem invertido: seus órgãos sexuais eram os mesmos dos homens, porém, voltados para dentro. O útero, os ovários e a vagina das mulheres eram o negativo imperfeito do escroto, dos testículos e do pênis, respectivamente. Mas ela era também um homem inferior, porque a ela faltava a intensidade do calor vital dos homens, que era responsável pela evolução do corpo até a perfeição do macho. Nesta concepção, a mulher era um homem imperfeito. A construção do modelo dos dois sexos é uma invenção do final do século XVIII que, sob outras bases epistemológicas e políticas mantém, como na filosofia neoplatônica de Galeno, a busca, no corpo, por evidências de uma diferenciação entre homens e mulheres. A partir do Iluminismo, a mulher passa a ser compreendida como de uma natureza diferente à do homem. Apesar de tal feito aparentemente eliminar a hierarquia entre os sexos, Laqueur nos mostra que a descrição da diferença não se mantém neutra. A ciência e a filosofia trabalharam para produzir um pensamento que justificasse a tradicional desigualdade entre homens e mulheres de modo a torná-la compatível com os ideais igualitários da Revolução Francesa. Não se podia justificar socialmente a desigualdade; ela agora se assentava na natureza e a ciência era a ferramenta legítima para evidenciá-la.²³²

Por “sexo”, depreende-se primariamente a existência de um sexo biológico: macho, fêmea ou intersexual. No entanto, há uma complexidade quanto ao vínculo entre sexo como coisa real e a busca sobre o que de fato ele representa. Para além da ciência, o sexo abrange interesses diversos que estabelecem uma conformação física ao comportamento social que deve adotar, levando à construção de vínculos que podem ser verdadeiros e bons.²³³ Ademais, sob a ótica foucaultiana, o sexo é uma consequência do elemento essencial denominado sexualidade a qual vem em primeiro plano, relegando ao sexo uma condição secundária que, até o momento do surgimento da “ciência da diferença” – estudo acerca da distinção natural, biológica e pré-determinada entre os sexos em conjunto com traços morais e psicológicos pertinentes –, coloca-o como noção teórica devido à sua obscuridade conceitual, dando lugar ao termo “carne” de fundo religioso.²³⁴

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.²³⁵

Foucault explica a “doutrina cristã da carne” como sendo a força excessiva do prazer cujo início é marcado pela queda e pela falta original concernentes à natureza humana. Para ele, todavia, a própria natureza colocou no ser humano essa força que é necessária, porém temível

²³² GAUDENZI, Paula. Intersexualidade: entre saberes e intervenções. *Cad. Saúde Pública* [online]. Rio de Janeiro, vol. 34, n.1, p. 1-11, 2018. p. 3.

²³³ BARBOZA, Heloisa Helena Gomes. *Procedimentos para redesignação sexual: um processo bioeticamente inadequado*. Rio de Janeiro: s.n., 2010. Orientador: SCHAMM, Fermin Roland. Tese (Doutorado). Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010. 174 f. p. 26.

²³⁴ BARBOZA, 2010. p. 33.

²³⁵ FOUCAULT, 1988. p. 100.

devido à sua capacidade de sempre ir além do objetivo que lhe foi estabelecido. Por isso, a atividade sexual requer uma discriminação moral que obedece a três freios – o temor, a lei e o discurso verdadeiro – de modo que a faculdade de desejar obedeça à razão, i.e., servir-se dos prazeres sem se deixar levar por eles. Destarte, ele declara que a atividade sexual não é um mal, mas depende de uma força virtualmente excessiva cuja questão moral depende de como enfrentá-la e dominá-la. Citando Aristóteles, concorda que nem todos usufruem do prazer como convém.²³⁶

Então, pergunta e responde sobre como alcançar tal conveniência com base em três elementos: a necessidade, a oportunidade e o status. Conforme a sua natureza, a necessidade só aceita o que é querido pela natureza e, com base na intemperança, pelos desejos extranatureza, como servir-se de homens como se fossem mulheres. A oportunidade, em termos temporais e circunstanciais, em que a moral é uma arte do momento o qual deve depender de outras atividades, e somente permitir o prazer após um trabalho preliminar que conduz a entretenimentos honrosos. O status do indivíduo que requer a prática de um *savoir-faire* que o guie de acordo com o contexto que abrange ajustamento, circunstância e posição social, livre de uma austeridade imposta por regras sociais de conduta sexual.²³⁷

Seguindo a linha de Foucault, estudos históricos mostram que categorias são construídas e atribuídas de acordo com questões de poder e trazem à tona questões de gênero e sexualidade onde antes não se pensava nestes temas provando que ‘a vida pessoal é sexualizada – e heterossexualizada’. A área da sexualidade, suas categorias e construções, é a lente que teóricos *queer* usam para desenvolver seus trabalhos. É uma tentativa de ‘encontrar novas formas de pensar sobre amores e identidades dissidentes de lésbicas, gays, e outros numa ecologia social complexa onde a presença de diferentes gêneros, diferentes identidades e identificações são tomadas como dadas’.²³⁸

Sob a ótica de Gaudenzi, o sexo é um atributo histórico do corpo humano; portanto, não existe um “corpo natural”. Entretanto, as tecnologias médicas contribuem crucialmente para dar forma ao corpo, propiciando transformações corporais por meio de aplicações de fármacos, intervenções cirúrgicas, etc., manifestando, assim, a iminente desconstrução dos conceitos de normalidade e de corpo natural. Segundo ela, o binarismo natureza e cultura é que enviesam a análise da realidade.²³⁹

Nestes discursos biomédicos, a construção do corpo como algo com um sexo tem sido um tema central ao longo dos séculos. As miríades de maneiras pelas quais os

²³⁶ FOUCAULT, 1984. p. 48-50.

²³⁷ FOUCAULT, 1984. p. 51-59.

²³⁸ MUSSKOPF, 2008. p. 146.

²³⁹ GAUDENZI, 2018. p. 7.

cientistas compreenderam o sexo fornecem muitos contra-ataques esclarecedores ao argumento de que o sexo é um atributo inequívoco e a-histórico do corpo que, uma vez revelado pela ciência, é válido em todos os lugares e em todos os contextos. Textos médicos primitivos em particular desafiam nossas percepções atuais de corpos masculinos e femininos. Para nossas mentes pós-modernas, é difícil imaginar que, por dois mil anos, os corpos masculino e feminino não foram conceitualizados em termos de diferenças. Textos médicos dos antigos gregos até o final do século XVIII descreviam corpos masculinos e femininos como fundamentalmente semelhantes. As mulheres tinham até os mesmos genitais que os homens, com uma diferença: ‘os delas estão dentro do corpo e não fora dele’. Nessa abordagem, caracterizada por Thomas Laqueur como o ‘modelo de um só sexo’, o corpo feminino era entendido como um ‘macho transformado dentro de si’, não um sexo diferente, mas uma versão menor do corpo masculino²⁴⁰.

Segundo Musskopf,²⁴¹ sexo refere-se ao dado físico-biológico, marcado pela presença de aparelho genital e outras características fisiológicas que diferenciam os seres humanos como machos e fêmeas. Entende ele que, além destas características, deve-se levar em consideração o código genético na constituição do sexo que torna as definições complexas devido às inúmeras formas de intersexualidade.

Esta última, inerente à categoria de sexo biológico, é caracterizada pela indeterminação deste por apresentar particularidades tanto femininas quanto masculinas, i.e., reflete uma ambiguidade genital num estado intermediário. Enquanto transgenridade²⁴², a intersexualidade é uma condição sexual e não uma orientação sexual. Pessoas que se autodenominam intersexuais podem se identificar como homossexuais, heterossexuais, pansexuais, bissexuais ou assexuais. Prefere-se o termo intersexual ao termo hermafrodita pelo fato de os intersexuais poderem ser considerados como transgêneros, não se referindo apenas à questão dos genitais visíveis. O intersexual enquanto transgênero refere-se a uma condição sexual e não orientação sexual de modo que ele pode se identificar como homossexual, heterossexual, pansexual, bissexual ou assexual.

Enquanto normalmente se fala de intersexualidade como uma condição congênita (que está presente desde o nascimento), a anatomia intersexo nem sempre está

²⁴⁰ OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body: an archeology of sex hormones*. London: Routledge. 1994. p. 6. “In these biomedical discourses, the construction of the body as something with a sex has been a central theme all through the centuries. The myriad ways in which scientists have understood sex provide many illuminating counter-moves to the argument that sex is an unequivocal, ahistorical attribute of the body that, once unveiled by science, is valid everywhere and within every context. Early medical texts in particular challenge our present-day perceptions of male and female bodies. For our postmodern minds it is hard to imagine that for two thousand years, male and female bodies were not conceptualized in terms of differences. Medical texts from the ancient Greeks until the late eighteenth century described male and female bodies as fundamentally similar. Women had even the same genitals as men, with one difference: ‘theirs are inside the body and not outside it’. In this approach, characterized by Thomas Laqueur as the ‘one-sex model’, the female body was understood as a ‘male turned inside herself’, not a different sex, but a lesser version of the male body”.

²⁴¹ MUSSKOPF, 2008.

²⁴² BIOMANIA. *Intersexualidade*. 1999-2018. Disponível em: <<https://biomania.com.br/artigo/intersexualidade>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

presente ou visível no nascimento. Algumas vezes, a pessoa só descobre que pode se considerar intersexo durante a puberdade, ou quando descobre que é infértil durante a vida adulta, ou quando morre e é feita uma autópsia. Algumas pessoas vivem e morrem com uma anatomia que seria considerada intersexo sem que ninguém saiba (incluindo elas mesmas).²⁴³

2.2.1.1 Intersexualidade

Biologicamente, intersexual²⁴⁴ é a pessoa que exhibe particularidades e/ou características tanto masculinas quanto femininas, encontrando-se, portanto, em estado intermediário entre o masculino e o feminino. Para Gaudenzi²⁴⁵, a verdade acerca do sexo é obstaculizada pela própria natureza como um “golpe do destino” remediável ou irremediável que fere as pessoas intersexuais, pois a ambiguidade do corpo relacionada ao sexo não é descrita como desviante e nem se trata de um corpo fora dos padrões normais que pode ser manipulado a fim de se adaptar às expectativas sociais. Na verdade, o corpo do intersexual desfaz os ideais de uma sexualidade biológica, desafiando o conhecimento médico no tocante à sexualidade visto que questiona o sentido de normalidade, fragilizando o discurso científico biologizante diante da dificuldade de explicitar o corpo sexuado. As causas biológicas²⁴⁶ são um fator estimulante para a explicação da diferença entre os sexos, principalmente as de origem genética devido ao seu caráter imutável, mas a conformação genital permanece sendo o fator mais significativo para determinar o sexo haja vista a prioridade recair sobre o gênero vivenciado que independe da constituição corpórea do sujeito.

A intersexualidade é um termo utilizado desde o século XX para o que se conhece no senso comum como hermafroditismo, isto é, a condição de indivíduos que nasceram com órgãos sexuais ambíguos. A linguagem biomédica marca tal condição como patológica, sendo compreendida como resultado de uma interação anormal dos fatores genéticos e hormonais ligados ao gênero no período pré-natal, e a denomina de distúrbio do desenvolvimento sexual (DDS).²⁴⁷

Surge uma falta de consenso na respectiva área da medicina haja vista o parecer da Dra. Gaudenzi não se coadunar completamente com o da médica pesquisadora Dra. Laura Audi²⁴⁸ que, citando a frase de Cláudia, possivelmente sua paciente, – “Somos intersexuais,

²⁴³ ASTER. Um espaço de aprendizagem: *O que é intersexo?* Texto em grande parte traduzido e adaptado da Sociedade Intersexo da América do Norte (<http://www.isna.org>). 1993-2008. Disponível em: <<https://orientando.org/o-que-e-intersexo/>>. Acesso em 22 mai. 2018.

²⁴⁴ PADILHA, Adriano, *et al.* Significados: *Significado de intersexual*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/?s=intersexual>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

²⁴⁵ GAUDENZI, 2018. p. 4.

²⁴⁶ BARBOZA, 2010. p. 47.

²⁴⁷ BARBOZA, 2010. p. 2.

²⁴⁸ AYUSO, Bárbara. Sou intersexual, não hermafrodita. *EL PAÍS*. Madri, Es. 2016. Estilo: Identidade Sexual.

não hermafroditas. Se dá como certo que o homem é XY e a mulher XX, mas não em todos os casos” –, explica que ela é consciente do fato de a percepção social permanecer associando o termo grego a todas as condições de intersexualidade, persistindo a noção de simultaneidade da existência de órgãos genitais masculinos e femininos nas pessoas associadas a essa síndrome, mas esclarece que o mito, o tabu e a lenda distorcem a realidade por não avaliarem as mais de quarenta causas diferentes para a origem do problema em questão e a cada ano surge uma nova causa. Declara que a intersexualidade ocorre quando há uma discrepância entre o sexo genético, o da gônada e dos genitais.

Jesus explica que intersexual é

a pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas. O grupo composto por pessoas intersexuais tem-se mobilizado cada vez mais, a nível mundial, para que a intersexualidade não seja entendida como uma patologia, mas como uma variação, e para que não sejam submetidas, após o parto, a cirurgias ditas ‘reparadoras’, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero ou orientações sexuais.²⁴⁹

As patologias do desenvolvimento sexual são um grupo de doenças em que o desenvolvimento cromossômico, gonadal ou anatômico é atípico²⁵⁰. Pelo fato de ainda não estar concluída a definição de uma classificação única para os casos de intersexualidade, Santos escolheu as seguintes terminologias cuja utilização pressupõe alguns conceitos básicos:

a) Hermafroditismo Verdadeiro: coexistência de tecido ovariano (com folículos) e testicular (com túbulos seminíferos, com ou sem espermatozóides) presentes no mesmo indivíduo e reunidos numa única gônada (ovotestis) bilateral, ou em órgãos separados, testículos de um lado e ovário em outro, ou ainda, ovotestis de um lado e ovário ou testículo do outro. Geralmente, apresenta ambiguidade genital interna e externa em graus variáveis; b) Gônada Disgenética: constituída apenas por tecido fibroso, não tem função hormonal nem capacidade de produção de gametas, além de não ter estruturas que permitam caracterizá-la como ovário ou testículo; c) Pseudo-Hermafroditismo: caracteriza-se pela presença de um único tipo de tecido gonadal (ovariano ou testicular) e ambiguidade genital com diferentes graus de virilização; d) Pseudo-Hermafroditismo Feminino: virilização dos genitais externos de indivíduos geneticamente do sexo feminino (46, XX), cujas gônadas são ovários; e) Pseudo-Hermafroditismo Masculino: virilização ausente ou deficiente dos genitais externos

²⁴⁹ JESUS, 2012. p. 14.

²⁵⁰ SERRADO, Maria Ana, CASTANHA, Guida. Síndrome de insensibilidade aos androgênios completa: caso clínico e revisão bibliográfica. *Acta Radiológica Portuguesa*, Vol 29 nº 1, 49-52, Janeiro-Abril 2017.

e, eventualmente, também internos de indivíduos geneticamente do sexo masculino (46, XY), cujas gônadas são testículos.²⁵¹

No entanto, outros especialistas apresentam inúmeras classificações para as diversas causas biológicas da intersexualidade.²⁵²

2.2.2 *Identidade de gênero*

Scott diz que o emprego mais recente do termo “gênero” surgiu entre as feministas americanas que queriam enfatizar o caráter social fundamental das distinções baseadas no sexo, indicando uma rejeição ao determinismo biológico implícito na utilização de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Mediante essas colocações, ela se opõe ao sistema gramatical socialmente consensual de distinções que deixa de apresentar uma descrição objetiva de traços inerentes. Ademais, o gênero também destaca o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade de modo que o termo gênero foi utilizado para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Destarte, mulheres e homens passariam a ser definidos em termo recíprocos, não sendo possível compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado.²⁵³

Para além desta explicação inicial, Scott apresenta uma definição para o termo “gênero” que considera possivelmente mais importante, dando sequência a outras de não somenos importância:

‘Gênero’ era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares. Na sua utilização recente mais simples, ‘gênero’ é sinônimo de ‘mulheres’. Os livros e artigos de todos os tipos que tinham como tema a história das mulheres substituíram, nos últimos anos, nos seus títulos o termo ‘mulheres’ por ‘gênero’. Nessas circunstâncias, o uso do termo ‘gênero’ visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois ‘gênero’ tem uma conotação mais objetiva e neutra do que ‘mulheres’. ‘Gênero’ parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (supostamente ruídos) do feminismo. O termo ‘gênero’, além de um substituto para o termo ‘mulheres’, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Além disso, o termo ‘gênero’ também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas. Em vez disso, o termo ‘gênero’ torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’. ‘Gênero’ é, segundo esta definição, uma categoria social

²⁵¹ SANTOS, Moara de Medeiros Rocha. *Desenvolvimento da Identidade de Gênero em casos de Intersexualidade: Contribuições da Psicologia*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília: Instituto de Psicologia. Brasília, DF. 2006.

²⁵² ANEXO J. Classificações das causas biológicas da intersexualidade.

²⁵³ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, n° 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. p. 72.

imposta sobre um corpo sexuado. (...) ‘gênero’ oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. O uso de ‘gênero’ enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. Gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.²⁵⁴

Guedes entende que o conceito Gênero poderia ser explicado de diversas maneiras e sob diversos prismas teóricos. No entanto, considera que a conceituação de Scott sobre Gênero é a que pode ser mais utilizada por englobar componentes variados que abrangem melhor o termo. Sugere, portanto, que ao invés de se perguntar sobre o que é gênero, seria melhor buscar a compreensão de como esta denominação está se construindo ou desconstruindo no tocante às inúmeras incertezas e possíveis pistas que viabilizem a construção de uma sociedade mais justa e igualitária nas suas diferenças, semelhanças e multiplicidades.²⁵⁵

Em uma versão mais familiar, Identidade de gênero refere-se ao modo pelo qual as pessoas – masculino, feminino ou *queer* – se veem, podendo se situar entre os dois primeiros numa combinação de masculino e feminino ou mudar com frequência. Contrariamente, há pessoas com disforia de gênero que pelo que a identidade de gênero e seu sexo anatômico não correspondem.²⁵⁶

Spizirri, Pereira e Abdo citam Scott ao dizer que ela reconhece que o uso do termo gênero dá ênfase a todo um sistema de relações passível de incluir o sexo, apesar de não ser diretamente determinado por ele além de não determinar a sexualidade da pessoa. Ao contexto envolvendo questões concernentes a sexo e sexualidade pertence igualmente a identidade de gênero – conceito dissociado do biológico – que, segundo esses especialistas em sexualidade, refere-se a uma categoria da identidade social e se refere à identificação do indivíduo como homem ou mulher, ou, ocasionalmente, com alguma categoria diferente de homem ou mulher.²⁵⁷

No DSM-IV (1994), gênero aparece, pela primeira vez, para auxiliar na identificação de indivíduos que não estão confortáveis com o seu sexo de nascimento e/ou apresentam a necessidade de serem considerados como membros do sexo oposto. Ou seja, a identidade de gênero de um indivíduo não está somente relacionada com a sua genitália. O DSM-IV-TR (2000) considera a identidade de gênero um complexo

²⁵⁴ SCOTT, Joan Wallach. 1995, p. 73; 75-76; 88.

²⁵⁵ GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso?: Gênero: algumas abordagens teóricas e os Elementos Constitutivos do Conceito na perspectiva de Joan Scott. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Psicol. cienc. prof., Brasília, vol.15 no.1-3, p. 8-9. 1995.

²⁵⁶ BROWN, George R. Manual MSD: Versão Saúde para a Família. *Identidade de Gênero*. 2018. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-de-sa%C3%BAde-mental/sexualidade/identidade-de-g%C3%AAnero>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

²⁵⁷ SPIZIRRI, Giancarlo, PEREIRA, Carla Maria de Abreu, ABDO, Carmita Helena Najjar. *O termo gênero e suas contextualizações*. 2013. p. 43-44. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n1/a3969.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

sistema de crenças sobre a autossujeitividade em relação à masculinidade e feminilidade, e culturalmente prescritas funções atribuídas. A identidade de gênero se apresenta de acordo com a expressão do sexo (ou seja, como as pessoas exteriorizam sua masculinidade e/ou feminilidade na vida cotidiana), como as pessoas se sentem em relação ao seu sexo biológico e ao seu corpo físico, e também como as pessoas percebem as respostas dos outros para suas expressões, sejam masculinas ou femininas.²⁵⁸

De acordo com Foster, por “identidade de gênero”, e não simplesmente gênero, depreende-se a autoidentificação ontológica, independente da anatomia genital, que foge ao binarismo homem/mulher, devendo ser assumida pelo indivíduo. Surgem, então, dois termos que definem a identidade de gênero: cisgênero e transgênero, relacionados respectivamente à pessoa que se identifica ou não se identifica com as características do gênero designado a ela no nascimento. Nesta categoria encontram-se os transexuais cuja identidade de gênero difere de seu sexo biológico, dentre os quais alguns se submetem a cirurgias para redesignação de sexo.²⁵⁹ Ademais, há pessoas com multiplicidade de gêneros, ausência de gênero, parcialidade de gênero, etc. Há, portanto, uma vasta lista de gêneros não-binários, aqueles que não são mulher nem homem, pois não se ajustam devidamente a esses protótipos da humanidade, podendo, ainda, se tornarem um amálgama de feminilidade e masculinidade.²⁶⁰

Relembrando Feitosa cujo discurso defende que gênero reflete as motivações sexuais que não são estigmatizadas nem condicionadas pelo sexo biológico porquanto não inatas²⁶¹, na concepção butleriana não existe a possibilidade de se institucionalizar o processo pelo qual as pessoas se tornem “regularizadas” no que tange à questão de gênero, pois gênero não pode ser regulado ou regulamentado:²⁶²

Na verdade, as leis concretas, regras e políticas constituem instrumentos legais que visam à regularização das vidas das pessoas em sociedade, mas seria um erro pretender acreditar que o gênero possa ser regulado empiricamente em termos de instâncias jurídicas visto que as normas que governam aquelas regulamentações excedem as próprias instâncias em que elas estão incorporadas. Por outro lado, seria igualmente problemático falar da regulação do gênero de forma abstrata como se as instâncias empíricas tão somente exemplificassem uma operação de poder que ocorre independentemente daquelas instâncias.²⁶³

²⁵⁸ SPIZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2013. p. 43-44.

²⁵⁹ FOSTER, Gustavo. *Cis, trans, pan, intersexual: entenda os termos de identidade e orientação sexual*. Gaúcha ZH Comportamento. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2015/03/cis-trans-pan-intersexual-entenda-os-termos-de-identidade-e-orientacao-sexual-4730566.html>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

²⁶⁰ ASTER. *Lista de identidades não-binárias*. 2018. Disponível em: <<https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

²⁶¹ FEITOSA, 2008. p. 124.

²⁶² BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York and London: Routledge, 2004. p. 41.

²⁶³ BUTLER, Judith. 2004. p. 40. “Indeed, to refer to regulation in the plural is already to acknowledge those concrete laws, rules, and policies that constitute the legal instruments through which persons are made regular. But it would be a mistake, I believe, to understand all the ways in which gender is regulated in terms of those

Na ótica de Butler²⁶⁴, não tem como se considerar gênero como norma, pois o gênero não reflete exatamente o que se é ou o que se tem, mas é o meio pelo qual se dá a produção e a normalização dos seres masculino e feminino juntamente com suas funções bio-psico-fisiológicas e seu desempenho correspondente. Além disso, a noção de gênero induz à compreensão de que se trata de uma instância que ora produz a noção de masculino e feminino e ora desconstrói esses termos. Manter o termo gênero separado desses outros dois termos significa defender uma perspectiva teórica capaz de diferenciá-lo semanticamente do referido binário.

Gênero, para Musskopf²⁶⁵, refere-se ao dado social que é composto por regras e padrões de construção corporal e comportamental que acabam produzindo a identidade social do indivíduo como masculino e feminino, assim como uma pluralidade de variações divergentes da norma como androginia, travestismo, efeminação ou masculinização. Com isto concorda Butler²⁶⁶ ao dizer que o corpo é culturalmente construído, o que lhe garante uma libertação para um futuro aberto de possibilidades culturais, e não necessária e tão somente aos seus prazeres originais, o que lhe permite reinventar-se continuamente, daí a hodierna amplitude da atribuição nominativa e aplicativa da diversidade de gênero cujos corpos não se coadunam com regras pré-estabelecidas sobre eles haja vista nunca aderirem completamente às normas que impõem a sua manifestação de modo que lhes propiciam uma reinvenção contínua.

O fato de um corpo baseado em gênero ser performativo sugere que ele não tem status ontológico além dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se essa realidade for fabricada como essência interior, essa própria interioridade é um efeito e uma função de um discurso decididamente público e social (...) Em outras palavras, atos e gestos, desejos expressos e postos em prática, criam a ilusão de um gênero interior e organizador, uma ilusão discursivamente mantida para os fins de regulamentação da sexualidade dentro de uma estrutura obrigatória de heterossexualidade reprodutiva. (...) Se a verdade interior do gênero é uma invenção e se um gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita na superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas são produzidos apenas como os efeitos da verdade de um discurso de identidade primária e estável²⁶⁷.

empirical legal instances because the norms that govern those regulations exceed the very instances in which they are embodied. On the other hand, it would be equally problematic to speak of the regulation of gender in the abstract, as if the empirical instances only exemplified an operation of power that takes place independently of those instances”.

²⁶⁴ BUTLER, 2004. p. 42.

²⁶⁵ MUSSKOPF, 2008.

²⁶⁶ BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1999. p. 119.

²⁶⁷ BUTLER, 1999. p. 173-174.

Musskopf²⁶⁸ salienta a importância das ciências médicas para compreender e classificar as condutas no campo da sexualidade – e da homossexualidade, mais especificamente –, pois, gradativamente, o conhecimento produzido pelos médicos passou a ser requisitado e incorporado no tratamento legal devido a práticas sexuais desviantes, e isto viabilizou a medicalização da homossexualidade. As ciências médicas promoveram o desenvolvimento de teorias concernentes à homossexualidade que geraram mudanças e influenciaram outras áreas do conhecimento que demarcam práticas e condutas. Musskopf cita a visão foucaultiana sintética dessa mudança que vem ocorrendo ao longo dos tempos – do sodomita como sujeito jurídico dos antigos direitos civil ou canônico a personagem homossexual do séc. XIX como figura histórica dotada de uma anatomia indiscreta e uma fisiologia misteriosa, i.e., a homossexualidade passou da prática da sodomia a uma androginia interior, um hermafroditismo da alma, em que o sodomita era um reincidente e o homossexual se tornou uma espécie.

Por tudo, depreende-se de sexo uma característica biológica e de gênero uma característica social. Mais tarde, séc. XX, surge, então, o “sexo social” – uma desconstrução do sexo natural que visa à explicação da criação social das desigualdades e da dominação em que o social cria o gênero e o instala sobre corpos sexuados de modo que o gênero é o construtor do sexo²⁶⁹; ou seja, o sexo por si só não existe: ele é sempre uma consequência de manifestações externas – considere-se isso na visão de pesquisadores como os citados. Destarte, dá-se a sexualidade²⁷⁰ que se refere ao dado sexual no tocante às práticas eróticos-sexuais, pelo desejo, pela atração que pode induzir ou não à sua expressão através de certas práticas. Esse dado também é denominado “orientação sexual” e normalmente classifica as pessoas como heterossexuais, homossexuais e bissexuais.

²⁶⁸ MUSSKOPF, 2008. p. 123.

²⁶⁹ BRANCO, Guilherme Castelo, VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault: Filosofia & Política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Col. Estudos Foucaultianos). p. 396.

²⁷⁰ MUSSKOPF, 2008. p. 1.

2.2.3 *Orientação Sexual*

A “orientação sexual”, diferentemente de “opção sexual”, está diretamente ligada à atração que uma pessoa sente por outra concernente a gênero e sexo com relação à afetividade e sexualidade.

A Orientação Sexual refere-se à direção ou à inclinação do desejo afetivo e erótico de cada pessoa. De maneira simplificada, pode-se afirmar que esse desejo, ao direcionar-se, pode ter como único ou principal objeto pessoas do sexo oposto (heterossexualidades), pessoas do mesmo sexo (homossexualidades) ou de ambos os sexos (bissexualidades). O termo ‘orientação sexual’ tem sido utilizado nos últimos anos, ao invés de opção sexual, pois a ideia de ‘opção’ permite a compreensão de que o(a) homossexual escolheu sentir o desejo que sente e, portanto, poderia ter optado por ser heterossexual. Se fosse uma questão de opção, heterossexuais também poderiam escolher sentir desejo por pessoas do mesmo sexo, o que pode ou não acontecer. Por isso, o correto é dizer e utilizar orientação sexual. É importante lembrar também que não nascemos com uma orientação sexual definida, pronta, acabada. Pelo contrário, ao longo da vida vamos aprendendo e nos identificando com diferentes formas de vivenciar nossos desejos de uma forma mais fixa ou mais flexível, conforme as experiências vividas por cada um(a).²⁷¹

Muitas pessoas acreditam que a orientação sexual (homossexualidade vs. heterossexualidade) é determinada pela educação e restrições sociais, mas muitos estudos indicam que os fatores pré-natais exercem influência significativa sobre essa característica crítica da sexualidade humana. A orientação sexual é um traço sexualmente diferenciado. (...) Dois tipos de evidências suportam essa noção: traços comportamentais, fisiológicos ou mesmo morfológicos sexualmente diferenciados são significativamente diferentes nas populações homossexuais e heterossexuais – como alguns desses traços são conhecidos por serem organizados por esteróides pré-natais, incluindo a testosterona, essas diferenças sugerem que os sujeitos homossexuais estavam, em média, expostos a condições endócrinas atípicas durante o desenvolvimento; em segundo lugar, as condições clínicas associadas a mudanças endócrinas significativas durante a vida embrionária frequentemente resultam em um aumento da incidência de homossexualidade. Tais circunstâncias sugerem que o ambiente endócrino pré-natal exerce uma influência significativa sobre a orientação sexual humana, mas uma grande parte da variação nessa característica comportamental permanece inexplicada até o momento. As diferenças genéticas que afetam o comportamento de maneira direta ou alterando a secreção ou ação do hormônio embrionário também podem estar envolvidas. Ainda precisa ser

²⁷¹ VIVENDO A ADOLESCÊNCIA. *Orientação sexual: Você sabe o que é orientação sexual?*. Disponível em: <<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/orientacao-sexual>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

determinado o modo como esses fatores biológicos pré-natais interagem com fatores sociais pós-natais para determinar a orientação sexual ao longo da vida.²⁷²

A orientação sexual é uma função sexualmente diferenciada que pode depender de variações na exposição (fetal) precoce aos esteroides sexuais. Uma exposição a uma alta concentração de testosterona durante uma fase crítica de desenvolvimento levaria a uma orientação tipicamente masculina, enquanto uma menor exposição embrionária aos esteroides levaria a uma orientação tipicamente feminina. Haveria a necessidade crucial de uma concentração de testosterona a fim de masculinizar essa característica como outros aspectos comportamentais em humanos e animais.²⁷³

A orientação sexual se refere a um padrão permanente de atrações emocionais, românticas, e/ou sexuais com relação a homens, mulheres ou ambos os sexos. Refere-se, igualmente, ao sentido de identidade de cada pessoa baseado nas referidas atrações, nos comportamentos relacionados e na pertença a uma comunidade de outros que compartilham essas atrações. (...) A orientação sexual se diferencia dos outros componentes do sexo e do gênero, incluindo o sexo biológico (as características anatômica, fisiológica e genética sendo homem ou mulher), a identidade de gênero (a sensação psicológica de ser mulher ou homem) e o papel social de gênero (as normas culturais que definem os comportamentos feminino e masculino). Ao falar sobre orientação sexual é comum referir-se a ela como se fosse apenas uma

²⁷² BALTHAZART, Jacques. *Minireview: Hormones and Human Sexual Orientation*. *Endocrinology*, August 2011. p. 2937. Disponível em: <<https://academic.oup.com/endo/article/152/8/2937/2457178>>. Acesso em: 04 jul. 2018. “Many people believe that sexual orientation (homosexuality vs. heterosexuality) is determined by education and social constraints. There are, however, a large number of studies indicating that prenatal factors have an important influence on this critical feature of human sexuality. Sexual orientation is a sexually differentiated trait (over 90% of men are attracted to women and vice versa). In animals and men, many sexually differentiated characteristics are organized during early life by sex steroids, and one can wonder whether the same mechanism also affects human sexual orientation. Two types of evidence support this notion. First, multiple sexually differentiated behavioral, physiological, or even morphological traits are significantly different in homosexual and heterosexual populations. Because some of these traits are known to be organized by prenatal steroids, including testosterone, these differences suggest that homosexual subjects were, on average, exposed to atypical endocrine conditions during development. Second, clinical conditions associated with significant endocrine changes during embryonic life often result in an increased incidence of homosexuality. It seems therefore that the prenatal endocrine environment has a significant influence on human sexual orientation but a large fraction of the variance in this behavioral characteristic remains unexplained to date. Genetic differences affecting behavior either in a direct manner or by changing embryonic hormone secretion or action may also be involved. How these biological prenatal factors interact with postnatal social factors to determine life-long sexual orientation remains to be determined”.

²⁷³ BALTHAZART, 2011. p. 2940. Disponível em: <<https://academic.oup.com/endo/article/152/8/2937/2457178>>. Acesso em: 04 jul. 2018. “Sexual orientation is a sexually differentiated function that might depend, like many other behavioral characteristics, on variations in the early (fetal) exposure to sex steroids (androgens and also possibly their estrogenic metabolites). Exposure to a high concentration of testosterone during a critical phase of development would lead to a male-typical orientation (attraction to women), whereas a lower embryonic exposure to steroids would lead to a female-typical orientation (attraction to men). There would be a critical concentration of testosterone required to masculinize this feature like other aspects of behavior in animals and humans”.

característica de um indivíduo, como o sexo biológico, a identidade de gênero ou a idade. Esta perspectiva é incompleta porque a orientação sexual se define em termos de relações com os outros. As pessoas expressam sua orientação sexual mediante o seu comportamento com os outros. Portanto, a orientação sexual está intimamente ligada às relações pessoais íntimas que satisfazem nossa profunda necessidade de amor, apego e intimidade. A orientação sexual é uma característica pessoal do indivíduo além de definir o grupo em que uma pessoa possa estabelecer relações românticas satisfatórias e plenas.²⁷⁴

Há, pelo menos, cinco categorias que caracterizam as diferentes formas das tendências sexuais:

- Homossexual – Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica;
- Heterossexual – Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.;
- Bissexual – Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero;
- Assexual – Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero;
- Transexual – Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento.²⁷⁵

Inclui-se, ainda, nesta lista: a) os transexuais que se referem a pessoas que não se identificam com o seu corpo, e o seu gênero psicológico não corresponde ao físico: o homem se sente mulher e vice-versa. A transexualidade não está totalmente ligada à homossexualidade visto que um homem homossexual, por exemplo, não se sente mulher, mas homem. Para ser um transexual é preciso que a pessoa sinta o oposto à sua configuração corpórea, e a sua orientação sexual depende de sua orientação de gênero; b) os intergêneros que se referem a

²⁷⁴ AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. 2012. Respuestas a sus preguntas para una mejor comprensión de la orientación sexual y la homosexualidad. *¿Qué es la orientación sexual?* p.1. Disponível em: <<http://www.apa.org/topics/lgbt/answers-questions-so-spanish.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2018. p. 1. “La orientación sexual se refiere a un patrón perdurable de atracciones emocionales, románticas y/o sexuales hacia hombres, mujeres o ambos sexos. La orientación sexual también se refiere al sentido de identidad de cada persona basada en dichas atracciones, las conductas relacionadas y la pertenencia a una comunidad de otros que comparten esas atracciones. (...) La orientación sexual se diferencia de los demás componentes del sexo y del género, incluidos el sexo biológico (las características anatómicas, fisiológicas y genéticas asociadas con ser de sexo masculino o femenino), la identidad de género (la sensación psicológica de ser de sexo femenino o masculino) y el rol social de género (las normas culturales que definen la conducta femenina y masculina). Al hablar de orientación sexual, es común referirse a ella como si solamente fuera una característica de un individuo, como el sexo biológico, la identidad de género o la edad. Esta perspectiva es incompleta porque la orientación sexual se define en términos de las relaciones con los demás. Las personas expresan su orientación sexual mediante conductas con otros, incluidas acciones tan sencillas como tomarse de la mano o besarse. Por lo tanto, la orientación sexual está estrechamente ligada a las relaciones personales íntimas que satisfacen nuestra profunda necesidad de amor, apego e intimidad. La orientación sexual no es solamente una característica personal de un individuo. Más bien, la orientación sexual define al grupo en el que una persona probablemente pueda establecer las relaciones románticas satisfactorias y plenas”.

²⁷⁵ JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2ª ed. Rev. e ampliada. Brasília, 2012. p. 26-27.

peçoas que não se identificam com homens nem com mulheres, mas podem conceber a si mesmos como homens ou mulheres, possuindo características do sexo oposto concomitantes às do mesmo sexo como uma junção entre o masculino e o feminino.²⁷⁶

Dieter²⁷⁷ enfatiza que a homossexualidade não reflete voluntariedade. Explica que orientação sexual (desejo sexual direcionado a um determinado sexo biológico) difere de opção sexual tomando como base a involuntariedade da homossexualidade visto que esta depende de identidade pessoal com relação a uma pessoa por quem outra se sente atraída – se por outra do mesmo sexo, de sexo oposto, de ambos os sexos, ou por ninguém – de modo que a identificação sexual está atrelada à identificação pessoal, desde que sentir atração por alguém não é produto de ação voluntária.

2.3 Resumo do segundo capítulo

Como acaba de ser explanado, este segundo capítulo trata dos assuntos correspondentes à Homossexualidade em sua evolução histórica até os dias atuais, abrangendo dados desde os seus primórdios como os períodos da Pré-história, da Idade Antiga que inclui os povos egípcios, gregos e romanos, da Idade Média, da Idade Moderna e da Idade Pós-moderna. Aborda, ainda, as várias vertentes da sexualidade humana, descrevendo suas características como sexo biológico, intersexualidade, identidade de gênero e orientação sexual.

Segundo as pesquisas realizadas neste capítulo, vai-se chegando à conclusão de que a homossexualidade é uma condição na qual o indivíduo se encontra não por escolha, mas porque foi acometido pelas experiências histórico-sociais às quais se submete em aceitação, entendendo que não se trata de uma escolha devassa, tampouco de ser considerada como doença uma vez que essa qualificação já foi negada cientificamente. Ademais, a homossexualidade é tida por involuntária haja vista considerarem que está atrelada à identificação pessoal que é determinada pelo meio em que a pessoa vive ou por causas genéticas.

Levando em consideração as explicações desenvolvidas no capítulo anterior, pode-se dizer que algumas igrejas interpretam os textos bíblicos como se estivessem falando de homossexualidade aplicada ao fenômeno hoje. Daí a pergunta que se tem ouvido constantemente a fim de responder a argumentos religiosos no tocante à homossexualidade é: “O que temos hoje como homossexualidade é o mesmo como havia no mundo antigo?”

²⁷⁶ LGBT. *Conheça os tipos de orientação sexual*. Disponível em: <<http://www.lgbt.pt/conheca-os-tipos-de-orientacao-sexual/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

²⁷⁷ DIETER, 2012. p. 7.

Normalmente, a resposta é “Não”. A esta resposta negativa, acrescenta-se outra pergunta: “Então, é possível, por exemplo, ler a Bíblia aplicando o contexto do mundo antigo no mundo moderno?” Normalmente, a resposta é “Não”, pois justificam sua resposta com base no argumento de que no mundo antigo a ideia de homossexualidade era uma e hodiernamente é outra. Destarte, explicam que a homossexualidade é um fenômeno da sexualidade humana em que uma pessoa que tem atração por outra do mesmo sexo e o que as leva a se unirem como um casal é a sua orientação sexual.

Como lido anteriormente, há diferença entre sexo e orientação sexual, pois uma pessoa pode, por exemplo, ser masculina e possuir orientação feminina – isso se aplica no mundo de hoje. No mundo antigo, no entanto, não existia essa noção. Assim, pontuam que a Bíblia (e, logicamente, seus textos) pertence ao mundo antigo. Esclarecem, portanto, que toda a Bíblia foi escrita a partir do costume do mundo antigo e, por isso, precisam ser lidos de acordo com o contexto da época e não para os dias atuais. Todavia, a prática a que se refere este presente capítulo pertence ao mundo atual, e é dentro desta ótica que todo estudo envolvendo este tema se insere, pontuando fatos antigos concernentes a uma esfera global, socio-histórica-religiosa-cultural, para conhecimento e esclarecimento quanto à sua realidade, sobre como é recebida na atualidade em face das adversidades que enfrenta e os modos pelos quais tem resolvido essas questões.

A partir dessas últimas pesquisas que tratam especificamente do tema “Homossexualidade” — tanto no seu próprio âmbito quanto no âmbito da Igreja do Nazareno — a seguir será avaliado o posicionamento da Igreja do Nazareno em face daquela na esfera da sexualidade humana mediante análise de seus documentos eclesiais e afins. Esses se resumem, principalmente, nos respectivos Manuais desde 2005 até 2021, no Tratado acerca da Perspectiva Pastoral em relação à questão da homossexualidade (em que os nazarenos ainda empregavam o termo “homossexualismo”), alguns trechos pertinentes da Bíblia Sagrada, e alguns movimentos pró-LGBT dentro da referida igreja.

3 POSICIONAMENTO DA IGREJA DO NAZARENO QUANTO À HOMOSSEXUALIDADE EM SEU MEIO

A partir de algumas mudanças no teor dos manuais da Igreja do Nazareno assim como em algumas igrejas nazarenas que passaram a vislumbrar a homossexualidade de forma afirmativa, pressupõe-se que a Igreja do Nazareno vem mudando sua postura com relação a essa questão em seu meio como modo de vida aceitável no que tange à sexualidade humana. Parece haver um grito social clamando por mudanças de posicionamentos em esfera global, mas, precisamente aqui, o foco está sobre a denominação evangélica em questão. Destarte, urge que se avaliem os documentos da referida instituição eclesiástica em comparação com as pesquisas que tratam dos temas e conceitos concernentes à homossexualidade como foi observado no capítulo anterior. Para tanto, far-se-á mister observar as perspectivas científicas concernentes à referida igreja e às posturas assumidas pelos grupos progressistas inseridos na esfera da homossexualidade. Será que a referida igreja dialoga com as pesquisas diversas que tratam desse aspecto específico da sexualidade, i.e., a homossexualidade?

3.1 A homossexualidade sob a ótica Nazarena

A Igreja do Nazareno se declara como uma igreja cristã protestante pertencente à tradição Wesleyana de santidade.²⁷⁸ Barreto e Oliveira Filho, por sua vez, descrevem como o Protestantismo lida com a homossexualidade,

ora condenando-a como pecado, ora explicando-a como doença ou resultado de uma influência ‘demoníaca’. Além disso, a postura habitual das igrejas Protestantes tendo sido a de interditar a participação de homossexuais nos mais diversos aspectos da experiência religiosa coletiva. Portanto, trata-se de uma novidade não só o fato de existirem homossexuais presentes em vários segmentos do Protestantismo, mas também de fazerem parte da configuração de um novo tipo de igreja – a igreja inclusiva. Por ‘igreja inclusiva’ entende-se uma comunidade cristã que acolhe e integra heterossexuais e homossexuais com igualdade de direitos religiosos. O mesmo se aplica ao termo ‘Protestantismo inclusivo’.²⁷⁹

Em contradição à sua assunção como igreja cristã protestante neste presente ano, como mencionado acima, a Igreja do Nazareno confessa em seu manual que abrange o período de

²⁷⁸ CHURCH OF THE NAZARENE. *Sobre os Nazarenos: Sobre Nós*. 2019. Disponível em: <<http://nazarene.org/pt/sobre-os-nazarenos>>. Acesso em: 24 set. 2018.

²⁷⁹ BARRETO, Maria Cristina Rocha, OLIVEIRA FILHO, José Evaristo de. A Inclusão de Homossexuais no Protestantismo. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 4, nº 8, p. 117-135. Dezembro/2012. p. 118.

2017 a 2021²⁸⁰ que “os nazarenos desenvolveram um modelo de igreja que difere da norma protestante”. Declara que se opõe a todo o tipo de discriminação, e defende que cada indivíduo, independentemente de gênero, por exemplo, deve ter igualdade perante a lei. Além disso, exorta os seus membros a que cuidem de suas atitudes a fim de que se tornem aptos a alcançar o alvo cristão de plena participação de todos na vida da igreja:

Cremos que cada indivíduo, independentemente de raça, cor, gênero ou crença, deve ter igualdade perante a lei. (...) Exortamos que todos os membros da Igreja do Nazareno examinem humildemente as suas atitudes e ações pessoais para com outras etnias, como primeiro passo para alcançar o povo cristão de plena participação de todos na vida da igreja e de toda a comunidade.²⁸¹

Destarte, internacionalizou-se ao reconhecer que suas igrejas e distritos constituem uma comunidade mundial de crentes que aceita plenamente seus respectivos contextos culturais, substituindo a mentalidade colonial por uma mentalidade completamente nova de ver o mundo onde se reconhecem os pontos fortes comuns a todos e a igualdade de todos os parceiros.²⁸²

3.1.1 *Estatuto da Igreja do Nazareno*

O Pacto de Conduta Cristã²⁸³ declara que a Igreja do Nazareno, como expressão internacional do Corpo de Cristo, pretende transmitir à sociedade contemporânea princípios bíblicos atemporais de modo que as doutrinas e os pactos da igreja sejam conhecidos e compreendidos por muitas nações e diferentes culturas. Sustenta, no entanto, que os Dez Mandamentos constituem a ética cristã básica de santidade na vida cristã aos quais se deve prestar obediência a fim de evitar que se viole a consciência da igreja e prejudiquem o seu testemunho. Destarte, apresentava inicialmente algumas práticas que deveriam ser evitadas – como, logo adiante, será mencionada a que é objeto da pesquisa –, retendo a preocupação quanto à necessidade de adaptações devido a diferenças culturais que devem ser remetidas à Junta de Superintendentes Gerais para aprovação.

28.4. Ao enumerar as práticas a serem evitadas, reconhecemos que nenhum catálogo, por mais completo que seja, pode pretender abarcar todas as formas do mal em todo o mundo. Portanto, é imperativo que o nosso povo procure seriamente a ajuda do

²⁸⁰ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 11.

²⁸¹ RABELLO, Sila D. *Organização e Política da Igreja do Nazareno*. Seminário Teológico Nazareno. Área Pastoral. Piracicaba, outubro de 2011. p. 30-31.

²⁸² IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 11.

²⁸³ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 42.

Espírito para desenvolver uma sensibilidade contra o mal que transcenda a mera letra da lei; recordando a admoestação: ‘Julgai todas as coisas. Retende o que é bom; abstende-vos de toda a forma de mal’.²⁸⁴

Diferentemente do posicionamento nazareno correspondente ao período de 2017 a 2021 que denota o princípio da igualdade entre os membros de sua comunidade, quando dá lugar a “uma mentalidade que assume uma forma completamente nova de ver o mundo”²⁸⁵, a Igreja do Nazareno reconhecia como imoralidade sexual as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo:

Imoralidade sexual, tal como relações pré-matrimoniais ou extra-matrimoniais (*sic*)²⁸⁶, ou relações do mesmo sexo; perversões de qualquer forma, frouxidão e conduta imprópria (Gênesis 19:4- 11; Êxodo 20:14; Levítico 18:22; 20:13; Mateus 5:27-32; Romanos 1:26-27; 1 Coríntios 6:9-11; Gálatas 5:19; 1 Tessalonicenses 4:3-7; 1 Timóteo 1:10).²⁸⁷ A Assembleia Geral de 2013 adotou (*sic*) mudanças ao parágrafo 21.2 (3) adicionando a frase ‘relações do mesmo sexo’ aos exemplos de imoralidade sexual. Estas mudanças estavam no processo de ratificação pelas assembleias distritais à data da publicação. (Nota de rodapé)²⁸⁸

Para a Igreja do Nazareno, a sexualidade humana é uma expressão da santidade e da beleza que Deus pretendeu para a sua criação.²⁸⁹ Sob a ótica nazarena, a performance da sexualidade humana como criação de Deus muda de um manual para outro: um²⁹⁰ explica a sexualidade humana como um meio para selar a aliança entre os cônjuges, marido e esposa, em cuja relação a sexualidade pode e deve ser santificada por Deus. Esta relação conjugal que, naturalmente, dá origem à sua prole, deve servir como exemplo para lhe ensinar o caráter sagrado da sexualidade cujo significado se realiza em um contexto matrimonial harmonioso. Neste sentido, a excelência da sexualidade humana se projeta em direção à guarda contra distorções ou quaisquer elementos que possam incitar à traição àquilo a que ela se propõe. Caso contrário, a sexualidade perde o seu propósito se se ensimesmar em detrimento de outros aspectos da moralidade cristã devido a interesses sexuais pervertidos ou pornográficos; o outro²⁹¹ explica que a sexualidade humana é uma dádiva de Deus destinada a refletir integralmente a qualidade física e relacional com que a pessoa foi criada. Ela pode ser

²⁸⁴ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 43.

²⁸⁵ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 11.

²⁸⁶ TUFANO, Douglas. *Guia Prático da Nova Ortografia*. Uso do hífen com prefixos: 3. São Paulo: Melhoramentos, 2008. p. 23. “Não se usa o hífen se o prefixo terminar com letra diferente daquela com que se inicia a outra palavra”. (Nota explicativa: o emprego correto do termo segundo a nova ortografia seria “extramatrimoniais”, i.e., sem o hífen.)

²⁸⁷ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 34.

²⁸⁸ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 34.

²⁸⁹ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 52.

²⁹⁰ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 52.

²⁹¹ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 39.

santificada não necessariamente no casamento, mas por meio do próprio corpo. Este, além de ser importante para Deus, é considerado muito bom porque manifesta o caráter de Deus através dos sentidos, do apetite sexual, da capacidade de experimentar prazer e do desejo de se conectar com outra pessoa. Segundo a Igreja do Nazareno como povo de santidade, estes “são formados a partir do próprio caráter de Deus”²⁹².

A Igreja do Nazareno²⁹³ cita em seu Manual 2013-2017 na seção sobre Sexualidade Humana que “a homossexualidade é uma das formas pelas quais se perverte a sexualidade humana”. Isso porque a tratava como “um fim em si mesma”, pois evidenciava um ato pecaminoso “sujeito à ira de ‘Deus’”. Acreditava, ainda, que a graça de Deus podia levar o indivíduo a sobrepujar a prática da homossexualidade; para isso, fazia valer seu entendimento a partir da citação de 1 Co 6:9,10. Destarte, a Igreja do Nazareno reprovava tudo o que vinha a acarretar qualquer congruência entre a moralidade cristã e a prática da homossexualidade. Todavia, os textos foram modificados no ínterim que compõe as duas últimas Assembleias Gerais da Igreja do Nazareno que culminaram na publicação de seus manuais concernentes aos respectivos períodos 2013-2017 e 2017-2021, como pode ser observado nas colunas comparativas a seguir:

Tabela 1: Comparação entre Manuais Nazarenos

2013-2017	2017-2021
Consideramos todas as formas de intimidade sexual que ocorram fora do pacto do casamento heterossexual como distorção pecaminosa da santidade e da beleza que Deus quis ver nela. ²⁹⁴	Creemos que a prática da intimidade sexual entre pessoas do mesmo sexo é contrária à vontade de Deus para a sexualidade humana. ²⁹⁵
Reconhecemos a profundidade da perversão que leva a actos de homossexualidade, mas afirmamos a posição bíblica de que tais actos são pecaminosos e sujeitos à ira de Deus. ²⁹⁶	A atração homossexual ou bissexual de uma pessoa possa ter origens complexas e diferentes, e a implicação do apelo à pureza sexual ser de alto custo. ²⁹⁷
Creemos que a graça de Deus é suficiente para vencer a prática da homossexualidade (1 Coríntios 6:9-11). ²⁹⁸	Acreditamos que a graça de Deus é suficiente para tal apelo (apelo à pureza sexual ser de alto custo). ²⁹⁹

²⁹² IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 39.

²⁹³ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 53.

²⁹⁴ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 52-53.

²⁹⁵ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 40.

²⁹⁶ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 53.

²⁹⁷ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 40.

²⁹⁸ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 53.

²⁹⁹ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 40.

<p>Censuramos qualquer ação ou declaração que pareça implicar compatibilidade entre a moralidade cristã e a prática da homossexualidade. Instamos que haja pregação e ensinamentos claros respeitantes aos princípios bíblicos sobre a moralidade sexual. Gênesis 1:27; 19:1-25; Levítico 20:13; Romanos 1:26-27; 1 Coríntios 6:9-11; 1 Timóteo 1:8-10.³⁰⁰</p>	<p>Reconhecemos a responsabilidade compartilhada do Corpo de Cristo em ser uma comunidade acolhedora, que perdoa e ama, em que a hospitalidade, o encorajamento, a transformação e a responsabilidade mútua estão disponíveis para todos.³⁰¹</p>
---	---

Em 2015, a Igreja do Nazareno declarou que

embora o direito civil de um país tenha mudado, a verdade divina não mudou. Iremos aprender como essa decisão de nova definição civil funcionará dentro do contexto de nossas liberdades constitucionais e religiosas. Nosso compromisso com a fé cristã bíblica ortodoxa continua a mesma. Continuamos a convocar os nazarenos de todo o mundo para uma vida de santidade, caracterizada pelo amor santo e expressada através do estilo de vida rigoroso e consistente de pureza sexual. Convocamos ainda mais o nosso povo a uma vida de generosidade e cheia de graça no Espírito que se estende em bondade para com aqueles que não compartilham nossa crença.³⁰²

Isso reflete sua boa disposição a tratar dignamente homens e mulheres independentemente de sua tendência sexual. Isso sugere uma visão nazarena mais progressista conforme pode ser vislumbrado em outros documentos, considerando, no entanto, que o Manual 2017-2021 denota uma posição de juízo e de caráter decisório no tocante às suas regulamentações:

Assembleia Geral é o corpo supremo de formulação da doutrina e legislação da Igreja do Nazareno. Este Manual inclui as decisões e juízos de delegados ministeriais e leigos da vigésima nona Assembleia Geral, que se reuniu em Indianápolis, Indiana, E.U.A. de 25 a 29 de Junho 2017, e é por isso autoridade como guia para ação. Pelo fato de ser a declaração de fé e prática da igreja oficiais e ser consistente com os ensinamentos das Escrituras, esperamos que o nosso povo em todo o lugar aceite os princípios de doutrina, guias e ajudas para o viver santo contidos nelas. Falhar em fazer isso, depois de terem feito os votos de membro da Igreja do Nazareno, prejudica o testemunho da igreja, viola a sua consciência e dissipa a comunhão do povo chamado nazareno.³⁰³

Todavia, não abandonou sua posição de rejeição à prática da homossexualidade por ser tida como contrária à ortodoxia cristã. Infere-se daí que a Igreja do Nazareno respeita as

³⁰⁰ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 53.

³⁰¹ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 40

³⁰² IGREJA DO NAZARENO. *Mídia-Editorial*: Posição da Igreja do Nazareno sobre união homoafetiva. 2015. Disponível em: <<http://www.nazareno.com.br/igreja/midia/editorial/579/2015/06/posicao-da-igreja-do-nazareno-sobre-uniao-homoafetiva/>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

³⁰³ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 5-6.

pessoas em suas escolhas, especificamente neste caso referente à orientação sexual, mas este respeito não descartou sua posição referente ao tema da homossexualidade. Houve, no entanto, algumas modificações no posicionamento da Igreja do Nazareno no que tange à questão da homossexualidade por ocasião da sua 29ª Assembleia Geral reunida em Indianapolis, Indiana, EUA, no período de 25 a 29 de junho de 2017, conforme visto acima nas tabelas comparativas dos manuais que abrangem os períodos de 2013 -2017 a 2017-2021.

3.1.2 *Bases teológicas a priori da Igreja do Nazareno em relação ao tema “homossexualidade”*

No documento denominado “Perspectiva Pastoral dos Vossos Superintendentes Gerais Acerca do Homossexualismo”³⁰⁴ (neste documento, a Igreja do Nazareno emprega o termo “Homossexualismo” que à luz do capítulo 2 é incorreto), a Junta de Superintendentes Gerais da Igreja do Nazareno declara que uma das preocupações que tem recebido de seus pastores expressa o desejo de compreender melhor o ministério entre indivíduos e famílias lidando com a homossexualidade, e sobre como os pastores e as igrejas poderão se envolver neste ministério. O referido documento pretende afirmar a posição da Igreja do Nazareno, esclarecendo a interpretação das Escrituras com relação à homossexualidade e sobre como o pastor e sua congregação deverão lidar com esta questão tendo em vista a complexidade do ministério pastoral. A posição da Igreja do Nazareno é articulada na declaração sobre a “Sexualidade Humana” no Manual e na declaração oficial da Junta dos Superintendentes Gerais.

O documento apresenta respostas pastorais baseadas na teologia wesleyana concernentes às questões envolvendo a homossexualidade. O questionário inicia-se pela pergunta acerca da posição da Igreja do Nazareno com relação à homossexualidade. A esta pergunta, segue a resposta baseada no Manual, na seção Sexualidade Humana,³⁰⁵ onde: “A Igreja do Nazareno vê a sexualidade humana como uma expressão da santidade e da beleza que Deus o Criador pretendeu para a Sua criação”. Neste parâmetro, de acordo com a antiga visão, a Igreja do Nazareno entende que a homossexualidade perverte a sexualidade humana, infringindo males à moralidade sexual, e, portanto, trata-se de atos pecaminosos sujeitos à ira de Deus; entende, também, que todos os nazarenos devem se dedicar a uma vida de santidade baseada no amor santo através de uma vida rigorosa quanto à pureza sexual. Acredita, ainda,

³⁰⁴ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS. *Perspectiva Pastoral dos Vossos Superintendentes Gerais: Acerca do Homossexualismo*. 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/331438789/Acerca-Do-Homossexualismo-Junta-de-Superintendentes-Gerais>>. Acesso em: 29 ago. 2018. p. 2.

³⁰⁵ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 52-53.

que o casamento numa perspectiva bíblica – impreterivelmente entre um homem e uma mulher, isto é, considera “todas as formas de intimidade sexual que ocorram fora do pacto do casamento heterossexual como distorção pecaminosa da santidade e da beleza que Deus quis ver nela”³⁰⁶ –, além de heterossexual e monogâmico, deve ser encarado como o único contexto no qual a intimidade sexual pode ser expressa apropriadamente.³⁰⁷

Todavia, no Manual 2017-2021, o subtítulo e o texto da seção acima referida diferem um do outro como se vê:

Sexualidade humana e casamento

Igreja do Nazareno vê a sexualidade humana como uma expressão da santidade e da beleza pretendidas por Deus, o Criador. Todos os humanos são seres criados à imagem de Deus, e portanto, de inestimável valor e dignidade. Como resultado disto, acreditamos que a sexualidade humana destina-se a incluir mais que a experiência sensual: é uma dádiva de Deus designada para refletir na íntegra a qualidade física e relacional com que fomos criados.³⁰⁸

Destarte, no documento *Perspectiva Pastoral dos Superintendentes Gerais*, a Igreja do Nazareno declara a igreja deve apoiar os homossexuais, pois são importantes para ela devido ao interesse que Deus têm por eles:

Se nós, como igreja condenarmos de imediato o nosso irmão ou irmã que é homossexual, sem ao menos tomar tempo para conhecê-los e compartilhar com eles o amor de Deus, poderemos fazer com que eles se desinteressem pela igreja e de Deus. Os homossexuais precisam da igreja e são importantes para nós porque Deus se interessa por eles.³⁰⁹

A Igreja do Nazareno chegou àquela primeira posição quanto à homossexualidade pautando-se em dois pontos de referência principais: As Escrituras Sagradas e a tradição cristã.³¹⁰ Respeitante a estes pontos, os superintendentes gerais da Igreja do Nazareno fala sobre atos homossexuais, relevando a opinião de estudiosos que concordam com passagens bíblicas que tratam diretamente sobre atividades homossexuais, como segue: os estudiosos que consideram os dois aspectos da “questão homossexual” geralmente concordam com as seis ou mais passagens bíblicas que falam diretamente sobre a atividade homossexual.³¹¹

Há, porém, poucas passagens bíblicas sobre este tema porque, primeiramente, nos tempos bíblicos, a prática homossexual não era compatível com a vida israelita do Antigo

³⁰⁶ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 4.

³⁰⁷ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 4.

³⁰⁸ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 38-39.

³⁰⁹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 14.

³¹⁰ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 5.

³¹¹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 5.

Testamento nem com a vida cristã correspondente à igreja do Novo Testamento³¹² – ambos os concertos rejeitavam veementemente a atividade homossexual. Ela considera, ainda, que os textos escriturísticos não atribuem importância a este tema sobre atividade homossexual, e enfatiza não necessariamente o que a Bíblia diz acerca do homossexualismo, mas o que ela não diz:

O que a Bíblia diz acerca do homossexualismo: em primeiro lugar devemos deixar claro o que a Bíblia não diz. A Bíblia nada diz a respeito do homossexualismo quanto ao sentido atual da palavra. Atualmente, a homossexualidade é muitas vezes descrita como ‘orientação’, ou ‘tendência’ sexual de uma pessoa. A Bíblia não fala sobre o assunto de tendência homossexual. A Bíblia fala acerca de atos homossexuais. Precisamos ser claros neste ponto e não dizer nada além daquilo que Bíblia declara. A falta de esclarecimento neste ponto é o que está tomando lugar nestes debates destrutivos.³¹³

O documento da Igreja do Nazareno em análise “Perspectiva Pastoral Acerca do Homossexualismo” apresenta um parâmetro entre os dois primeiros textos³¹⁴ do Antigo Testamento que discorrem sobre a atividade homossexual (Gênesis 19:1-11; Juízes 19), homens perversos e corruptos respectivamente de Sodoma – não considerada como parte de Israel – e Gibeá, poucas milhas ao norte de Jerusalém, manifestaram desejos homossexuais: em ambos os casos, nenhuma lei foi apresentada a fim de proibir ou condenar a prática homossexual. Quanto aos de Sodoma, o agravante de não pertencerem a Israel representa uma realidade pagã por meio de um ato intolerável para Israel; quanto aos de Gibeá, por não serem pagãos, o texto usa palavras negativas para os descreverem como homens perversos cujas ações foram consideradas abomináveis e desonrosas. A interpretação da presente instituição religiosa de acordo com seus documentos sugere que os casos ocorridos ilustram dois aspectos distintos no que tange à noção da religiosidade bíblica: uma realidade pagã contrária aos valores éticos e religiosos de Israel, e a perversidade de homens, inseridos num contexto bíblico-religioso, contrária àqueles mesmos valores.

Dando continuidade a suas interpretações, os superintendentes gerais nazarenos asseveram que as passagens Levítico: 18:22 e Levítico 20:13 inseridas no Código de Santidade Levítico, condenam as relações sexuais entre homens.³¹⁵ Eles consideram, também, que o trabalho de interpretar corretamente as Escrituras é árduo e que é necessário discernimento para

³¹² JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 5.

³¹³ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 5.

³¹⁴ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 5-6.

³¹⁵ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 6.

considerar adequadamente o que seja lei cerimonial ou ritual numa perspectiva cultural e o que deve ser considerado como lei moral para os crentes em Cristo. Leia-se o texto na íntegra:

O terceiro lugar no Velho Testamento no qual aparece a menção da prática homossexual, é na secção muitas vezes referida como sendo o Código de Santidade Levítico. Levítico 18:22 e 20:13 claramente condenam relações sexuais entre homens. Aqui, no meio de mandamentos proibindo relações sexuais temos um mandamento direto das Escrituras condenando a prática homossexual masculina. Enquanto que o mandamento proibindo atos homossexuais é claramente expressa, tal proibição está localizada entre outros mandamentos semelhantes, referentes à circuncisão, apresentação pessoal, dieta, sementeira, mistura de tecidos e relações sexuais durante o período de menstruação. A igreja continua enfrentando a difícil tarefa de interpretar completamente as Escrituras e de discernir o que deve ser considerado como lei cerimonial ou ritual para a cultura e aquilo que deve ser considerado como lei moral para os seguidores de Jesus. O Novo Testamento claramente descreve como a igreja primitiva considera as proibições dos atos homossexuais.³¹⁶

Acrescentam, ainda, que o Novo Testamento corrobora as proibições de atos homossexuais pela igreja primitiva, citando e explicando as passagens em 1 Timóteo 1:9-10, 1 Coríntios 6:9-11 e Romanos 1:18-32.³¹⁷ Quanto às duas primeiras, diz que respectivamente apresentam uma lista de pecados e pecadores em oposição à sã doutrina do Evangelho – dentre estes pecadores se encontram os sodomitas, i.e., os homens homossexuais, conforme evidenciado no idioma grego e formulada pelo apóstolo Paulo com base na tradução grega de Levíticos 18:22 que caracteriza como não-bíblica a prática homossexual por meio de um mandamento direto das Escrituras que a condena, especificamente aqui, entre homens –, e uma lista de pessoas que não herdarão o reino de Deus, dentre os quais efeminados e sodomitas ou homossexuais passivos e ativos: “para os sodomitas” (1 Tm 1:10 – versão ACF³¹⁸); “os homossexuais” (1 Tm 1:10 – versão NVI³¹⁹); “nem os efeminados, nem os sodomitas” (1 Co 6:10 – versão ACF³²⁰); “nem homossexuais passivos ou ativos” (1 Coríntios 6:9 – versão NVI³²¹).

Apontando diferentes versões bíblicas (NIV [NVI], The Good News Bible, e NRSV), os superintendentes acentuam outros sinônimos para a palavra “sodomita” como pervertido e pervertido sexual³²². Etimologicamente, a palavra sodomia é de origem bíblica, referindo-se

³¹⁶ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 6.

³¹⁷ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 6-7.

³¹⁸ BÍBLIA ACF (Almeida Corrigida Fiel). *1 Timóteo 1:10*. Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/acf/1tm/1>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

³¹⁹ BÍBLIA NVI (Nova Versão Internacional). *1 Timóteo 1:10*.

³²⁰ BÍBLIA ACF (Almeida Corrigida Fiel). *1 Coríntios 6:10*. Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/acf/1co/6>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

³²¹ BÍBLIA NVI (Nova Versão Internacional). *1 Coríntios 6:9*. Disponível em: <<https://www.biblionline.com.br/nvi/1co/6>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

³²² JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 6.

aos homens que viviam em Sodoma e praticavam perversões sexuais, enfatizando a prática do sexo anal, entre homossexuais e heterossexuais:

A Palavra Sodomia não se encontra na Bíblia em Hebraico, a palavra encontrada é Sodomita, a qual lançada para o grego se escreve Arsenokoitesum = Que se deita com um macho como com uma fêmea, sodomita, homossexual. A Palavra Sodomia encontramos no latim é mais ampla e refere-se: Perversões Sexuais, em ênfase o Sexo Anal, independente de ser entre Heterossexuais ou Homossexuais. Ou seja, a relação sexual anal, e não importa se homem com mulher ou homem com homem, o sexo anal em si é abominável. De qualquer maneira as palavras Sodomita e Sodomia estão ligada a Cidade de Sodoma, na Palestina, onde seus moradores eram praticantes da relação sexual anal, geralmente Homens com Homens.³²³

Eles explicam³²⁴ que o apóstolo Paulo (1 Co 6:9,10) emprega dois termos com o propósito de explicitar a relação sexual desenvolvida por pessoas que praticam atos homossexuais: efeminados e sodomitas, respectivamente parceiros passivos (receptor) e ativos em relações sexuais eróticas: os primeiros sendo denominados de “homens prostitutas” ou “rapaz prostituta” (que nada tem a ver com atividade financeira, mas com), homem que se oferecia a outro homem a fim de se relacionarem sexualmente. Miller Jr.³²⁵ corrobora esta explicação nazarena citando a sugestão de John Boswell acerca do termo grego ‘arsenokoitai’ de que este se refere a ‘homens prostitutas’ que se colocavam à disposição de homens ou mulheres. A Igreja do Nazareno declara, portanto, que as relações sexuais eróticas são rejeitadas biblicamente e incompatíveis com a vida cristã.

Declara, ainda, que³²⁶ a passagem mais clara e detalhada concernente à homossexualidade no Novo Testamento está em Romanos 1:18-32, onde especificamente os versículos 26 e 27 atentam àquela questão propriamente dita: “Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão”. Explica que o texto de maneira global se refere à ira de Deus respeitante à impiedade e à perversão humana, e a prática de atos homossexuais é apresentada como uma das piores formas de iniquidade. Importante destacar a explicação nazarena no tocante a esta passagem:

³²³ FABIANO, Jeferson. *A Bíblia Hoje: O Sexo Anal na Bíblia e na Ciência*. 2011. Disponível em: <<http://pastorjefersonfabianocomenta.blogspot.com/2011/02/o-sexo-anal-na-biblia-e-na-ciencia.html>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

³²⁴ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 7.

³²⁵ MILLER JR., Joseph Walter. *Homosexuality: A Scriptural Way Forward for the United Methodist Church*. Gonzalez, FL: EnerPower Press, 2015. p. 104. “Boswell suggests that *arsenokoitai* refers to male prostitutes who were available to men or women”.

³²⁶ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011, p. 7-8.

Tecnicamente, o texto não aponta a ira de Deus sendo revelada contra pecados tais como a prática homossexual, mas sim que a prática homossexual é uma expressão da ira de Deus trazendo consequências horríveis para as vidas das pessoas que se consideram superiores a Deus. A linha de argumento de Paulo é que a prática homossexual é um resultado degradante em não glorificar a Deus como Deus, e em trocar a glória de Deus por desejos humanos. Vemos claramente que, no argumento de Paulo, ele considera a prática homossexual como sendo contrária à vontade de Deus. A sua linguagem é um eco das palavras de vários filósofos daquela época argumentando que a prática homossexual era contrária à natureza e uma rejeição repugnante do plano divino da criação. Note ainda que pela primeira vez nas Escrituras, a prática homossexual feminina é rejeitada juntamente com a prática homossexual masculina. (...). A igreja sempre tem interpretado as instruções sexuais contidas nas Escrituras Sagradas como sendo, universais. Expressões da sexualidade humana variam de acordo com as culturas, mas a sexualidade humana é um elemento fundamental e essencial naquilo que constitui a nossa humanidade. Ela não é limitada nem condicionada pela cultura.

Pautados em Gênesis 1 e 2, os nazarenos afirmam³²⁷ que o propósito divino quanto ao relacionamento sexual entre macho e fêmea é universal e não um assunto cultural; por isso, entendem que o casamento entre homem e mulher é o único contexto de expressar apropriadamente a atividade sexual. Destarte, não consideram as condenações bíblicas à homossexualidade como textos escriturísticos ultrapassados que podem ser descartados conforme a evolução dos contextos culturais. Para eles, não há escapatória para a configuração da homossexualidade como pecado. A Igreja do Nazareno se respalda na Tradição da Igreja³²⁸, que é sustentada pelas Escrituras, segundo a leitura feita pelos nazarenos, para reforçar a proibição/condenação da homossexualidade por refletir um comportamento pecaminoso, imoral e, por isso mesmo, contrário à orientação divina para a prática sexual.

Ao invés de colocar de lado a proibição das Escrituras, a tradição da Igreja tem por mais de novecentos anos re-enforçado a proibição do comportamento homossexual como sendo contrário à vontade de Deus. As vozes mais influentes em toda a história da Igreja, têm condenado o comportamento homossexual como sendo pecaminoso/imoral. A Igreja Primitiva (A.D. 100-600) condenou a prática do homossexualismo.³²⁹

Para tanto, cita documentos, explicitando-os, e personagens proeminentes da história eclesial como: a) A Igreja Primitiva (A.D. 100-600) que condenou as práticas homossexuais³³⁰; b) A Didaquê que inclui os termos “arsenokoitia” e “paidophthoria”,

³²⁷ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 8.

³²⁸ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 8-9.

³²⁹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 8.

³³⁰ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 8.

indicadores de comportamento homossexual, na mesma lista de atos pecaminosos e imorais como fornicação e adultério³³¹:

‘Didaqué’ é uma palavra grega que significa ‘instrução’ ou ‘doutrina’, e a obra era conhecida como ‘A Instrução dos Doze Apóstolos’, – o que lembra muito o que diz o livro de Atos (2,42) sobre ‘o ensinamento dos Apóstolos’. (...) um conjunto de textos que nos permite um mergulho profundo no inconsciente dos primeiros seguidores de Jesus, contemporâneos dos Apóstolos e/ou de seus sucessores diretos (...) a obra é fruto da reunião de várias fontes escritas e/ou orais, que retratam a tradição viva das comunidades cristãs do primeiro século. (...) é um manual da Religião, uma espécie de Catecismo dos primeiros cristãos: era o principal referencial escrito com que os primeiros seguidores do Cristo contavam além das Escrituras hebraicas (...) permite entender melhor as origens do cristianismo, nos dá uma ideia de como eram a iniciação, as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades. ‘O Caminho da Vida e o caminho da morte’. Capítulo II: 2 (...) não te entregarás à pederastia (...).³³²

Miller³³³ diz que Robert A. J. Gagnon refere-se a fontes anteriores como os padres apostólicos. Nas listas de Barnabé 19:4, Didache 2:2, Clemente de Alexandria, Orígenes e A Constituição Apostólica aparecem as palavras gregas porneia (fornicação), moicheia (adultério) e paidophtoria (corrupção de meninos) paralelamente a lista de porneia, moicheia e arsenokoites.

Quanto à causa da homossexualidade, a Igreja do Nazareno assevera que as respectivas respostas científicas têm sido rejeitadas por serem parciais, não dando uma explicação definitiva e incontestável a partir de experiências e teorias cujos resultados são caracteristicamente indetermináveis, quer sejam de categoria genética, física, hormonal, influências do meio – educacional, familiar, profissional, midiático –, etc. Destarte, até o momento não é possível apresentar quaisquer evidências conclusivas, não há uma explicação científica sequer sobre a causa da homossexualidade. Todavia, ressalta as distorções tendenciosas de pesquisadores na interpretação da origem do fenômeno devido a suas próprias preferências pessoais concernentes a essas respectivas manifestações, reações comportamentais ou tendências.³³⁴ E assim declara:

Pesquisas atuais não negam o que a Bíblia diz a respeito do comportamento pecaminoso. Como pastores que somos, temos a distinta orientação bíblica quanto ao

³³¹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 8.

³³² SEBASTIÃO, Henrique. A Didaqué: a Instrução dos Apóstolos. *O Fiel Católico*. 1997. Disponível em: <<http://www.ofielcatolico.com.br/2001/05/o-didaque-instrucao-dos-apostolos.html>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

³³³ MILLER JR., 2015. p. 101. “Gagnon does relate to earlier sources such as the apostolic fathers. In lists from Barnabas 19:4, The *Didache* 2:2, Clement of Alexandria, Origen, and *The Apostolic Constitution* appear the Greek words *porneia* (fornication), *moicheia* (adultery), and *paidophtoria* (corruption of boys) parallel to lists of *porneia*, *moicheia*, and *arsenokoites*”.

³³⁴ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 9-10.

comportamento homossexual, e não esperamos pela explicação científica para determinar a nossa função pastoral neste aspecto³³⁵.

Respeitante aos conflitos pessoais devido à tendência homossexual não escolhida, conforme concepção nazarena, a Igreja do Nazareno diz compreender bíblica e teologicamente que as Escrituras não falam sobre inclinação ou tendência homossexual apesar de falar claramente sobre o comportamento homossexual. Declara que estabelece uma diferença entre comportamento e tendência, em que o primeiro é pecado e o segundo não. “O Manual da Igreja do Nazareno bem como a Declaração Oficial da Junta dos Superintendentes Gerais fazem uma distinção clara entre o comportamento e a tendência. Um é pecado e o outro não é”.³³⁶

Além disso, esta igreja reconhece que o pecado também é coletivo. Explica que uma pessoa tende a ser pecadora por causa do meio em que vive, mas isso não implicar ter ela decidido ser pecadora. O mundo em que a pessoa nasce está envolto no pecado e o pecado é pegajoso de modo que se apegue à pessoa. Pensando na homossexualidade como pecado coletivo, ela é assim caracterizada porque reflete a decadência do mundo. Ilustrativamente, a cobiça e a ganância sugerem uma tendência, pela qual o indivíduo responde de acordo com o caráter de Deus; o mesmo se dá com a tendência homossexual cujo indivíduo precisa de uma igreja que requeira um procedimento de acordo com o caráter divino onde não haja ridicularização ou condenação à pessoa homossexual, mas amor sob a graça de Deus que pode lhe propiciar a redenção. Assim, oferece a possibilidade da aceitação/tolerância do comportamento homossexual – que anteriormente classificou como pecado, i.e., aceitação ou tolerância ao pecado. Esse entendimento é corroborado pela seguinte conceituação nazarena:

Também reconhecemos que o pecado é colectivo (*sic*). O mundo decaído no qual vivemos nos afeta de formas múltiplas. Os americanos tendem a ser gananciosos devido à sociedade de consumo. Não acordamos numa certa manhã e decidimos ser gananciosos. Nascemos num mundo ganancioso e este pecado pegajoso se apegou a nós. Nesta maneira colectiva de pensar acerca do pecado, o homossexualismo é pecado porque ele reflete a decadência do nosso mundo. Tal como a ganância/cobiça, isto é algo pelo qual somos chamados a responder pela graça de Deus de acordo com o caráter de Deus. Alguém que tem a tendência homossexual não precisa de uma igreja que condena tal tendência, mas sim, de uma igreja requerendo um procedimento de acordo com o caráter divino. A igreja não deve ser um lugar de ridicularização ou de condenação, mas sim um lugar de amor, de graça, e de redenção. Como pastores, devemos caminhar nesta linha estreita entre a condenação ampla do homossexualismo e a aceitação/tolerância do comportamento homossexual.³³⁷

³³⁵ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 10.

³³⁶ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 10.

³³⁷ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 10-11.

Sob a ótica nazarena, o comportamento homossexual é expressamente proibido pelas Escrituras e pela tradição cristã, todavia manifesta plausibilidade quanto a relacionamentos amáveis e fiéis, considerando o casamento como a síntese destes de acordo com o amor de Deus que une as pessoas, defendendo o conceito de união conjugal entre homem e mulher que combina as esferas biológica, psicológica, emocional e espiritual.

O comportamento homossexual é expressamente proibido pelas Escrituras e pela tradição cristã. Entretanto, as Escrituras Sagradas e a tradição cristã, de uma forma maravilhosa, expressam como Deus nos criou com a capacidade para termos relacionamentos amáveis e fiéis. O casamento é o epítome de tais relacionamentos sendo descrito numa linguagem trinitária pelo apóstolo Paulo. O amor do Pai-Filho-Espírito é um amor não egoísta, que concede, que une, que considera os outros em primeiro lugar.³³⁸

Quanto àquele que se considera um crente homossexual praticante, entende que há uma contradição nesta aceção, pois remete à noção de um oxímoro, uma proposição ambígua, visto que a sexualidade de um cristão deve ser submissa à obediência a Cristo e às posições escriturísticas no que concerne ao pecado do comportamento homossexual, ou seja, o homossexual praticante, aquele que tem o comportamento homossexual e não somente a tendência, possui identidade idólatra haja vista considerar que tudo o que substitui a identidade em Cristo se constitui num ídolo.

As Escrituras Sagradas falam claramente sobre este aspecto. A pessoa fazendo tal confissão está sendo contraditória com duas declarações: 1) Sou um homossexual praticante, e, 2) Sou um seguidor de Jesus Cristo. Qual delas substitui a outra?; qual delas é a mais básica à sua identidade? Se alguém se diz 'cristão', então, sendo um discípulo de Jesus a sua sexualidade tem que se submeter em obediência a Cristo e àquilo que as Escrituras dizem acerca do pecado do comportamento homossexual. Se a pessoa diz que é um 'homossexual praticante', então Deus e as Escrituras têm que se submeter à tendência sexual desta pessoa, e isto faz do homossexualismo uma identidade idólatra. Para o praticante do homossexualismo, a sua identidade sexual substitui a sua identidade em Cristo. Qualquer coisa em lugar de Deus constitui-se um ídolo.³³⁹

Novamente é reiterado que há uma diferença entre tendência homossexual e comportamento homossexual de modo que a tendência é uma inclinação à vontade de se relacionar sexualmente com outra pessoa do mesmo sexo e o comportamento é a obtenção da satisfação sexual com alguém do mesmo sexo – a tendência é um desejo; o comportamento é uma ação.

³³⁸ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 11.

³³⁹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 11-12.

Lembre-se da distinção entre a tendência homossexual e o comportamento homossexual. A tendência homossexual é a inclinação ao desejo de ter intimidade sexual com outra pessoa do mesmo sexo. Comportamento homossexual é obter a satisfação sexual com alguém do mesmo sexo. O primeiro é um desejo, o segundo é uma ação.³⁴⁰

O acesso à graça transformadora de Deus é para todos os cristãos, homossexuais ou não, conforme o entendimento nazareno:

Alguém pode não ter a opção de ser um homossexual, mas pode fazer a decisão de participar ou não de atos homossexuais. A chamada para o ‘cristão homossexual’ é a mesma para todos os cristãos – a de estar acessível à graça transformadora de Deus à medida que Ele continua a moldar sua vida à Sua semelhança.³⁴¹

Os nazarenos vão além disso – da chamada para o cristão homossexual – ao afirmar que, algumas vezes, um homossexual pode voltar a ser heterossexual: que “Existem pessoas que antes eram homossexuais e que testificam da graça curadora que transformou a sua tendência sexual”.³⁴²

Um bom conselheiro na comunidade cristã é de grande valia para auxiliar pessoas que enfrentam conflitos consigo mesmas quanto à sua tendência sexual cuja formação requer aconselhamento profissional e cuidado pastoral. Todavia, nem sempre ocorre a transformação de uma tendência homossexual como o caso dos não reorientados que devem viver uma vida de abstinência pela graça do Espírito Santo. O amor incondicional de Deus é o que deve levar à tolerância do comportamento homossexual. Apesar disso, sob a ótica nazarena, não se deve sucumbir à crença de que a homossexualidade seja irreversível e natural sem oferecer esperança de mudança, caso contrário, incorreria numa linha de pensamento “pró-homossexualismo” que não é bíblica.³⁴³

Ensine a Verdade e transmita Esperança. Não devemos recuar em dizer a verdade sobre o homossexualismo, a sua origem, e as suas consequências. É bem provável que entre o povo de Deus seja o único lugar onde homossexuais podem ser amados e ouvir a verdade de Deus. Baseado nas Escrituras, na tradição cristã e na doutrina da nossa igreja, afirmamos persistentemente e com compaixão que a prática do homossexualismo é contrária à vontade de Deus e o comportamento homossexual não pode ser aceitável aos seguidores de Cristo, e sempre apontando para a esperança em Cristo que veio para nos redimir do poder do pecado. A teologia wesleiana oferece recursos da graça que dá esperança ao homossexual. Pela graça, Deus é poderoso para libertá-los dos desejos homossexuais ou capacitá-los a viver uma vida de celibato. O Deus, dê-nos graça para ensinar a Tua verdade repleta de esperança.³⁴⁴

³⁴⁰ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 12.

³⁴¹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 12.

³⁴² JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 12.

³⁴³ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 13-14.

³⁴⁴ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 14.

Para tanto, os nazarenos julgam mister que haja uma comunidade de graça que viabiliza a hospitalidade e a formação do caráter, estando disposta a abraçar o homossexual e ajudá-lo não apenas em um gabinete pastoral ou só no altar, mas no acolhimento através do diálogo, do cuidado, da participação em grupos. Não se deve manifestar condenações, mas um compartilhamento de bons sentimentos proveniente, por exemplo, de grupos de apoio formados por mentores experientes que auxiliam na reorientação da pessoa homossexual ou do solteiro homossexual celibato os quais serão convidados a participar de ministérios da igreja em posições mesmo de liderança, servindo na junta, cantando em corais. Ele vai alcançar a graça no contexto da comunhão da igreja, e não fora dela como numa comunidade homossexual onde poderia procurar acolhimento caso fosse rejeitado pela igreja.³⁴⁵ Todo este posicionamento acima descrito está pautado em análises interpretativas anteriores à última Assembleia Geral da Igreja do Nazareno.

Os principais documentos da Igreja do Nazareno que tratam especificamente sobre o tema da homossexualidade são: uma seção específica no(s) Manual(is) – sua declaração nazarena de fé, prática e política, acordadas como oficiais³⁴⁶ – que são atualizados a cada quatro anos nas Assembleias Gerais e a Perspectiva Pastoral dos Superintendentes Gerais acerca do homossexualismo (*sic*). Ambos apresentam bases bíblicas por meio das quais justificam seus preceitos e conceitos refutam quaisquer doutrinas que não se coadunam com o texto sagrado.

Esses documentos não são sempre harmoniosos entre si por apresentarem algumas diferenças que caracterizam um parecer menos ou mais conservador cujas palavras destoam em comparações recíprocas. Por exemplo, o Manual 2017-2021 no desenvolvimento do tópico “Sexualidade Humana e Casamento”, no item 31.6 – “Atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo” –, voltado especificamente para a questão da homossexualidade, difere dos manuais anteriores dos períodos 2005-2009, 2009-2013, 2013-2017, como se vê a seguir.

Manuais dos períodos 2005 a 2017 apresentam o mesmo teor textual:

A homossexualidade é uma das formas pelas quais se perverte a sexualidade humana. Reconhecemos a profundidade da perversão que leva a atos de homossexualidade, mas afirmamos a posição bíblica de que tais atos são pecaminosos e sujeitos à ira de Deus. cremos que a graça de Deus é suficiente para subjugar a prática da homossexualidade (I Coríntios 6:9-11). Deploramos qualquer ação ou declaração que pareça implicar compatibilidade entre a moralidade cristã e a prática da homossexualidade. Urgimos que haja pregação e ensinamentos claros respeitantes aos princípios bíblicos quanto à moralidade sexual.³⁴⁷

³⁴⁵ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 14-15.

³⁴⁶ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 6.

³⁴⁷ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 52-53.

Manual 2017-2021 apresenta um teor textual diferente dos três anteriores:

Atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo. Acreditamos que a intenção de Deus é que a nossa sexualidade seja vivida dentro da união pactual entre uma mulher e um homem; por isso cremos que a prática da intimidade sexual entre pessoas do mesmo sexo é contrária à vontade de Deus para a sexualidade humana. Porquanto a atração homossexual ou bissexual de uma pessoa possa ter origens complexas e diferentes, e a implicação do apelo à pureza sexual ser de alto custo, acreditamos que a graça de Deus é suficiente para tal apelo. Reconhecemos a responsabilidade compartilhada do Corpo de Cristo em ser uma comunidade acolhedora, que perdoa e ama, em que a hospitalidade, o encorajamento, a transformação e a responsabilidade mútua estão disponíveis para todos.³⁴⁸

O termo “homossexualidade” foi substituído pela frase “Atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo”. As expressões “perversão”, “sujeitos à ira de Deus”, “moralidade cristã” e “moralidade sexual” foram retirados, dando lugar a acréscimos como “a implicação do apelo à pureza sexual ser de alto custo” e “responsabilidade compartilhada do Corpo de Cristo em ser uma comunidade acolhedora, que perdoa e ama”.

O documento “Perspectiva Pastoral”, por sua vez, também apresenta alterações nos textos conforme se vê, o que sugere a existência de duas edições do mesmo documento, em que um tem por nome “Uma perspectiva Pastoral sobre o Homossexualismo”, e o outro “Perspectiva Pastoral dos Vossos Superintendentes Gerais Acerca do Homossexualismo”. Alguns pontos de diferenciação entre eles podem ser observados 1) sob uma Perspectiva Pastoral Sobre o Homossexualismo – Declaração Oficial Junta de Superintendentes Gerais: A Igreja do Nazareno acredita que cada homem e mulher, seja qual for sua inclinação (orientação) sexual, deve ser tratado com dignidade, graça, e amor santo;³⁴⁹ 2) sob uma Perspectiva Pastoral dos Vossos Superintendentes Gerais Acerca do Homossexualismo – Declaração Oficial: A Igreja do Nazareno crê que cada homem e mulher deve ser tratado com dignidade, graça e amor santo, seja qual for a sua tendência sexual.³⁵⁰

Nota-se que o primeiro fala sobre “inclinação” (orientação) sexual; o outro fala sobre “tendência sexual”. Apesar de serem sinônimas, a empregabilidade dessas palavras sugere uma conotação diferente, tornando-as semanticamente distintas conforme a sua aplicação, revelando tendenciosidades ou não – inclinação é mais voltada para a personalidade; tendência é mais voltada para a atitude. Comparando, porém, essas expressões com um excerto do documento Perspectiva Pastoral, percebe-se uma caotização no emprego desses termos e seus significados:

³⁴⁸ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 40.

³⁴⁹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 2.

³⁵⁰ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 4.

“As Escrituras claramente falam do comportamento homossexual, mas não falam da inclinação ou tendência homossexual. (...) Um é pecado e o outro não é”.³⁵¹

O Manual da Igreja do Nazareno e a declaração oficial da Junta de Superintendentes Gerais fazem uma distinção clara entre o comportamento e a orientação. Um é pecaminoso e a outra não é. O evidente é que o fato de que o comportamento heterossexual ou homossexual com o sexo oposto/mesmo sexo, é um assunto moral. Portanto, o comportamento homossexual é pecaminoso porque reflete a queda do nosso mundo. A pessoa que tem uma orientação homossexual necessita de uma igreja que oferece uma resposta de acordo com o carácter de Deus. (...) Como líderes pastorais temos de estender o convite da graça à pessoa com a tendência (inclinação, orientação) homossexual sem aprovar/aceitar seu comportamento homossexual. Claramente, o comportamento homossexual é expressamente proibido nas Escrituras e na tradição cristã.³⁵²

Todo esse discurso envolve uma problemática com relação às esferas terminológica, semântica, hermenêutica, de modo que acabam por confundir o que de fato os nazarenos pretendem transmitir.

3.2 A homossexualidade sob a ótica progressista da afirmação

Em um breve entendimento sobre a posição da Igreja do Nazareno em torno da questão sobre como ela considera a homossexualidade, parece que suas afirmações ora dialogam com as pesquisas científicas acerca da sexualidade humana (assunto tratado no capítulo 2), paradoxalmente de modo bíblico-teológico, ora destoam delas pelo mesmo modo, o que sugere uma contradição em seus pareceres nessa área. Depreende-se, portanto, da leitura de seus textos que esta igreja atualmente apresenta um lado conservador concomitantemente a um lado progressista; contudo, mesmo na esfera do conservadorismo preservado por essa instituição, nota-se que ela manifesta uma propensão a se tornar mais maleável no trato com a questão da homossexualidade, pelo menos no que tange às suas explicações detalhadas no documento *Perspectiva Pastoral* e em seu *Manual 2017-2021*, como vistos anteriormente, os quais dão uma conotação de abertura: aos movimentos emergentes em determinadas congregações nazarenas que se mostram favoráveis à assunção da Igreja do Nazareno como igreja afirmatória; ao acolhimento da classe homossexual com vistas à sua transformação – o que sugere um aspecto conservador, porém sob uma ótica mais progressista. “Pela graça, Deus é poderoso para libertá-

³⁵¹ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 10.

³⁵² JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 6.

los dos desejos homossexuais ou capacitá-los a viver uma vida de celibato”³⁵³. Uma vida celibatária por dom ou por constrangimento? Essa assertiva denota um sentido reticente.

Outras igrejas, no entanto, parecem estar mais propensas à assunção da afirmação da homossexualidade porque seus pareceres bíblico-teológicos denotam concordância com as pesquisas científicas que abordam a sexualidade humana. Tem-se como ilustração uma manchete do Jornal “O Globo” que destaca: “Deus te fez assim”, disse o Papa Francisco a um homem gay. Este é considerado o comentário mais progressista sobre homossexualidade já vindo de um líder da Igreja Católica romana³⁵⁴. Francisco manifesta uma atitude aberta e tolerante em relação à homossexualidade em detrimento dos ensinamentos da Igreja Católica de que a relação sexual fora do casamento heterossexual é pecado. Em discordância com alguns conservadores religiosos que acreditam em opção sexual, o Papa Francisco entende que a homossexualidade seja uma orientação sexual concebida e concedida por Deus segundo a redação na seção “Novos Comentários Surpreendem” na manchete referida acima:

As novas observações que o Pontífice teria feito parecem ir muito além ao abraçar a homossexualidade como uma orientação sexual concebida e concedida por Deus. Isso sugere que Francisco não acredita que os indivíduos escolham ser gays ou lésbicas, como argumentam alguns conservadores religiosos.³⁵⁵

Christopher Lamb, correspondente do Vaticano para o portal Tablet, comentou que as palavras de Francisco como “Quem sou eu para julgar?” passa a ter nova conotação como “Você é amado por Deus”, demonstrando uma afirmação de católicos gays, o que tem faltado em Roma ao longo dos anos. Além disso, o padre James Martin, autor do livro “Construindo uma ponte” liderou o trabalho de divulgação da inclusão de diversas sexualidades, incentivando os católicos LGBT a se sentirem bem-vindos dentro da igreja e a que se pare com as discriminações contra essa classe com base em moralidade sexual.

Não apenas por ser uma novidade, mas principalmente pelas implicações sociológicas com respeito ao ainda importante papel da religião na sociedade, esse tema nos despertou o interesse por ser algo como a ‘última fronteira’ para que a Igreja deixe para trás o seu legado de conservadorismo, intolerância e exclusão religiosa. Dessa forma, nasceu e cresceu o interesse em saber mais sobre as igrejas que acolhem homossexuais sem exigir-lhes o abandono de sua orientação sexual.³⁵⁶

³⁵³ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS, 2011. p. 9.

³⁵⁴ O GLOBO. “Deus te fez assim”, diz Papa Francisco a um homem gay. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/deus-te-fez-assis-diz-papa-francisco-um-homem-gay-22700168>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

³⁵⁵ O GLOBO, 2018.

³⁵⁶ BARRETO; OLIVEIRA FILHO, 2012. p. 118.

Em consonância com a visão progressista da Igreja católica, a Igreja Batista Wishire de Dallas, uma das mais progressistas dos Estados Unidos, decidiu que fiéis homossexuais têm direito ao casamento e posições de liderança no seio da congregação. George Mason, pastor da igreja, expressou seu desejo de que os fiéis LGBT sejam considerados como pessoas normais como qualquer outra, além de manifestar que essa decisão seja o início de uma grande mudança em que se exercite o amor e a aceitação do próximo independente de quem ele seja.³⁵⁷

Diante do exposto, percebe-se que, pelo menos, uma pequena parcela das duas faces da igreja cristã – católica e evangélica – estão caminhando em vias progressistas que afirmam a homossexualidade como manifestação normal e aceitável da sexualidade humana.

3.2.1 *Bases teológicas com enfoque queer*

Musskopf³⁵⁸ diz que os textos bíblicos como o Levítico, a narrativa de Sodoma e Gomorra, as definições paulina e deutero-paulina das relações entre pessoas do mesmo sexo servem como referência para a formação de discursos teológicos sobre a homossexualidade, pontuando-as respectivamente como abominação pelo código de pureza/impureza, sodomia e relações contrárias à natureza, retratando seu aspecto negativo ou condenatório. Diz, ainda, que na teologia homossexual busca-se relacionar as teorias médicas com a tradição teológica e religiosa, tendo em vista a assimilação de homossexuais no marco da cultura hegemônica e heterocentrada³⁵⁹.

O objetivo da teologia gay segundo Maranhão é problematizar incisivamente questões como a pertença da homossexualidade na Bíblia e a presença de personagens bíblicos homossexuais – gays e lésbicas³⁶⁰. Respeitante a esta posição de Maranhão, Cardoso³⁶¹ diz que apesar de acreditar na verdade pregada pela Teologia Inclusiva e de ser um ativista que luta contra a hermenêutica homofóbica cristã isso não o torna conivente com interpretações injustas com relação à biografia de alguns personagens bíblicos haja vista a história contida na Bíblia cristã relatar passagens traduzidas equivocadamente que dão margem a interpretações desonestas. Destarte, ele crê que nenhuma das histórias acerca dos supostos personagens

³⁵⁷ IGREJA Batista passa a aceitar casamento de homossexuais. *Jornal da Paraíba*. 2016, Redação, Vida Urbana.

³⁵⁸ MUSSKOPF, 2008. p. 121.

³⁵⁹ MUSSKOPF, 2008. p. 125.

³⁶⁰ MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Teologia *queer* e cristrans: transições teológicas na Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). 2016. *Mandrágora*, v.22. n. 2, p. 149-193. 2016. p. 154.

³⁶¹ CARDOSO, Fernando. *O Evangelho Inclusivo e a Homossexualidade*. 1ª ed. São Paulo: Clube de Autores, 2010. p. 85.

homossexuais pesquisadas por exegetas permaneceriam incorporadas ao cânon, i.e., o grupo de Livros Sagrados que evidenciam uma regra a ser cumprida, segundo a etimologia grega desta palavra, pois são livros que retratam a autoridade divina.

Feitosa³⁶² declara que, através da Bíblia, a TI percebe todas as pessoas, sem exceção, potencialmente capazes de se achegar a Deus por meio do sacrifício de Jesus, e, neste sentido, a homossexualidade se revela como outro aspecto da outridade humana. Assim, a TI atua numa perspectiva teológica pautada na dignidade do indivíduo e suas respectivas necessidades, valorizando sua identidade porque criado à imagem e semelhança de Deus.³⁶³

Souza³⁶⁴, por sua vez, concorda com Feitosa ao declarar que há espaço para todos no reino de Deus, bíblicamente falando e acrescenta que interpretações são interpretações pelo que cada um pode ter a sua em particular, mas que é preciso acreditar em algo. Ele fala sobre a probabilidade de os ajustes textuais e as interpretações realizadas não serem aceitos, mas que muitas pessoas acreditarão e pautarão sua vida e fé nesse contexto, de modo que as pessoas não venham a se sentir privadas do direito de escolher o seu próprio caminho de vida. Todavia, discorda de Maranhão (2016) ao declarar que em sua obra personagens bíblicos como o Apóstolo João, o Apóstolo Paulo, o Rei Davi, Ester, Rute e o próprio Jesus Cristo não são absolutamente retratados como homossexuais, mas que são personagens bíblicos apresentados dentro de um padrão heteronormativo, respeitando a cultura dos hebreus; afirma, ainda, que não há relatos bíblicos que fundamentem substancialmente afirmações desse tipo.

Para Cardoso³⁶⁵, a inclusão significa que o Evangelho é para todos e todas, sem distinções,

à comunidade lésbica, gay, bissexual e transgêneros em todo o mundo (...) a Igreja Inclusiva acaba concretizando-se como um evangelho genuíno que inclui a todos em Cristo, pois se baseia na justificação pela Graça mediante a fé em Deus e nos ensinamentos de Jesus, o qual deixou o exemplo de inclusão aa todos os povos.

Entendem que nada pode anular a graça e o amor gracioso de Deus que se caracterizam pela inclusão que destrona o cativo religioso de um evangelho deformado por legalismos, farisaísmos e segregações, mediante uma convicção de paternidade divina que os acolhe como são com todos os direitos reservados para os filhos como o da realização afetiva e conjugal,

³⁶² FEITOSA, Alexandre. *O Prêmio do Amor: Uma abordagem cristã do sexo nas relações homoafetivas*. 2011.

³⁶³ FEITOSA, Alexandre. *Bíblia e Homossexualidade: verdades e mitos*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010. p. 13-14.

³⁶⁴ REDAÇÃO LADO A. *Entrevista com o Pastor Marvel Souza, criador da primeira bíblia inclusiva brasileira*. 2016. Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2016/06/noticias/entrevista-com-pastor-marvel-criador-primeira-biblia-inclusiva/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

³⁶⁵ CARDOSO, 2010. p. 98.

pois também são herdeiros de Deus criados à sua imagem e semelhança. Daí o sentimento de dignidade e autovalorização devido à certeza de pertencerem à família de Deus³⁶⁶. Proveniente dessa convicção, surge a teologia bíblica inclusiva com a finalidade de esclarecer versículos pontuais – os mesmos apresentados no capítulo anterior que trata sobre as bases teológicas tradicionais – através de notas explicativas que elucidam determinado conhecimento sobre um texto específico numa linguagem imparcial.

Musskopf corrobora este entendimento dizendo que negar uma pessoa homossexual significa negar o agir salvífico de Deus por meio de Jesus Cristo visto que se trata de um ser humano criado por Deus à sua imagem sob seu amor incondicional para desfrutar de uma vida plena, livre de qualquer opressão socioreligiosaeclesial. Isto corresponde à doutrina da justificação por graça e fé que, assim, torna-se central para a teologia gay.

Pela fé, homens gays são libertados (*sic*)³⁶⁷ para se colocarem a serviço do próximo. Sua vida passa a estar orientada pela auto-entrega (*sic*)³⁶⁸ e pela autodoação, inclusive pela forma como vivem sua sexualidade. É o rompimento com o pecado da homofobia exterior e internalizada e a libertação para uma nova vida. A teologia gay também propõe uma ética sexual nova, não derivada da compreensão heterossexual de matrimônio cuja finalidade central é a procriação, mas na valorização do ser humano na sua integralidade. É uma ética sexual centrada na autonomia de propósito relacional do sexo, no apoio mútuo à integralidade de cada um, na intimidade, na autodoação.
369

Aguiar³⁷⁰ explica o surgimento da teologia inclusiva como decorrente do advento da teologia da libertação, da teologia feminista, da teologia negra, etc., sendo uma resposta a um legalismo exacerbado baseado em interpretações incorretas e assumindo a postura de corrigir os abusos em nome de Deus. Ademais, entende que a teologia inclusiva pode encontrar respaldo bíblico para a opressão, discriminação e falta de liberdade enfrentadas pelos homossexuais. (p. 9). Concordemente, Cardoso (2010)³⁷¹ classifica a hermenêutica tradicional como calculista e

³⁶⁶ FEITOSA, Alexandre. *Teologia Inclusiva: Bíblia de Estudo teologia Inclusiva*. 2017. Disponível em: <<http://teologiaeinclusao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

³⁶⁷ CIPRO NETO, Pasquale. *Ao Pé da Letra*. Rio de Janeiro: EP&A, 2001. p. 45. “Na norma culta, a regra é clara: com os auxiliares ‘ter’ e ‘haver’, usa-se o particípio regular (aquele que termina em ‘ado’ ou ‘ido’); com os auxiliares ‘ser’ e ‘estar’, usa-se o particípio irregular (aquele que não termina em ‘ado’ ou ‘ido’). (Nota explicativa: ‘Libertar’ é um verbo abundante, pois possui dois particípios – um regular e outro irregular. De acordo com a regra em destaque, a forma verbal correta a ser usada pelo autor seria ‘homens gays são ‘libertos’”).

³⁶⁸ TUFANO, 2008. p. 23. “Uso do hífen com prefixos: 3. ‘Não se usa o hífen se o prefixo terminar com letra diferente daquela com que se inicia a outra palavra’”. (Nota explicativa: o emprego correto do termo segundo a nova ortografia seria “autoentrega”, i.e., sem o hífen.).

³⁶⁹ MUSSKOPF, 2005.

³⁷⁰ AGUIAR, Claudio J. B. de. *O que igreja faz que Cristo não esperava que ela fizesse? Uma análise ao comportamento da igreja cristã e suas atitudes concernente a homoafetividade (sic)*. Joinville: Clube de Autores. 2016. p. 112.

³⁷¹ CARDOSO, Fernando. *A homoafetividade e o Cristianismo*. 2010. Série: Mensagens de Inclusão. São Paulo: Clube de Autores, 2010. p. 34.

tendenciosa, devido à análise seletiva dos versículos que acarreta trágicas consequências para os homossexuais, não levando em consideração a necessidade de consultas a fontes extrabíblicas como História, Arqueologia, etc., assim como a imprescindibilidade de aplicar os dois modos de interpretação da Bíblia – a leitura literal e a histórico-crítica.

Ademais, a interpretação bíblica pode ocorrer sob a ótica tradicional assim como sob a ótica inclusiva. Por exemplo, para Aguiar³⁷² os capítulos 1 e 2 de Gênesis denotam que o casamento foi o propósito inicial de Deus para a humanidade quando a função da multiplicação ainda era necessária, de modo que, por este motivo, a atividade homoafetiva não é legitimada neste sentido; isto sugere uma interpretação mais tradicional. Por outro lado, em uma entrevista³⁷³, Marvel Souza apresenta a nova versão bíblica do versículo 13 de Levítico 20 sob a ótica inclusiva. Uma leitura literal a partir de uma versão tradicional do referido versículo seria assim: “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue é sobre eles”.³⁷⁴ Eis a pergunta dirigida a Marvel Souza – criador da primeira Bíblia inclusiva brasileira – em uma entrevista: “Creio que há muitas mentiras dos religiosos sobre esta versão da Bíblia comentada, você poderia nos dar um exemplo de um texto bíblico comentado que faça referência a homoafetividade? (sic)³⁷⁵ Sugestão: Levítico 20:13”. Resposta dele: “Veja como fica o texto de Levítico 20:13 na Bíblia Comentada Graça sobre Graça: “Da mesma forma, qualquer homem que se deitar com outro homem, como se esse fosse a sua mulher, fizeram abominação. Ambos devem ser mortos, e seu sangue cairá sobre eles”. Nota explicativa: o texto se refere a uma possível relação de adultério, pois relata um homem que tem mulher, ou seja: casado, e mesmo assim tem relações sexuais com outro homem, usando-o como passivo da relação. O adultério é totalmente condenável em qualquer relação pautada em votos de fidelidade, amor, companheirismo, cumplicidade e respeito.”³⁷⁶

Além disso, uma interpretação histórico-crítica de duas passagens bíblicas semelhantes – Gênesis 19:5 e Juízes 19:22 (respectivamente: “Traz-os (os homens) fora a nós para que abusemos deles”; “Traz para fora o homem que entrou em tua casa, para que abusemos dele”) – sugere uma inteligibilidade mais contemporânea sobre o desempenho da

³⁷² AGUIAR, 2016. p. 80.

³⁷³ REDAÇÃO LADO A, 2016.

³⁷⁴ BÍBLIA SAGRADA. *O Antigo e o Novo Testamento*. Tradução: João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Na grafia simplificada. 83ª impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1995.

³⁷⁵ TUFANO, 2008. p. 23. “Uso do hífen com prefixos: 3. ‘Não se usa o hífen se o prefixo terminar com letra diferente daquela com que se inicia a outra palavra’”. (Nota explicativa: o emprego correto do termo segundo a nova ortografia seria “homoafetividade”, i.e., sem o hífen.).

³⁷⁶ REDAÇÃO LADO A, 2016.

sexualidade humana. Cardoso³⁷⁷ sugere que os homens de Gibeá não eram considerados homossexuais porque se relacionaram sexualmente com a concubina do levita, e pergunta por que somente os habitantes de Sodoma são considerados homossexuais. Mediante uma leitura literal de ambas as passagens e o conhecimento acerca do contexto de ambas as cidades relativo àquelas épocas, além do contexto bíblico-espiritual, chega-se à resposta elucidativa de que os homens de Sodoma eram sodomitas – o que se entende por parceiro (parte) ativo numa relação homossexual – e queriam ter relações com os anjos já que isso era normal ocorrer em Sodoma, anjos decaídos se misturando com homens ou mulheres, se relacionando sexualmente com humanos, ocasionando abominação a Deus,³⁷⁸ mas aqueles anjos referidos na passagem em Sodoma foram enviados por Deus para destruí-la.

Em primeiro lugar, os sodomitas não conseguiram ter relações com os anjos porque estes os cegaram temporariamente para impedi-los de cometerem aquele ato abominável a Deus; segundo, não lhes interessava ter relações sexuais com mulher porque eram sodomitas que desejavam ter relações homossexuais com homens – por uma manifestação hedonista que evidenciava mera carnalidade ou uma assimilação aos pederastas que viviam sob a liberalidade da legislação romana. Por outro lado, os homens de Gibeá eram bissexuais, podendo se relacionar tanto com homens quanto com mulher; por isso, pegaram a concubina do levita para fazerem sexo com ela. O verbo *yada* do hebraico que também significa “conhecer, no sentido de relações sexuais” – conforme visto em outras passagens bíblicas referindo-se a este ato sexual – foi usado em ambas as passagens porque nos dois casos se tratava de relações sexuais:

יָדָעַתְּ, עָדָתְּ

(verbo)

Fem./Plural:

Transliteração: yada', lada'at

Tradução: saber, conhecer; prestar atenção, preocupar; entender, perceber; ter relações sexuais, coabitar.³⁷⁹

A resposta ao questionamento do autor concernente ao verbo hebraico “yadha” encontra-se exatamente em um dos significados do termo, conforme descrito acima. Todavia, no primeiro caso, o de Gênesis, eram os sodomitas que queriam fazer sexo com os anjos – não decaídos porquanto enviados pelo Senhor para destruir a cidade justamente por causa de seus

³⁷⁷ CARDOSO, 2010. p. 72-73.

³⁷⁸ SÉTIMO PORTAL. *Sexo com os anjos, a destruição de Sodoma e o Livro de Enoque*. 2015. Disponível em: <<https://setimoportal.wordpress.com/2015/09/04/sexo-com-os-anjos-a-destruicao-de-sodoma-e-o-livro-de-enoque/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

³⁷⁹ WHITAKER, Richard E.; PARUNAK, H. Van Dyke. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Juízes 19:22*. Disponível em: <http://www.hebraico.pro.br/dicionario/resposta.asp?qs_idioma=HEBRAICO&qs_palavra=wn%5bdnw>. In: Juízes 19:22 Almeida Revista, Corrigida e Anotada (ARCA). Juízes 19:22. Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Acesso em: 24 mar. 2018.

vários pecados toponímicos, dentre eles o pecado da sodomia, independentemente do ato sexual se dar com homens ou com anjos decaídos, visto que havia esse costume em Sodoma, o que era uma decadência sexual e moral condenada por Deus. Em Gênesis, houve a prática dos sodomitas, e em Juízes (ambos cap. 19), a dos bissexuais. Aguiar³⁸⁰, entretanto, declara que Sodoma e Gomorra não pereceram por causa da homossexualidade, segundo relato bíblico em Gênesis 19:1-29, haja vista o texto não apresentar acusações específicas contra a homossexualidade:

Quando o leitor começa a ler o texto pensando o contrário (que o texto é uma condenação a [*sic*]³⁸¹ homossexualidade) tragicamente vai encontrar argumentos que não existe [*sic*]³⁸² no texto. (...) Nem Ló reconhecia essas pessoas como homossexuais, pois, ele oferece suas duas filhas para eles terem relações sexuais. E estuprar estrangeiros era uma prática comum, com o objetivo de subjugar os inimigos.

Numa análise interpretativa mais contundente, Cardoso³⁸³ cita McNeill* que aponta o versículo 26 da Epístola aos Romanos – cap. 1 como “O argumento mais forte do Novo Testamento contra a atividade homossexual como intrinsecamente imoral”: “Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza”. Ele conjectura sobre a possibilidade de o apóstolo Paulo ter se referido a um indivíduo pagão com apetite sexual desenfreado que o induzia a novas formas de prazer sexual ou ao povo escolhido cuja natureza não permitia ter relações homossexuais com respeito à lei Levitical (*John J. McNeill, Professor adjunto de Psicologia, Union Theological Seminary, Nova York). No tocante a 1 Coríntios 6:9, “nem efeminados, nem sodomitas”, Cardoso³⁸⁴ cita Furnish* que sugere a impossibilidade de que os termos do referido versículo possam se referir a comportamento homossexual masculino. (*Victor Paul Furnish, Professor do Novo Testamento, Perkins School of Theology, Dallas). Em conjunto com este último versículo, Cardoso³⁸⁵ menciona 1 Timóteo 1:10, “E para os... homossexuais...”, a fim de evidenciar que houve uma evolução tendenciosa do termo homossexual apesar de não possuir esta conotação hodierna na época em que os textos foram escritos. Ele justifica dizendo que há uma condenação injusta visto que muitos efeminados ou mulheres masculinizadas no comportamento não serem

³⁸⁰ AGUIAR, p. 75.

³⁸¹ BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 259. “Ocorre a crase nos seguintes casos principais: a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo”. (Nota explicativa: de acordo com a regra mencionada, a crase deveria ter sido usada; o correto seria “condenação à homossexualidade”).

³⁸² BECHARA, 2009. p. 450.

³⁸³ CARDOSO, 2010. p. 93-94.

³⁸⁴ CARDOSO, Fernando, 2010. p. 93.

³⁸⁵ CARDOSO, Fernando, 2010. p. 77-79.

homossexuais. Concorde com pesquisadores exegéticos que se Paulo pretendesse condenar diretamente os homossexuais, ele teria usado o termo “pederasta” comum à sua época, o qual ele conhecia perfeitamente. Contudo, ele usou os termos gregos “malakoi”, “arsenokoitai” e “pornoí” que significavam “pervertores, pervertidos e imorais”. Porém, concorda que a tradução de “malakoi” para efeminado tem certa lógica, pois pode ser empregada com este mau sentido de um macho que pratica lascívia, considerando, entretanto, que deveria ser usado para todas as pessoas culpadas de apego aos pecados carnis. Admite, ainda, haver um consenso sobre o termo se tratar de um neologismo criado por Paulo ao aglutinar os termos “arsen” (homem) e “koiten” (cama), inferindo, daí, que Paulo não incluiu os pederastas e muito menos os homossexuais – frisando-o como um termo desconhecido na antiguidade – na lista dos afastados do céu, mas aos pervertidos sexuais.

Em consonância com Aguiar, César³⁸⁶ cita um exemplo de releitura sobre o porquê da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra no Livro de Gênesis, dizendo que os inclusivos usam Ezequiel 16:49 para reforçar sua teoria de que o grande pecado dessas cidades se deu pela falta de hospitalidade e de justiça social, e não por devassidão homossexual. O versículo citado afirma: “Eis que essa foi a iniquidade de Sodoma, fartura de pão e próspera ociosidade teve ela e suas filhas, mas nunca amparou o pobre e o necessitado”. Os teólogos gay atribuem a essas cidades os pecados de falta de interesse por justiça social e falta de hospitalidade que configurava ato de generosidade e preocupação com os viajantes naquela cultura nômade. Em contrapartida, ela diz que os pesquisadores tradicionais replicam que em cinco mil, i.e., do período abraâmico até o século XX concernente à história judaico-cristã-islâmica, nunca houve um teólogo que fizesse uma releitura do texto em voga; que essa releitura equivale a uma “pirueta teológica” haja vista os pais apostólicos juntamente com reformadores entre outros ligados à Igreja nunca terem feito uso dela de modo que o emprego deste argumento em prol de uma teologia gay, *queer*, denota a insipiência acerca da seguinte passagem no Livro de Judas: “De modo semelhante a estes, Sodoma e Gomorra e as cidades em redor se entregaram à imoralidade e a relações sexuais antinaturais. Estando sob o castigo do fogo eterno, elas servem de exemplo”.

³⁸⁶ MELLO, João. Homossexuais criam suas próprias igrejas. *Jornal GGN*. 2013. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/homossexuais-criam-suas-proprias-igrejas>>. Acesso em: 10 set. 2018.

3.3 Contradições nazarenas quanto a temas envolvendo a homossexualidade

Earp,³⁸⁷ conforme informação na seção “Sobre Mim” em seu site, é um ministro ordenado na Igreja do Nazareno que busca responder à comunidade LGBT com respeito, compaixão e reconciliação, Acredita que Deus colocou isso em seu coração, e ainda que seu ministério é pastoral e missionário, mas não contendente. Ele redargui contraditoriamente³⁸⁸ às Perspectivas Pastorais dos Superintendentes Gerais da Igreja do Nazareno. Ele começa seu artigo declarando que selecionou partes do referido documento, o qual não tem a mesma autoridade do Manual da Igreja do Nazareno porque apresenta tão somente diretrizes pastorais contendo algumas frases e declarações com as quais ele não concorda plenamente. Ele define seu artigo como um resumo que destaca alguns pontos principais daquele documento, e acrescenta a seguinte nota:

A visão do documento é coerente com a Teologia de Santidade Wesleyan. Nós não acreditamos que as pessoas pecam diariamente em pensamento, palavra e ação. Em vez disso, como wesleyanos, acreditamos que o pecado seja uma violação intencional de uma lei conhecida de Deus. Nós não vemos pensamentos, emoções, sentimentos e atrações como sendo pecaminosos. Em vez disso, vemo-los como amorais, moralmente neutros. As atrações do mesmo sexo caem nesta categoria. Conclusão: não é pecado ser gay. Deus chama os seres humanos, gays e heterossexuais, para viverem vidas sexualmente morais. Para aqueles que são gays, isto, de uma perspectiva cristã celibatária LGBTQ, significa celibato. Agora, alguns podem perguntar: E sobre a luxúria? Não seriam pensamentos malignos? Esta é uma pergunta válida. Mas a questão mesmo é: quando os pensamentos, sentimentos e desejos sem pecado se tornam tentação sem pecado? E quando essas tentações sem pecado se transformam em luxúria pecaminosa? Há uma linha lá para atravessar, mas não ela se cruza simplesmente por ter sentimentos ou pensamentos ou desejos. Então, para aqueles gays ou héteros... nós não temos de viver com medo de ter sentimentos. As

³⁸⁷ EARP, Dave. Interpretation LGBT. *About me*. “Hello. My name is Dave Earp. I am an ordained minister in the Church of the Nazarene who is looking for a better way to respond to the lgbt community than some of what I have seen so far. This way should include mutual respect, compassion, and reconciliation. I was (am) following a call into ministry when God laid this on my heart. My ministry is pastoral, and missional, NOT adversarial”. Disponível em: <<https://www.interpretationlgbt.com/nazarene-church-pastoral-perspectives-on-homosexuality.html>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

³⁸⁸ EARP, Dave. Interpretation LGBT. *General Superintendents Pastoral Perspectives on Homosexuality*. Disponível em: <<https://www.interpretationlgbt.com/nazarene-church-pastoral-perspectives-on-homosexuality.html>>. Acesso em: 26 jul. 2018. It should be noted that this (Pastoral Perspective) paper does not have the same authority as the Manual of the Church of the Nazarene. As such it offers pastoral guidelines... not official policy. Note also that I am not in full agreement with some of the phrasings and statements in this document. (...) So what follows is a summary which highlights some of its main points. Note from me (Dave): The view of the paper is consistent with Wesleyan Holiness Theology. We do not believe that people sin in thought, word, and deed daily. Rather, as Wesleyans, we believe sin to be a willful violation of a known law of God. We do not view thoughts, emotions, feelings and attractions as being sinful. Rather we view them as amoral, morally neutral. Same sex attractions fall in this category. Bottom line: It is not a sin to be gay. God does call human beings, gay and straight, to live sexually moral lives. For those who are gay, this, from a side B perspective, would mean celibacy. Now some may ask: What about lust? Wouldn't that be evil thoughts? This is a valid question. But the question really is: When do sinless thoughts, feelings and desires become sinless temptation? And when do those sinless temptations move into being sinful lust? There is a line there to cross but one does not cross it by simply having feelings or thoughts or desires. So for those gay or straight... we do not have to live in fear of having feelings. Emotions are a barometer of the soul. They tell us what is going on inside of us.

emoções são um barômetro da alma. Eles nos dizem o que está acontecendo dentro de nós.

Em correspondência à citação acima, faz-se mister explicitar termos e expressões de uma específica área do conhecimento para uma melhor compreensão acerca de seus respectivos textos. Neste caso, convém que se esclareça o emprego da expressão “Side B Perspective” e, logicamente, aquela que se subentende existir paralelamente “Side A Perspective”:

Os blogueiros cristãos celibatários LGBTQ frequentemente se referem a si mesmos resumidamente como cristãos ‘Lado B’. Os termos Lado A – para aqueles que apóiam a igualdade no casamento e acreditam que o sexo gay não é necessariamente imoral – e Lado B – para aqueles que acreditam que o sexo homossexual é pecaminoso e/ou proibido pela Bíblia – originaram-se de um site agora extinto chamado Bridges Across the Divide que foi criado para promover a comunicação respeitosa entre as pessoas em lados opostos do debate sobre direitos gays. Os cristãos gays do Lado B são, por definição, comprometidos a permanecerem celibatários, enquanto aqueles do Lado A podem namorar e se casar. As pessoas LGBTQ do Lado A também tendem a se encaixar razoavelmente bem dentro da Comunidade LGBTQ secular. Os do Lado B, i.e., cristãos LGBTQ celibatários, por outro lado, podem ser uma porção muito isolada – embora possam ter amigos que sejam seculares e devotos, gays, héteros, e bi, eles permanecem nas periferias tanto do mundo cristão quanto do mundo LGBTQ.³⁸⁹

Jobbins³⁹⁰ concentra-se em declarações feitas no documento Perspectiva Pastoral sobre a Homossexualidade de seus Superintendentes Gerais, criticando os nazarenos por já não deterem as doutrinas da salvação e santificação total. Para tanto, cita trechos a partir dos quais assevera que a Sagrada Escritura discorda da posição oficial da Igreja do Nazareno visto que já não acredita em depravação humana pecaminosa: por julgar a tendência sexual amoral – nem moral, nem imoral; por julgar a prática (comportamento) homossexual pecaminosa, mas não a tendência sexual; por julgar errôneo o emprego do termo “reorientados”, sugerindo que seja substituído pelo termo “regenerado” ou pela expressão “nascido de novo”, explicitando a sugestão: “Se uma pessoa é verdadeiramente nascido de novo * (Salvo), e verdadeiramente santificada pelo Espírito Santo, eles não são mais um homossexual, travesti, estuprador, adúltero, ou qualquer outra coisa que você pode nomear!”; por julgar errôneo o emprego do

³⁸⁹ URQUHART, Evan. *Thou Shalt Not Forsake Thy Celibate Christian LGBTQ Brethren*. 2014. Disponível em: <http://www.slate.com/blogs/outward/2014/07/04/celibate_lgbtq_christians_the_mainstream_gay_community_should_be_more_welcoming.html>. Acesso em: 01 set. 2018. “Celibate LGBTQ Christian bloggers often refer to themselves in shorthand as ‘Side B’ Christians. The terms Side A, for those who support marriage equality and believe that gay sex is not necessarily immoral, and Side B, for those who believe that homosexual sex is sinful and/or prohibited by the Bible, originated with a now-defunct website called Bridges Across the Divide and was created to foster respectful communication between people on opposite sides of the gay rights debate. Side B gay Christians are, by definition, committed to remaining celibate, while those on Side A can date and marry. LGBTQ people on Side A also tend to fit reasonably well inside the secular LGBTQ community. B Siders, on the other hand, can be a pretty isolated lot—while they may have friends who are secular and devout, gay, straight, and bi, they remain on the fringes in both the Christian and the LGBTQ world”.

³⁹⁰ JOBBINS, 2012.

termo “abstinência”, sugerindo que seja substituído pelo termo “supressão” ou pela expressão “não praticante”; por julgar errônea a frase: “Abençoado por obra do Espírito Santo em suas vidas”, sugerindo que se trata de uma má colocação do conceito armínio-wesleyano de “graça preveniente”, ou seja, “graça de pré-conversão”, o que para ele a Junta de Superintendentes Gerais não disse; por julgar como contradição direta e herética das Escrituras a frase “A chamada para o homossexual cristão...”, sugerindo que a expressão “homossexual cristão” seja um oxímoro, uma combinação ilógica, incongruente e contraditória dos termos que pervertem e confundem terrivelmente a Boa Nova da plena salvação e inteira santificação; por julgar inconveniente o convite ao homossexual reorientado a participar do ministério da igreja quando é apenas “não praticante”, não sendo, portanto, regenerado, santificado ou nascido de novo, o que o conduzirá inevitavelmente a uma reincidência que lhe servirá de estímulo a recrutar uma futura geração de vítimas. Ele acusa os Superintendentes Gerais de serem responsáveis por criarem futuros escândalos que serão muito piores do que qualquer outro na história da igreja.

Isto significa que todos os itens acima são oficialmente reconhecidos como totalmente aptos e qualificados para a ordenação em sua denominação para servir como seu pastor, seu evangelista, o seu diretor do coro, mesmo ensinar a seus filhos e dar ‘aconselhamento matrimonial’, * (?) ao seu cônjuge. Para isto é o que a Igreja do Nazareno tem caído! A Igreja do Nazareno já não ensina e prega a salvação completa e inteira santificação da mente, espírito e corpo, e santidade tangível em pensamento, palavra e ação. Repito: a Igreja do Nazareno não é mais uma salvação completa, e Igreja de Santidade! Apostasia detém as rédeas e se senta no assento de autoridade.

Saulo Stratico,³⁹¹ pastor da Igreja do Nazareno Jardim Elite, declarou a falta de conscientização das igrejas de um modo geral quanto à necessidade de saber lidar com o homossexualismo haja vista ainda não estarem aptas a acolher os homossexuais que se convertem, mas acredita que tal mudança pode ocorrer gradativamente, acentuando a importância de eventos que “abrem os olhos do cristão para uma realidade presente na sociedade contemporânea”. Sua igreja sediou o evento “Seminário sobre Educação Sexual” que oportunizou o aprendizado sobre o tema em questão.

Pastor da Igreja do Nazareno Jardim Elite, Saulo Stratico Jardim afirmou que as igrejas (de um modo geral) ainda não têm a conscientização necessária para lidar com o homossexualismo. ‘A igreja ainda está muito longe do ideal para acolher os homossexuais que se convertem, mas aos poucos, nós podemos nos conscientizar e nos preparar para sermos acolhedores’, disse, ainda completou afirmando a importância de eventos como esse, que ‘abrem os olhos do cristão para uma realidade presente na sociedade contemporânea’.³⁹²

³⁹¹ REDAÇÃO. Homossexualidade foi o foco do seminário sobre Educação Sexual realizado em Piracicaba (SP). *Portal Guia-me*. 2008. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/familia/homossexualidade-foi-o-foco-do-seminario-sobre-educacao-sexual-realizado-em-piracicaba-sp.html>>. Acesso em: 03 set. 2018.

³⁹² REDAÇÃO, 2008.

Manny Silva³⁹³ declara que desde 2009 vem alertando a Igreja do Nazareno e seus líderes acerca de seu desvio da verdade bíblica, mas estes ignoraram suas palavras de advertência contra os erros que a igreja vem cometendo. Ele apresenta o questionamento de um cristão não nazareno – “O que você diria se um pastor nazareno ativo lhe dissesse: ‘Eu mesmo já abençoei alguns casamentos homossexuais?’” – que, devido à sua preocupação com o bem-estar dos crentes, estava investigando e avaliando a doutrina da Igreja do Nazareno a qual julgou bíblicamente sã apenas teoricamente, mas não na prática. As implicações dessa conversa refletem a mudança teológica de algumas igrejas que, desde pelo menos 2005, têm se desviado da posição oficial da Igreja do Nazareno sobre a homossexualidade que denota violação dos padrões bíblicos e da Igreja Nazarena. A seguir, ele pontua que muitas igrejas nazarenas da Holanda aceita e acolhe as relações homossexuais como um estilo de vida cristã normal de modo que esses relacionamentos têm sido abençoados porquanto “a homossexualidade não é pecado” segundo declaração do pastor nazareno em foco cujo nome ele só revelou aos superintendentes gerais da Igreja do Nazareno. A Assembleia Distrital da Holanda acerca da Sexualidade Humana resolveu que o parágrafo 32 do manual fosse emendado mediante as seguintes justificativas:

Essa seção do Manual é na sexualidade humana, porém o parágrafo final e referência de suporte à Escritura dão a impressão que a seção do parágrafo tem a intensão de ser uma declaração sobre a homossexualidade. A complexidade da homossexualidade e a tensão que isto causa nas igrejas merece atenção maior e com mais cuidado do que apenas um parágrafo de conclusão em uma seção artigo em sexualidade humana. O último parágrafo não adiciona nada à posição clara expressa nos parágrafos precedentes. Além disso, a linguagem do parágrafo final serve para alienar e causar dano àqueles entre nós que são compromissados à santidade e à nossa confissão sobre o matrimônio, enquanto pessoalmente reconhecendo orientação homossexual. O parágrafo deveria ser uma declaração positiva sobre o que nós acreditamos sobre a sexualidade humana como foi designada por Deus. Desta maneira o parágrafo guia e encoraja os crentes a praticar sua sexualidade de maneira que honre a Deus. Portanto fica proposto que apague-se o penúltimo parágrafo também. O aviso contra as muitas distorções foi tratado suficientemente nos parágrafos precedentes.³⁹⁴

³⁹³ SILVA, Manny. Sodoma, Gomorra, e as Igrejas do Nazareno em Holanda: Existe alguma diferença?. *Os Nazarenos Preocupados*. 2017. Disponível em: <<https://nazarenoportugues.wordpress.com/2017/05/30/sodoma-gomorra-e-as-igrejas-do-nazareno-em-holanda-existe-alguma-diferenca/>>. Acesso em: 03 set. 2018.

³⁹⁴ CA – 701a. *Sexualidade Humana. Assembleia Distrital da Holanda*. Manual 32. p. 2. Disponível em: <http://ga2017.com/sites/default/files/resolutions/portuguese/christian_action/CA-701a-Portuguese.pdf>. Acesso em: 03 set. 2018. p. 2.

Silva³⁹⁵ diz que a Igreja do Nazareno está aceitando o movimento da Igreja Emergente e sua ideologia cujo objetivo é mudar ou dar outra definição a quase tudo o que tem sido ensinado como cristianismo ortodoxo por mais de dois mil anos. Acusa o movimento de desviar as pessoas do evangelho verdadeiro e leva-las a práticas místicas que não possuem base espiritual bíblica além de negar a única autoridade infalível da palavra de Deus. Denomina a igreja emergente de liberalismo re-empacotado que enfatiza tolerância a quase tudo. Ele diz que pode constatar que a igreja está abandonando suas raízes de santidade e sua doutrina há muito tempo. Para ele, trata-se de uma nova reforma enganadora cujo propósito se coaduna com o entendimento de Henderson³⁹⁶ sobre ser um movimento progressista liberal que envolve uma abordagem modernizada para ganhar pessoas para a igreja por meio de princípios antibíblicos.

Uma igreja emergente é basicamente ‘um movimento cristão onde as pessoas buscam viver sua fé em um contexto social pós-moderno’. Cunhada no final da década de 90, a terminologia se aplica aquelas comunidades que tem como principal marca a propagação do evangelho dentro das diferentes culturas urbanas. (...) as igrejas emergentes estão mais preocupadas com o ouvinte do que com a mensagem em si, e em seu desejo de pregar um evangelho que seja ‘aceitável’ ao homem pós-moderno, acabam por negligenciar os pressupostos básicos do cristianismo (...) As igrejas emergentes, neste caso, seriam caracterizadas por uma teologia liberal e liderança descentralizada (...) precisamos ter muito cuidado para jamais, em nome da forma, comprometer o conteúdo do evangelho. Não podemos exagerar em nosso desejo de ser relevantes culturalmente, pois o evangelho sempre será loucura e escândalo para os incrédulos e ao tentar torná-lo mais atraente, podemos acabar convertendo-o em algo que ele não é.³⁹⁷

Para Oakland, a homossexualidade é um dos aspectos da reforma pós-moderna que tem sido uma marca registrada na Igreja Emergente:

Pode até parecer estranho incluir uma seção sobre a sexualidade neste capítulo sobre a reforma pós-moderna. Contudo, um aspecto do tópico não pode ser ignorado, e tem se tornado uma marca da Igreja Emergente – este aspecto está relacionado com a homossexualidade. Nesta seção, vou apenas apresentar certas declarações feitas por aqueles da Igreja Emergente com o propósito de mostrar a você esta mudança de paradigma comportamental no tocante à sexualidade. Cabe a você o modo de interpretá-las, mas a minha oração é que você as olhe sob a ótica das Escrituras. Uma coisa é certa: após ter lido esta seção, acho que você vai concordar que a espiritualidade emergente está tentando redefinir o modo de ver e pensar dos cristãos acerca da sexualidade.³⁹⁸

³⁹⁵ SILVA, Manny. A denominação nazarena está desviando-se do seu caminho. *Os Nazarenos Preocupados*. 2018. Disponível em: <https://nazarenoportugues.wordpress.com/2-nazareno-denominacao_perder_o_caminho/>. Acesso em: 02 ago. 2018.

³⁹⁶ SILVA, Manny. A verdade é o maior problema do emergente. *Os Nazarenos Preocupados*. 2012. Disponível em: <<https://nazarenoportugues.wordpress.com/category/ingreja-emergente/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

³⁹⁷ GONÇALVES, Leonardo. *Igreja Emergente: o que é isso?*. 2010. Disponível em: <<http://pulpito.cristao.com/2010/07/igreja-emergente-o-que-e-isso.html>>. Acesso em: 05 set. 2018.

³⁹⁸ OAKLAND, Roger. *Faith Undone: the emerging church – a new reformation or an end-time deception?* 1ª ed. Eureka, Montana: Lighthouse Trails Publishing: 2007. p. 212. “It may seem out of place to include a section on sexuality in this chapter on the postmodern reformation. However, one aspect of the topic cannot be ignored, and

Ainda nesta seção “Sexuality in the New Reformation” (Sexualidade na Nova Reforma) no capítulo 12, Oakland cita o livro de Dan Kimball “They Like Jesus but Not the Church” (Eles gostam de Jesus, mas não da Igreja) em que o autor dedica um capítulo inteiro – “The Church is Homophobic” (A Igreja é Homofóbica) – à homossexualidade e diz que os cristãos precisam reinterpretar o que pensavam dizer a Bíblia sobre homossexualidade. Citando outro autor, Jay Bakker, destaca suas palavras em uma entrevista dada à Revista Radar: “Eu senti Deus falar ao meu coração e dizer que ‘a homossexualidade’ não é pecado”, e em outra dada a Larry King na qual se revela a favor do casamento gay e que o realizaria em sua igreja.³⁹⁹

Apesar da flexibilização do Apóstolo Paulo em lidar com diferentes povos e culturas, Freitas⁴⁰⁰ alerta sobre os limites estabelecidos pelas Escrituras que não devem ser transpostos em meio à busca hodierna por alcançar pessoas para Cristo. Ele adverte a igreja para que seja diligente no trato da imersão na cultura, pois ao buscar viver a cultura atual, questões como a homossexualidade podem ser entendidas não mais pelo prisma bíblico, mas por algo que se pense ser a verdade ou as diferentes verdades do mundo pós-moderno.

Segundo Sousa⁴⁰¹, tradições monoteístas como o Cristianismo manifestam profunda aversão aos ideais do humanismo secular porquanto refratários aos princípios da religião. Os fundamentalistas norte-americanos assim o denominaram a partir do documento Fundamentals of Faith (Fundamentos da Fé) que se opunha à teologia liberal e a outras correntes científicas como o darwinismo, assim como defendia a inerrância bíblica e a literalidade de seus relatos. Durante a Guerra fria, religião e princípios seculares entram novamente em conflito devido ao surgimento e difusão de alguns eventos e movimentos, como o homossexualismo, sexo na adolescência, etc., ao que os fundamentalistas – como Tim LaHaye, um de seus principais

it has become an earmark in the emerging church—that aspect is related to homosexuality. In this section, I am merely going to present certain statements made by those in the emerging church for the purpose of showing you this paradigm shift in attitude toward sexuality. How you interpret these statements is up to you, but it is my prayer you will look at them through the eyes of Scripture. One thing is for sure, after reading this section, I think you will agree that emerging spirituality is attempting to redefine how Christians view and think about sexuality”.

³⁹⁹ OAKLAND, 2007. p. 212-214. “One example of this new reformation mindset on sexuality can be found in Dan Kimball’s book, *They Like Jesus but Not the Church*. Kimball devotes an entire chapter (called The Church ‘is Homophobic’) to homosexuality and says that Christians need to reinterpret what we thought the Bible says about homosexuality. In an interview with *Radar* magazine, Bakker says, ‘I felt like God spoke to my heart and said [homosexuality] is not a sin’³⁴ (brackets in original). On Bakker’s website, he upholds this view.³⁵ And in a December 15th, 2006, interview with Larry King, the following conversation took place: (...) KING: You, for example, in your church would you marry gays? JAY BAKKER: If the laws passed, yes. KING: You favor there being a law, though? JAY BAKKER: Yes, I do”.

⁴⁰⁰ FREITAS, Marcus Vinicius de. *A Igreja Emergente*. 2016. Disponível em: <<http://www.eppiba.org.br/2016/03/15/a-igreja-emergente-2/>>. Acesso em 05 set. 2018.

⁴⁰¹ SOUSA, Bertone. *Humanismo Secular: inimigo número um dos radicalismos religiosos*. 2013. Disponível em: <<https://bertonesousa.wordpress.com/2013/06/28/humanismo-secular-inimigo-numero-um-dos-radicalismos-religiosos/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

ideólogos – atribuíram o nome de “humanismo secular” cujo novo documento “Pro-Family Forum” elenca diversos princípios, entre eles: “Acredita na liberdade sexual entre indivíduos conscientes de qualquer idade, inclusive em sexo antes do casamento, homossexualismo, lesbianismo e incesto”. Acredita, ainda, que os fundamentalistas, na verdade, selecionam alguns trechos da Bíblia para dar suporte à sua militância religiosa antissecularista. Tim LaHaye⁴⁰² acusa muitos seminários por terem feito concessões à filosofia pós-moderna do humanismo secular de nível superior. Para ele, a secularização da educação cristã vulnerabilizou muitos pastores jovens e sinceros aos ensinamentos da igreja pós-moderna ou Igreja Emergente.

O Manual da Igreja do Nazareno⁴⁰³ na seção Juventude Nazarena Internacional (JNI) estabelece que a JNI desenvolve e serve de mentora a líderes jovens:

A JNI oferece oportunidades para líderes emergentes, desenvolverem e utilizarem seus dons dentro dum ambiente de sustento e apoio, assegurando liderança forte para a Igreja do Nazareno. São funções vitais da JNI treinar liderança, exigir responsabilidade e prover mecanismos para avaliação e modificação de ministério.

A JNI da América do Sul⁴⁰⁴ pontua que este é um dentre sete propósitos a ser alcançado mediante a missão de chamar os jovens a uma vida dinâmica em Cristo sob a visão de que eles formam uma parte integral da igreja, de modo que existe para orientá-los a desenvolver um relacionamento com Jesus Cristo por toda a vida e facilitar seu crescimento como discípulos para o serviço cristão. Contraditoriamente à questão sobre a JNI dar oportunidades para líderes emergentes, a Igreja do Nazareno declara que

Alguns de nossos pastores, superintendentes e membros leigos acreditam que há um certo segmento dentro da Igreja do Nazareno que está abraçando um ‘novo movimento’ cheio de riscos à nossa coerência teológica como denominação. Eles temem que esta direção servirá apenas para debilitar e minar a Igreja do Nazareno com heresias. Suas preocupações estão, aparentemente, reforçadas por alguns líderes ‘emergentes’ que fizeram afirmações que, para eles, são preocupantes. Esses comentários refletem posições teológicas que negam diversos princípios básicos das Escrituras e do Cristianismo Ortodoxo mantidos pela Igreja do Nazareno em nossos ‘Artigos de Fé’. (...) A Junta de Superintendentes Gerais não endossa nem ratifica ‘igrejas emergentes’ ou líderes que não são Ortodoxos em sua teologia. ‘Nós cremos’, a declaração emitida pela JSG, claramente articula a posição da Junta a respeito dos Artigos de Fé, os valores e a missão declarada no Manual da Igreja do Nazareno, encorajando Nazarenos em toda parte que juntem-se a eles em abraçar essas verdades vitais.⁴⁰⁵

⁴⁰² LAHAYE, Tim. A Igreja Emergente: *a Laodiceia do Século 21?* Disponível em: <https://www.chamada.com.br/mensagens/igreja_emergente.html>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁴⁰³ IGREJA DO NAZARENO, 2013. p. 275.

⁴⁰⁴ HARTKE, Gary Q. Quem Somos: *Juventude Nazarena Internacional*. Disponível em: <<http://www.brasilnet.com.br/nazareno/jni/quesomosjni.php>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁴⁰⁵ JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS. 2011.

Ainda em meio a contradições, conforme declarado pela Junta de Superintendentes Gerais da Igreja do Nazareno sobre não endossar nem ratificar igrejas emergentes, encontra-se a notícia de que um pastor nazareno foi despedido⁴⁰⁶ por combater a Igreja Emergente. Trata-se do Pr. Joe que em setembro de 2008 estava servindo à Igreja do Nazareno em Matamoros no México. Preocupado com os ensinamentos emergentes na denominação nazarena, começou a pregar contra a ideologia e as práticas do movimento emergente o que lhe acarretou forte oposição por parte de pastores nazarenos que promoviam tais ensinamentos. Conseqüentemente, suas pregações foram canceladas e foi advertido a não falar contra a igreja emergente. Em setembro de 2009, a liderança distrital da Igreja do Nazareno o destituiu de sua posição de missionário por razões de insubordinação, permitindo-lhe que permanecesse como pastor da nova igreja em Brownsville, Texas.

Com base nesses últimos exemplos e à luz das discussões levantadas no capítulo anterior, que trata especificamente do tema homossexualidade, assim como aos entendimentos do presente capítulo, a Igreja do Nazareno discorre em seu Manual 2017-2021 sobre a “sexualidade entre pessoas do mesmo sexo”, em detrimento do termo homossexualidade que foi excluído como constava nas edições anteriores. Os textos ora são contraditórios em comparação com outros documentos, ora são confusos entre si quando da mesma descrição conceitual. A Igreja do Nazareno alterou o rumo do seu discurso em direção a uma perspectiva mais progressista sem, contudo, abandonar totalmente suas primeiras considerações concernentes à questão da homossexualidade. Para tanto, ela aconselha o acolhimento aos homossexuais em suas igrejas como forma de mostrar cuidado e para fins de doutrinação rumo a uma transformação da mente em relação ao que ora ela chama de tendência sexual, ora orientação sexual, ora inclinação sexual. Tudo isso parece muito paradoxal visto que suas colocações são bem fundamentadas tanto bíblica quanto historicamente, à primeira vista, de modo coerente, mas revelando nas entrelinhas alguns subentendidos contraditórios a suas próprias descrições e explicações, sugerindo uma ruptura na sua estrutura regimental e doutrinária. Não há, portanto, como se apresentar com clareza qual seria a posição final da Igreja do Nazareno com relação à questão da homossexualidade. Tem-se a impressão de que ela está buscando se ajustar às mudanças socioculturais em meio a um esforço de se manter firme em sua posição bíblico-eclesiástica.

⁴⁰⁶ SILVA, Manny. Pastor nazareno despedido por causa do combater a Igreja Emergente. *Os Nazarenos Preocupados*. 2010. Disponível em: <<https://nazarenoportugues.wordpress.com/2010/02/19/pastor-nazareno-despedido-por-causa-do-combater-a-igreja-emergente/>>. Acesso: 29 jul. 2018.

3.4 Resumo do terceiro capítulo

O terceiro capítulo pretende apresentar como a Igreja do Nazareno se posiciona em relação à homossexualidade, levando em consideração os capítulos anteriores. Para avaliar esse posicionamento, foi necessário analisar o teor dos manuais da referida igreja em comparação com o último que corresponde ao período 2017-2021; avaliar a postura de alguns nazarenos, como ministros ordenados, que são favoráveis ao acolhimento de homossexuais e outros que são desfavoráveis, observando suas alegações, as razões para suas manifestações afirmativas ou contrárias à homossexualidade como aspecto natural da sexualidade humana; conhecer alguns movimentos que têm se levantado em meio a algumas congregações nazarenas juntamente com suas ações em prol de homossexuais que desejam pertencer a essa igreja; observar como os nazarenos se importam com as pesquisas científicas desenvolvidas nessa área.

A homossexualidade, então, como um dos objetos de estudo neste trabalho passa a ser analisada sob a ótica nazarena, que ora a condena como pecado, ora a explica como sendo uma doença – o que remete ao título do tratado nazareno sobre a homossexualidade em que esta é chamada de “homossexualismo”, como que ainda mantendo o status de doença, visto que mesmo em uma segunda edição desse tratado não houve a mudança terminológica necessária e devida –, ou até mesmo como uma influência demoníaca. Ao internacionalizar-se, a Igreja do Nazareno passou a reconhecer que suas igrejas devem se conformar com os contextos culturais aos quais ela pertence mediante uma nova mentalidade que releva o princípio da igualdade de todos os membros.

Apesar dessa nova mentalidade, a Igreja do Nazareno, nesta época que corresponde à edição do período do último manual, não descarta os princípios escriturísticos, por exemplo, os dez mandamentos que os nazarenos entendem que constituem a ética cristã de santidade na vida do cristão. Nesse sentido, entende a homossexualidade como imoralidade sexual, porém concomitantemente à manifestação da sua nova mentalidade. Isso sugere o início de princípios contraditórios dentro da igreja. Assim, foi desenvolvida uma comparação entre os manuais dos períodos 2013-2017 e 2017-2021 a fim de detectar as modificações ocasionadas no ínterim que compõe as duas últimas assembleias gerais que culminaram na publicação dessas duas edições. Observa-se, portanto, uma tendência nazarena mais progressista no que tange ao trato com a tendência sexual dos indivíduos, apesar de não abandonar a sua posição adversa à prática da homossexualidade.

As primeiras bases teológicas da Igreja do Nazareno modificaram com o passar dos anos e isso pode ser observado através de pequenas, porém marcantes, alterações no teor de

alguns documentos nazarenos, como ocorreu com o último manual na seção acerca da sexualidade humana cujo título e teor sofreram acréscimos e subtrações que denotam uma posição mais flexível quanto ao tema da homossexualidade, além de declarar a importância dos homossexuais tanto para a igreja quanto para Deus.

Em um dado momento, para efeito de ilustração, desde que se sabe que o livro-base dessa igreja é a Bíblia Sagrada, faz-se pertinente a apresentação de alguns trechos bíblicos pelo fato de ela utilizá-los com referência ao tema da homossexualidade com o propósito de respaldar sua postura de advertência a essa questão, não deixando de lado a perspectiva cultural de sua inserção conforme consta em seu tratado sobre a homossexualidade quando declara que as expressões da sexualidade humana variam de acordo com as culturas, e ainda que as respostas científicas têm sido insuficientes quanto às causas da homossexualidade.

Outro ponto importante se dá com relação a terminologias empregadas para discorrerem sobre o comportamento homossexual que julgam como tendência ou inclinação ou orientação e as explicações sobre os mesmos são um tanto caóticas com relação a se tratar de ações e direções pecaminosas ou não. Dessa maneira, parece que os nazarenos estão abrindo caminho para uma manifestação mais progressista (i.e., mais favorável às mudanças sociais) de seus entendimentos acerca da homossexualidade e da visão sobre sua presença em seu meio.

As bases teológicas *queer* também são apresentadas por meio de explanações oriundas de especialistas na área da sexualidade humana que igualmente discorrem sobre passagens bíblicas, buscando reconhecer a pertença da homossexualidade na Bíblia em detrimento de uma hermenêutica homofóbica. Destarte, a homossexualidade é vista como outro aspecto da outridade humana que se pauta nas necessidades do indivíduo, valorizando sua identidade porque criado à imagem e semelhança de Deus. Isso corrobora suas teses de que há espaço para todos no reino de Deus, de modo a declarar que no tocante à interpretação bíblica cada um a realiza segundo o que acredita. Assim, defendem que a inclusão reflete um evangelho para todos e todas, sem distinções, e que a graça e o amor de Deus não podem ser anulados por aqueles que se exercitam num cativeiro religioso de um evangelho deformado. Em suma, no que concerne à interpretação bíblica, esta pode ocorrer tanto pela ótica tradicional quanto pela inclusiva.

O fim da pesquisa sugere que há contradições nazarenas em relação à homossexualidade com base em seus próprios textos. Isso contribui para o entendimento final de que não se pode afirmar exatamente qual seja a posição da Igreja do Nazareno nesse sentido, se favorável ou desfavorável. Parece se tratar de uma situação em curso cujos resultados são ainda, pelo menos, a médio prazo. Nessa condição se colocam nazarenos investidos de cargos

de importância dentro da igreja que lutam em prol do apoio à classe dos homossexuais como pessoas com potencial para atuarem livremente como membros da igreja ou mesmo para assumirem ministérios em seu seio, e outros que permanecem na luta pela tradição que se pauta nos textos bíblicos *servatis servandis*. De toda forma, a Igreja do Nazareno atualmente se encontra na condição de “acolhedora de pessoas homossexuais” em seu seio, em meio a doutrinações contra ações homofóbicas por parte de seus membros.



CONCLUSÃO

Alguns veem com naturalidade a inversão⁴⁰⁷, tal como o indivíduo normal vê a direção de sua libido, e afirmam energicamente que é tão legítima quanto a normal. Essas palavras de Freud denotam o seu entendimento de uma anormalidade quanto às questões de inversão da sexualidade que remonta à da homossexualidade, pois na continuidade de suas palavras acrescenta que “outros, porém, rebelam-se contra o fato da sua inversão, sentindo-a como obsessão patológica”. Ou seja, o próprio indivíduo se enxerga dentro dessa anormalidade. Em nota (4), ele explica que “tal revolta contra a compulsão à inversão poderia ser a precondição para a influência mediante o tratamento por sugestão ou a psicanálise”. Puff⁴⁰⁸, por sua vez, diz que “sodomia” se tornou uma convenção terminológica dotada de associação moderna e compartilhando muitas conotações com “*queer*” e que os praticantes de sodomia são extremamente envilecidos. Linguisticamente, eles são desumanizados (“pecado não-humano”) e criados para se assemelharem a demônios (“muitas pessoas diabólicas”), e seus atos pecaminosos são descritos com epítetos como “grave”, antinatural”, “fedorento”, ou, repetidamente, venenoso. A urgência do sacerdote é notável, pois ele acredita que “muitas pessoas diabólicas” aderem às práticas proibidas por este mandamento – atos que incorrem numa expressão de arrependimento (“infelizmente”) pelo autor.

Nota-se nesses textos respectivos às áreas da psicologia e da linguística que há uma nítida associação do termo homossexual à noção de antinatural ou anormal. Trata-se, entretanto, de um posicionamento científico-linguístico sobre o tema da homossexualidade que interessa à Igreja do Nazareno sob cuja ótica está sendo investigado. Neste sentido, é apresentado o modo como os nazarenos pensam acerca do assunto e se os seus argumentos e documentos correspondem às perspectivas científicas da homossexualidade de modo a esclarecer a sua real posição face à questão. Além do aspecto da cientificidade, há de se considerar igualmente outras importantes linhas de estudo que se fizerem mister como conceituações bíblico-teológicas, histórico-sociais, socioculturais, etc.

⁴⁰⁷ FREUD, 2016. p. 23.

⁴⁰⁸ PUFF, Helmut. *Sodomy: Reformation Germany and Switzerland, 1400-1600*. Chicago and London: The University of Chicago Press. 2003. p. 9; 64-65. “‘Sodomy’ has become a terminological convention, replete with modern association and sharing many connotations with ‘queer’. Practitioners of sodomia are extremely vilified. Linguistically, they are dehumanized (‘inhuman sin’) and made to resemble devils (‘many devilish people’), and their sinful acts are described with epithets such as ‘grave’, ‘unnatural’, ‘stinking’, or, repeatedly, ‘poisonous’. The priest’s pressing urgency is noteworthy, since he believes that ‘many devilish people’ adhere to the practices prohibited by this commandment – doings that incur an expression of regret (‘unfortunately’) by the author”.

Puff⁴⁰⁹ ressalta, ainda, a visão foucaultiana ao citar que: a história do sexo tomou forma conceitualmente não como uma história de corpos ou desejos reais, mas que foi lançada como uma das relações de poder mediadas por palavras; no tocante ao discurso sobre homossexualidade, foi estabelecido um campo de investigação sugerindo uma transição fundamental do “sodomita” pré-moderno para o “homossexual” moderno; a noção de aberração pecaminosa temporária foi substituída pelo conceito da homossexualidade significando uma mudança emblemática da progressão histórica das forças externas de controle – como o estado ou a igreja – às tecnologias internas do eu. No decurso da pesquisa, observa-se que a Igreja do Nazareno aparenta defender uma postura que vai de encontro aos ideais progressistas de afirmação de homossexuais como cristãos, mas ao longo do caminho vão surgindo fatos contraditórios e contradições argumentativas que denunciam uma instabilidade ontológica no que tange ao seu status de igreja que defende uma ortodoxia milenar porquanto baseada nas Escrituras Sagradas e histórica no que tange à sua fundação e acontecimentos afins que envolvem personagens proeminentes que viabilizaram sua existência e desenvolvimento ao longo de séculos assim como movimentos em prol de seu crescimento em nível internacional. Fatos e argumentos no próprio seio da Igreja do Nazareno entram em conflito diante de circunstâncias socioculturais que pretendem adentrar seu organismo eclesiástico, como é o caso da presente luta da classe homossexual pelos seus direitos de participarem ativamente como membros aceitos na igreja não apenas como meros participantes, mas também como ministros designados para ministérios diversos.

Surgem, a partir daí as indagações acerca do mover nazareno em direção à referida classe – se favorável ou não, se refutadora ou não, se omissa ou declarada ou “morna”. Estará a Igreja do Nazareno rumando ao estado de igreja inclusiva ou de afirmação, adotando reconhecimentos nessa acepção sociocultural que defende o casamento entre gays, o serviço cristão sob talentos *queer*, etc., em detrimento do que por séculos acreditou e defendeu como sendo a volição divina com base escriturística? A Igreja do Nazareno entra em conflito consigo mesma quando de suas abordagens acerca de determinados temas, como é o caso respeitante ao tema da homossexualidade. Demonstra não ter uma posição definida e definitiva neste

⁴⁰⁹ PUFF, 2003. p. 3-4. “In Foucault’s vision, the history of sexuality took form conceptually not as a history of actual bodies or desires. Rather, the history of sex was cast as one of power relations mediated through words. (...) With regard to the discourse on homosexuality, Foucault set up the field of inquiry by suggesting a fundamental transition from the premodern ‘sodomite’ to the modern ‘homosexual’. According to the History of Sexuality, the notion of temporary sinful aberration in sexualibus, characterized as sodomy, was superseded by the nineteenth-century concept of a class of persons, homosexuals, identified by sexual desire for the same sex – a shift emblematic of the historic progression from external forces of control, such as the state or the church, to internal Technologies of the self”.

concernimento pelo que se verifica em suas declarações contraditórias. Um oxímoro: uma igreja ortodoxa com ares de emergente ou afirmativa.

A Igreja do Nazareno possui uma história. A homossexualidade possui uma história. Ambas têm suas próprias conceituações e características inegáveis de sua origem, formação e desenvolvimento. Ambas reivindicam suas verdades e pretendem propagá-las universalmente. Ambas acreditam na própria essência e na razão de ser e fazer pertinentemente aquilo para o qual se entendem como designadas a realizar. Ambas reclamam seus direitos concernentes àquilo que preconizam e cujas causas advogam em favor próprio. Ambas se entendem como corretas. Quem dirá o contrário se ambas já possuem as próprias respostas?! Todavia, estariam prontas e acabadas essas respostas? Será que ambas já se definiram definitivamente sobre sua própria realidade de ser e não ser? Será que o dualismo de aceitar e se aceitar já está resolvido para ambas? Para vencer uma guerra é necessário um exército preparado com soldados formados, material bélico apropriado, estratégias definidas... Estariam ambas travando uma guerra? Reconhecem, portanto, seu objetivo final?

Em conversas com pessoas homossexuais, ou heterossexuais que não os discriminam, mas que advogam sua causa, ficou claro que para eles o problema é que a sociedade se traveste do evangelho com a cultura, ou seja, ela gira em torno da cultura, e, nesse caso, o evangelho deve se adaptar a ela e não o contrário. Esta seria uma forma de acabar com a cultura homofóbica desde que para eles a vida homossexual é uma coisa particular da pessoa com Deus, e que este é o melhor caminho para tratar a homossexualidade na igreja de modo a romper com uma teologia conservadora que leva o indivíduo a se preocupar com os homens em detrimento da sua posição diante de Deus que é quem lhe estende a graça da salvação que o leva a compreender que a sexualidade não é uma construção divina, mas uma construção biológica ou cultural; logo, o problema do ser homossexual não é com Deus, mas com a família e a sociedade em sentido global. Por fim, entendem que a igreja não faz o que deveria ser feito em favor dos homossexuais, como o acolhimento pela fé, por causa das leituras bíblicas indevidas às quais deve ser posto “um fim a fim de evitar o fim” do homossexual, como um suicida, por causa do preconceito, da rejeição, do abandono a que se sentem relegados. Defendem, ainda, que a homossexualidade é uma junção de coisas como questões intrauterinas e questões histórico-culturais – as dificuldades vivenciadas intrauterinamente irão dialogar com as futuras experiências histórico-culturais, mesmo que a pessoa não saiba que a sua orientação sexual surgiu por conta desse resultado que culminou na construção da sua sexualidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Claudio J. B. de. *O que igreja faz que Cristo não esperava que ela fizesse?* Uma análise ao comportamento da igreja cristã e suas atitudes concernente a homoafetividade (sic). Joinville: Clube de Autores. 2016.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. 2012. Respuestas a sus preguntas para una mejor comprensión de la orientación sexual y la homosexualidad. *¿Qué es la orientación sexual?*. Disponível em: <<http://www.apa.org/topics/lgbt/answers-questions-so-spanish.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2018.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. Dicionário Teológico. *Calvinismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998
- APF. *Sexualidade: Identidade e orientação sexual*. Disponível em: <<http://www.apf.pt/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- AQUINO, Felipe. *Igreja Católica Apostólica Romana*. Editora Cleofas, 2010. Disponível em: <<https://cleofas.com.br/igreja-catolica-apostolica-romana/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- ARAGUSUKU, Henrique Araújo, LOPES, Moisés. Preconceito, Discriminação e Cidadania LGBT: Políticas Públicas em Mato Grosso e no Brasil. *Aceno: Revista de Antropologia do Centro-oeste*, vol. 3, n. 5. p. 242-258. Jan. a Jul. de 2016.
- ARANA, Julia Borges. Homossexualismo: a identidade psicológica sexual. *Pedagogia ao Pé da Letra*, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/homossexualismo-a-identidade-psicologica-sexual/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.
- ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio: Jacó Armínio*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. 1ª ed. Trad. Degmar Ribas. 1ª edição em Inglês: 1853. v. 1. 741
- ASTER. *Lista de identidades não-binárias*. 2018. Disponível em: <<https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>>. Acesso em: 17 dez. 2018.
- ASTER. Um espaço de aprendizagem: *O que é intersexo?* Texto em grande parte traduzido e adaptado da Sociedade Intersexo da América do Norte (<http://www.isna.org>). 1993-2008. Disponível em: <<https://orientando.org/o-que-e-intersexo/>>. Acesso em 22 mai. 2018.
- ATKINSON, David J., et al. *New Dictionary of Christian Ethics & Pastoral Theology: Eleven: Sexuality*. 1995. Disponível em: <encurtador.com.br/diqzB>. Acesso em: 13 jun. 2018.
- AYUSO, Bárbara. Sou intersexual, não hermafrodita. *EL PAÍS*. Madri, Es. 2016. Estilo: Identidade Sexual.
- BALTHAZART, Jacques. *Minireview: Hormones and Human Sexual Orientation*. *Endocrinology*, August 2011. Disponível em: <<https://academic.oup.com/endo/article/152/8/2937/2457178>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

BARBERO, Graciela Haydée. A despatologização da orientação sexual: o papel da resolução 01/99 e o enfrentamento da homofobia. *Conselho Regional de Psicologia SP*. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_despatologizacao.aspx>. Acesso em: 17 mai. 2018.

BARBOZA, Heloisa Helena Gomes. *Procedimentos para redesignação sexual: um processo bioeticamente inadequado*. Rio de Janeiro: s.n., 2010. Orientador: SCHAMM, Fermin Roland. Tese (Doutorado). Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010. 174 f

BARRETO, Maria Cristina Rocha, OLIVEIRA FILHO, José Evaristo de. A Inclusão de Homossexuais no Protestantismo. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 4, nº 8, p. 117-135. Dezembro/2012.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. 4ª. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1970.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BETING, Graziella. *História Viva: Antiguidade de A a Z*. vol. 1. Rio de Janeiro: Duetto, 2009.

BÍBLIA ACF (Almeida Corrigida Fiel). Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

BÍBLIA SAGRADA. *O Antigo e o Novo testamento*. Tradução: João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Na grafia simplificada. 83ª impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1995.

BIOMANIA. *Intersexualidade*. 1999-2018. Disponível em: <<https://biomania.com.br/artigo/intersexualidade>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

BOARD OF GENERAL SUPERINTENDENTS. *Human sexuality*. 2018. Disponível em: <<http://nazarene.org/organization/general-secretary/human-sexuality>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

BRANCAGLION JR., Antonio. *Homossexualidade no Egito Antigo*. Métis: história&Cultura. v. 10, n. 20, jul./dez.2011

BRANCO, Guilherme Castelo, VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault: Filosofia & Política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Col. Estudos Foucaultianos

BRISOLARA, Oscar. *Homossexualidade: Relações homoafetivas masculinas na Antiga Grécia – One older man's relationship with a younger man*. 2014. Disponível em: <<http://oscarbrisolara.blogspot.com/2014/01/relacoes-homoafetivas-masculinas-na.html>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BROWN, George R. Manual MSD: Versão Saúde para a Família. *Identidade de Gênero*. 2018. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-de-sa%C3%BAde-mental/sexualidade/identidade-de-g%C3%AAnero>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

BUSIC, David. Cristianismo histórico e Herança Wesleyana de Santidade: O Avivamento Wesleyano. *Igreja do Nazareno*. 2017. Disponível em: <<http://www.nazarenocentral.com.br/noticias/cristianismo-historico-e-heranca-wesleyana-de-santidade/>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: Queer trouble*. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1999.

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York and London: Routledge, 2004.

CA – 701a. *Sexualidade Humana. Assembleia Distrital da Holanda*. Manual 32. Disponível em: <http://ga2017.com/sites/default/files/resolutions/portuguese/christian_action/CA-701a-Portuguese.pdf>. Acesso em: 03 set. 2018. p.2.

CAPPELLANO, Luiz Carlos. *A História da Homossexualidade*. Disponível em: <<https://homofobiabasta.wordpress.com/a-historia-da-homossexualidade/>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

CAPPELLANO, Luiz Carlos. *A História da Homossexualidade*. Disponível em: <<https://homofobiabasta.wordpress.com/a-historia-da-homossexualidade/>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

CAPPELLANO, Luiz Carlos. *Breve Histórico da Homossexualidade*. 2004. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/lucappellano/breve-historico-da-homossexualidade-humana>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

CARDOSO, Fernando. *A homoafetividade e o Cristianismo*. 2010. Série: Mensagens de Inclusão. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

CARDOSO, Fernando. *O Evangelho Inclusivo e a Homossexualidade*. 1ª ed. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

CARRANO, Paulo. *Há 23 anos a homossexualidade deixava de ser considerada pela OMS uma doença mental!*. 2013. Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/content/ha-23-anos-homossexualidade-deixava-de-ser-considerada-pela-oms-uma-doenca-mental>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

CECARELLO, Carla. *Sexualmente: Nós queremos discutir a relação*. 1ª ed. São Paulo: Biblioteca 24horas. 2011.

CENTRO DE PESQUISA EM JONATHAN EDWARDS. *Jonathan Edwards – Biografia*.

CÉSAR, Marília de Camargo. *Entre a cruz e o arco-íris: a completa relação dos cristãos com a homoafetividade*. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2013.

CHANGE.ORG. Abaixo-assinado: Nazarene Ally. *Church of the Nazarene: Be a LGBT-affirming Church*. color.

CHAPMAN, J. B. *A History, of the Church of the Nazarene*. Kansas City, Missouri: Nazarene Publishing House. 1926.

CHAPMAN, J. B. *O que é a Igreja do Nazareno?*. 2015. Disponível em: <<http://www.nazarenocentral.com.br/noticias/o-que-e-a-igreja-do-nazareno/>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

CHAVES, Helton Gomes. *O amor entre homens no Império Romano e suas representações de poder*. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(22\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(22).pdf)>. Acesso em: 14 mai. 2018.

CHEROKI, Carola. *Estudo genético-clínico e molecular da síndrome de Rokitansky-Mayer-Küster-Hauser*. 2008.

CHURCH OF THE NAZARENE. Global Ministry Center. *Stances of Faiths on LGBTQ Issues: Church of the Nazarene. On Ordination*. 2018. Disponível em: <<https://www.hrc.org/resources/stances-of-faiths-on-lgbt-issues-church-of-the-nazarene>>. Acesso em: 26 jul. 2018

CHURCH OF THE NAZARENE. *History: Who We Are*. 2018. Trad.: Mônica Conte Campello. Disponível em: <<http://www.nazarene.org/history>>. Acesso em: 24 mai. 2018

CHURCH OF THE NAZARENE. O que fazemos? Da “Prateleira Empoeirada”, Vol. 15, no. 2, 1966-1997. Disponível em: <<http://nazarene.org/pt/organization/general-secretary/o-que-fazemos>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

CHURCH OF THE NAZARENE. *Sobre os Nazarenos*. 2018. Disponível em: <<http://nazarene.org/pt/sobre-os-nazarenos>>. Acesso em: 24 set. 2018.

CIPRO NETO, Pasquale. *Ao Pé da Letra*. Rio de Janeiro: EP&A, 2001.

CLEUDF, Cleusa Galvão. *O Júbilo de quem ama: Biografia de Charles Finney – o advogado orgulhoso*. 2009. Disponível em: <<https://cleudf.blogs.sapo.pt/14395.html>>. Acesso em 26 mai. 2018.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia Antiga – Homossexualidade e Bissexualidade, Mitos e Verdades. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*. Rio Grande, 19: 19-24, 2006.

CORRÊA, Gustavo Figueiredo Pires. Corpo e Sexualidade na Contemporaneidade. *Anais do Simpósio Internacional de Educação Sexual*. Maringá-PR, 2013.

CROSSPOINT NAZARENE CHURCH. *What We Believe*. 2018. Disponível em: <<https://crosspointnaz.org/our-beliefs/>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

DIETER, Cristina Ternes. *As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional*. 2012.

EARP, Dave. Interpretation LGBT. *About me*. Disponível em: <<https://www.interpretationlgbt.com/nazarene-church-pastoral-perspectives-on-homosexuality.html>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

ELLIS, Havelock. *Sexual inversion*. Philadelphia: F. A. Davis Company, Publishers. 1901. p. 1. Disponível em: <<https://archive.org/details/sexualinversion00elligoog>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

FABIANO, Jeferson. *A Bíblia Hoje: O Sexo Anal na Bíblia e na Ciência*. 2011. Disponível em: <<http://pastorjefersonfabianocomenta.blogspot.com/2011/02/o-sexo-anal-na-biblia-e-na-ciencia.html>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

FARO, Julio Pinheiro. Uma nota sobre a homossexualidade na história: Relatos sobre práticas homossexuais. *Revista Subjetividades*. Versão On-line. Rev. Subj. Vol. 15 nº1 Fortaleza. Abr. 2015. Artigo Original. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100014> Acesso em: 06 dez. 2018.

FEITOSA, Alexandre. *Bíblia e Homossexualidade: verdades e mitos*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010.

FEITOSA, Alexandre. *O Prêmio do Amor: Uma abordagem cristã do sexo nas relações homoafetivas*. 2011.

FEITOSA, Alexandre. *Teologia Inclusiva: Bíblia de Estudo teologia Inclusiva*. 2017. Disponível em: <<http://teologiaeinclusao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

FEITOSA, Lourdes Conde. *Gênero e sexualidade no mundo romano: a antiguidade em nossos dias*. História: Questões&Debates, Curitiba, n. 48/49. p. 119-135, 2008. Editora UFPR.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Nova Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1582.

FERREIRA, Lucas Bulgarelli. *Trajetos e trajetórias do casamento homoafetivo nos EUA*. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/42398/trajetos-e-trajetorias-do-casamento-homoafetivo-nos-eua>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

FOSTER, Gustavo. *Cis, trans, pan, intersexual: entenda os termos de identidade e orientação sexual*. Gaúcha ZH Comportamento. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2015/03/cis-trans-pan-intersexual-entenda-os-termos-de-identidade-e-orientacao-sexual-4730566.html>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8ª ed. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRAZÃO, Dilva. *Biografia de João Calvino*. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/joao_calvino/>. Acesso em: 31 dez. 2018.

FREITAS, Marcus Vinicius de. *A Igreja Emergente*. 2016. Disponível em: <<http://www.eppiba.org.br/2016/03/15/a-igreja-emergente-2/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. *Obras completas, volume 6*. tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GALE, Thomson. The Encyclopedia of Sex and Gender: Culture Society History. *Sexual Inversion*. 2007. Disponível em: <<https://www.encyclopedia.com/social-sciences/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/sexual-inversion>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

GAUDENZI, Paula. Intersexualidade: entre saberes e intervenções. *Cad. Saúde Pública* [online]. Rio de Janeiro, vol. 34, n.1, p. 1-11, 2018. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/public_site/arquivo/1678-4464-csp-34-01-e00000217.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018.

GIANASTACIO, Vanderlei. *O sufixo -ismo na história das gramáticas da língua portuguesa e sua produtividade a partir do Dicionário de Língua Portuguesa Antônio Houaiss*. Disponível em: <<http://www.usp.br/gmhp/publ/GiaA1.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2008.

GOMES, Vinícius Romagnolli Rodrigues. *Adolescentes na contemporaneidade*. Desamparo e laços em meio aos ideais da sociedade de consumo. 1. ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

GONÇALVES, Leonardo. *Igreja Emergente: o que é isso?*. 2010. Disponível em: <<http://pulpitocristao.com/2010/07/igreja-emergente-o-que-e-isso.html>>. Acesso em: 05 set. 2018.

GRINSPAN, Mauro Cabral, *et al.* Membros da Comissão de Redação. *Princípios de Yogiakarta*: Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de Direitos Humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. 2007.

GROSSMAN, Ashley B. *Virilização (síndrome adrenogenital)*. Manual MSD. 1989. Disponível em: <<https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-hormonais-e-metab%C3%B3licos/dist%C3%BArbios-da-gl%C3%A2ndula-adrenal/viriliza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 23 mai. 2018.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso?: Gênero: algumas abordagens teóricas e os Elementos Constitutivos do Conceito na perspectiva de Joan Scott. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Psicol. cienc. prof., Brasília, vol.15 no.1-3, p. 8-9. 1995.

HARTKE, Gary Q. Quem Somos: *Juventude Nazarena Internacional*. Disponível em: <<http://www.brasilnet.com.br/nazareno/jni/quesomosjni.php>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

HAUSER, Renate Irene. *Sexuality, neurasthenia and the law: Richard von Krafft-Ebing (1840 - 1902)*. Thesis submitted for the degree of PhD at University College, University of London. 1992. Tese.

HOLINESS TODAY. C. W. *Ruth: The Apostle of Organized Holiness*. 2017. Disponível em: <<http://www.holinesstoday.org/node/628>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

HOUAISS. *-ismo, sufixo*. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#3>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

IGREJA Batista passa a aceitar casamento de homossexuais. *Jornal da Paraíba*. 2016, Redação, Vida Urbana.

IGREJA DO NAZARENO CENTRAL DE CAMPINAS. *Biografia*: L. Aguiar Valvassoura. 2018. Disponível em: <<https://www.nazareno.com.br/aguiar-valvassoura>>. Acesso em: 31 dez. 2018.

IGREJA DO NAZARENO CENTRAL DE CAMPINAS. *Equipe Pastoral*. Disponível em: <<https://www.nazareno.com.br/equipe-pastoral>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

IGREJA DO NAZARENO CENTRAL DE CAMPINAS. *Nossa história: Genealogia Nazarena*. 2018. Disponível em: <<https://www.nazareno.com.br/nossa-historia>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

IGREJA DO NAZARENO RIO DAS OSTRAS. *Quem somos: Nossa Visão e Missão*. 2018. Disponível em: <<http://easites.net/nazareno/quem-somos/>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

IGREJA DO NAZARENO UNIÃO. *Nossa história*. Conheça a história da igreja do Nazareno desde o princípio. 2018. Disponível em: <http://nazarenouniao.com.br/site/?page_id=115>. Acesso em: 24 mai. 2018.

IGREJA DO NAZARENO. *Manual 2005-2009: História, Constituição, Governo, Ritual*. São Paulo: Casa Nazarena de Publicações, 2005.

IGREJA DO NAZARENO. *Manual 2013-2017: História, Constituição, Governo, Ritual*. Lisboa: Literatura Nazarena Portuguesa, 2013.

IGREJA DO NAZARENO. *Manual 2017-2021: História, Constituição, Governo, Ritual*. São Paulo: Nazalivros Publicações, 2017.

IGREJA DO NAZARENO. *Mídia Editorial: Deus trabalha*. 2009. Disponível em: <<https://www.nazareno.com.br/igreja/midia/editorial/375/2009/05/deus-trabalha>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

IGREJA DO NAZARENO. *Mídia-Editorial: Posição da Igreja do Nazareno sobre união homoafetiva*. 2015. Disponível em: <<http://www.nazareno.com.br/igreja/midia/editorial/579/2015/06/posicao-da-igreja-do-nazareno-sobre-uniao-homoafetiva/>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

INGERSOL, Stan. *Church of the Nazarene*. The Encyclopedia of Arkansas History and Culture. 2010. Disponível em: <<http://www.encyclopediaofarkansas.net/encyclopedia/entry-detail.aspx?entryID=4330>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

INGERSOL, Stan. Holiness Today (magazine). Nov./Dez. 2007. *C. W. Ruth.: The Apostle of Organized Holiness*. Disponível em: <<http://holinesstoday.org/node/628>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

INGERSOL, Stan. *Wesleyan Tradition: A Church in the Wesleyan Tradition*. 2001 Disponível em: <<http://nazarene.org/organization/general-secretary/wesleyan-tradition>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

INSTITUTO EDUCACIONAL JAIME KRATZ. *Quem foi Jaime Kratz*. Disponível em: <<http://iejaimekratz.lwsite.com.br/quem-foi-jaime-kratz>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

ITTIBEL, Adon. A Homossexualidade no Antigo Oriente Médio e Próximo. *Politerrâneo: O Politeísmo do Mediterrâneo Antigo: Trad. Bruce L. Gerig*. 2017. Disponível em <<http://politerraneo.blogspot.com.br/2017/05/a-homossexualidade-no-antigo-orient.html>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

JARA, Antonio. Dois cabeleireiros de faraós estão estre os primeiros ícones gays da história. *G1 | Mundo*. 2007. Da EFE. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL204939-5602,00-DOIS+CABELEIREIROS+DE+FARAOS+ESTAO+ENTRE+OS+PRIMEIROS+ICONES+GAYS+DA+HISTOR.html>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2ª ed. Rev. e ampliada. Brasília, 2012.

JOBINS, Mike. Não é mais uma Igreja Completa de Salvação e Santidade: Apostasia da Igreja do Nazareno. *Os nazarenos preocupados*. 2012. Disponível em: <<https://nazarenoportugues.wordpress.com/2012/03/22/nao-e-mais-uma-igreja-completa-de-salvacao-e-de-santidade-apostasia-da-igreja-do-nazareno/>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

JORDÃO, Vivian. Em carta escrita em 1935, Freud dizia que homossexualidade não é doença. 2017. *Huffpost*. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/09/21/em-carta-escrita-em-1935-freud-dizia-que-homossexualidade-nao-e-doenca_a_23218458/>. Acesso em: 14 mar. 2018.

JUNTA DE SUPERINTENDENTE GERAIS – IGREJA DO NAZARENO. *Fundamentos Nazarenos*. 2015. Disponível em: <<http://www.nazarene.org/sites/default/files/essentials/docs/FundamentosNazarenosPT-BR.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

JUNTA DE SUPERINTENDENTE GERAIS. Church of the Nazarene. *Quem somos*. 2018. Disponível em: <<http://www.nazareno.com.br/igreja/quem-somos/nossa-historia/>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS. *Perspectiva Pastoral dos Vossos Superintendentes Gerais: Acerca do Homossexualismo*. 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/331438789/Acerca-Do-Homossexualismo-Junta-de-Superintendentes-Gerais>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

JUNTA DE SUPERINTENDENTES GERAIS. *Uma Perspectiva Pastoral sobre o Homossexualismo: Caridade no Contexto de Convicção*. 2011. Disponível em: <http://nazarene.org/files/docs/Pastoral%20Perspectiv0e%20on%20Homosexuality%209_2011-Portuguese.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

KOSTLEVY, William. *Historical Dictionary of the Holiness Movement*. 2001.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis. Preface to the First Edition*. Publicação original: Philadelphia, The F. A. Davis Company, Publishers. London: F. J. Rebman. 1894. Forgotten Books, 2012.

KREMER, William. O quebra-cabeça evolutivo da homossexualidade. *BBC News Brasil*. 2014. Serviço Mundial da BBC.

KURIAN, George Thomas, LAMPORT, Mark A. *Encyclopedia of Christianity in the United States*, vol. 5.

KURIAN, George Thomas, LAMPORT, Mark A. *Encyclopedia of Christianity in the United States*, vol. 5

KWCS – Programa OK2BME. *What Does LGBTQ+ mean?* 2019. Disponível em: <<https://ok2bme.ca/resources/kids-teens/what-does-lgbtq-mean/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

LAHAYE, Tim. A Igreja Emergente: *a Laodiceia do Século 21?* Disponível em: <https://www.chamada.com.br/mensagens/igreja_emergente.html>. Acesso em: 05 set. 2018.

LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. *Revista de Saúde Pública*. Rev. Saúde Pública vol.18 no.5 São Paulo Oct. 1984.

LELIÈVRE, Mateo. *João Wesley: Sua Vida e Obra*. São Paulo: Editora Vida, 1997.

LGBT. *Conheça os tipos de orientação sexual*. Disponível em: <<http://www.lgbt.pt/conheca-os-tipos-de-orientacao-sexual/>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

LIMA, Flávio Campos de. *A Falência da Razão*. Dissertação para Mestrado em Filosofia/PUC-SP. São Paulo: 2015.

LIVRARIA FLORENCE. *A diferença entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual*. 2016. color. Disponível em: <<https://blog.livrariaflorencia.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

MANUAL DE MISSÕES NAZARENAS INTERNACIONAIS. Edição Global: *Missões Nazarenas Internacionais*: Propósito. 2012.

MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Teologia *queer* e cristrans: transições teológicas na Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). 2016. *Mandrágora*, v.22. n. 2, p. 149-193. 2016.

MCELLHENNEY, John G. Archives&History. *Phoebe Palmer: A woman who Proclaimed a "Shorter Way" to Holiness 1807-1874*.

MELLO, João. Homossexuais criam suas próprias igrejas. *Jornal GGN*. 2013. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/noticia/homossexuais-criam-suas-proprias-igrejas>>. Acesso em: 10 set. 2018.

MILLER JR., Joseph Walter. *Homosexuality: A Scriptural Way Forward for the United Methodist Church*. Gonzalez, FL: EnerPower Press, 2015.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011.

MOREIRA FILHO, Francisco Carlos. MADRID, Daniela Martins. A Homossexualidade e a sua história. *Revistas Científicas Eletrônicas da Toledo Presidente Prudente Centro Universitário*. ETIC – Encontro de Iniciação Científica, vol. 4, n. 4, 2009.

MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU Ideias – Instituto Humanitas Unisinos*. Ano 3 – nº 32 – 2005 – 1679-0316. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/032_cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.

MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU em Formação*. Teologia Pública. Ano 2. Nº 8. 2006.

MUSSKOPF, André Sidnei. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram. Gênero: Da Desigualdade à Emancipação? Ano 3 - Nº 8. Abril de 2008. *Publicação Virtual de Koinonia*.

MUSSKOPF, André Sidnei. *Viadagens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Leopoldo: EST/PPG, 2008.

NAZARENE ALLY. *Church of the Nazarene: Be a LGBT-affirming Church*. Disponível em: <<https://www.change.org/p/church-of-the-nazarene-be-a-lgbt-affirming-church>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

NETO, Arthur Virmond de Lacerda. *História da homossexualidade – parte 1*. 2007. Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2007/10/artigos/historia-homossexualidade-parte-i/>> Acesso em: 07 jun. 2018.

NETO, Arthur Virmond de Lacerda. *História da homossexualidade – parte 2*. 2007. Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2007/10/noticias/historia-homossexualidade-parte-2/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

NETO, Arthur Virmond de Lacerda. *História da homossexualidade*. Parte 3. 2007. Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2007/11/para-pensar/historia-homossexualidade-parte-3/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

NUÑEZ, Emilio Antonio. A soteriologia dos reformadores: Só a Escritura. *Revista Ultimato*. 1998. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/255/a-soteriologia-dos-reformadores>>. Acesso em: 21 set. 2018.

O GLOBO. “*Deus te fez assim*”, diz Papa Francisco a um homem gay. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/deus-te-fez-assis-diz-papa-francisco-um-homem-gay-22700168>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

O HOMOSSEXUALISMO sob a lupa da ciência. *Folha da Região*. Araçatuba, SP. 2008. Coluna Ciência. Um espaço para a cultura científica: domingo, 26 de fevereiro de 2012.

OAKLAND, Roger. *Faith Undone: the emerging church – a new reformation or an end-time deception?* 1ª ed. Eureka, Montana: Lighthouse Trails Publishing: 2007.

OLIVEIRA, Cátia. *Síndrome do macho XX*. Infertilidade masculina associada à “síndrome do macho XX” ou síndrome “de la Chapelle”. 2011. Disponível em: <<https://issuu.com/catiaoliveira4/docs/sindromedomachoxx>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

OLSON, Roger E. Teologia Arminiana: Mitos e Realidades. *Os Remonstrantes*. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.

PACOMIO, Luciano, MANCUSO, Vito. Dicionário Teológico Enciclopédico. *Anglicanismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PADILHA, Adriano, *et al*. Significados: *Significado de intersexual*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/?s=intersexual>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

PARISOTTO, Luciana. *O Estudo da Sexualidade Humana*. Artigo 302. Disponível em: <<https://www.abcdasaude.com.br/sexologia/o-estudo-da-sexualidade-humana>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

PECHENY, Mario. Por dentro do armário: *Identidades Discretas*. In: *Homossexualidade: Produção Cultural, Cidadania e Saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PEREZ, Eliana Gabas Stuchi. *Deficiência da 5 α -redutase tipo 2: importância da avaliação hormonal no diagnóstico, incluindo dosagem do hormônio anti-Mülleriano*. 2005.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Daagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011.

PUFF, Helmut. *Sodomy: Reformation Germany and Switzerland, 1400-1600*. Chicago and London: The University of Chicago Press. 2003.

R., Deborah. *Rev. Christian Wismer Ruth*. 2008. Disponível em: <<https://www.findagrave.com/memorial/31135820/christian-wismer-ruth>>. Acesso: em 28 mai. 2018.

RABELLO, Sila D. *Organização e Política da Igreja do Nazareno*. Seminário Teológico Nazareno. Área Pastoral. Piracicaba, outubro de 2011.

REDAÇÃO LADO A. *Entrevista com o Pastor Marvel Souza, criador da primeira bíblia inclusiva brasileira*. 2016. Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2016/06/noticias/entrevista-com-pastor-marvel-criador-primeira-biblia-inclusiva/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

REDAÇÃO LADO A. O Relatório Kinsey. *Revista Lado A*. 2006. Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2006/08/comportamento/relatorio-kinsey/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

REDAÇÃO. Homossexualidade foi o foco do seminário sobre Educação Sexual realizado em Piracicaba (SP). *Portal Guia-me*. 2008. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/familia/homossexualidade-foi-o-foco-do-seminario-sobre-educacao-sexual-realizado-em-piracicaba-sp.html>>. Acesso em: 03 set. 2018.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A sexualidade também tem história: comportamento e atitudes sexuais através dos tempos. In.: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; MAIA, Ari Fernando (Org). *Sexualidade e infância*. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005.

RIOS, Luís Felipe, *et al*. *Homossexualidade: Produção Cultural, Cidadania e Saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

RYAN, Christopher, JETHÁ, Cacilda. *Sex at Dawn: How we mate, why we stray, and what it means for modern relationships*. Harper Perennial, 2012.

SABER ATUALIZADO. *Homossexualidade: criminalização, casamento e filhos*. color. Disponível em: <<http://www.saberatualizado.com.br/2016/11/homossexualidade-criminalizacao.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SANFELICE, Pérola de Paula. *Sexualidade, Amor e Erotismo na Roma Antiga: As representações de Vênus nas paredes de Pompeia*. OPSIS, Catalão, v. 10, n. 2, p. 167-190 - jul-dez 2010.

SANTOS, Moara de Medeiros Rocha. *Desenvolvimento da Identidade de Gênero em casos de Intersexualidade: Contribuições da Psicologia*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília: Instituto de Psicologia. Brasília, DF. 2006.

SCHOLZ, Vilson. *Princípios de Interpretação Bíblica: Introdução à Hermenêutica com ênfase em Gêneros Literários*. Canoas: Ed. Ulbra, 2006.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEBASTIÃO, Henrique. A Didaqué: a Instrução dos Apóstolos. *O Fiel Católico*. 1997. Disponível em: <<http://www.ofielcatolico.com.br/2001/05/o-didaque-instrucao-dos-apostolos.html>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

SEDICIAS, Dra. Sheila. *O que é pseudo-hermafroditismo*. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/pseudo-hermafroditismo/>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

SENA, Tito. *Os Relatórios Kinsey: práticas sexuais, estatísticas e processos de normali(ti)zação*. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010.

SERRADO, Maria Ana, CASTANHA, Guida. Síndrome de insensibilidade aos androgênios completa: caso clínico e revisão bibliográfica. *Acta Radiológica Portuguesa*, Vol 29 nº 1, 49-52, Janeiro-Abril 2017.

SÉTIMO PORTAL. *Sexo com os anjos, a destruição de Sodoma e o Livro de Enoque*. 2015. Disponível em: <<https://setimoportal.wordpress.com/2015/09/04/sexo-com-os-anjos-a-destruicao-de-sodoma-e-o-livro-de-enoque/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

SILVA, Manny. A denominação nazarena está desviando-se do seu caminho. *Os Nazarenos Preocupados*. 2018. Disponível em: <https://nazarenoportugues.wordpress.com/2-nazarenodenominacao_perder_o_caminho/>. Acesso em: 02 ago. 2018.

SILVA, Manny. A verdade é o maior problema do emergente. *Os Nazarenos Preocupados*. 2012. Disponível em: <<https://nazarenoportugues.wordpress.com/category/ingreja-emergente/>>. Acesso em: 04 set. 2018.

SILVA, Manny. Pastor nazareno despedido por causa do combater a Igreja Emergente. *Os Nazarenos Preocupados*. 2010. Disponível em: <<https://nazarenoportugues.wordpress.com/2010/02/19/pastor-nazareno-despedido-por-cao-do-combater-a-igreja-emergente/>>. Acesso: 29 jul. 2018.

SILVA, Manny. Porque (sic) é que nós estamos tão Preocupados?. *Os Nazarenos Preocupados*. 2010. Disponível em: <<https://nazarenoportugues.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

SILVA, Manny. Sodoma, Gomorra, e as Igrejas do Nazareno em Holanda: Existe alguma diferença?. *Os Nazarenos Preocupados*. 2017. Disponível em: <<https://nazarenoportugues>>.

wordpress.com/2017/05/30/sodoma-gomorra-e-as-igrejas-do-nazareno-em-holanda-existe-alguma-diferenca/>. Acesso em: 03 set. 2018.

SÍMBOLOS de sexualidade. *Color*. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/e1/e7/86/e1e7863a4bbcb2ecb017eb2aacc5311f.jpg>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

SÓ BIOLOGIA. Virtuoso Tecnologia da Informação. *Síndrome de Klinefelter*. 2018. Disponível em: <<https://www.sobiologia.com.br/conteudos/Genetica/genesnaoalelos7.php>>. Acesso em 23 mai. 2018.

SOARES, Danielle. *Projeto Redação: Homossexualidade e o respeito*. 2015. Disponível em: <<https://projetoedacao.com.br/temas-de-redacao/a-homossexualidade-nos-dias-atuais-direitos-civis-versus-preconceitos-da-sociedade/homossexualidade-e-o-respeito/3056>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SOUSA, Bertone. *Humanismo Secular: inimigo número um dos radicalismos religiosos*. 2013. Disponível em: <<https://bertonesousa.wordpress.com/2013/06/28/humanismo-secular-inimigo-numero-um-dos-radicalismos-religiosos/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

SOUSA, Luana Neres de. *A pederastia em Atenas no período clássico: relendo as obras de Platão e Aristófanes*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás. 2008. 113f. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SOUSA__Luana_Neres_de.pdf>. Acesso em 14 mai. 2018.

SOUZA, Maruilson Menezes de. *Teologia Salvacionista em ação: análise do Caso Torres*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

SOUZA, Micheline Abreu Rayol de, et al. *Hiperplasia adrenal congênita*. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=6176>. Acesso em: 23 mai. 2018.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

SPIZIRRI, Giancarlo, PEREIRA, Carla Maria de Abreu, ABDO, Carmita Helena Najjar. *O termo gênero e suas contextualizações*. 2013. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n1/a3969.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

SROUGI, M., A. Macedo Jr. *Hipospádias*. Revista da Associação Médica Brasileira. Vol. 44. N.2. São Paulo. Abril/Junho 1998. ISSN 0104-4230. On-line version ISSN 1806-9282. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42301998000200013>. Acesso em: 23 mai. 2018.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *Resolução sobre casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é aprovada pelo Conselho Nacional de Justiça*. 2013. Disponível em: <<http://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaques&idConteudo=238515>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

TAVARES, Fernando Horta, et al. Apontamentos para o reconhecimento das uniões homossexuais face ao paradigma do estado democrático de direito. *Revista Direito GV*, São Paulo 6 (2), p. 443-468. jul-dez 2010.

TUFANO, Douglas. *Guia Prático da Nova Ortografia*. Uso do hífen com prefixos: 3. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Amor e Sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. (Coleção Filosofia; 194).

URQUHART, Evan. *Thou Shalt Not Forsake Thy Celibate Christian LGBTQ Brethren*. 2014. Disponível em: <http://www.slate.com/blogs/outward/2014/07/04/celibate_lgbtq_christians_the_mainstream_gay_community_should_be_more_welcoming.html>. Acesso em: 01 set. 2018.

VADE MECUM ACADÊMICO DE DIREITO RIDEEL / Anne Joyce Angher, organização. 19. ed. São Paulo: Rideel, 2014.

VALVASSOURA, Lázaro Aguiar. *Origem da Igreja do Nazareno no Brasil: E assim começa essa história*. 2015. Disponível em: <<https://www.nazarenonh.com.br/blank-f8d0l>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. *Manual da Homoafetividade: Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos*. 2ª. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2012.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. *Manual da Homoafetividade: Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivo*. 1ª. ed. São Paulo: Método, 2008.

VIEIRA, Thiago. *O Modelo Terapêutico de Helen Kaplan: uma revisão de Masters e Johnson*. Publicado em Espelho Psicanalítico. 2016. Disponível em: <<https://espelhopsicanalitico.wordpress.com/2016/07/27/o-modelo-terapeutico-de-helen-kaplan-uma-revisao-de-masters-e-johnson/>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

VIVENDO A ADOLESCÊNCIA. *Orientação sexual: Você sabe o que é orientação sexual?*. Disponível em: <<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/orientacao-sexual>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

WARRICK, J. K. *Origem da Igreja do Nazareno: Genealogia Nazarena. Cristianismo Histórico e Herança Wesleyana de santidade*. Disponível em: <<https://www.nazarenonh.com.br/blank-f8d0l>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

WHITAKER, Richard E.; PARUNAK, H. Van Dyke. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Juízes 19:22*. Disponível em: <http://www.hebraico.pro.br/dicionario/resposta.asp?qs_idioma=HEBRAICO&qs_palavra=:wn%5bdnw>. Acesso em: 24 mar. 2018.

WYNKOOP, Mildred Bangs. *Fundamentos da Teologia Arminio Wesleyana*. Campinas: Casa Nazarena de Publicações, 2004.

GLOSSÁRIO

Anna S. Hanscombe – Desde o início, a Igreja do Nazareno tem aceitado a ordenação de mulheres e sua liderança em igrejas locais e posições denominacionais. Diversas mulheres têm desempenhado papéis proeminentes na história da denominação, incluindo Anna S. Hanscombe que foi ordenada pela Associação Central Evangélica de Santidade em 1892.⁴¹⁰

Calvinismo – [De *Calvino* + *ismo*]. Sistema teológico protestante exposto por Calvino (1509-1564). Tendo por base a supremacia das Sagradas Escrituras, o calvinismo enfatiza a depravação total da raça humana, a eleição divina e incondicional, a expiação limitada aos eleitos, a graça irresistível e a perseverança dos santos.⁴¹¹

Charles Grandison Finney – (Warren, 24/08/1792 - Oberlin, 16/08/1875) foi um pregador, advogado, professor, teólogo, abolicionista e avivalista estado-unidense, um dos líderes do Segundo Grande Despertar (Second Great Awakening). Antes de sua conversão era maçom. Aos vinte e nove anos de idade tornou-se ministro da Igreja Presbiteriana. Em 1832 foi para Nova Iorque onde foi pastor na Chatham Street Chapel e depois no Broadway Tabernacle. Envolveu-se com o movimento abolicionista, e no período de 1851 a 1866 já em Ohio atuou como professor de teologia e reitor do Oberlin College.⁴¹²

Congregacionalismo – [Do lat. *Congregationalis*, relativo à congregação] Princípio de governo eclesiástico, segundo o qual a direção da igreja deve estar submetida à soberania da congregação dos fiéis. Em última instância, a igreja tem sempre a palavra final.⁴¹³

C. Wismer Ruth – (Bucks County, Pennsylvania, USA, 01/09/1865-27/05/1941 Wilmore, Jessamine County, Kentucky, USA⁴¹⁴). C. W. Ruth foi um dos mais amados e célebres evangelistas nazarenos do início do séc. XX. (...) Em 1901, Ruth estava em Los Angeles conduzindo o reavivamento da Igreja do Nazareno no outono. Ele ganhou a confiança de Bresee e a fidelidade da congregação. Ele concordou com a proposta de se tornar pastor associado e assistente do superintendente geral. Por dezoito meses, ele pregou todos os domingos à noite e ajudou Bresee a pastorear a congregação. Então, Ruth retornou ao evangelismo, seu primeiro amor, e a Indianápolis, sua casa pelos 30 anos seguintes. Ele permaneceu como assistente do superintendente geral. Todas as fusões ocorridas entre outubro de 1907 e outubro de 1908 tinham as impressões digitais de Ruth.⁴¹⁵

⁴¹⁰ KURIAN, George Thomas, LAMPORT, Mark A. *Encyclopedia of Christianity in the United States*, vol. 5. "Since its inception, the Church of the Nazarene has affirmed the ordination of women and their leadership in local churches and denominational positions. A number of women have played prominent roles in the denomination's history, including Anna S. Hanscombe who was ordained by the Central Evangelical Holiness Association in 1892". p. 579.

⁴¹¹ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico. Calvinismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998. p. 74

⁴¹² CLEUDF, Cleusa Galvão. *O Júbilo de quem ama: Biografia de Charles Finney – o advogado orgulhoso*. 2009. Disponível em: <<https://cleudf.blogs.sapo.pt/14395.html>>. Acesso em 26 mai. 2018.

⁴¹³ ANDRADE, 1998. p. 92.

⁴¹⁴ R., Deborah. *Rev. Christian Wismer Ruth*. 2008. Disponível em: <<https://www.findagrave.com/memorial/31135820/christian-wismer-ruth>>. Acesso em 28 mai. 2018.

⁴¹⁵ INGERSOL, Stan. *Holiness Today* (magazine). Nov./Dez. 2007. *C. W. Ruth.: The Apostle of Organized Holiness*. "C. W. Ruth was one of the most beloved and celebrated Nazarene evangelists of the early 20th century. (...) In 1901 Ruth was in Los Angeles conducting the Church of the Nazarene's autumn revival. He won Bresee's confidence and the congregation's allegiance. He agreed to their proposal to become associate pastor and assistant general superintendent. For 18 months he preached each Sunday evening and helped Bresee to shepherd the congregation. Then Ruth returned to evangelism, his first love, and to Indianapolis, his home for the next 30

Dr. James Blaine Chapman (Illinois, 1884-1947) – Editor do Arauto da Santidade de 1921 a 1928 e Superintendente Geral da Igreja do Nazareno cuja campanha pessoal por uma faculdade de graduação em teologia levou à fundação do seminário em 1945.⁴¹⁶

Episcopal (Episcopado) – [Do gr. *episkopos*, guarda, superintendente] Sistema de governo eclesiástico, onde a autoridade reside fundamentalmente na figura do bispo. Esta forma de governo desenvolveu-se ao máximo na Igreja Romana, onde o sacerdote reivindica a representação do próprio Cristo.⁴¹⁷

Harmon F. Schmellzenbach (1882-1929). Missionário na África, representante da Igreja do Nazareno, dedicou sua vida a alcançar o povo da Suazilândia cuja rainha inicialmente se opôs a todos os missionários brancos, mas, por fim, ela passou a apreciá-los, permitindo-lhes construir uma igreja. Entretanto, seus amigos no Texas fundaram a Igreja do Nazareno e ele se tornou um dos membros iniciais e representante oficial da igreja na África.⁴¹⁸

Hiram Farnham Reynolds (Lyons, Illinois, 1854 – 1938). Primeiro presbítero a se associar às igrejas de santidade organizadas do oriente. Phineas Bresee e Hiram Reynolds foram eleitos superintendentes gerais em outubro de 1907.⁴¹⁹ Da época de sua eleição em 1907 até a Assembléia Geral de 1919 foi Secretário Geral do Conselho Geral das Missões do Exterior, e de 1907 até 1923 ele foi Presidente do Conselho Geral das Missões do Exterior. A pedido do Conselho Geral das Missões do Exterior, ele foi comissionado a visitar o trabalho missionário estrangeiro.⁴²⁰

Anglicanismo (Igreja Anglicana) – O anglicanismo surgiu na Inglaterra depois do ano de supremacia (1534) que proclamou Henrique VIII chefe supremo da Igreja dentro de seu reino. Nos séculos seguintes, o anglicanismo se espalhou por todo o Império britânico. A Comunhão Anglicana compreende cerca de 25 igrejas nacionais independentes unidas entre si pela comunhão com o arcebispo de Canterbury. Cerca de metade dos anglicanos do mundo vive nas Ilhas Britânicas. Teologicamente, deve ser distinguido da reforma iniciada por Lutero e Calvino, visto que Henrique VIII se opunha ao protestantismo. No entanto, um número crescente de líderes da Igreja da Inglaterra demonstra muita simpatia aos reformadores continentais, em especial o de Calvino. Ademais, a Igreja Anglicana se caracteriza pela tolerância a uma diversidade de doutrina e de disciplina, desde que aceita os elementos

years. He remained assistant general superintendente. Every merger between October 1907 and October 1908 had Ruth's fingerprints on it". Disponível em: <<http://holinesstoday.org/node/628>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

⁴¹⁶ CHURCH OF THE NAZARENE. O que fazemos? Da “Prateleira Empoeirada”, Vol. 15, no. 2, 1966-1997 <<http://nazarene.org/pt/organization/general-secretary/o-que-fazemos>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

⁴¹⁷ ANDRADE, 1998. p. 137.

⁴¹⁸ KURIAN, George Thomas, LAMPORT, Mark A. *Encyclopedia of Christianity in the United States*, vol. 5. p. 2031. “Harmon F. Schmellzenbach (...) representing the newly formed Nazarene Church. He devoted his life to reaching the people of Swaziland. The Queen of Swaziland initially opposed all White missionaries, but eventually she came to appreciate the Schmellzenbachs, allowing them to build a church. Meanwhile, the Nazarene Church was founded by his friends in Texas and Schmellzenbach, from a distance, became one of the original members and na oficial representative of that church in Africa”.

⁴¹⁹ IGREJA DO NAZARENO, 2017. p. 10

⁴²⁰ CHAPMAN, J. B. *A History, of the Church of the Nazarene*. Kansas City, Missouri: Nazarene Publishing House. 1926. p. 142, 143. “Dr. Reynolds was the first ordained elder to become associated with the organized holiness churches of the East (...) served for a longer period in the General Superintendency of the Church of the Nazarene. From the time of his election in 1907 until the General Assembly of 1919 he was General Secretary of the General Foreign Missionary Board, and from 1907 until 1923 he was President of the General Foreign Missionary Board. By request of the General Foreign Missionary Board, he was commissioned to visit our foreign missionary work”.

fundamentais do cristianismo. Ecumenicamente, os anglicanos ajudaram muito na fundação do Movimento Fé e Constituição (1927) e do Conselho Ecumênico das igrejas (1948).⁴²¹

Igreja Católica – A palavra católico vem do grego “*catholikón*”, que quer dizer geral, universal, em sentido contrário a particular. Desde a sua origem a Igreja fundada por Jesus, sobre Pedro e os Apóstolos, é universal, católica. É Cristo quem quis, desde a sua origem, que a Igreja fosse universal. Na maioria dos países ela está presente, com o representante do Papa, o Núncio Apostólico, os Bispos, os sacerdotes, diáconos e fiéis. É a única Instituição que fala todas as línguas dos homens, como Jesus quis. A catolicidade (universalidade) da Igreja tem como consequências a tarefa missionária e o ecumenismo. Cristo mandou que a Igreja pregasse o Evangelho a todos os homens (Mt 28,18-20). Cada cristão é responsável por essa missão que é da Igreja toda (LG nº 17; AG nº 23).⁴²²

Catolicismo Romano – [Do gr. *katholicós*, universal; romano, procedente da cidade de Roma] Cristianismo nominal que aceita a autoridade do papa e dos dogmas que vieram a fortalecer a jurisdição do vaticano sobre as demais igrejas de igual fé e ordem.⁴²³

John Inskip – (Huntingdon, England, 10/08/1816, Ocean grove, New Jersey 07/03/1884). Ministro da Igreja Metodista Episcopal, pastor, revivalista, editor, autor e primeiro presidente da Associação Nacional de Santidade. Ele se juntou ao MEC e recebeu sua licença para pregar em 1835. Em 1836, a Conferência Anual da Filadélfia o recebeu em julgamento e o nomeou para o Circuito de Cecil (Maryland). John foi censurado pela Conferência de Ohio por acreditar em “reuniões promíscuas”, a prática de permitir que homens e mulheres se sentassem juntos na igreja. John Inskip defendeu a prática no livro *Metodismo Explicado e Defendido* (1851). Em 1862, Inskip retornou ao pastorado.⁴²⁴

John Wesley (Epworth, 17 de junho de 1703 — Londres, 2 de março de 1791). Foi um grande reformador, porque era um grande cristão. Foi um verdadeiro cristão, um santo, na concepção evangélica da palavra, o que explica a natureza de sua obra. Ele fundava sociedades que buscavam a mútua edificação e as verdadeiras escolas de piedade (*collegia pietates*). Sua obra se desenvolveu direta e indiretamente: originou o Metodismo e iniciou o grande movimento religioso que se transformou no protestantismo evangélico, principalmente nos países anglo-saxões. O Metodismo foi um avivamento religioso fundamentados nos ensinamentos apostólicos introduzidos na Inglaterra, e afirmava as grandes doutrinas do cristianismo prático, tendo a sociedade como base organizacional e cujo ponto central era a classe – o núcleo da igreja composta geralmente de doze pessoas sob à orientação de um presidente ou dirigente leigo a fim de zelar pelo estado espiritual das pessoas.⁴²⁵

Jacó Armínio – (1560-19/10/1609 – Oudewater, Holanda) Professor religioso, em 1588, Armínio foi licenciado para pregar e iniciou o seu ministério público em Amsterdã. Foi

⁴²¹ PACOMIO, Luciano, MANCUSO, Vito. Dicionário Teológico Enciclopédico. *Anglicanismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 25-26.

⁴²² AQUINO, Felipe. *Igreja Católica Apostólica Romana*. Editora Cleofas, 2010. Disponível em: <<https://cleofas.com.br/igreja-catolica-apostolica-romana/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

⁴²³ ANDRADE, 1998. p. 78.

⁴²⁴ KOSTLEVY, William. *Historical Dictionary of the Holiness Movement*. “Methodist Episcopal Church (MEC) minister, pastor, revivalist, editor, author, and first presidente of the National Holiness Association. He joined the MEC and received his license to preach in 1835. In 1836, the Philadelphia Annual Conference received him on trial and appointed him to the Cecil Circuit (Maryland). John was censured by the Ohio Conference over his belief in ‘promiscuous sittings’, the practice of allowing men and women to sit together in church. John Inskip defended the practice in a book, *Methodism Explained and Defended* (1851). In 1862, Inskip returned to the pastorate”.

⁴²⁵ LELIÈVRE, Mateo. *João Wesley: Sua Vida e Obra*. São Paulo: Editora Vida, 1997. p. 21, 339; 341; 361, 365.

ordenado como pastor da igreja holandesa em Amsterdã no dia 11/08/1588. Estudou diligentemente as Escrituras e as comparou com os escritos dos primeiros patriarcas e com os escritos de teólogos posteriores. Como resultado dessa investigação, adotou a teoria particular da Predestinação que leva seu nome. Em 1591 e 1593, respectivamente, Armínio expôs os capítulos 7 e 9 da Epístola aos Romanos, pelos quais ele apresentou os pontos de vista que estão presentes em seus tratados sobre esses capítulos nesta edição de suas obras. Em 11/07/1603, ele recebeu o título de Doutor em Divindade pela Universidade de Leiden. Muitos não aceitavam seus pontos de vista sobre a Predestinação o que proporcionou a oportunidade e o motivo para acusá-lo de uma tentativa de introduzir inovações. Espalharam-se relatórios ofensivos e os meios mais injustificáveis para ferir sua reputação perante o governo e as igrejas. Em 1608, justificou-se por meio de: uma carta para Hipólito, um Colibus, embaixador das Províncias Unidas do Eleitor Palatino; uma “apologia contra trinta e um artigos”, que, embora escrita em 1608, só foi publicada no ano seguinte; e de uma nobre “Declaração de Sentimentos”, emitida em trinta de outubro de 1608, perante os Estados, em uma assembleia repleta de ouvintes em Haia.⁴²⁶

Jaime Kratz (Falecimento: 1991). Pastor Jaime Kratz não tinha títulos, mas era um servo fiel a Deus. Só Deus sabe quantas pessoas foram e serão influenciadas pelo seu bom exemplo aqui no Brasil e ao redor do mundo. Sua principal marca era se importar com os outros. Ele nunca usava pessoas, mas sim sempre as amava.⁴²⁷

João Calvino – (Noyon, França, 1509-1564, Genebra, Suíça). Teólogo, Líder religioso e escritor francês. Pai do Calvinismo – reforma protestante que impôs hábitos austeros e puritanos aos seus seguidores e que se espalhou por vários países da Europa Ocidental. Em Paris, tomou contato com as ideias de Martinho Lutero. Ao retornar de Orleans para onde fora estudar Direito no ano de 1529, voltou a Paris, abandonou a Igreja Romana e se converteu ao protestantismo onde nesta cidade fora declarado ilegal. Devido a essa perseguição, abandonou a França e se instalou na Basileia, Suíça, onde em 1536 publicou sua obra *Instituição da Religião Cristã* que reunia suas doutrinas protestantes. Entre 1538 e 1541, conheceu Martinho Lutero e participou de vários conclaves entre católicos e protestantes. Em setembro de 1547, Calvino retornou a Genebra a pedido das autoridades para impedir a tentativa do cardeal de restaurar o catolicismo. Organizou a igreja de Genebra através das “Ordenações Eclesiásticas”. E se tornou governante absoluto de Genebra, tanto sob o aspecto religioso como no político e econômico. Genebra passou a ser o principal centro protestante da Europa onde o Calvinismo tomou lugar.⁴²⁸

Jonathan Edwards (5/10/1703 – 22/03/1758) – Filho do Rev. Timothy e Esther Edwards, nasceu em uma família puritana na cidade de East Windsor, Connecticut, EUA. Nos anos de 1734-1735, Edwards supervisionou as movimentações iniciais do Primeiro Grande Avivamento. Ele ganhou fama internacional como avivalista e “teólogo do coração” após publicar *A Faithful Narrative of the Surprising Work of God* (Uma Narrativa Fiel da Surpreendente Obra de Deus – 1738), na qual descreveu o avivamento em sua igreja e serviu de modelo empírico para os avivalistas americanos e britânicos. Devido aos avivamentos propagados nas décadas de 1730 e 1740, Edwards passou a ser conhecido como um pregador avivalista que subscrevia uma interpretação experimental da teologia reformada que enfatizava

⁴²⁶ ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio: Jacó Armínio*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. 1ª ed. Trad. Degmar Ribas. 1ª edição em Inglês: 1853. v. 1. 741. p. 17, 20-23.

⁴²⁷ INSTITUTO EDUCACIONAL JAIME KRATZ. *Quem foi Jaime Kratz*. Disponível em: <<http://iejaimekratz.lwsite.com.br/quem-foi-jaime-kratz>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

⁴²⁸ FRAZÃO, Dilva. *Biografia de João Calvino*. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/joao_calvino/>. Acesso em: 31 dez. 2018.

a soberania de Deus, a depravação da humanidade, a realidade do inferno e a necessidade de uma conversão de “novo nascimento”.⁴²⁹

Lázaro Aguiar Valvassoura – (07/10/1945). Autor de seis livros, preletor e conferencista em congressos e seminários nacionais e internacionais. Pastor emérito⁴³⁰ da Igreja do Nazareno Central de Campinas desde 1980. Em, 1963, ano de sua conversão, sentiu que tinha um chamado para o ministério pastoral. Integrou-se na igreja e matriculou-se no seminário. Nessa época, ligou-se afetivamente aos missionários americanos. Um pouco depois, implantou a Congregação do Jardim Nova Europa. Em 1968, foi enviado para Nilópolis, na Baixada Fluminense onde a nascente congregação da Igreja do Nazareno vingou.⁴³¹

Metodismo – Movimento evangélico fundado por John Wesley em 1729 na Inglaterra. Sua principal característica é a conversação instantânea. Subdivide-se em vários ramos: primitivo, livre, wesleyano, bíblico, episcopal, etc.⁴³²

Movimento de Santidade – Este movimento pretendia recuperar, preservar e difundir o ensino de John Wesley a respeito da Perfeição Cristã, o que também é conhecido como Amor Perfeito e Santificação Total. Ensinava sobre duas crises no processo de salvação em que, na primeira, ocorria a justificação – perdão de Deus e libertação dos pecados passados, e, na segunda, ocorria a santificação total – libertação da falha na natureza moral que induz ao pecado. preconizava uma moralidade pessoal rigorosa, quase beirando o perfeccionismo, mediante exigências sobre trajés, abstinência de bebidas alcoólicas, afastamento dos prazeres e diversões mundanos, libertação de emoções negativas, ações que funcionam como uma escada de aperfeiçoamento da vida. Não equivale à perfeição absoluta que pertence unicamente a Deus, mas à obediência do coração a Deus.⁴³³

Presbiterianismo – [Do gr. presbyteros, ancião + ismo] Denominação protestante oriunda do Calvinismo cujo governo eclesiástico está a cargo dos presbíteros. É conhecido também como sistema representativo em que a congregação delibera por meio dos anciãos.⁴³⁴

Philip Jacob Spener (1635-1705). Nasceu em Rappoltsweiler na Alsácia no dia 13 de janeiro de 1635. Mentor e pioneiro do movimento oriundo do Luteranismo surgido no final do século XVII e alcançou seu auge entre 1650-1800. Ficou conhecido por sua obra *Pia desideria* (1676) – o Pietismo – que influenciou o surgimento de movimentos religiosos protestantes como o Metodismo, o Movimento de Santidade, o evangelicalismo, o pentecostalismo, o neo-pentecostalismo e grupos carismáticos, exercendo influência também sobre a teologia de Friedrich Schleiermacher e a filosofia de Immanuel Kant.⁴³⁵

Phineas Franklin Bresee (1838-1915) – Fundador da Primeira Igreja do Nazareno em Los Angeles em 1895. Tornou-se Superintendente Geral na assembleia de todas as igrejas da Igreja

⁴²⁹ CENTRO DE PESQUISA EM JONATHAN EDWARDS. *Jonathan Edwards – Biografia*.

⁴³⁰ IGREJA DO NAZARENO CENTRAL DE CAMPINAS. *Equipe Pastoral*. Disponível em: <<https://www.nazareno.com.br/equipe-pastoral>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

⁴³¹ IGREJA DO NAZARENO CENTRAL DE CAMPINAS. *Biografia*: L. Aguiar Valvassoura. 2018. Disponível em: <<https://www.nazareno.com.br/aguiar-valvassoura>>. Acesso em: 31 dez. 2018.

⁴³² ANDRADE, 1998. p. 213.

⁴³³ SOUZA, Maruilson Menezes de. Teologia Salvacionista em ação: análise do Caso Torres. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. 110 p. *Movimento de Santidade*. p. 41-42.

⁴³⁴ ANDRADE, 1998. p. 242.

⁴³⁵ PROTESTANTISMO. *Pietismo*. 2013.

do Nazareno em outubro de 1898, permanecendo nesse cargo até a sua morte em 13 de novembro de 1915.⁴³⁶

Phoebe Palmer (1807-1874). Phoebe Worrall era filha de Henry Worrall que tinha se tornado wesleyano na Inglaterra antes de emigrar para os estados Unidos. Nasceu em Nova Iorque e se comprometeu com Cristo em sua juventude, sendo uma metodista ativa. Casou-se com o médico Walter Palmer aos vinte anos de idade. Depois da Guerra Civil, ela atuou como líder da Associação Nacional de Encontros de Acampamento para a Promoção da Santidade. Logo sua missão se tornava internacional enquanto ela e seu marido conduziam reuniões de santidade no Canadá, na Grã-Bretanha e na Europa. Ela publicou uma série de livros com suas pregações e o mais importante foi *O Caminho da Santidade* (1850).⁴³⁷

Reforma Prostetante – [Do lat. Reformare, dar nova forma] Movimento baseada na soberania das Sagradas Escrituras em matéria de fé e prática que intentou reformar a Igreja Católica, reconduzindo-a ao espírito do Novo Testamento. A data 31/10/1517 foi o ponto culminante da reforma quando Martinho Lutero afixou suas 95 teses na porta da Igreja de Witemberg, as quais condenava a venda das indulgências e propunha o imediato retorno à pureza doutrinal do Cristianismo. Esse movimento que, posteriormente, tomou o nome de Protestantismo, tinha como essência a temática da justificação pela fé.⁴³⁸

Remonstrantes – Os Remonstrantes eram um grupo formado por 45 ministros e teólogos das Províncias Unidas. Eles receberam este nome por causa do título da exposição teológica que apresentaram, conhecida como Remonstrância, que resumia o que Arminio e eles acreditavam sobre a questão da salvação, incluindo a eleição e a predestinação. Entre eles estava Simão Episcópio (1583-1643), primeiro professor de teologia do Seminário Remonstrante na Holanda; Hugo Grócio, estadista e cientista político europeu (1583-1645) que foi preso pelo governo holandês após o Sínodo de Dort, que condenava o arminianismo; Phillip Limborch (1633-1712), que aproximou o arminianismo do liberalismo. Seu arminianismo se aproximava mais do semipelagianismo do que os ensinamentos do próprio Armínio.⁴³⁹

⁴³⁶ CHAPMAN, 1926. p. 122-123.

⁴³⁷ MCELLHENNEY, John G. Archives&History. *Phoebe Palmer: A woman who Proclaimed a "Shorter Way" to Holiness 1807-1874*. "Phoebe Palmer, daughter of Henry Worrall who had become a Wesleyan in England before emigrating to America (...) Born in New York City, personally committed to Christ in her youth, and an active Methodist, Phoebe Worrall married Walter Palmer, a physician, when she was twenty. (...) After the Civil War, she served as a leader of the National Camp Meeting Association for the Promotion of Holiness. Soon her mission became international, as she and her husband conducted holiness meetings in Canada, Great Britain, and Europe. What she preached, she published in a number of books, the most important being *The Way of Holiness* (1850)".

⁴³⁸ ANDRADE, 1998. p. 252.





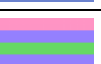
⁴³⁹ OLSON, Roger E. *Teologia Arminiana: Mitos e Realidades. Os Remonstrantes*. São Paulo: Editora Reflexão, 2013. p. 30.

ANEXOS

ANEXO A – Lista de gêneros não-binários e respectivas bandeiras⁴⁴⁰

	Não-binário/Não-binária/Não-binária: Alguém que não é nem 100% homem e nem 100% mulher. Pessoas não-binárias podem utilizar este termo para si independentemente de sua identidade específica, e, também, podem utilizá-lo caso não definam seu gênero de forma mais específica do que “nem mulher, nem homem”.
	Genderqueer/Gênero queer: Genderqueer é um termo que pode ser utilizado por qualquer uma que se encaixe na definição de não-binária. Como queer é uma palavra estigmatizada, o termo genderqueer é visto como uma versão mais radical de não-binária.
	Agênero: Ausência de gênero. Algumas pessoas também utilizam esta identidade para definir um gênero neutro, ou para comunicarem que não desejam ser encaixadas em nenhum gênero.
	Gênero-fluido: Alguém cujo gênero muda de tempos em tempos. Este é um termo bastante brando, que cobre qualquer tipo de mudança de gênero.
	Homem não-binário: Uma pessoa não-binária que acha que o conceito de masculinidade ou de ser homem útil para sua identidade.
	Mulher não-binária: Uma pessoa não-binária que acha que o conceito de feminilidade ou de ser mulher útil para sua identidade.
	Demigênero: Parte de um gênero. O demigênero pode ser toda a identidade de gênero que a pessoa tem, ou apenas parte dela.
	Andrógine: Um gênero que é a mescla dos gêneros masculino e feminino. Algumas pessoas também utilizam este termo como um termo para a mescla de dois gêneros qualquer.
	Transfeminine: Alguém que foi designado de como homem ao nascimento, mas que possui uma identidade e/ou apresentação relacionada à feminilidade ou a ser mulher. Mulheres trans binárias também podem se dizer transfemininas.
	Transmasculine: Alguém que foi designado como mulher ao nascimento, mas que possui uma identidade e/ou apresentação relacionada à masculinidade ou a ser homem. Homens trans binários também podem se dizer transmasculinos.
	Transneutre: Alguém que possui uma identidade e/ou apresentação relacionada à neutralidade ou a ser de um gênero neutro.
	Neutrois: Mais comumente utilizado como um termo para gênero neutro, pessoas também podem se identificar como neutrois se são de um gênero completamente separado de masculino e feminino, ou se não possuem gênero.
	Intergênero: Um gênero influenciado ou informado por intersexualidade. Apenas para pessoas intersexo.
	Neurogênero: Um gênero definido por neurodivergência. Assim como não-binária, pode ser uma classificação ou um gênero específico.
	Kingênero: Um gênero influenciado pelo kin. Apenas para otherkins, therians, ou fictionkins.
	Aporagênero: Um gênero separado completamente de gêneros masculinos, femininos, e neutros. Aporagênero também não é caracterizado por alienação diante do conceito de gênero, ou por falta de gênero.
	Maverique: Um gênero específico definido por autonomia e convicção, em relação a saber que este gênero não é masculino, nem feminino, nem neutro, e nem qualquer identidade derivada destas.
	Gênero-estrela: Um gênero não-binário que nunca poderá ser definido adequadamente por termos e definições precisas. Ou, um gênero de uma estrela, ou outro tipo de gênero relacionado a outros mundos/a alienígenas, um gênero além da compreensão.

⁴⁴⁰ ASTER. Um espaço de aprendizagem. Lista de identidades não-binárias. il. color. Disponível em: <<http://orientando.org/listas/lista-de-generos>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

	Egogênero: Um gênero pessoal único para quem o experencia, que não pode ser descrito de outra forma.
	Gênero-cor/Corgênero: Um gênero associado com certa cor, e com o que tal cor representa.
	Caelgênero: Um gênero esteticamente associado com o espaço/cosmos.
	Gênero-fofo: Alguém cujo gênero é baseado em fofura, ou alguém cujo gênero é caracterizado por algo que a pessoa gênero-fofo acredita que se encaixa na definição de fofura.
	Femigênero: Um gênero não-binário feminino por natureza, no sentido de possuir feminilidade.
	Mascgênero/Mascugênero: Um gênero não-binário masculino por natureza, no sentido de possuir masculinidade.
	Zenina: Alguém que se identifica como uma mulher não-binária, ou com algum gênero parecido com este, mas que quer um nome para seu gênero que parece mais neutro ou não-binário, por não querer se associar com palavras como mulher ou menina.
	Zenino: Alguém que se identifica como um homem não-binário, ou com algum gênero parecido com este, mas que quer um nome para seu gênero que parece mais neutro ou não-binário, por não querer se associar com palavras como homem ou menino.
	Juxera: Um gênero relacionado ao feminino, mas separado deste.
	Proxvir: Um gênero relacionado ao masculino, mas separado deste.
	Nonpuella/Nonera: Um gênero com forte conexão a qualidades femininas, mas que definitivamente não é o gênero feminino.
	Nonpuer/Nonvir: Um gênero com forte conexão a qualidades masculinas, mas que definitivamente não é o gênero masculino.
	Nonpuerella/Nonvirmina/Inavire: Um gênero com fortes conexões a qualidades masculinas e femininas, mas que definitivamente não é o gênero feminino ou o masculino.
	Ambonec: Um gênero que é masculino e feminino, mas que, ao mesmo tempo, não é nenhum dos dois.
	Ceterogênero: Um gênero não-binário relacionado especificamente à masculinidade, feminilidade, ou neutralidade.
	Gênero neutro: Alguém que tem um gênero neutro, ou um gênero entre os dois gêneros binários.
	Pangênero: Alguém que possui gêneros demais para contar, incluindo gêneros desconhecidos, e/ou uma experiência infinita de gênero. (<i>Pessoas pangênero não possuem absolutamente todos os gêneros.</i>)
	Bigênero: Alguém que possui dois gêneros. Pode ser um de cada vez, ambos ao mesmo tempo, ou outras combinações.
	Trigênero: Alguém que possui três gêneros. Pode ser um de cada vez, todos ao mesmo tempo, ou outras combinações.
	Ogligênero: Alguém que possui alguns gêneros, mas não muitos.
	Poligênero: Alguém que possui vários gêneros. Pode ser um de cada vez, todos ao mesmo tempo, ou outras combinações.
	Poligênero-fluxo: Uma identidade composta por mais de um gênero, mas com a intensidade de cada gênero mudando de tempos em tempos.
	Mosai gênero/Portiogênero: Uma identidade composta por vários fragmentos de gêneros e sentimentos.

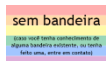
	Fisgênero: Uma identidade similar a bigênero ou poligênero, mas com um sentimento definitivo de que esses múltiplos gêneros estão separados de alguma forma.
	Gênero-borrão: Uma identidade poligênero, na qual os diferentes gêneros estão tão “borrados” que é difícil ou impossível de identificar quais são.
	Gênero-poção: Um gênero composto pela mistura de vários gêneros diferentes.
	Giaragênero: Alguém que possui múltiplos gêneros, mas que não entende nenhum deles, ou a maior parte deles.
	Schrodigênero/ Schrodinôgênero: Alguém que sente ter e não ter certo gênero ao mesmo tempo. Alternativamente, um gênero que é vários gêneros ao mesmo tempo.
	Gênero-estática: Um gênero que, assim como estática, é flocoso e incompreensível.
	Gênero-nulo: Alguém cujo gênero não existe por nenhuma identidade servir. Ou alguém que não consegue identificar seu gênero de jeito nenhum.
	Apogênero: Alguém que sente estar completamente separade do conceito de gênero; uma ausência de gênero além da simples falta de gênero.
	Gênero-vácuo: Alguém cujo gênero não existe, e que sente um vácuo onde deveria estar o gênero. Também pode ser um termo utilizado para alguém sem gênero, já que agênero e neutrois podem ser utilizados como sinônimos de gênero neutro.
	Sem gênero: Alguém que não possui gênero. Similar a agênero, mas algumas pessoas preferem apenas dizer que não possuem gênero.
	Casgênero: Alguém que acha que o conceito de gênero não é importante para si.
	Gênero-cinza: Uma pessoa não-binária que não se importa com sua expressão de gênero, podendo ter um gênero fraco ou indeterminado, ou simplesmente não ligar muito pra isso.
	Gênero-vago: Um gênero para pessoas neurodivergentes que não conseguem ter total noção de seu gênero por causa de sua neurodivergência.
	Quoigênero: Alguém que não entende gênero; que sente que o conceito de gênero não é aplicável para si.
	Libragênero/[Gênero] agênero: Alguém que é agênero, mas que sente alguma conexão com algum gênero, fixa ou fluida.
	Cancegênero/Agênero-fluido: Alguém que na maior parte das vezes é agênero, mas que às vezes possui gênero.
	Gênero-pulso: Alguém que não possui gênero ou que possui um gênero indefinido, mas que experencia “pulsos” de gênero(s) definido(s) de vez em quando.
	Gênero-fluxo: Alguém que sofre mudanças na intensidade de seu gênero. A pessoa pode sentir seu gênero mais fraco algumas vezes, e/ou pode sentir ausência de gênero algumas vezes.
	Fluxofluido: Alguém cujo gênero muda de tempos em tempos, sendo que a intensidade de tais gêneros muda de tempos em tempos também.
	Eafluide: Alguém cujo gênero muda de tempos em tempos, mas nunca para gêneros binários.
	Venufluide/Femfluide: Alguém cujo gênero muda de tempos em tempos, mas sempre ou quase sempre para gêneros que considera femininos.
	Marfluide/Mascfluide: Alguém cujo gênero muda de tempos em tempos, mas sempre ou quase sempre para gêneros que considera masculinos.
	Scorpifluide: Alguém que é gênero-fluido, mas que só muda entre gêneros desconhecidos.

	Colecionadore de gêneros: Alguém cujo gênero é fluido, que não consegue achar poucas palavras para descrever seus gêneros, e que então acaba “coleccionando” um monte de termos que encaixam.
	Kinetigênero: Alguém cujo gênero que sempre está mudando.
	Aquarigênero: Alguém cujo gênero muda constantemente e lentamente.
	Cristaline/Cristagênero: Alguém cujo gênero muda constantemente. Tal gênero pode parecer fragmentado por conta disso.
	Gênero-fogo: Alguém cujo gênero muda constantemente, sem nunca se extinguir. Ligado ao fogo como metáfora visual ou símbolo.
	Verangênero: Alguém cujo gênero muda toda vez que é identificado.
	Condigênero: Um gênero que só ocorre em determinadas condições.
	Ciclogênero: Um gênero que muda de acordo com o ciclo menstrual.
	Locugênero: Um gênero facilmente influenciado pelos arredores. Muda frequentemente com as pessoas e situações em volta mudando.
	Scorigênero: Alguém que possui três gêneros que mudam entre si, mas que considera tais gêneros similares.
	Quivergênero: Um gênero que muda de tempos em tempos, mas cujas mudanças são flutuações muito pequenas.
	Demigênero-fluido/Demifluido: Alguém que possui uma parte do gênero estática e a(s) outra(s) fluida(s).
	Horogênero: Um gênero que muda de tempos em tempos, mas com um “núcleo” que continua o mesmo.
	Duragênero: Alguém que possui múltiplos gêneros pode ter um duragênero, que é o gênero mais estável entre os gêneros da pessoa.
	Magigênero: Parte de um gênero próxima de um gênero inteiro. O magigênero pode ser toda a identidade de gênero que a pessoa tem, ou apenas parte dela.
	Hemigênero: Parte de um gênero próxima da metade de um gênero. O hemigênero pode ser toda a identidade de gênero que a pessoa tem, ou apenas parte dela.
	Nanogênero: Parte de um gênero próxima da inexistência de tal gênero. O nanogênero pode ser toda a identidade de gênero que a pessoa tem, ou apenas parte dela.
	Paragênero: Um gênero que é parecido com outro, mas que não é exatamente aquele gênero.
	Altegênero: É um gênero que parece estar em um universo paralelo, em um plano diferente, em uma existência alternativa, ou similar.
	Gênero-neblina: Um gênero próximo a certo gênero, mas que não pode ser completamente identificado por causa de nebulosidade da consciência (<i>brain fog</i> ; uma alteração da consciência comum em pessoas com déficit de atenção, depressão, e outras neurodivergências).
	Dubgênero: Um rótulo para quem não consegue confiar que seu gênero está certo. Por exemplo, uma dubandrógine não consegue confiar que o rótulo andrógine para seu gênero está 100% correto.
	Pendogênero: Alguém que nunca está satisfeito com seu gênero não importa o quanto “encaixe” por causa de falta de confiança em si mesmo, o que sempre lhe faz tentar procurar algo mais adequado. Para pessoas neurodivergentes apenas, especialmente para pessoas ansiosas ou com TOC.
	Xungênero/Xumgênero: Alguém que não consegue definir seu gênero; alguém que tenta achar termos para ele, mas nenhum parece correto, devido a problemas de identidade ou de

autoconfiança. A pessoa pode nunca conseguir achar um termo que a contemple, por palavras não serem suficientes, ou por conta de alguma neurodivergência.



Turbogênero: Alguém que tentou entender seu gênero, mas tal gênero é muito confuso e embaraçado para isso.



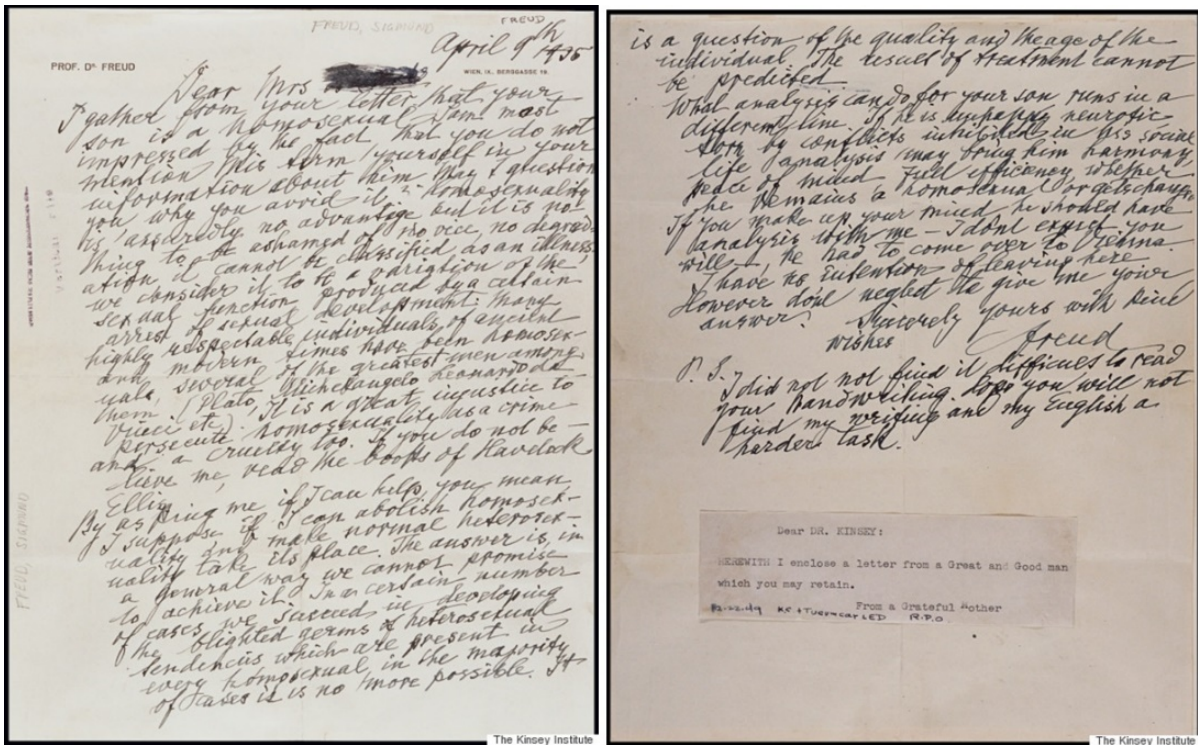
Pomogênero: Alguém que não quer definir seu gênero, ou que não se encaixa em nenhum rótulo existente. Identidade mais utilizada por quem rejeita classificações de gênero.



Ilusogênero: Alguém que sabe qual é seu gênero, mas que ainda sente que ele é falso, por causa de neurodivergência ou pressões externas (família, sociedade, etc).



ANEXO B – Carta de Freud para a mãe de um homossexual⁴⁴¹



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 11/03/2019.



⁴⁴¹ JORDÃO, Vivian. Em carta escrita em 1935, Freud dizia que homossexualidade não é doença. 2017. Huffpost. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/09/21/em-carta-escrita-em-1935-freud-dizia-que-homossexualidade-nao-e-doenca_a_23218458/>. Acesso em: 14 mar. 2018.

ANEXO C – Tradução da Carta de Freud para a mãe de um homossexual⁴⁴²

Prezada senhora [Eliminado],

Eu vi na sua carta que seu filho é homossexual. Estou mais impressionado com o fato de você não mencionar esse termo ao passar as informações sobre ele. Posso te perguntar por que você evita o termo? Homossexualidade certamente não é uma vantagem, mas não há motivos para se envergonhar, não há vícios, não há degradação; isso não pode ser classificado como uma doença; consideramos como uma variação da função sexual, produzida por uma certa contenção do desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos altamente respeitáveis da antiguidade e também dos tempos modernos foram homossexuais, diversos homens grandiosos. (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci, etc). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como se fosse um crime - e uma crueldade também. Se a senhora não acredita em mim, leia os livros de Havelock Ellis.

Ao me perguntar se eu posso ajudá-la, suponho que queira dizer se posso abolir a homossexualidade e fazer com que a heterossexualidade tome seu lugar. A resposta é, em termos gerais não podemos assegurar que dê certo. Em alguns casos, temos êxito em desenvolver os genes de tendências heterossexuais prejudicados, que estão presentes em todos os homossexuais. Na maioria dos casos, isso não é possível. É uma questão da qualidade e da idade do indivíduo. O resultado do tratamento não pode ser previsto.

O que a terapia pode fazer pelo seu filho vai em outra direção. Se ele é infeliz, neurótico, atormentado por conflitos, prejudicado em sua vida social, a terapia pode trazer harmonia, paz de espírito, eficácia, quer ele permaneça homossexual ou mude. Se decidir que ele deve se consultar comigo — Não acredito que vá — ele teria que vir à Viena. Eu não tenho intenção de sair daqui. Entretanto, não deixe de me dar sua resposta.

Com os melhores cumprimentos e atenciosamente,

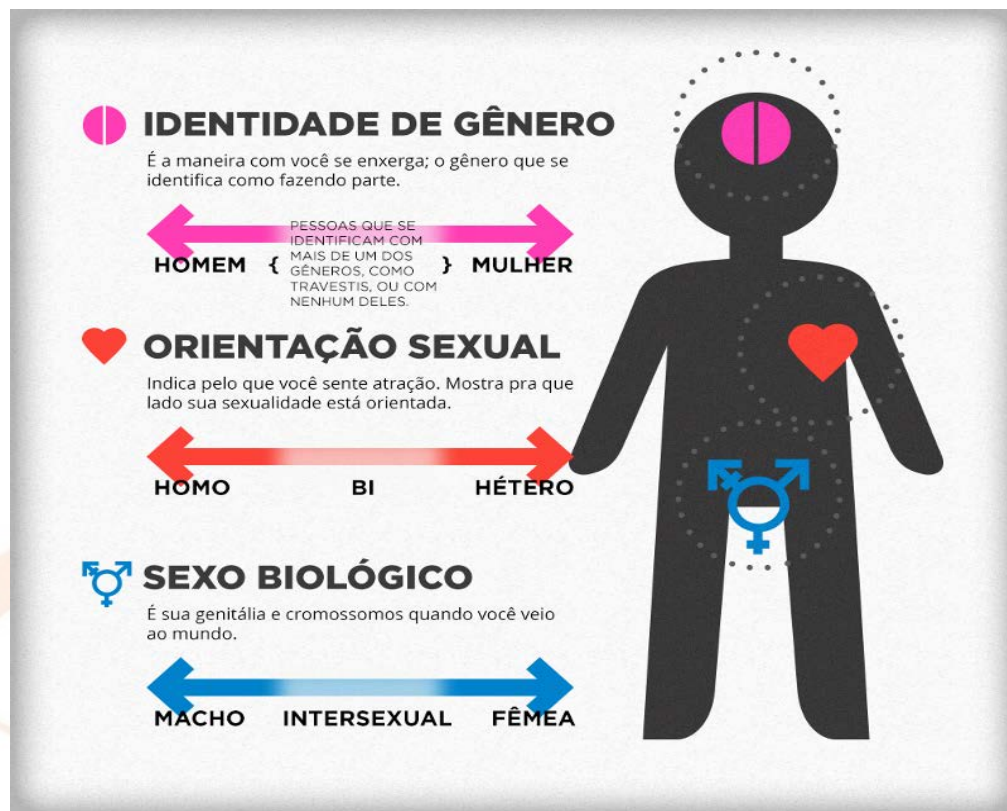
Freud

P.S. Não encontrei dificuldade em entender sua letra. Espero que minha letra e meu inglês não sejam uma tarefa difícil.

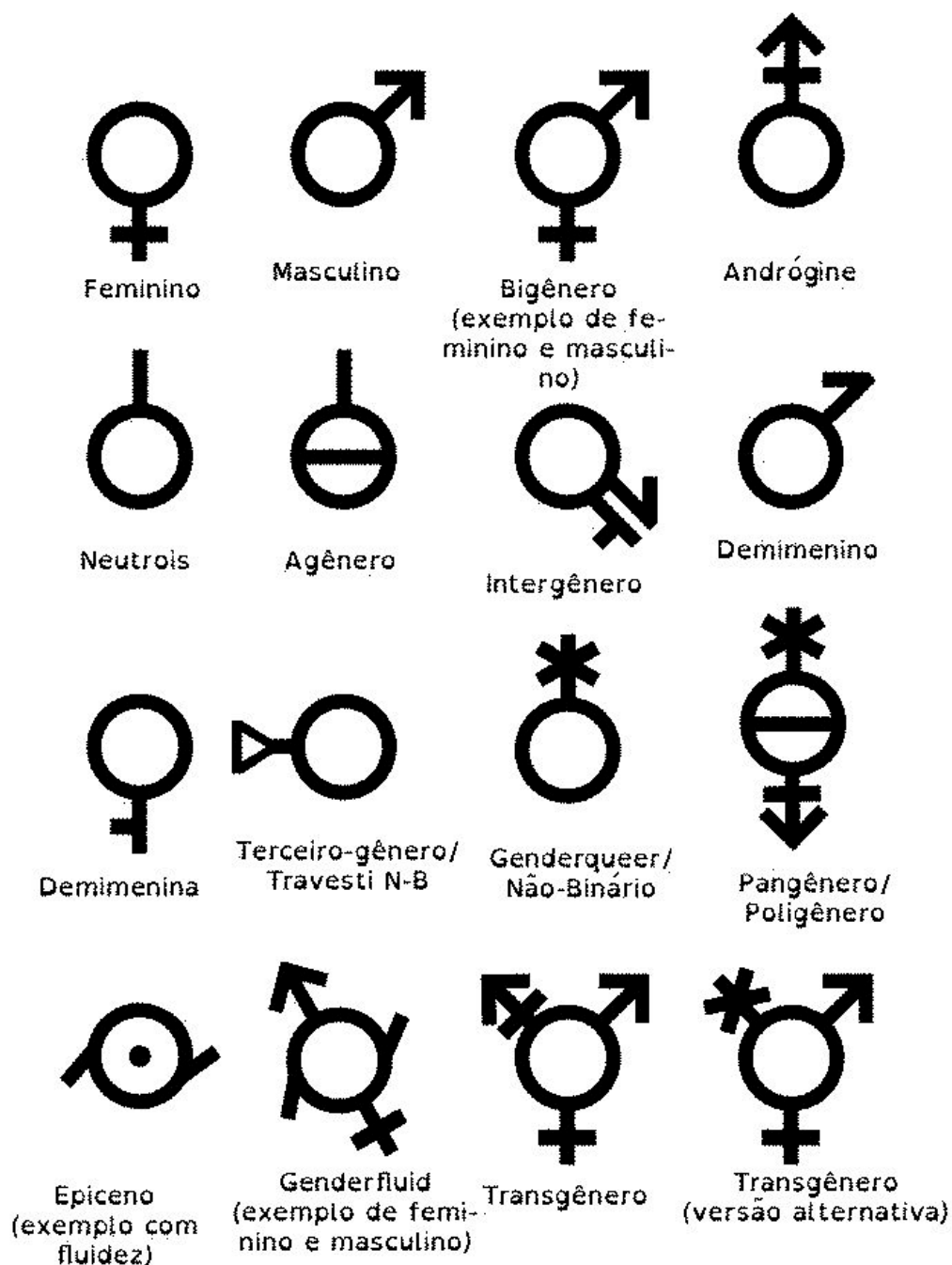
**Este texto foi originalmente publicado no HuffPost e traduzido do Inglês*

⁴⁴² JORDÃO, 2017.

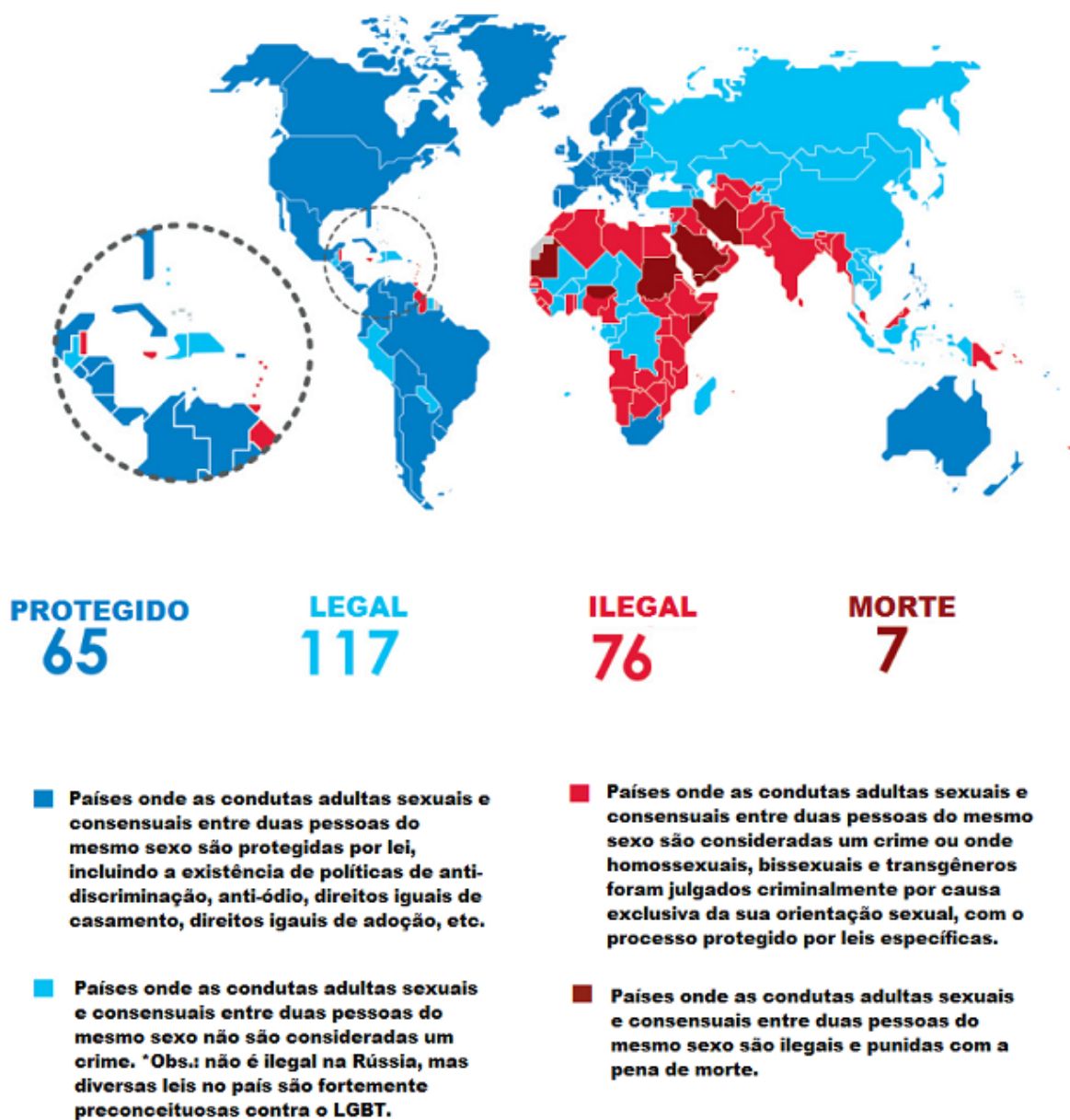
ANEXO D – A diferença entre identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico⁴⁴³



⁴⁴³ LIVRARIA FLORENCE. *A diferença entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual*. 2016. color. Disponível em: <<https://blog.livrariaflorence.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

ANEXO E – Símbolos de Sexualidade⁴⁴⁴

⁴⁴⁴ SÍMBOLOS de sexualidade. *color*. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/736x/e1/e7/86/e1e7863a4bbc b2ecb017eb2aacc5311f.jpg>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ANEXO F – Homossexualidade no mundo⁴⁴⁵

⁴⁴⁵ SABER ATUALIZADO. *Homossexualidade: criminalização, casamento e filhos*. color. Disponível em: <<http://www.saberatualizado.com.br/2016/11/homossexualidade-criminalizacao.html>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ANEXO G – A tradução da troca de e-mails entre João e Pastor X⁴⁴⁶

A TRADUÇÃO DA TROCA DE E-MAILS ENTRE JOÃO E PASTOR X
7 de março de 2017 18:56 (de John)

JOÃO: Olá Ds. X. Obrigado pela sua resposta, eu agradeço grandemente. Eu baixei o artigo sobre a sexualidade humana de seu site; Ali, a sua teologia está escrita em detalhes. É claro que sua teologia concorda com uma teologia pro-gay. Minha pergunta para você é sobre alguém cuja orientação sexual é para o mesmo sexo e pode ser batizado e ser membro da igreja: é verdade que você não considera a continuação de sua relação homossexual um pecado? Ds. Y já disse com um retumbante “sim” que os homossexuais praticantes podem ser membros.

PASTOR X: Sim, isso mesmo. Toda a nossa junta também enfatizou esse ponto recentemente. Eu mesmo já abençoei alguns casamentos homossexuais. No entanto, eu não chamo isso de casamento.

JOÃO: Há homossexuais praticantes na sua igreja que você conhece?

PASTOR X: Definitivamente, existem vários. Há um casal homossexual que já está junto há quase 50 anos.

JOÃO: Já que aqueles que são membros de sua igreja e que mantêm um relacionamento sexual gay não chamam isso de pecado, fica claro para mim que sua igreja está pregando a teologia pro-gay. Eu li os artigos sobre esta questão e como prova eu os baixei do site.

PASTOR X: Não, eu não prego a teologia pro-gay.

JOÃO: Você poderia me dizer então por que as práticas homossexuais que seguem em sua igreja não são consideradas um pecado? Em poucas palavras, por favor, gostaria de ouvi-lo pessoalmente.

PASTOR X: Eu vejo a homossexualidade como uma tendência natural; Eu vejo isso como um dos defeitos bioquímicos que afetaram o sistema humano. Não é um pecado escolhido, como Wesley diz.

JOÃO: A propósito, eu entrei em contato com nazarenos da América que nos alertaram sobre vossa teologia.

PASTOR X: Sim, alertamos nosso povo sobre a teologia de nossos irmãos americanos.

JOÃO: Você não sabe que isso não está de acordo com a doutrina oficial da igreja nazarena? Para confirmar isto basta ler o Manual.

PASTOR X: Eles sabem nos EUA que tem os diferentes opiniões sobre este assunto. O Manual proíbe algumas coisas com as quais não temos problemas, como beber álcool, ir ao cinema e dançar. Pessoalmente, tenho vergonha da igreja na América. Por exemplo, muitos nazarenos votaram no Trump. A igreja nos Estados Unidos se desviou de sua herança Wesleyana, e (infelizmente) sua mensagem única de Santidade.

Nosso distrito fará uma moção nestas questões na Holanda durante o encontro internacional.

Bênçãos,
-Fim do e-mail-

⁴⁴⁶ SILVA, Manny, 2017.

ANEXO H – A troca de e-mail original entre João e Pastor X⁴⁴⁷

A troca de e-mail original entre João e Pastor X

(Texto preto = John; **Texto vermelho** = pastor X)

Op 7 mrt. 2017 om 18:56 heeft John <john@> het volgende geschreven:

Hoi Ds. X,

(John) Dank u voor uw bericht, waardeer ik enorm.

Ik heb de artikelen gedownload over menselijke seksualiteit van jullie website, hierin staat in detail jullie theologie.

In grote lijnen komt jullie theologie wel overeen met pro-gay theology.

Mijn vraag aan u: iemand die een sexuelle geaardheid heeft tot dezelfde geslacht mag bij jullie gedoopt en lid worden, het klopt toch dat jullie zijn continuatie in een homoseksuele relatie geen zonde noemt toch? Ds Y heeft al volmondig 'ja' gezegd dat praktiserende homo's lid Mogen worden.

(Pastor X) >>> Ja, dat klopt. Onze hele bestuursraad heeft dit standpunt recent nog bekrachtigd. Ik heb zelf ook hom ohuwelijken ingezegend, hoewel ik het geen huwelijk noem.

(John) Er zijn namelijk homo's die praktiserend zijn in jullie kerk, dat zal u zelf het beste weten.

>>> Zeker, verschillende. Een homostel is al meer dan 50 jr bij elkaar.

(John) De daad van homosex van hen die lid zijn en het geen zonde noemen, is naar mijn insziens pro-gay theology in de puurste zin, ik heb de artikelen gelezen over jullie standpunten. Als bewijs heb ik ze gedownload

(Pastor X) >>> Nee, toch niet. Ik herken mij niet in de pro gay positie....

(John) Zou u mij persoonlijk hierop kunnen antwoorden waarom jullie dit geen zonde noemen van hen die met deze homoseksuele praktijken doorgaan in jullie kerk? Gewoon in het kort alsjeblieft, ik zou het graag van u zelf willen horen.

(Pastor X) >>> Ik zie homofilie, als aangeboren neiging, als een van de vele biochemische defecten die het menselijk systeem hebben aangetast. Geen gekozen zonde dus, zoals Wesley zegt.

(John) In de tussentijd heb ik al contact met Nazarenes uit Amerika die voor jullie theologie waarschuwen.

(Pastor X) >>> Ja, wij waarschuwen mensen hier voor de theologie van onze Amerikaanse broeders...

(John) U weet toch ook wel dat het niet volgens de officiële doctrine behoort van Nazarene Church? Daarvoor hoeft u alleen maar de Manuel te lezen...

(Pastor X) >>> Ze weten in de VS dat wij een andere mening hierover hebben. De manual veroordeelt wel meer dingen waar wij hier geen problemen mee hebben, zoals drinken van alcohol, bioscoopbezoek en dansen. Zelf schaam ik mij diep voor onze Amerikaanse kerk. Vele nazareners hebben op Trump gestemd, bijv. De kerk in de VS is afgeweken van haar wesleyaanse erfenis, helaas, en haar unieke heiligingsboodschap vergeten. Ons nederlandse district dient een motie overvdeze dingen in op de internationale vergadering.

(John) Groet,
Zegen

⁴⁴⁷ SILVA, 2017.

ANEXO I – Logo do abaixo-assinado da Nazarene Ally



Igreja do Nazareno: Seja uma Igreja que afirma a LGBT. A Nazarene Ally criou este abaixo-assinado para pressionar a Junta de Superintendentes Gerais da Igreja do Nazareno e 37 outros (sic). Na 28ª Assembléia Geral, vamos votar para nos tornarmos uma igreja afirmativa LGBT e, assim, encerrar o ciclo de ódio, discriminação e homofobia. Todos na Igreja do Nazareno devem ser um Aliado Nazareno.⁴⁴⁸

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

⁴⁴⁸ CHANGE.ORG. Abaixo-assinado: Nazarene Ally. *Church of the Nazarene: Be a LGBT-affirming Church.* color. “Church of the Nazarene: Be a LGBT-affirming Church. Nazarene Ally criou este abaixo-assinado para pressionar Church of the Nazarene Board of General Superintendents e 37 outros (sic). At the 28th General Assembly, let us vote to become an LGBT-affirming church, and thus end the cycle of hate, discrimination, and homophobia. Everyone in the Church of the Nazarene should be a Nazarene Ally”.

ANEXO J – Classificações das causas biológicas da intersexualidade

- 1) Agenesia vaginal⁴⁴⁹ – Síndrome de Mayer-Rokitansky-Kuster-Hauser, agênese vaginal ou agenesia Mülleriana é uma anomalia congênita do aparelho reprodutor feminino que se caracteriza por agenesia parcial ou completa da vagina, associada a útero rudimentar, e possível ausência de profundidade vaginal assim como de órgãos reprodutores internos;
- 2) Deficiência de 5-alfaredutase⁴⁵⁰ – doença com padrão de herança autossômico recessivo que resulta numa forma específica de pseudo-hermafroditismo masculino cujos acometidos por ela de sexo genético masculino apresentam ambiguidade da genitália externa e virilização na puberdade;
- 3) Disgenesia gonádica⁴⁵¹ – a disgenesia gonádica é uma condição caracterizada por gônadas em fita, com ausência de células germinativas, e desenvolvimento dos órgãos genitais internos e externos no sentido feminino. Anteriormente recebia o nome de aplasia, agenesia ou disgenesia ovariana, pois as gônadas em fitas não apresentavam características próprias do ovário;
- 4) Hiperplasia adrenal congênita⁴⁵² – grupo de doenças de transmissão autossômica recessiva, em que os defeitos enzimáticos levam à síntese deficiente do cortisol e excesso de androgênios adrenais que resulta em virilização e desenvolvimento de genitália ambígua no recém-nascido do sexo feminino e, quando não diagnosticada, alta mortalidade no sexo masculino;
- 5) Hipospádia⁴⁵³ – anomalia caracterizada por um desenvolvimento incompleto da uretra com disposição do meato uretral na face inferior do pênis (face ventral) e não na extremidade da glândula. A presença de prepúcio exuberante e redundante apenas na face dorsal confere ao prepúcio um aspecto de capuchão.
- 6) Pseudo-hermafroditismo⁴⁵⁴ – também conhecido como genitália ambígua, é uma condição intersexual em que a criança nasce com órgãos genitais que não são evidentemente masculinos ou femininos. Normalmente existem apenas ovários ou testículos, e geneticamente só podem ser identificados cromossomas de um sexo;

⁴⁴⁹ CHEROKI, Carola. *Estudo genético-clínico e molecular da síndrome de Rokitansky-Mayer-Küster-Hauser*. 2008.

⁴⁵⁰ PEREZ, Eliana Gabas Stuchi. *Deficiência da 5 α -redutase tipo 2: importância da avaliação hormonal no diagnóstico, incluindo dosagem do hormônio anti-Mülleriano*. 2005. p. 32.

⁴⁵¹ BAGNOLLI, Vicente Renato. *Disgenesia gonádica*. 1976.

⁴⁵² SOUZA, Micheline Abreu Rayol de, et al. *Hiperplasia adrenal congênita*. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=6176>. Acesso em: 23 mai. 2018.

⁴⁵³ SROUGI, M., A. Macedo Jr. *Hipospádias*. Revista da Associação Médica Brasileira. Vol. 44. N.2. São Paulo. Abril/Junho 1998. ISSN 0104-4230. On-line version ISSN 1806-9282. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42301998000200013>. Acesso em: 23 mai. 2018.

⁴⁵⁴ SEDICIAS, Dra. Sheila. *O que é pseudo-hermafroditismo*. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/pseudo-hermafroditismo/>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

7) Síndrome da insensibilidade androgênica parcial ou total⁴⁵⁵ – esta síndrome, antes conhecida por feminilização testicular, é uma patologia rara que afecta os receptores de androgénio. Seus acometidos têm um cariótipo 46, XY, os testículos produzem níveis de testosterona adequados à idade e têm genitais externos pouco desenvolvidos devido a defeitos na acção dos androgénios (*sic*);

8) Síndrome de Klinefelter⁴⁵⁶ – os acometidos desta síndrome, embora possam ter ereção e ejaculação, são estéreis, pois seus testículos são pequenos e não produzem espermatozoides devido à atrofia dos canais seminíferos. Outras características muitas vezes presentes são: estatura elevada, corpo eunucoide, pênis pequeno, pouca pilosidade no púbis e ginecomastia (crescimento das mamas);

9) Síndrome de La Chapelle/Síndrome do Homem XX⁴⁵⁷ – doença que causa a infertilidade masculina. Trata-se de uma anomalia cromossômica onde os cromossomas sexuais do indivíduo não correspondem ao sexo físico da pessoa afetada;

10) Síndrome de Turner⁴⁵⁸ – é uma monossomia cujos indivíduos afetados exibem sexo feminino, mas geralmente não possuem cromatina sexual. Trata-se, fundamentalmente, de mulheres com disgenesia gonadal cujos ovários são atrofiados e desprovidos de folículos, e não procriam, exceto em poucos casos de Turner férteis em cujos ovários certamente há alguns folículos;

11) Virilização⁴⁵⁹ – é o desenvolvimento de características masculinas exageradas em mulheres como resultado da superprodução de andrógenos (testosterona e hormônios similares) pelas glândulas adrenais. A virilização é provocada pela produção excessiva de andrógenos, normalmente causada por um tumor ou pelo aumento do tamanho de uma glândula adrenal, ou por um tumor em um ovário ou pela produção anormal de hormônios pelo ovário.

⁴⁵⁵ SERRADO; CASTANHA, 2017.

⁴⁵⁶ SÓ BIOLOGIA. Virtuoso Tecnologia da Informação. *Síndrome de Klinefelter*. 2018. Disponível em: <<https://www.sobiologia.com.br/conteudos/Genetica/geneseaoalelos7.php>>. Acesso em 23 mai. 2018.

⁴⁵⁷ OLIVEIRA, Cátia. *Síndrome do macho XX*. Infertilidade masculina associada à “síndrome do macho XX” ou síndrome “de la Chapelle”. 2011. Disponível em: <<https://issuu.com/catiaoliveira4/docs/sindromedomachoxx>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

⁴⁵⁸ SÓ BIOLOGIA, 2018.

⁴⁵⁹ GROSSMAN, Ashley B. *Virilização (síndrome adrenogenital)*. Manual MSD. 1989. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-hormonais-e-metab%C3%B3licos/dist%C3%BArbios-da-gl%C3%A2ndula-adrenal/viriliza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 23 mai. 2018.

ANEXO K – E-mails⁴⁶⁰ de Manny Silva com 1) dados biográficos e 2) breve informação sobre seu desligamento da Igreja do Nazareno

Re: Manny Silva Bio

De: Manny Silva <mannyrsilva@hotmail.com>
Para: bio"mococa@terra.com.br" <mococa@terra.com.br>
Enviado em: Sex 22/03/19 11:52
Recebido em: Sex 22/03/19 11:52

Hi Monica,

Yes, you can use any information I give you for your work.

Education: Master's in Physical Education from Illinois State University

Bachelor's in Physical Education from Barrington College

Attended Eastern Nazarene College before transferring to Barrington.

Was member of Church of the Nazarene for many years.

Member of church board for 6 years

Sunday School Adult teacher for 5 years

Sunday School Youth teacher for two years.

Managed church sound system and video editing.

After leaving Church of the Nazarene in 2010, attended Igreja Christa Evangelica. Appointed as an elder in 2008. Ordained as a pastor of the church in March of 2019.

This is my first appointment as a pastor.

(...)

Blessings, and please keep in touch.

Manny

Tradução:

Biografia de Manny Silva

Oi Monica

Sim, você pode usar qualquer informação que eu lhe der para o seu trabalho.

Educação: Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Illinois;

Bacharel em Educação Física pela Faculdade Barrington;

Frequentou a Faculdade Nazarena da Costa Leste antes de se transferir para Barrington;

Foi membro da Igreja do Nazareno por muitos anos;

Membro da junta da igreja por seis anos;

Professor da Escola Dominical de Adultos por cinco anos;

Professor da Escola Dominical de Juventude por dois anos;

Gerenciou o sistema de som e edição de vídeo da igreja;

Depois de deixar a Igreja do Nazareno em 2010, frequentou a Igreja Cristã Evangélica.

Nomeado como presbítero em 2008. Ordenado como pastor da igreja em março de 2019.

Esta é a minha primeira nomeação como pastor.

(...)

Muitas bênçãos, e por favor, mantenha contato.

Manny

⁴⁶⁰ ANEXO K. Amostra de dois e-mails de Manny Silva enviados para Mônica Conte Campello. Os documentos listados no campo "Anexos" do e-mail (2) são extensos. Trechos de alguns deles, em que se faziam pertinentes, foram inseridos no presente estudo com as respectivas fontes.

Re: Manny Silva Bio

De: Manny Silva <mannyrsilva@hotmail.com>

Para: "mococa@terra.com.br" <mococa@terra.com.br>

Enviado em: Sex 22/03/19 12:00

Recebido em: Sex 22/03/19 12:00

Anexos: Divorced From The Church.pdf (190 KB); Gen Assembly 2013 Report Extended.pdf (4 MB); Orville Jenkins Letter 1.pdf (120 KB); Orville Jenkins Letter 2.pdf (177 KB);

Hi Monica,

I may be giving you more than you need! But at least you can have these for your information.

I sent the following:

1. Divorced from the Church- my chapter which describes what happened to us.
2. Two documents by Orville Jenkins, Jr. He is now a retired District Superintendent, one of the few who spoke out against the homosexual agenda and other false teachings. He may even have some quotes in his letters that you may wish to use, if it is not too late of course.
3. Gen Assembly Update 2013: A large pdf document I put together with various sample articles from my blog.

Blessings,

Manny

Tradução:

Oi Monica

Eu posso estar lhe dando mais do que você precisa! Mas pelo menos você pode tê-los para sua informação.

Eu enviei o seguinte:

1. Divorciado da Igreja - meu capítulo que descreve o que aconteceu conosco;
2. Dois documentos de Orville Jenkins, Jr. Ele agora é um superintendente distrital aposentado, um dos poucos que se manifestou contra a agenda homossexual e outros ensinamentos falsos. Ele pode inclusive ter algumas citações em suas cartas que você pode querer usar, se não for tarde demais, é claro;
3. Atualização da Assembleia Geral de 2013: um documento PDF extenso que coloquei com vários artigos de amostra do meu blog.

Muitas bênçãos,

Manny

ANEXO L – E-mail de Mike Jobbins⁴⁶¹ com breve biografia.

Short Biography

De: MIKE JOBBINS <mikejobbins@live.com>
 Para: "mococa@terra.com.br" <mococa@terra.com.br>
 Enviado em: Qua 27/03/19 23:51
 Recebido em: Qua 27/03/19 23:51

My wife and I are Avid Bible Students and Teachers of the Holy Bible.
 Minha esposa e eu somos estudantes ávidos e professores da Bíblia Sagrada.

Old Fashioned Preachers of Full Salvation, Entire Sanctification,
 and Holiness.

Pregadores Antiquados de Salvação Total, Santificação Completa e
 Santidade.

3rd Generation, Now an EX-Nazarene
 3^a Geração, Agora um EX-Nazareno

72 Years Old – NEVER RETIRED! – A Minister of the New Covenant!
 72+ anos velho - NUNCA APOSENTADO! - Um ministro

da Nova Aliança!

I Used "Google Translate" – (I hope it translated well.)

*I will download Google Chrome browser, to look at your website!

Nota: Mike Jobbins tem 72 anos de idade. Ele é um ministro do evangelho que ensina sobre a Bíblia Sagrada. Apesar de ser um ex-nazareno, ele nunca se aposentou.

⁴⁶¹ ANEXO L. Amostra de e-mail de Mike Jobbins enviado para Mônica Conte Campello. Contém uma biografia bastante resumida. Não se encontram informações especificamente sobre ele na internet, mas seu artigo no site descrito neste estudo revela seu ponto de vista contrário ao posicionamento da Igreja do Nazareno no tocante ao tema em discussão.